







C. C.

1896
AS CIDADES E VILLAS

DA

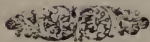
MONARCHIA PORTUGUEZA

QUE TEEM BRASÃO D'ARMAS.

POR

F. DE VILHENA BARBOSA.

VOLUME I.



LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA.

TRAVESSA DA VICTORIA, 73.

1860.

THE HISTORY OF THE

REIGN OF KING

CHARLES THE FIRST

BY JOHN BURNET

(LONDON)

1679

PRINTED BY J. STANLEY
AT THE SIGN OF THE SUN
IN ST. MARTIN'S LANE

1679

PROLOGO.

Nas festas da acclamação do senhor D. Pedro v avultaram entre os ornamentos da praça do Commercio os brasões das cidades e villas da monarchia portugueza. Este pensamento foi geralmente applaudido.

Poderia o architecto, que dirigiu os trabalhos para este festejo, inventar outras decorações mais vistosas, mais bellas, e de mais aprimorado gosto ; mas não podia, certamente, idear nenhuma mais significativa e apropriada ao assumpto.

Achavam-se os portuguezes tão fatigados de luctas inglorias ; tão desalentados por verem mallograrem-se todas as suas esperanças de progresso, no meio das continuas discordias, que consumiam improductivamente a sua vitalidade, e esterelizavam os recursos do paiz ; que a todos se antolhou o joven monarcha, na sua ascenção ao throno, como o Iris, que depois de tantas tempestades, lhes annunciava bonança, e promettia felicidade.

Não era isto um sonho d'homens acordados ; nem um simples desejo, que o mal estar transforma em esperança ; nem uma illusão ephemera de quem precisa illudir-se. Era uma esperança fundamentada. Era quasi uma fê.

O principe, que ia cingir a corôa de D. João IV, era o primeiro dos nossos reis nascido sob o regimen constitucional ; educado nos principios da liberdade e da mais sã moral ; instruido em variados

ramos dos conhecimentos humanos ; dotado de um character serio e grave ; e de um talento applicado. A singeleza dos seus costumes ; a lhaneza natural das suas maneiras ; o seu amor da justiça e do paiz ; o zelo, emfim, com que procurava empregar utilmente o seu tempo ; eram coisas geralmente conhecidas. Não havia pessoa alguma que deixasse de saber um ou outro facto caracteristico de tão promettedoras qualidades.

Além de tantos dotes, que o recommendavam ás sympathias publicas, ainda tinha em seu favor mais uma circumstancia, casual, porém de muita valia para uma nação no estado em que se achava Portugal. Era um príncipe estranho a todas as nossas dissensões, e puro de todas as maculas politicas, que nas grandes revoluções raras vezes poupam a purpura real.

Por todas estas razões saudaram os portuguezes com verdadeiro jubilo esse dia em que se ia estrear tão auspicioso governo.

Nunca, desde o começo das nossas luctas civis, se apresentou uma festividade nacional tão acceita e desejada em toda a monarchia como a acclamação do senhor D. Pedro v. Foi, portanto, uma idéa muito feliz, a que fez representar n'essa grande solemnidade todas as cidades e principaes villas da monarchia por meio dos seus brasões d'armas, que pela maior parte commemoram feitos gloriosos.

A appareição d'esses brasões n'aquelles festojos, ao mesmo tempo que lisonjeou as provincias, apertando os laços de fraternidade, que as devem unir á capital, excitou a curiosidade publica, e deu origem a algumas controversias ácerca da exactidão dos ditos brasões.

Resolvendo então os editores de dois jornaes litterarios d'essa epoca, onde collaboravamos, publicar em estampas esses escudos d'armas com as correções, que fosse possivel introduzir-lhes, pediram-nos algum trabalho litterario, que acompanhasse aquella serie de estampas.

Afigurou-se-nos logo o encargo bastante difficil, pela carencia de estudo sobre a materia, pe-

la falta que ha de elementos para um estudo regular, e pela estreiteza do tempo, que nos davam para essa tarefa, pois que pediam as conveniencias dos dois alludidos jornaes, que se começasse essa publicação, em quanto se achava excitada a curiosidade publica.

Todavia, querendo satisfazer, do modo que podessemos, aquelles razoaveis desejos, aacceptámos a incumbencia com muita repugnancia; pois que aos motivos expostos, ainda se accrescentava outro, que não pouco nos contrariava, como era termos de escrever sobre o mesmo assumpto, e ao mesmo tempo, para dois jornaes.

Em tal aperto de circumstancias, tomámos a resolução de escrever para um dos jornaes as lendas, que deram origem a muitos dos referidos brasões; e para o outro as noticias historicas e descriptivas das terras, a que pertenciam os escudos d'armas.

Ainda assim este ultimo trabalho não podia deixar de ser muito imperfeito, tanto pela urgencia da publicação, como pelos acanhados limites, que a economia do jornal impunha a similhantes artigos.

Apezar d'isso, quiz o editor ir tirando desde logo dos prelos uma edição á parte, em corpo de volume.

Cessando o jornal a sua publicação, quando a nossa obra ia em mais de meio do segundo volume, julgámo-nos então em mais liberdade para a continuar; e d'ahi por diante, como se verá d'ella, demos mais largas aos seus capitulos.

Sirvam, pois, todas estas razões, que expomos em resumido quadro, para que nos sejam relevados muitos erros e omissões, que certamente se hão de encontrar n'esta obra.

INDICE DO PRIMEIRO VOLUME.

A villa de Abrantes.....	1
» de Albufeira.....	3
» de Alcacer do Sal.....	6
» de Alemquer.....	11
» de Almada.....	17
» e praça d'Almeida.....	23
» de Alter do Chão.....	27
» de Alvito.....	30
» de Anciaes.....	34
A cidade d'Angra do Heroismo.....	37
A villa de Arganil.....	42
» de Arrayollos.....	45
» de Atouguia da Balêa.....	48
» de Arronches.....	50
» de Aviz.....	53
A cidade d'Aveiro.....	56
A villa dos Arcos de Val de Vez.....	63
A cidade de Beja.....	65
A villa de Barcellos.....	70
» de Benavente.....	73
» de Beringel.....	76
» de Borba.....	77
A cidade de Braga.....	81
» de Bragança.....	91
A villa de Cabeça de Vide.....	93
» das Caldas da Rainha.....	95
» de Campo Maior.....	99
A cidade de Castello Branco.....	103
A villa de Castello Rodrigo.....	106
» de Castello de Vide.....	109
» de Caminha.....	112
» de Celorico.....	115
» de Castro Marim.....	118
» da Certã.....	120
» de Chaves.....	122
» de Cintra.....	125

INDICE.

A cidade de Coimbra.....	129
A villa da Covilhã.....	142
» de Coruche.....	144
» do Crato.....	146
A cidade d'Elvas.....	151
A villa da Ericeira.....	156
» de Estremoz.....	159
A cidade d'Evora.....	162
» de Faro.....	169
A villa de Ferreira.....	173
» de Freixo d'Espada á Cinta.....	174
» de Fronteira.....	176
A cidade do Funchal.....	178
A villa de Garvão.....	182
» da Golegã... ..	183
» de Gouvêa.....	185
» de Grandola.....	187
A cidade da Guarda.....	192
» de Guimarães.....	196
A villa de Idanha a Nova.....	204
» de Juromenha.....	206

A VILLA DE ABRANTES.

E' esta villa uma das mais antigas não só da provincia da Estremadura, mas de Portugal. Attribue-se a sua fundação aos gallos celtas, 308 annos antes do nascimento de Christo.

Esteve prospera sob o dominio dos romanos, os quaes lhe deram o nome de *Tubuci*, posto que alguns antiquarios querem que esta denominação pertencesse á villa de Tancos.

Destruido o imperio romano pelos povos do norte, em breve estes invadiram a peninsula hespanica (anno de 409) e assim passou Abrantes successivamente de uns a outros possuidores.

Durante o governo dos godos, ao que parece, se começou a chamar *Aurantes*, pela razão do muito oiro, que ahi se tirava das arêas do Tejo.

Invadida novamente a peninsula pelos arabes no seculo viii, vencidos a seu turno os godos, e aniquilado o seu poder, ficou Abrantes sob o jugo sarraceno. Os moiros chamaram-lhe *Libia*.

No anno de 1148 foi conquistada pelas armas christãs, tendo á sua frente a D. Affonso Henriques, o illustre fundador da monarchia. Passados trinta e um annos veio pôr-lhe cerco com poderoso exercito Aben Jacob, filho do Miramolim de Marrocos. N'este estreito assedio obraram os seus moradores singulares proesas, até que tiveram a fortuna de ver o inimigo, desbaratado e desalentado, levantar seus arrayaes, e recolher-se ás suas

terras. Em remuneração d'este feito concedeu-lhe D. Affonso Henriques muitos privilegios.

Com a expulsão dos moiros perdeu logo o nome, que estes lhe tinham dado, pois que os portuguezes começaram a chamar-lhe *Abrantes*, corrupção do de *Aurantes*. Aquelle tambem com o tempo se corrompeu no de *Abrantes*, que actualmente tem.

Querem alguns autores, que em uma reunião de côrtes a que concorreram os procuradores d'esta villa, se travara entre estes e os de Torres Novas uma acalorada disputa sobre a precedencia de usarem da palavra, e que el-rei decidindo a questão em favor dos primeiros, lhe dissera — *Hablad antes* (fallae antes), d'onde se originou á villa o nome de *Abladantes*, corrupto depois em *Abrantes*. Na historia dos godos vem denominada *Ablantes*. Comtudo a primeira ethymologia parece-nos a mais verdadeira.

Está situada a villa de Abrantes na margem direita do Tejo, em logar elevado, o que lhe dá a vantagem de desfructar deliciosas vistas do rio, e dos aprasiveis campos e montes, que a rodeiam, onde se vêem muitas hortas e pomares.

No seu principio constava unicamente de duas grandes ruas, chamadas — a rua Nova, e a do Castello, que corriam junto d'esta fortaleza, que lhe ficava a cavalleiro. Depois arruinaram-se aquellas, e foi-se estendendo a villa pelo dorso do monte até um sitio cheio de salgueirae, dos quaes ainda conserva a memoria em nome da fonte do Salgueiro. A sua população anda actualmente por umas cinco mil almas. Dista cinco leguas de Thomar, e vinte e tres de Lisboa. Deu-lhe foral el-rei D. Affonso Henriques em 1179, o qual foi reformado por el-rei D. Manuel em 1510. Nas antigas côrtes tinham assento os seus procuradores no banco nono.

Tem quatro parochias, S. Vicente, S. João Baptista, Santa Maria do Castello, e S. Pedro; casa da misericordia e hospital, varias ermidas, dois conventos de freiras, e dois das extinctas ordens religiosas. A egreja de S. Vicente é o seu principal

templo, tanto pela sua antiguidade como pela grandeza, e magnificencia da sua fabrica. A sua primeira fundação é muito anterior á monarchia. Tinha por orago a Nossa Senhora da Conceição, quando o primeiro alcaide-mór do castello de Abrantes, tendo assistido em Lisboa á trasladação do corpo de S. Vicente, e obtido de el-rei D. Affonso Henriques um dente d'aquelle martyr, levou-o e depositou-o n'aquelle templo, que desde então se intitulou de S. Vicente. No seculo xvi achando-se muito arruinado, foi completamente reedificado por ordem de el-rei D. Sebastião, conservando-se só da antiga fabrica, para memoria, a capella que passou a intitular-se de Nossa Senhora da Conceição. Concluiu-se no anno de 1590.

A egreja de Santa Maria do Castello é de muita antiguidade, e duvidosa origem. É pequena, e tem tido diversas reedificações, porém encerra muitos objectos d'arte e memorias historicas, nos tumulos da familia dos marquezes de Abrantes, que ali tem o seu jazigo. O mausoleo de Diogo Fernandes d'Almeida, vedor da fazenda dos reis D. Duarte, e D. Affonso v, fallecido em 1450; e o de D. Antonio d'Almada, que morreu em 1556, são de muita belleza e primor artistico.

O mosteiro de Nossa Senhora da Graça, de religiosas dominicas, teve principio no anno de 1384. Fundou-o D. Vasco de Lamego, bispo da Guarda, e foi habitado por conegas regulares de Santo Agostinho; e no anno de 1548, tendo passado as freiras sete annos antes á observancia da regra de S. Domingos, se mudaram para o novo convento, construido no Rocio.

O outro convento é de freiras franciscanas, e da invocação de Nossa Senhora da Esperança. Este foi modernamente supprimido.

O extincto convento de frades de S. Domingos, que se intitulava de Nossa Senhora da Consolação, foi obra de el-rei D. Manuel, que o acabou em 1517.

O de Santo Antonio, de piedosos, foi edificado por D. Lopo d'Almeida em 1526.

Sobranceiro á villa, como dissemos, fica o seu antigo castello, e ahi tambem um bom palacio dos marquezes d'Abrantes, seus alcaides môres.

E' esta villa praça de guerra desde o tempo da regencia do principe D. Pedro, depois rei, segundo do nome, que mandou fazer as fortificações modernas, a que posteriormente se accrescentaram algumas obras. Padeceu muito na guerra da restauração contra Castella, e na invasão dos francezes em 1807 teve de franquear as suas portas ao marechal Junot na sua marcha sobre Lisboa.

Abrantes tem algumas boas ruas, e uma grande praça, que é a principal, onde se ergue a casa da camara, edificio espaçoso e regular, construido no seculo passado.

A feira annual, a 24 de Fevereiro, é muito concorrida. Finalmente Abrantes faz um grande commercio com Lisboa por meio do Tejo, e tem por armas quatro flores de liz, e quatro corvos, com uma estrella no meio, em campo azul. Veeu-lhe as flores de liz do seu primeiro alcaide-môr, que teve parte na conquista de Lisboa, e parece era de origem franceza. Os corvos se lhe juntaram em honra e memoria de S. Vicente, por causa da reliquia que lhe foi levada. A estrella dizem uns que é em signal de ter sido terra de moiros, e outros em commemoração de ter tido por orago da sua mais antiga parochia a Nossa Senhora da Conceição.

Residiram por vezes n'esta villa el-rei D. Manuel, e a rainha D. Maria, sua segunda mulher, que n'ella deu á luz os infantes D. Luiz, e D. Fernando. Este ultimo, que foi casado com D. Guiomar Coutinho, essa rica herdeira, filha do conde de Marialva, cujos amores com o marquez de Torres Novas, filho de D. Jorge, duque de Coimbra, formam o mais singular e complicado romance da historia portugueza, habitou tambem n'esta villa n'umas casas que, no seculo passado, pertenciam ao morgado Manuel Soares Galhardo Themudo Caldeira.

Egualmente assistiram em Abrantes, em diversas occasiões, el-rei D. Pedro I, o infante D. Pedro, filho de D. João I, el-rei D. João II, e sua nora a princeza D. Isabel, filha dos reis catholicos Isabel e Fernando.

A VILLA DE ALBUFEIRA.

Está situada esta villa no reino do Algarve, sobre o mar, sete leguas ao nascente da cidade de Lagos, e duas ao sueste da cidade de Silves.

Não ha noticia certa da sua fundação, mas deve ser muito antiga, pois que já existia antes da invasão dos moiros com o nome de *Baltum*, de origem romana. Logo que os arabes se apossaram d'ella começaram a chamar-lhe *Al Buhar*, que significa o *mar*, isto por causa de uma grande lagoa, que ahi havia, formada pelas aguas, que o oceano arremecava para o interior na occasião de temporaes ou nas grandes marés. D'aquella palavra arabe se derivou o nome actual de *Albufeira*.

Foi conquistada aos moiros por el-rei D. Affonso III, que fez doação d'ella á ordem militar de Aviz. Depois d'esta conquista decaiu bastante, por que se lhe acabou o elemento que fazia a sua prosperidade, e que consistia no importante commercio de exportação e importação, que os seus habitantes faziam com as povoações d'Africa.

Com o decurso do tempo e com o desinvolvemento do paiz, foi melhorando, e tirando partido do seu porto tanto para o commercio, como para a pescaria, que n'aquella costa é objecto de grande importancia. O terramoto do 1.º de Novembro de 1755, que arruinou tantas terras do Algarve, cau-

sou-lhe bastantes estragos, que ao depois se foram reparando. Ao presente conta esta villa mais de dois mil e quinhentos habitantes.

Acha-se edificada sobre uma rocha sobranceira ao mar, parte em sitio plano, e parte no declive para a praia. Aquella é fortificada, e dominada por um velho castello, de que eram alcaides-móres os condes de Valle de Reis, depois marquezes de Loulé.

Tem uma só parochia, dedicada a Nossa Senhora da Conceição. A casa da misericórdia e hospital são de antiga fundação. A 3 de Fevereiro tem uma feira de tres dias bastante concorrida.

O seu porto é espaçoso. Duas pontas de terra, que entram pelo mar, uma do lado do nascente chamada— o *Porchel*, e outra do occidente denominada— a *Baleeira*, apresentando a feição de uma meia lua, formam uma boa enseada, ainda que não muito abrigada. A praia é tão vasta, que dizem ter uns tres mil passos de comprimento sobre duzentos de largura, porém no preamar é toda coberta pelas ondas, que vão bater contra as rochas, que servem de alicerce á villa.

Albufeira gosou outr'ora da regalia de mandar procuradores ás côrtes, os quaes tinham assento no banco quinze. O seu brasão d'armas é uma vacca de oiro em campo azul.

A VILLA D'ALCACER DO SAL.

Trinta annos antes do nascimento de Christo, segundo escrevem alguns historiadores, Bogud, rei moiro d'Africa, atravessando o estreito com um poderoso exercito, invadiu e assolou grande parte da Lusitania. Entre as muitas devastações que com-

metteu, a que mais affligiu e indignou os habitantes foi a destruição de um celebre templo dedicado a Salacia, que se erguia junto ás margens do rio Sado.

Bogud, carregado de despojos, embarcou-se para Africa, porém no meio do Mediterraneo sobreveiu-lhe tão rijo temporal, que perdeu em lastimoso naufragio as riquezas que levava, e a maior parte do seu exercito.

Attribuido este caso á justa vingança da deusa, cresceu tanto nos habitantes a devoção para com a sua patrona, que não só reedificaram o templo com mais grandeza, mas fundaram em torno d'elle uma povoação, a que deram o nome de *Salacia*. Teve esta povoação tão grande e rapido desinvolvimento, que o imperador Augusto lhe deu o titulo de municipio romano, e em memoria d'aquelle successo e honra da deusa mandou que se chamasse —*Salacia Imperatoria*.

Progrediu tanto a nova cidade no seu engrandecimento, que ha autores antigos, que affirmam, occupara um ambito de duas leguas. E com effeito n'este espaço de terreno se tem achado algumas antiguidades romanas e muitos vestigios de grandes edificios.

No anno de 300 de Jesus Christo era cidade episcopal, tinha então por bispo a S. Januario, e por esse tempo assistiu e prégou n'ella S. Manços, primeiro bispo d'Evora.

Todavia esta prosperidade não foi de longa duração, talvez por causa das muitas guerras de que foi theatro o solo da Lusitania durante a dominação romana, pois que Plinio, exaltando a sua grandeza e opulencia d'outr'ora, diz que no seu tempo se achava muito destruida.

A invasão dos povos do norte, depois da queda do imperio romano, acabou de arruinal-a, de sorte que os seus moradores, já mui reduzidos em numero, viram-se obrigados a recolherem-se ao castello, que campeava sobre uma eminencia visinha á povoação, para d'ahi melhor se defenderem

contra os continuos accommettimentos de novos inimigos.

Apossando-se os moiros d'este nosso paiz no seculo VIII, não trataram de levantar das ruínas a destruida Salacia, preferiram, segundo o seu systema, estabelecerem-se em uma posição defensiva, e já fortificada, como era o monte em que se achava o castello. O que fizeram foi construir uma nova cerca, que deixasse amplo espaço para dentro d'ella se abrigar a nova povoação. A esta denominaram *Alcazar de Salaria*.

O primeiro nome era commum a todos os castellos na lingua arabe; o segundo, para o differenciar dos mais, era allusivo ao muito sal, que ali se tirava do Sado desde tempos mais remotos.

A 24 de Junho de 1158 foi tomada aos moiros por el-rei D. Affonso Henriques, depois de dois mezes de apertado cerco e continuos combates, tendo feito anteriormente o mesmo monarcha duas inuteis tentativas para a conquistar, ajudado então de armadas estrangeiras.

Tiveram os moiros a fortuna de a recuperar, e os christãos a de se apoderarem novamente d'ella a 18 de Outubro de 1217, reinando D. Affonso II, e por esforço de D. Sueiro, bispo de Lisboa, que aproveitando-se do auxilio de uma armada de cruzados, que aportara ao Tejo, foi á frente das phalanges portuguezas atacal-a por terra, em quanto os estrangeiros auxiliares a accommettiam do lado do rio. Tal era a fortaleza e defesa d'aquella praça, que deu tempo a virem em soccorro d'ella com grandes forças os reis de Badajoz, de Jaen, Sevilha, e Cordova.

Advertidos os portuguezes e seus alliados, saíram-lhes ao encontro a uma legua de distancia, e ahi se pelejaram duas batalhas tão mortíferas, que ao sitio se deu o nome de *Valle da Matança*, que ainda se conserva em uma herdade. A derrota dos moiros é a morte de dois dos seus principes, enchendo de terror os seus irmãos d'Alcazar, levou-os a entregar a praça por capitulação.

Não tornou mais esta praça a separar-se da corôa de Portugal, porém no meio d'estas encarniçadas luctas desapareceu a Alcazar moirisca, como antes d'ella desaparecera a Salacia romana. Os novos moradores, preferindo viver nos campos visinhos, foram-se estendendo pela margem direita do Sado; e apesar da mortal antipathia, que dividia as duas raças em dois campos tão inimigos, ficou á nôva povoação o nome arabe de *Alcacer do Sal*, que pronunciamos com pouca corrupção do antigo.

Está pois situada a villa d'Alcacer em logar plano junto ao rio, a sete leguas de distancia da sua foz, e da villa de Setubal. Conta perto de tres mil habitantes. Tem duas parochias, a de Santa Maria do Castello, e a de Santiago. A primeira, fundada logo depois da restauração da villa em 1217 por el-rei D. Affonso II, está dentro do castello. Na architectura interior, principalmente, mostra a sua muita antiguidade. A segunda foi construida no seculo passado no centro da villa, concorrendo para a obra el-rei D. João V.

A egreja da misericordia foi fundação de Rui Salema no anno de 1530. Além do hospital anexo a esta santa casa, tem outro intitulado do Espirito Santo que é administrado pela camara.

Dentro do castello está o convento de Nossa Senhora de Ara-celi, de religiosas de Santa Clara, fundado pelo mesmo Rui Salema, que era fidalgo da casa do infante D. Luiz. Para esta obra fez-lhe doação el-rei D. Sebastião dos paços, que os nossos reis tinham no dito castello, e nos quaes se achava o duque de Beja, D. Manuel, quando por morte de seu primo, el-rei D. João II, foi chamado ao throno.

Nos arrabaldes está o extincto convento de Santo Antonio, que foi de frades franciscanos, edificado por D. Fernando Mascarenhas no anno de 1524.

O castello de Alcacer, posto que em grande ruina, é uma curiosa antiguidade, não só pelas memorias historicas, que estão ligadas áquellas pa-

redes desmoronadas, mas tambem porque ainda no seu vasto ambito se descobrem vestigios de grandes edificios arabes, e algumas antigualhas. Situado sobre uma eminencia, quasi toda de rocha, e sobranceiro ao rio, gosa-se d'ali um encantador panorama.

Alcacer faz bastante commercio com Lisboa, Setubal, e Beja, sendo o Sado navegavel até Porto de Rei, tres leguas acima de Alcacer. As rendosas herdades de que se compõe o seu termo, e as numerosas salinas que lhe debruam o rio constituem-na uma das mais ricas villas de Portugal. Tem uma feira importante a 14 de Abril.

Outr'ora gosou da prerogativa de mandar procuradores ás côrtes, os quaes tomavam assento no sexto banco.

Tem por brasão uma nau, e por timbre as armas reaes. Estas em memoria de ter sido a villa conquistada a primeira vez pelo proprio rei D. Affonso Henriques. A nau em recordação da armada de cruzados, que auxiliou n'aquella empresa o monarcha portuguez.

A VILLA D'ALEMQUER.

São muitas e variadas as opiniões sobre a antiguidade d'esta villa, e sobre a etymologia do seu nome. Uns autores a fazem de origem romana, dizendo que então se chamara *Jerabrica*, o mesmo nome, com differença de uma lettra, que tivera a villa de Povos. Querem outros que fosse fundação dos alanos em o anno de Christo de 418, e que estes a denominaram *Alân-Kerke*, na sua lingua—*Templo dos Alanos*. Tambem ha quem a attribua aos suevos com o nome de *Alenkerkana*. Se se attender á lenda popular, provém-lhe o nome e as armas do seguinte successo.

Achando-se el-rei D. Affonso Henriques no cerco d'esta villa, então occupada por moiros, na madrugada do dia de S. João saindo estes a banharem-se ao rio, conforme o seu costume, um cão que vigiava a villa, e que saíra com elles, veio ter com os portuguezes, e indo-se direito a el-rei sem ladrar, lhe fez tanta festa, que este monarcha exclamara, referindo-se ao cão: *O Alão quer*. E tomando isto por um aviso do ceo accommetteu de improviso a praça, e a tomou.

Na verdade as armas da villa parecem confirmar a lenda, pois são: em campo de prata um cão pardo preso a uma arvore com um grilhão de oiro.

Entretanto os autores que lhe assignalam origem romana, teem bons fundamentos, pois que em diversas epocas, e principalmente no seculo passado, se encontraram em excavações para alicerces de casas ou muros muitas lapidas e cippos com inscripções romanas.

A lenda pode ser verdadeira, mas tambem é possivel, que, tendo os alanos por emblema nacional, que usavam nos escudos e bandeiras, a figura de um gato, de certo mal representado, pois que as artes se achavam entre elles no mais deploravel

atraso, é possível, repetimos, que essa tosca figura viesse com o discurso do tempo, e depois da extincção d'aquelle povo, a equivocar-se, e tomar-se por um cão. O nome de Alão pode igualmente ser o resultado de uma confusa tradição popular. Encontramos também escriptores de boa nota, que pretendem que o nome de Alemquer seja de origem arabe.

Partindo de epochas menos remotas, e de noticias mais certas, sabe-se que Alemquer foi tomada aos moiros por el-rei D. Affonso Henriques pelos annos de 1148, e no fim de dois mezes de cerco. No de 1184 vieram os moiros cercal-a com grande exercito, mas foram derrotados.

Arruinada e despovoada por effeito das guerras, foi mandada reedificar e povoar por D. Sancho I, que a deu em dote á sua filha, a infanta D. Sancha.

Nas discordias entre esta princeza e seu irmão el-rei D. Affonso II, que lhe pretendia tirar a posse da villa, soffreu muito esta povoação pelo espaço de dois annos, que durou esta contenda. Por esta occasião teve um cerco de quatro mezes, resistindo até ao fim d'elle contra as forças d'aquelle soberano.

Vagando para a corôa por morte d'esta infanta santa, foi doada por D. Affonso III a sua mulher a rainha D. Brites, e ficou depois no senhorio das rainhas.

Refere um autor, que foi grande investigador das nossas antigalhas, que nos primeiros reinados da monarchia se deu a Alemquer o nome de *Chapins da Rainha*, por causa da doação feita a D. Beatriz, ou a outra das suas successoras, dizer que eram as rendas doadas para os chapins da rainha.

Nas desordens, que se succederam á morte d'el-rei D. Fernando, padeceu cercos e combates a villa d'Alemquer, por se conservar fiel á rainha viuva D. Leonor Telles contra o mestre d'Aviz, depois rei com o nome de D. João I (1385). E também passou por muitos sustos e alvoroços durante as discordias, que romperam sobre a regencia de Por-

tugal entre a rainha D. Leonor, viúva d'el-rei D. Duarte, e mãe de D. Affonso v, e o infante D. Pedro, seu cunhado (1439).

Na usurpação de Castella foi dada esta villa por D. Filippe II a D. Diogo da Silva, conde de Salinas em Hespanha, ao qual fez marquez d'Alemquer, e vice-rei de Portugal. Pela restauração de 1640 tornou para o seu antigo senhorio, onde se conservou até que em 1833 foi extinta a *casa das rainhas*.

Está assentada a villa d'Alemquer no dorso de um monte, pelo qual vae descendo até ao fundo de um estreito valle, por onde corre o rio do seu mesmo nome, que a divide por assim dizer em dois bairros.

Servem de corôa a esta antiga villa os restos venerandos de seu antiquissimo castello. Não ha noticia certa da primeira fundação d'este castello, mas sabe-se que já existia quando teve logar a invasão dos moiros no começo do seculo viii, e que estes pelo tempo adiante o renovaram e accrescentaram.

A resistencia, que o mestre d'Aviz encontrou n'esta fortaleza, quando lhe poz o cerco acima referido, levou mais tarde este principe a mandar-lhe tirar os cunhaes, com o que em breve caiu em ruínas.

A cerca de muros, que outr'ora cingia e fechava Alemquer, com as portas *de Villa, e do Carvalho, ou Santo Antonio*, que eram as principaes, e tres outras mais pequenas, era obra dos arabes, assim como varias cisternas, de que ainda restam vestigios.

Divide-se esta povoação nas seguintes parochias. A de Santo Estevão, situada no declive do monte: parece sôra dos cavalleiros do Templo, e encerra n'um corredor, que vae da sacristia para o côro, uns mausoleos mettidos na parede, e debaixo de arcos, com umas espadas esculpidas na pedra, como usavam os templarios. A de S. Pedro é menos antiga. A de Santa Maria da Varzea está fun-

dada proximo do rio. Tendo sido destruida no seculo xv por um incendio, que se attribuiu aos judeus, que moravam junto ao postigo de Santiago, onde então era a judiaria, foram estes expulsos da villa, e obrigados a reedificar o templo. Na capella mór, em uma sepultura embebida na parede, da parte da epistola, está o celebre chronista d'el-rei D. Manuel, Damião de Goes. Nossa Senhora da Assumpção de Triana, fundada pela rainha Santa Isabel no outro lado do rio; pelo que se denominou ao principio Nossa Senhora da Assumpção *Trans Amnem*, isto é além do rio, de que vem por corrupção o nome de *Triana*. O convento de S. Francisco, que ora se vê em ruínas, situado na parte mais alta da villa, foi o primeiro, que a ordem serafica teve em Portugal. Está fundado no palacio, em que habitou a santa infanta D. Sancha, por ella propria doado para esse fim. Concluiu-se este convento no anno de 1222, em vida de S. Francisco de Assis. Teve varias reedificações. Em quanto o convento se construia, assistiram os primeiros fundadores, enviados por aquelle santo, no pequeno hospicio, chamado o Oratorio de Santa Catharina, junto do rio.

A egreja e hospital da misericordia foram mandados edificar em 1527 por D. João III. Teve tambem um convento de freiras de Santa Clara.

Conta Alemquer varias ermidas, mas d'entre estas a mais celebre é a do Espirito Santo, por haver sido fundada com um hospital contiguo pela rainha Santa Isabel, e por que n'ella instituiu a mesma santa aquella singular festividade ao Espirito Santo, em que se fazia a cerimonia da coroação de um imperador; festa, que bem depressa se generalisou por todo o reino, e que tão popular se tornou, fazendo-se ainda hoje em muitas terras com bastante apparato.

Em uma fonte proxima d'esta ermida, diz a tradição, que vinha a santa rainha, quando residia n'aquella villa, lavar os panos, que serviam no hospital ao curativo dos doentes. Refere tambem a tradição, que o nome de *Fonte Santa*, que se dá a

uma nascente, que corre junto do Oratorio de Santa Catharina, se deriva de terem ali residido aquelles filhos de S. Francisco, que indo levar a luz evangelica á Barberia, ali encontraram o martyrio, fazendo-se depois conhecidos n'ó orbe catholico pelos cinco martyres de Marrocos.

Na rua da Triana ha uma fonte, que se julga ser obra da rainha Santa Isabel.

Das pontes, que cortam o rio, a mais notavel é a do Espirito Santo, construida proximo da ermida da mesma invocação por el-rei D. Sebastião, a qual se terminou, segundo diz uma inscripção que n'ella se lê, aos 28 de Abril de 1571. Tambem na mesma ponte se vê esculpido na pedra o escudo das armas reaes com o cão por baixo.

Encerra esta villa duas fabricas muito importantes, uma de papel, e a outra de cobertores, e diversos outros productos, tanto de algodão, como de lã. Esta, fundada pelo senhor Lafourie, occupa um bom edificio modernamente construido. Aquella, construida por uma sociedade de capitalistas de Lisboa, tem um edificio vasto, e de bella apparencia, com grandes e formosas presas d'agua. Depois de haver tido tempos de prosperidade, e de decadencia, e de estar afinal muitos annos arruinada e inutil, foi vendida ha poucos annos a uma companhia de accionistas, que a reconstruiu, melhorou, e poz em movimento. Ambas estas fabricas estão situadas junto ao rio, que lhe serve de motor, e ambas dão emprego a um grande numero de braços.

Alemquer dista sete leguas e meia de Lisboa para o norte, uma do Tejo, e pouco menos de uma da respectiva estação do caminho de ferro de leste. Fica junto á nova estrada, que do Carregado conduz para Coimbra, passando pelas Caldas, Alcobaça, Batalha, Leiria, Pombal, Redinha, e Condeixa, com as quaes está em diaria communicação por meio da mala-posta.

Segundo um documento muito antigo, achado no cartorio da camara, se nos não enganamos, teve esta villa em tempos remotos uma grande população, em

que se contavam perto de cinco mil pessoas do sexo masculino. Ao presente tem uns dois mil e quinhentos habitantes. Teve voto em côrtes, com assento no banco sexto.

No segundo domingo de cada mez faz-se ali um importante mercado.

Esta villa tem bonitos arrabaldes, com muitos pomares e arvoredos de um e outro lado do rio. Sentada no declive de um monte desaffrontado e com largo horisonte para a parte do sul ; dominando o fresco valle, aonde vem ainda estender-se como para se mirar na fugitiva corrente do seu rio, e na placida superficie dos seus lagos, a que a ramagem dos chorões faz sombra, e festa ; Alemquer gosa de lindas vistas, e offerece aos que a procuram uma perspectiva encantadora.

A VILLA D'ALMADA.

É sabido que el-rei D. Affonso Henriques foi auxiliado na sua grande empresa da tomada de Lisboa em 1147 por uma armada de cruzados, que aportara ao Tejo. Além dos ricos despojos da victoria, que repartiu com elles, como principe generoso e bom politico, offereceu aos que quizessem ficar no paiz terras para cultivar e povoar, pois era esta uma das necessidades, que mais urgiam, na monarchia nascente.

Houve muito quem acceitasse a offerta, que o monarcha tratou immediatamente de realisar; e como os cruzados pertencessem a diversas nações, bem como os que se resolveram a estabelecer-se em Portugal, foram destinadas para cada nacionalidade terras completamente separadas, e distantes umas das outras. Aos inglezes, sem duvida por serem em maior numero, coube mais extensão de territorio em differentes localidades. Uma d'estas foi o elevado monte em frente de Lisboa, aonde fundaram a villa d'Almada.

Até aqui quasi todos os autores são concordes; agora porém não que discordam muito é na etymologia do nome d'esta povoação.

Segundo uns deriva-se por corrupção de Vimaldel, nome que os primeiros fundadores lhe deram, e que dizem significar — *povoação de muitos*. Conforme a opinião de outros, era Almada o nome de um dos principaes inglezes, que a edificaram. Querem alguns, que antes da tomada de Lisboa já ali existia uma pequena povoação de moiros, os quaes a retomaram aos inglezes, e que ao diante a conquistara de novo um descendente d'estes ultimos, que tinha o appellido de Almada, nome que desde então passou á villa.

A opinião, que nos parece mais bem fundada, é a que vemos menos seguida pelos nossos antiquarios, e vem a ser, que Almada era uma povoação

ção de origem arabe, chamada pelos moiros *Al Maden*, e que inteiramente destruida na occasião da conquista pelas armas christãs, foi pelos inglezes reedificada, e povoada, conservando-lhe o nome, que com pouca differença tem actualmente.

El-rei D. Sancho deu-lhe foral, e fez doação d'ella aos cavalleiros de Santiago pelos annos de 1187. El-rei D. Diniz incorporou-a na corôa, dando em troca aos cavalleiros as villas de Almodovar, e Ourique, e os castellos de Marachique e Aljesur.

Nos tempôs antigos não foi esta villa theatro de acontecimentos notaveis, a não se contar como tal o patriotico despeito de Manuel de Sousa Coutinho (*), que lançou fogo, e reduziu a cinzas a sua casa, em que então residia, quando pôr occasião da peste, que affligiu Lisboa no anno de 1599, os governadores do reino por Philippe II de Hespanha, querendo refugiar-se n'aquella villa, e pretendendo morar nas ditas casas, o intimaram para despejo.

Em nosso tempo, durante a lucta da liberdade, teve logar nas visinhanças de Almada uma das mais sanguinolentas batalhas, que se deram em toda aquella guerra fraticida; a qual começando no sitio chamado *a Piedade*, e vindo acabar em Cacilhas (23 de Julho de 1833), decidiu da sorte de Lisboa, que no dia seguinte abriu suas portas ao exercito constitucional commandado pelo marechal duque da Terceira.

Está edificada a villa d'Almada em sitio plano na corôa de um monte bastante elevado e fragoso, que para o lado do sul tem suaves declives, e para a parte do norte é cortado quasi a prumo, excavando-lhe a base as ondas do Tejo.

Não conserva esta povoação padrão algum da

(*) O que mais tarde, pelas desgraças que lhe sobrevieram, se recolheu e professou no convento de S. Domingos de Bemfica, onde tomou o tão conhecido e popular nome de frei Luiz de Sousa.

sua antiguidade, mais do que tradição e memorias. Do castello, que os inglezes ahi levantaram no seculo xii, não restam vestigios. Os muros e baterias do actual são de moderna data. Se alguma coisa n'elles se encerra da fabrica primitiva, as reedificações a occultaram.

A egreja parochial de Nossa Senhora da Assumpção, conhecida pela invocação popular de Santa Maria do Castello, em razão da sua situação, foi reconstruida no seculo passado; e o mesmo aconteceu á outra parochia de Santiago, que foi reedificada inteiramente no primeiro quartel d'aquelle seculo pelo infante D. Antonio, irmão d'el-rei D. João v.

A egreja da misericordia é a mais antiga em edificio. Foi fundada no seculo xvi no hospital de Santa Maria, que lhe ficou pertencendo, com as suas rendas, o qual fôra obra da caridade da infanta D. Beatriz, mãe d'el-rei D. Manuel.

Proximo da villa, para o occidente, em terreno egualmente alto, e sobranceiro ao Tejo, está o convento de S. Paulo, da extincta ordem dominicana, que foi fundação de frei Francisco Foreiro, confessor dos reis D. João iii e D. Sebastião, no anno de 1569.

O edificio acha-se bastante arruinado. Junto d'elle está o cemiterio publico.

A casa da camara é um edificio de architectura regular, e soffrivel apparencia, com sua torre de relogio, que domina toda a villa.

Do pequeno passeio, modernamente plantado de arvoredo junto ás muralhas do castello para o poente, e a cavalleiro da praia, gosa-se de um dos mais bellos e variados panoramas, que o viajante pode encontrar. A perspectiva de Lisboa com os seus formosos arrabaldes da beira mar; a poetica serra de Cintra, e outras cordilheiras de montes, que fazem um como caixilho aos suburbios do norte da capital; o seu amplissimo porto, esse rio, quasi mar, orlado de tantas povoações mais ou menos pittorescas, mas todas resplandecentes d'al-

vura, que n'elle se veem espelhar; emfim a larga foz do Tejo com suas nobres atalaias, e depois a immensa vastidão do oceano, tudo isto forma o painel encantador, e verdadeiramente maravilhoso, que d'aquellas alturas se desfructa.

Na encosta do monte em que está sentada a villa d'Almada, e perto da praia, onde o rio lhe faz um pequeno porto, existe uma fonte de muito boa e abundantissima agua, chamada — a *fonte da Pipa*, da qual se sobe para a villa por uma espaçosa calçada. E' d'esta fonte que os navios, que entram no porto de Lisboa, se costumam fornecer. Em annos de grande secca, e no de 1833 durante o cerco, que poz á capital o exercito realista, foi esta cidade abastecida pelas aguas d'aquella fonte, que transportadas em barcaças vinham fornecer chafarizes portateis, que se collocavam nos caes principaes.

Segundo a opinião do distincto medico, o doutor Francisco da Fonseca Henriques, no seu *Aqui-legio Medicinal*, a agua da fonte do Alferte, proximo d'Almada, é de muita utilidade nos padecimentos de dór de pedra, e arêas de bexiga.

Nos arredores da villa ha muitas e bonitas quintas, e varias ermidas. D'estas mencionaremos a de Nossa Senhora da Piedade, situada em lugar baixo e ao sul da villa n'um espaçossissimo terreiro, guarnecido de casas, muito concorrido no verão da gente de Lisboa, e aonde se fazem vistosas festas d'arrayal, corridas de toiros, e uma feira de tres dias em 23 de Julho. Teve esta ermida o seguinte principio.

Correndo o meado do seculo xvi, um homem d'aquelles sitios descobriu uma imagem de S. Simão em umas barrocas, que logo tomaram o nome do santo. Aquelle conseguiu por meio d'esmolos edificar a pouca distancia das ditas barrocas uma ermida em que collocou o santo, e fez-se ermitão.

Passado algum tempo appareceu em sonhos ao ermitão uma Nossa Senhora da Piedade; o que fez

com que elle andasse de diligencia em diligencia a ver se descobria a imagem com que sonhara, até que a encontrou em uma casa da sé de Lisboa. Cheio de contentamento não poupou esforços para que lh'a concedessem; e assim que a obteve levou-a para a ermida de S. Simão, onde lhe fez uma grande funcção. Principiou logo a ser tão procurada dos fieis, e cresceu tanto a devoção com os milagres, que se attribuiam á Senhora da Piedade, que em breve com as avultadas esmolos que se recolhiam no cofre da Senhora, se construiu no mesmo local outra melhor ermida, e junto d'ella um recolhimento, ficando tudo desde então sob a invocação da mesma Senhora. No século passado ainda ahi haviam quatro recolhidas, e uma regente. Actualmente só existe a ermida, que é um santuario de muita devoção para os povos d'aquellas cercanias.

D'entre as quintas mais notaveis do termo d'Almada, faremos unicamente menção das duas que pertencem á familia real: a *do Alfeite*, que é da corôa, com jardim e grande matta abundante de caça, e agora aformoseada com um lindo palacio de campo, no gosto inglez, mandado edificar por el-rei o Senhor D. Pedro v: a *d'Amora*, que foi da princeza D. Maria Benedicta, irmã da rainha D. Maria i, e hoje pertencente a senhora infanta D. Isabel Maria. E' curiosa pelo vastissimo lago, que possui, cercado de bosque, e com uma ilha arborizada no centro.

Tambem está no termo d'esta villa a antiga fortaleza de S. Sebastião de Caparica, commummente chamada — *Torre Velha*, e que ao presente serve de lazareto. A sua primeira fundação data de D. João ii. El-rei D. Sebastião reedificou-a, e deu-lhe o nome actual. Fica em frente da torre de Belem, com a qual pode armar fogo da sua bateria quasi ao lume d'agua.

O lugar de Cacilhas, na raiz do monte d'Almada, é o porto d'aquella villa. Tem um bello caes de cantaria guarnecido de assentos, e no fim d'elle um pequeno forte.

A villa d'Almada conta uns quatro mil e quinhentos habitantes. Teve esta villa no antigo regimen voto em côrtes com assento no banco sexto.

As festas religiosas e populares, que outr'ora ahi se faziam pelo S. João, tinham nomeada pelo seu apparato e magnificência, e eram curiosas pela singularidade de alguns costumes e antigualhas, que appareciam na procissão e nas cavalhadas. N'esses tempos despovoava-se Lisboa para ir assistir a essas funcções. De ha trinta annos para cá teem caminhado em tal decadencia, que presentemente são uma pequena sombra do que foram.

Falleceu na villa d'Almada, e n'ella está sepultado o nosso distincto escriptor, autor do poema epico — *Chauleidos*, em que se descreve a conquista de Chaul, Diogo de Paiva d'Andrade, sobrinho de outro do mesmo nome, se não mais, não menos celebre, e filho do chronista-môr Francisco d'Andrade.

A VILLA E PRAÇA D'ALMEIDA.

Attribue-se a fundação d'esta villa aos moiros, e segundo os nossos antiquarios chamavam-lhe elles *Talmayda* ou *Talmeida*, d'onde provém por corrupção o seu nome de Almeida.

A palavra *Talmayda*, na opinião d'estes ultimos, significava *mesa*, e era uma allusão ao sitio perfeitamente plano em que a villa fôra edificada n'esta sua primeira fundação. Era este sitio em um campo proximo da actual povoação, para o lado do norte, no valle agora chamado o *Enxido da Carça*.

Posto que aquella etymologia seja seguida por todos os nossos escriptores, fundando-se na opinião do chronista-mór frei Bernardo de Brito, que fundou a sua em uma escriptura antiga que dava á villa de Almeida o nome de *Talmeida*, parece-nos, apesar de tudo isto, mais provavel, que o nome d'esta villa se derive da palavra *Atmeidan*, que quer dizer *campo ou logar de corrida de cavallos*. A predilecção que os arabes tinham por este divertimento, o assento plano da primitiva povoação, e das suas immediações, podem dar algum fundamento a esta nossa opinião. Como a escriptura a que se refere frei Bernardo de Brito é em latim, (e diz — *Per Villam Turpini Talmeida etc*) não admira, que ali se estropeasse a palavra *Atmeidan*, quando n'aquellas eras se estropearam os proprios vocabulos portuguezes, acontecendo amiude verem-se alguns d'estes escriptos de differente modo por autores contemporaneos.

Conquistada por el-rei D. Fernando Magno, primeiro de Castella ; recuperada depois pelos sarracenos ; e finalmente outra vez tomada pelo nosso rei D. Sancho I, padeceu taes estragos e devastações n'estas guerras, e nas que ainda se seguiram até á completa expulsão dos moiros do territorio de Portugal, que no reinado de D. Diniz achava-se inteiramente arruinada e despovoada. Foi então que este monar-

cha resolveu reconstruirl-a, ou, diremos melhor, fundal-a de novo no lugar aonde ao presente a vemos. Das ruinas da antiga povoação mandou vir el-rei D. Diniz os materiaes tanto para a edificação das casas, como para a fundação do castello, que ahi levantou no lugar mais alto.

As continuas dissensões entre Portugal e Hespanha trouxeram a necessidade de se fortificar melhor aquella villa tão proxima da fronteira. Assim pois, guarnecendo-a de muralhas, com cinco reductos, e outros tantos revelins, fossos, caminhos cobertos, esplanadas, quarteis, armazens etc., fizeram d'ella uma das principaes praças de guerra de Portugal. O velho castello de S. Diniz, reconstruido por el-rei D. Manuel, e depois ainda melhorado, ficou servindo de cidadella. Damnificou-o muito um raio, que n'elle caiu no seculo passado, mas foi logo reparado.

Depois de constituida em praça d'armas, Almeida tem sido theatro de acontecimentos mais ou menos notaveis em todas as guerras, que o nosso paiz tem tido com a Hespanha e com a França. Não permittindo os limites d'este artigo, que entremos em miudas descripções, referiremos tamsómente os successos mais principaes, que ahi tiveram lugar.

Na guerra entre Hespanha e Portugal, declarada em 15 de Junho de 1762, vindo sobre Almeida uma parte do exercito invasor, sob o commando do conde de O'Reilli, viu-se esta praça forçada a entregar-se por capitulação em 25 de Agosto d'esse mesmo anno. Fazendo-se á paz em 10 de Fevereiro do anno seguinte foi restituida á corôa portugueza.

Na terceira invasão dos francezes, em 1810, o exercito, de que era commandante em chefe o marechal Massena, veio pôr cerco a Almeida em 10 de Agosto, e dezesete dias depois, tendo sido destruidos por uma grande explosão os armazens da polvora, e parte das obras de defesa, rendeu-se a praça por capitulação. Porém em 10 de Maio de 1811, quando o exercito de Massena ia em retirada, acosado pelas forças alliadas de Portugal e Grã-Bretanha, commandadas pelo duque de Wellington, a guarnição franceza d'Almeida, sem esperar que a

fossem atacar, saiu, e escapou-se por entre os aliados, que tomaram posse da praça no dia seguinte.

No triste quadro das nossas luctas civís, foi Almeida o principal theatro da revolução, que tendo principio em Torres Novas, no anno de 1844, foi acabar alguns mezes depois dentro d'aquella praça, que por essa occasião padeceu um cerco.

Está situada a villa d'Almeida na provincia da Beira, em chão plano, mas alto, distante tres leguas da cidade de Pinhel, seis da cidade da Guarda, e junto á fronteira de Hespanha. Na distancia de um quarto de legua corre o rio Cóa, que já ahi leva bom volume d'agua com bastante peixe.

Tem uma só parochia, da invocação de Nossa Senhora das Candêas, fundada dentro do antigo castello, a qual é um bom templo de tres naves. O hospital e casa da misericordia foram edificados no fim do seculo xvii, concorrendo para esta obra a rainha D. Catharina, filha do nosso rei D. João iv, e viuva do rei d'Inglaterra Carlos ii.

Possue esta villa um hospital militar, e casa d'al-fandega ; e teve um convento de freiras da terceira ordem de S. Francisco, intitulado *Nossa Senhora do Loreto*, que foi modernamente supprimido. A sua população regula por uns mil e duzentos habitantes, não contando a tropa da guarnição da praça.

Esta terra é abastecida de boas aguas, e farta de optimas fructas e hortaliças, que lhe fornecem as hortas e quintas dos seus arrabaldes. N'estes, a distancia de uma legua existe uma ermida de Nossa Senhora do Mosteiro, que, segundo a tradição, foi egreja de um convento de templarios. D. João ii, reedificando-a, poz-lhe o escudo das armas reaes, sobre a cruz d'Aviz, de que era grã-mestre. A reconstrucção feita no começo do seculo passado despojou-a de todos, ou de quasi todos os vestigios da sua muita antiguidade.

Por um uso immemorial costumavam ir a camara, o parochio e cleresia da villa e dos logares visinhos em procissão todos os sabbados de Março, o de Ramos, e na segunda-feira de Prazeres, á ermida de

Nossa Senhora do Mosteiro, ondê faziam festa com sermão. Não sabemos se ainda dura este uso.

O castello, como dissemos, fica na parte mais elevada, dominando não só a villa, mas uma grande extensão de terras. Avistam-se d'ahi os territorios de onze bispados de Portugal e Hespanha. Entre outras povoações portuguezas que d'ali se descobrem, mencionaremos como mais importantes a cidade da Guarda, e as villas de Castello-Rodrigo, Castello-Bom, e Trancoso.

A meia legua da villa, e junto ao rio Côa, ha uma fonte d'aguas sulfuricas, chamada a *Fonte Santa*, á qual concorrem com proveito muitos enfermos d'aquellas visinhanças.

Nas modernas tabellas dos mercados e feiras, que ha no reino, não vemos figurar Almeida; entretanto achamos noticias de que ainda não ha muitos annos tinha um mercado bem provido nos primeiros domingos de cada mez, e uma feira de tres dias em 14 de Setembro, que anteriormente se fazia em Maio.

As armas d'Almeida são—um escudo com as armas reaes, sendo a corôa d'estas aberta, ao uso antigo, e ao lado a esphera armilar, divisa d'el-rei D. Manuel, que foi quem lhe deu este brasão.

A VILLA D'ALTER DO CHÃO.

Na provincia do Alemtejo, quatro leguas ao occidente da cidade de Portalegre, está situada a villa de Alter do Chão.

A sua primeira fundação é attribuida aos romanos, que a denominaram *Eltori*. Não é inteiramente averiguado se com effeito foram elles os seus fundadores, mas é fora de duvida, que no tempo do seu dominio na Lusitania era aquella povoação uma cidade grande e muito importante. D'isto ha documentos escriptos, e muitas provas materiaes nos restos, que ainda se descobrem de muitos edificios, tanto dentro da villa, como nos seus arrabaldes em um circulo bastantemente extenso.

Em diversas epocas, por occasião de se abrirem alicerces, ou de-se fazer alguma outra sorte de excavações, teem-se encontrado algumas medalhas, mosaicos, esculpturas, e até estatuas de idolos em pedra. Segundo affirma o conego Novaes na sua *Relação do bispado d'Elvas*, impressa em 1635, achou-se ali uma estatua de Cupido, com aljava e settas, muito bem esculpida em marmore. Dizem que no meiado do seculo xvii ainda ahi existiam as ruinas de um edificio, que se conhecia ter sido templo, com o pavimento de mosaico.

Atravessava a antiga cidade de Eltori uma das tres vias militares do imperador Antonino Pio, a qual communicava Lisboa com a cidade de Merida, passando por *Aritium Pretorium* (Benavente), *Matusarum* (Ponte de Sôr), Eltori, *Ad Septem Aras* (Assumar), *Badua* (Nossa Senhora da Botova) e *Plagiaria*, cuja situação se ignora. D'esta via ainda se vêem varios pedaços nos limites d'aquelle concelho.

Destruida em tempo, e por ordem do imperador Adriano, ao que parece em castigo da rebelião dos seus moradores ; saqueada e devastada du-

rante as diversas invasões, que se succederam no solo da península iberica á dominação romana; abandonada pelos moiros, que preferiam os logares altos para assento das suas povoações; a cidade d'Eltori estava em completa ruina, e quasi de todo despovoada, quando os moiros foram expulsos do Alemtejo.

Elrei D. Affonso III mandou-a reedificar e povoar; e el-rei D. Diniz, para attrahir moradores á nova povoação, deu-lhe foral em 1293 com os mesmos privilegios de que gosava Santarem, que eram muitos. Assim surgiu d'entre as ruinas da grande e populosa cidade d'Eltori a villa d'Alter do Chão. A primeira parte do seu nome é uma corrupção do antigo, e a segunda derivou-se do sitio plano em que está fundada. A visinha villa d'Alter Pedroso occupa ainda uma parte do terreno em que se erguia a antiga *Eltori*.

No anno de 1331 ainda o mesmo rei D. Diniz, com o intento de lhe restituir o seu antigo lustre, confirmando aquelle foral, accrescentou-lhe novas regalias e isempções.

Em 1359 residiu aqui algum tempo el-rei D. Pedro I, e por essa occasião deu um singular exemplo de justiça severa, mandando enforcar um homem, que havia annos forçara uma donzella, posto que a recebesse logo depois em casamento.

No antigo regimen gosava esta villa de voto em côrtes com assento no banco decimo. D. João I deu o senhorio d'ella ao condestável D. Nuno Alvares Pereira, o qual veio a passar para a casa de Bragança.

Tem uma só parochia, que se intitula de Nossa Senhora da Assumpção, e que é um bom templo de tres naves. A casa da misericórdia foi fundada em 1524 por el-rei D. João III a instancias de sua tia a rainha D. Leonor, instituidora d'aquella veneranda confraria. Annexou-se então a esta santa casa o hospital, que ali havia da invocação de S. Domingos, com todas as suas rendas.

Ha dentro da povoação cinco ermidas. O convento de Santo Antonio da extincta ordem dos re-

ligiosos capuchos da provincia da Piedade, foi fundado junto á villa, em logar mais altô, pelo duque de Bragança, D. Theodosio II, que n'elle lançou a primeira pedra aos 8 de Outubro de 1617.

Esta villa foi outr'ora toda cercada de muros, de que hoje apenas restam os vestigios. O seu castello é obra d'el-rei D. Pedro I, que n'elle mandou pôr a seguinte inscripção : *Era de 1359 aos 22 de Setembro o mui nobre rei D. Pedro mandou fazer este castello de Alter do Chão.* Tem dentro um poço com muita agua, que fornece um bom chafariz, que fica fora do castello para o lado do sul. Além d'este é a villa abundantemente abastecida por outros de melhor fabrica.

A sua praça nobre é aquella em que estão os paços do concelho, e o pelourinho, orlada de casas de mui soffrivel apparencia ; porém a sua mais bella praça é o Rocio do Espirito Santo, por ser muito espaçoso e povoado de arvores.

Deu muita nomeada a esta villa a sua grande caudellaria real, que, durante os tempos em que o governo olhava por ella com attenção e zelo, produziu optimos resultados. As raças d'Alter chegaram a um subido grau de reputação e apreço.

Todo o seu termo é muito fertil e productivo. Encerra bastantes vinhas, olivae, montados, onde se criam muitos porcos, e excellentes pastagens, em que ha numerosa creação de d'iversas qualidades de gados.

Faziam-se n'esta villa duas feiras, uma em 23 de Abril, que durava tres dias, e outra em 4 de Agosto, tambem de tres dias ; mas ao presente não as vemos incluidas nos mappas das feiras. Alter do Chão conta uns dois mil habitantes.

As armas d'esta villa, conforme o desenho que se acha na Torre do Tombo, são um escudo com uma fonte de prata em campo verde. E assim as damos aqui em estampa. Todavia em alguns autores as achamos mencionadas do seguinte modo :

Um castello com dois escudos das armas reaes, e uma fonte com duas flores de liz.

A VILLA D'ALVITO.

No coração da provincia do Alemtejo, seis leguas sudoeste da cidade d'Evora, e quatro nornoroeste da de Beja, está a villa de Alvito, assentada em campo chão.

Nos primeiros tempos da monarchia havia n'esse sitio uma herdade chamada de S. Romão, pertencente parte ao senado d'Evora e parte aos Pestanas, descendentes de Giraldo sem Pavor. Reinando D. Affonso III, por *commun accord* das partes interessadas, foi dada esta herdade ao chancellermór do reino D. Estevão Annes, collaço d'aquelle soberano, que a principiou a cultivar, e depois foi edificando n'ella algumas casas, que alugava a uns, e dava a outros. Teve isto logar pelos annos de 1255, e sete annos depois já havia n'aquella propriedade tantos moradores, que Estevão Annes lhe edificou uma egreja, que, passado pouco tempo, foi erecta em parochia, com o titulo de S. Romão.

Tal foi o principio da villa d'Alvito, á qual D. Affonso III, passando por ali em 1265, lhe deu alguns privilegios. Por sua morte deixou o chancellermór todas estas suas propriedades aos religiosos da Santissima Trindade, que logo trataram de ir aforando os terrenos a quem queria edificar, com o que se augmentou muito a povoação.

Quanto á etymologia do seu nome, dizem que é a seguinte. Por occasião de uma festividade, que ali se fez no começo da povoação, em que havia corrida de toiros, fugiu um d'estes animaes, lançando nos circunstantes grande perturbação. Debalde andaram por algum tempo em procura d'elle. Já todos estavam cansados, e descoroçados, quando appareceram alguns homens com o toiro agarrado, gritando—*alvitre, alvitre*, por alviçasas. Foi de todos tão bem recebida e festejada a nova que esta palavra annunciava, que ficou por nome á terra,

d'onde ao diante por corrupção se pronunciou Alvito.

Foram os frades trinos que lhe deram o seu primeiro foral no anno de 1321, o qual el-rei D. Diniz, depois de lh'o ter contestado por muito tempo, confirmou finalmente em 1327.

Tendo crescido muito o numero dos habitantes, e sendo já pequena para elles a egreja de S. Romão, construiu-se um novo templo para parochia que foi consagrado a Nossa Senhora da Assumpção, ficando a antiga como uma simples ermida. É a nova egreja de tres naves, bem ornada e muito espaçosa. N'ella teem seu jazigo em duas capellas, onde avultam bons mausoleos de marmore, os condes barões d'Alvito, que foram senhores d'esta villa.

Em 1618 fundaram os frades trinos um convento junto á egreja de Nossa Senhora da Assumpção, que ficou servindo simultaneamente de parochia e de casa de oração dos frades.

Além d'esta egreja conta Alvito a da misericordia, com hospital annexo, e nove ermidas, na villa e arrabaldes, em cujo numero entra a de S. Romão, que se acha fora da villa, mas a pouca distancia, e que foi a sua primeira egreja matriz.

A casa da camara é um bom edificio construido nos principios do seculo passado. Tem uma alta torre de relogio toda de cantaria. Está no centro da villa, no ponto mais elevado.

O monumento, porém, mais notavel d'esta villa é o seu castello, obra de el-rei D. João II, que fez d'elle doação a João Fernandes da Silveira, primeiro barão d'Alvito, chanceller-mór do reino, escrivão da puridade, vedor da fazenda, e por dez vezes enviado embaixador a diversas côrtes da Europa. E' um palacio acastellado com cinco torres, em bom estado de conservação, que pertence ainda hoje, e outr'ora foi residencia habitual, dos senhores condes barões d'Alvito.

Junto d'esta villa corre a ribeira d'Odivellas, que tem aqui uma bella ponte de cantaria, e produz algum peixe. Tanto na povoação como nos seus

suburbios ha muita abundancia d'agua, não só para os usos domesticos, mas tambem para as necessi-
dades da horticultura, e para o emprego de mui-
tas azenhas. Por esta razão ha em torno da villa
bastantes hortas e pomares, que fazem qs arrabal-
des amenos e agradaveis.

N'estes, perto da villa, fundaram os barões de
Alvito para os religiosos de S. Francisco, da pro-
vincia dos Algarves, um convento, que dedicaram
a Nossa Senhora dos Martyres, o qual se concluiu
em 1534, e que exactamente tres seculos depois
ficou devoluto pela extincção das ordens religio-
sas.

No anno de 1743, andando-se a abrir os alicer-
ces para a nova capella-mór da egreja, por ser a
antiga pequena, e estar arruinada, achou-se no
dia 8 de Junho um tumulo formado de adobes,
dentro do qual se encontrou um esqueleto, que se-
gundo dizem as memorias do tempo, tinha quator-
ze palmos de comprimento, e junto d'elle tres pe-
quenas barras de um metal desconhecido. Em uma
pedra de cinco palmos de comprido, e dois de lar-
go, que estava sobre o tumulo, lia-se a seguinte
inscripção : *Histonencas Selsas Florentis D. D.*

N'outra parte do alicerce encontraram-se tres
pedras, com cinco palmos e mais de comprimen-
to, todas do feitio de pipas, massiças, e com ins-
cripções sepulchraes. No anno de 1743 n'uma ex-
cavação proxima d'este sitio achou-se outro cippo
analogo.

N'este logar, conforme a opinião de alguns an-
tiquarios, existiu uma povoação de origem celti-
ca, que floreceu no tempo da dominação roma-
na, e que foi completamente destruida por occa-
sião das invasões dos suevos, alanos, e mais na-
ções do norte, ou no tempo da dos moiros.

O termo d'Alvito é povoado de muitos olivae-
s e montados. Tem muita caça e creação de gados ;
e abunda em azeite, cereaes, fructas, e mel. Tem
uma feira de tres dias, que principia no 1.º de
Novembro. A sua população anda por duas mil
almas.

Estando em Alvito el-rei D. João III e a rainha D. Catharina no outono de 1531, deu esta soberana á luz no 1.º de Novembro o principe D. Manuel, que morreu menino. Foi o primeiro filho que tiveram, e por este motivo, em cumprimento de um voto, mandou el-rei fazer o magnifico retabolo de jaspe, que se admira na egreja de Nossa Senhora da Pena, em Cintra, que pertenceu ao convento dos frades jeronymos, e agora é capella do palacio de el-rei o Senhor D. Fernando.

Tinha a villa d'Alvito voto em côrtes, com assento no banco decimo oitavo. O seu brasão d'armas é—em campo vermelho o escudo real só com as quinas, entre dois troncos de arvore, que rematam em duas unicas folhas, e firmados sobre um arco de ponte.

A VILLA D'ANCIÃES.

Acha-se esta villa assentada no cume de um alto monte a quatro leguas a oeste da villa da Torre de Moncorvo, uma das principaes da provincia de Traz-os-Montes, e a uma legua para o norte do rio Douro. Correm-lhe tambem proximo, deixando-a no centro, os rios Sabor, e Tua.

Da sua fundação nenhuma noticia temos encontrado, mas suppomos que tem uma origem antiquissima. A circumstancia de lhe ter dado foral el-rei D. Affonso Henriques, e, com mais razão ainda, varias inscripções de caracteres desconhecidos gravados em diversas pedras, que se vêem na sua igreja matriz, e no castello, dão, por certo, bom fundamento a esta nossa opinião.

O grande e bem construido castello, cercado de altas torres, que outr'ora defendia esta villa, e os grossos muros que a cingiam, hoje tudo arruinado, mostram evidentemente, que Anciães foi em tempos remotos uma grande povoação, como fôra uma importante posição militar pela natureza do terreno, e pelas obras d'arte. A tradição dos habitantes, mais do que memorias escriptas, confirmando isto, accrescenta que esta villa padeceu apertados cercos, e resistiu victoriosamente a varios assaltos de tropas castelhanas, do que lhe provém o seu brasão d'armas, que é um escudo com um castello, e a seguinte lettra : *Anciães leal no reino de Portugal*. Segundo a mesma tradição houve uma grande batalha, em que os nossos foram vencedores, por occasião de um d'estes cercos, em um valle não muito longe d'aqui, que pelo avultado número de mortos, que n'elle se enterraram depois do combate, se ficou chamando o Ribeiro da Osseira, nome que ainda conserva.

O que a tradição não refere, nem os nossos autores, pelo menos que nós saibamos, é a epoca

da florecencia d'esta villa e as causas certas, que produziram a sua decadencia. Esta mesma incerteza e falta de noticias provam, que tanto a sua prosperidade, como a sua decadencia são factos de muita antiguidade. Entretanto as causas provaveis de se haver despovoado e reduzido tanto, que mais parece aldêa do que villa, foram talvez a aspereza do clima, que é extremamente frio, o desconforto da situação, que por todos os lados é açoitada do vento, e a falta de agua para uma povoação numerosa. O que é certo é que de tantas familias nobres, que ainda ali existiam no meiado do seculo xvi, já não conta uma só. Pouco a pouco todas foram abandonando esta terra inhospita.

O seu castello, apesar de se achar em bastante ruina, ainda deixa ver a grandeza e solidez da sua construcção. A torre principal era de muita altura, e chamava-se *torre do sol*. Tinha este castello duas portas; saindo da principal vê-se á esquerda uma pedra com uma inscripção em caracteres, que não são romanos, nem gothicos, nem arabes. A villa está encostada ás muralhas d'este castello pelo lado do oriente.

A unica parochia de Anciães é a egreja de S. Salvador, situada proximo da porta do castello. Não se sabe quando foi fundada, porém a sua fabrica deixa conhecer, que é antiquissima, apesar de algumas obras de reedificação, tambem antigas. A porta principal, de arco de volta redonda, e toda ornada de figuras, é muito curiosa. Em uma columna do arco está uma inscripção antiga, de caracteres romanos, e dentro da egreja, entrando da parte esquerda, vêem-se tres inscripções em caracteres semelhantes aos da inscripção do castello.

Anciães, apenas habitada de algumas familias de lavradores, acha-se reduzida, como dissemos, ás proporções de uma pobre aldêa. A sua parochia pouco mais conta de uns cincoenta fogos, e d'estes nem todos dentro da villa. Todavia o seu termo abunda em trigo, centeio, cevada, milho, legumes, castanhas, azeite, vinho e fructas, que exporta

para a cidade do Porto, e vão embarcar á foz do Tua, que lhe fica perto, e onde tem o seu porto commercial.

No logar do Pombal, pertencente ao seu termo, ha uma boa nascente de aguas de caldas, muito estimadas, e ás quaes concorrem muitos enfermos; e no monte chamado *a Reborosa* tem minas d'estanho, bem como nos logares de Luzellos, e Marzagão, as quaes já estiveram em lavra por conta do estado, no começo do reinado d'el-rei D. João v.

Foram naturaes de Anciães, entre outras pessoas distinctas, D. Manuel de Sousa, arcebispo primaz de Goa, e Lopo Vaz de Sampaio oitavo governador da India.

A CIDADE D'ANGRA DO HEROISMO.

A descoberta do archipelago dos Açores deve-se ao patriotico impulso dado pelo illustre infante D. Henrique á navegação do alto mar.

Gonçalo Velho Cabral, commendador de Almourol, na ordem de Christo, enviado por aquelle principe ao descobrimento de novos mares e novas terras, foi quem descobriu a primeira ilha d'aquelle archipelago aos 15 de Agosto de 1432, á qual deu o nome de Santa Maria, por ser este dia consagrado a festejar a Assumpção da Virgem.

Passados doze annos descobriu o mesmo commendador de Almourol a segunda ilha, que denominou S. Miguel, em memoria do dia em que a avistou.

Não se sabe ao certo o anno do descobrimento da ilha Terceira; mas é fora de duvida, que este successo teve lugar entre os annos de 1444 e 1450, pois que n'este ultimo fez o infante D. Henrique doação d'esta ilha a Jacome de Bruges; sabe-se que o seu nome lhe proveiu de ter sido a terceira na ordem das descobertas do grupo açoriano. Chamaram-se ilhas dos Açores pelas muitas aves d'este nome, que ali encontraram os primeiros navegantes.

Dividem-se estas ilhas em tres grupos: ao occidente as do *Corvo* e das *Flores*; no centro as do *Fayal*, do *Pico*, de *S. Jorge*, *Graciosa*, e *Terceira*; e ao oriente as de *S. Miguel*, e de *Santa Maria*.

A ilha Terceira tem treze leguas de comprimento e seis de largura. A sua capital é a cidade de Angra.

A parte mais importante da sua historia diz respeito a duas epochas, em que Portugal se viu empenhado nas luctas gloriosas da sua independencia e liberdade. Quando Filippe II de Castella conseguiu assenhorear-se de Portugal pela força das

armas, e mais ainda pelas desgraças, que anteriormente tinham enfraquecido o paiz, e quebrantado o alento dos portuguezes, a ilha Terceira, affrontando o poder do monarcha castelhano, resistiu por muito tempo com heroico valor ás suas armadas; e nas guerras da restauração da nossa independência, depois de receber o governo do legitimo rei, tambem se assignalou pela sua lealdade e coragem.

A outra epoca é dos nossos dias. Não ha ahi por certo quem ignore, que a liberdade, perseguida e desterrada do continente do reino, ali se foi acceitar e robustecer. Devem estar ainda presentes na memoria de todos, os actos de extremado valor, e de patriotica dedicação, de que foi theatro aquelle baluarte da fidelidade portugueza desde a memoravel batalha da villa da Praia em 11 d'Agosto de 1829, até á saida da expedição, que, sob as ordens do immortal duque de Bragança, veio plantar nas praias do Mindello o invicto pendão da liberdade (8 de Julho de 1832).

Angra, que el-rei D. João III elevou á cathedra de cidade em 1533, e á qual o magnanimo libertador, sendo regente na menoridade de sua augusta filha, deu o honroso epitheto de *Heroismo* como brasão das gentilezas d'armas, que ali obraram os seus intrepidos defensores, está situada na costa do sul da ilha em uma bahia ou angra, de que derivou o seu nome. E' formada esta bahia por dois cabos, que entram pelo mar, um a leste, e o outro a oeste, distantes entre si um quarto de legua, e outro tanto da cidade. Defendem o porto as fortalezas de S. *João Baptista*, e de S. *Antonio* na ponta de oeste, e a de S. *Sebastião* na de leste. A primeira d'estas é a principal. Edificada sobre um alto e negro morro de rochas escarpadas, e a cavalleiro da cidade, o qual é limitado a leste pela bahia d'Angra, ao sul pelo mar, ao poente pela bahia do Fanal, e ao norte por uma especie de isthmo, que separa as duas bahias, constitue uma praça de guerra forte por arte, e fortissima pela natureza. O morro que lhe serve de base chama-se *Monte-Brazil*.

Este grande castello, primitivamente denominado de *Santo Antonio*, passou a chamar-se de *S. Filippe* no tempo de *D. Filippe II* de Castella, que o melhorou e augmentou; e pela restauração de 1640 foi-lhe outra vez mudado o nome no que ao presente tem, em obsequio a el-rei *D. João IV*. No seu extenso ambito ha importantes terras lavradas, que, no caso de apertado cerco, podem fornecer o necessario alimento á sua guarnição. Ha n'elle uma capella da invocação de *S. João Baptista*; e entre a muita artilharia de bronze, que o defende, existia, e julgamos que ainda se conserva, a grande peça de *Malaca*, trophéo da gloriosa conquista da cidade d'este nome.

Na ponta d'esta pequena península, ao nivel da agua, está o forte de *Santo Antonio*.

O porto d'*Angra* é limpo, de boa ancoragem, e com a capacidade para receber muitos navios, que ahi acham abrigo de todos os ventos menos do sueste, que, entrando de travessia, levanta grosso mar, e obriga as embarcações a demandar o largo.

A cidade está edificada com bastante regularidade. As ruas são largas, direitas, bem calçadas, limpas, e guarnecidas de casas de boa apparencia com seus passeios de lagedo. Tem muitas casas nobres, bons templos, e alguns grandes edificios publicos. Entre os segundos figuram em primeiro lugar a sé, e depois a misericórdia. D'entre os ultimos avultam o palacio do governo civil, e a alfandega.

E' a sé um vasto templo construido de excellente pedraria, e bem ornado interiormente. Foi obra d'el-rei *D. Sebastião*, que no anno de 1569 fundou esta egreja e o convento contiguo, a expensas do estado, para collegio da companhia de *Jesus*. Pela extincção d'esta ordem, no reinado de el-rei *D. José*, foi transferida a cathedral, do antigo templo edificado por el-rei *D. João III* em 1534, para a egreja dos jesuitas.

A egreja e hospital da misericórdia estão situados em frente de um bello caes. E' um templo gran-

de, de architectura moderna, com duas torres no frontispicio. Do caes, que é de cantaria, sobem duas escadas de pedra com grades de ferro, que vão terminar em duas portas, que saem para o largo da misericordia, deixando entre ambas um espaço em cujo fundo se vê uma bonita fonte encostada á parede.

A casa da alfandega fica ao lado da misericordia. E' um vasto edificio modernamente construido, e tão perfeitamente adaptado ao seu fim, que, depois do da alfandega grande de Lisboa, não o ha melhor no reino e nas suas provincias ultramarinas.

O palacio do governo civil era a antiga residencia dos capitães generaes, primeira autoridade militar, que governava em todo o archipelago. É um palacio de grandes dimensões, de solida construcção, e de agradável aspecto. Toda a frente principal é occupada pelo general commandante d'aquella divisão militar, e pelas repartições respectivas. Na parte que deita para o jardim estão as repartições do governo civil. O jardim é bastante espaçoso e muito aprazivel. Decoram-no varios lagos, bellas arvores, e muitas flores.

Encerrava esta cidade, antes da extincção das ordens religiosas, além de seis parochias, sete conventos, tres de frades, e quatro de freiras. Os primeiros eram: o de Nossa Senhora da Guia, de franciscanos, fundado no seculo xvi; o de eremitas de Santo Agostinho, edificado em 1584; e o de Santo Antonio de recoletos, fundação do mesmo seculo. Os segundos: S. Gonçalo, de religiosas de Santa Clara; Nossa Senhora da Esperança, da mesma ordem; S. Sebastião, de capuchas; e o de freiras da Conceição.

Ha na cidade dois passeios publicos: um mais central e pequeno, dividido em ruas de arvoredo; o outro é um grande campo, chamado de *Gasão*, apenas com arvores em torno.

Os arrabaldes de Angra são mui arborisados e formosos. Ao occidente da cidade, entre o mar e as serras, que se erguem na sua visinhança, es-

tende-se pelo espaço de uma legua de comprimento, e meia de largura, a deliciosa veiga da *Terra-chã*, povoada de varias quintas e casas de campo, e fertilisada por muitas fontes de boas aguas. De todas as quintas dos suburbios da cidade estrema-se a do senhor José do Canto. Plantada ao gosto inglez; enriquecida com uma numerosa e magnifica collecção de plantas exóticas; assombreada por bom arvoredado; e abundantissima d'aguas, que se represam em lagos, ou brincam em saltos e repuxos, esta formosissima vivenda podia servir de adorno aos arrabaldes de qualquer das capitães da Europa.

A cidade d'Angra é sêde episcopal desde o anno de 1534, em que foi crecto pelo papa Paulo III o bispado dos Açores com o titulo de bispado d'Angra, sufraganeo do patriarcha de Lisboa. Tambem esta cidade é assento de um tribunal da relação.

Angra era, ainda não ha muitos annos, a capital de todas as ilhas dos Açores; porém hoje apenas o é de um dos dois districtos administrativos em que modernamente se dividiu aquelle archipelago. No antigo systema tinha voto em côrtes, com assento no banco primeiro.

Abundante de todos os generos necessarios á vida, e de muitos que são de regalo para as classes abastadas, faz um commercio importante de exportação para o continente do reino, e para Inglaterra. Os principaes objectos d'este commercio são cereaes, legumes, e laranjas.

O seu brasão d'armas é um escudo esquartellado de branco e vermelho; sobre o vermelho tem uns braços empunhando espadas; e sobre o branco tem umas pombas. No centro vê-se um escudete com as quinas. Tem por timbre corôa e um braço armado de espada.

A VILLA D'ARGANIL.

Não ha noticias positivas sobre a origem d'esta villa, mas não se pode duvidar de que é muito antiga. Se dermos credito a uma tradição, que corre como certa entre os seus moradores, foi fundada pelos romanos, e chegou a ser sob o seu dominio uma cidade florescente com o nome de *Argos*. Os moiros, na sua invasão, arruinaram-na, e depois povoaram-na de novo, denominando-a *Arganil*; porém não readquiriu a sua anterior prosperidade, padecendo egualmente muito nas guerras, que determinaram a expulsão dos arabes.

Na verdade algumas circumstancias ha, que veem em abono da tradição. O achado de varias moedas romanas de oiro e prata no começo do seculo passado, e por occasião de se abrirem uns alicerces na villa, é um fundamento, senão irrecusavel, pelo menos muito plausivel, para suppormos, que ali existira uma povoação romana. A doação, que a rainha D. Thereza, mãe de el-rei D. Affonso Henriques, fez d'esta villa á sé de Coimbra, prova exuberantemente, que a sua origem é anterior á monarchia.

Esta doação não teve o seu devido effeito, ou por que a doadora mudasse de disposição, ou porque a villa tornasse ao poder dos arabes. O que é certo, é que no anno de 1219 era senhor d'ella Affonso Pires d'Arganil, o que trouxe as cabeças dos cinco Santos Martyres de Marrocos para a egreja de Santa Cruz de Coimbra.

Reinando D. Affonso iv tornou esta villa para a corôa por transacção feita entre este monarcha e uma neta de Affonso Pires, que tinha succedido n'aquelle senhorio.

Dada em dote pelo mesmo rei a sua neta, a infanta D. Maria. filha de D. Pedro i e de sua pri-

meira mulher a infanta D. Constança, quando foi casar com o infante D. Fernando de Aragão; revertida outra vez para a corôa por ter fallecido esta princeza sem successão; foi novamente doada por el-rei D. João I a Martim Vasques da Cunha no anno de 1423. Nove annos depois, obtidas as necessarias licenças, fez este ultimo troca da villa de Arganil pela de Belmonte, que pertencia á sé de Coimbra, e assim veio ao senhorio da mitra conimbricense.

Querendo D. Affonso v recompensar os bons serviços, que lhe prestou o bispo de Coimbra, D. João Galvão, acompanhando-o na sua jornada d'Africa, nomeou-o conde d'Arganil em 1471, ordenando que todos os seus successores gosassem do mesmo titulo. El-rei D. Manuel foi quem deu o foral a esta villa.

Assentada em uma campina, cercada de montes, e cortada por duas ribeiras, que vão entrar no rio Alva, a villa d'Arganil dista de Coimbra sete leguas para o lado do nascente. Tem boas ruas, e uma só parochia, cujo orago é S. Jens. A casa da misericordia foi edificada no seculo xvii. Dentro em si e nas visinhanças conta varias ermidas, algumas das quaes são mui venerados santuarios, a que concorrem muitos cirios e romagens, sendo o principal o de Nossa Senhora de Monte Alto, assim chamado por estar a sua ermida fundada na corôa de um elevado monte.

Possuem aqui os bispos de Coimbra um bom palacio com uma capella de tres naves, situados junto á villa. Esta fundação foi obra de D. Fernando Rodrigues Redondo, no seculo xiv, o qual era então senhor d'Arganil por sua mulher D. Senhorrinha Affonso, neta do primeiro donatario, de quem acima fallámos.

As duas ribeiras, que lhe cortam os campos visinhos, e o rio Alva, que, nascendo na serra da Estrella, ali passa proximo no seu curso para o Mondego, fazem os seus arrabaldes aprasiveis e muito productivos. A sua principal cultura consis-

te em cereaes, legumes, azeite, vinho, e castanhas. O rio Alva abastece a villa de bogas, trutas, lamprêas, e saveis.

Arganil tem por armas um escudo com uma *amo-reira*. A sua população não é inferior a mil e setecentas almas.

Arganil tem mercado no segundo domingo de cada mez, e tres feiras annuaes : a primeira começa no quarto domingo da quaresma ; a segunda no dia 24 de Junho ; e a terceira a 6 de Setembro.

A VILLA DE ARRAYOLLOS.

Como todas as povoações de origem muito antiga, tem esta villa a historia da sua fundação mui cheia de duvidas, e involta em fabulas. Resumindo umas e outras, diremos que alguns autores lhe dão por fundadores os tusculanos e albanos, querendo que de um capitão grego, que no seu principio a governava, chamado *Rayeo*, tomara o nome de *Rayolis*, corrupto pelo decurso do tempo no de *Arrayolos*.

Outros escriptores attribuem a sua fundação aos gallos-celtas, que a denominaram *Calantia*. Esta opinião tem por si alguns dos nossos mais zelosos investigadores de antiguidades. Além d'isso parece fora de duvida, que durante a dominação romana se chamava *Calantia*.

Nas invasões dos povos do norte, que destruíram o imperio romano, mais tarde na dos arabes, e depois nas guerras travadas entre estes e os christãos, arruinou-se e despovoou-se a villa d'Arrayolos.

El-rei D. Diniz, que tanto a peito tomou restaurar das ruinas as terras do seu reino, mandou-a reedificar, e povoar, dando-lhe foral no anno de 1310, e construindo para sua defesa um forte castello com seis torres.

El-rei D. Fernando I fez doação d'esta villa, com o titulo de condado, a D. Alvaro Pires de Castro, e por morte d'este fidalgo el-rei D. João I fez conde e senhor d'Arrayolos ao condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Depois passou este titulo e senhorio para a casa de Bragança.

Na lucta da independencia, quando os hespanhoes tomaram a cidade d'Evora, entraram tambem em Arrayolos, e lançaram fogo ao castello, que contava muitas casas de habitação dentro dos seus muros.

Está assentada esta villa no coração da provin-

cia do Alemtejo em logar elevado e desaffrontado, tres leguas ao norte da cidade d'Evora. A sua eminente posição dá-lhe a vantagem de gosar, além de muito bons ares, uma dilatada perspectiva. De alguns sitios, e principalmente do monte de S. Pedro, descobrem-se em dias claros a cidade d'Evora, as villas de Redondo, Monsarás, Evora-Monte, Estremoz, Alter do Chão, Cabeço de Vide, Fronteira, Vimieiro, Aviz, Galvéas, Pavia, Lavre, Montemór o Novo, e a villa das Aguias, e entre outras serras as de Ossa, de Portel, de Portalegre, da Estrella, da Arrabida, de Cintra, e de Monte Junto.

Tem esta villa uma unica parochia, da invocação do Santo Salvador, a qual se acha dentro do castello; e nos arrabaldes tem os edificios de dois extinctos conventos, um que foi dos religiosos terceiros de S. Francisco, e outro que pertenceu aos conegos seculares de S. João Evangelista. Este ultimo intitulava-se de Nossa Senhora da Assumpção, e foi fundado por João Garcez, fidalgo da casa d'elrei D. Affonso v, na sua quinta de Valle Formoso, correndo o anno de 1527.

Tem mais casa de misericordia, um hospital, da invocação do Espirito Santo, e umas seis ermidas nos suburbios.

Não tem esta villa no seu recinto fonte alguma, todavia abastecem-na d'agua o poço do castello, e varios outros, que existem nas cercanias, e a meia legua de distancia a fonte dos *Almocreves*.

Nos seus arrabaldes ha algumas hortas e pomares, regados pelas ribeiras d'Odivor, Pontega, e da Vide, as quaes criam peixe miudo, e fazem trabalhar varios moinhos. O termo possui ricas herdades, e abunda em cereaes, azeite, algum vinho, fructas, gado, e caça.

Arrayolos conta uns mil e seiscentos habitantes. Houve aqui uma fabrica de tapetes, que não sabemos se ainda existe, mas que no seculo passado prosperou muito, tendo os seus productos grande extracção no paiz e nas nossas provincias ultramarinas.

Faz-se n'esta villa uma feira annual de tres dias, que principia no segundo sabbado do mez de Julho.

No antigo regimen gosava Arrayolos de voto em côrtes com assento no banco decimo quinto. Tem por brasão as armas reaes de Portugal mettidas em um escudo; e assim se acha no livro dos brasões das cidades e villas d'este reino, que se guarda na Torre do Tombo. Todavia ha quem lhe assignale por brasão uma cabeça na forma de uma esphera — em memoria do tal capitão *Rayeo*.

A VILLA D'ATOUGUIA DA BALEA.

Está situada esta villa em logar alto, visinho do oceano, e a meia legua da praça de Peniche para o nascente.

Segundo pretendem alguns escriptores, foi fundada pelos annos de 1165 por Guilherme de Laccorní, fidalgo francez, e um dos cruzados, que vieram na armada, que ajudou a el-rei D. Affonso Henriques na expugnação e tomada de Lisboa, por cujo serviço lhe deu este monarcha o termo d'aquella villa para povoar. Outros autores ha, que, tratando d'Atougua, não lhe dão similhante origem. Seja porém esta qual fôr, é certo que tem muita antiguidade.

Os etymologistas dizem que o seu nome se derivava por corrupção de *Touria*, que assim a denominavam em tempos d'el-rei D. Pedro I por causa das manadas de toiros, que este soberano ali tinha. Para fundamento d'esta opinião trazem o brasão d'armas da villa, que se vê sobre a porta da casa da camara, e que consiste n'um escudo, no meio do qual avulta um boi em campo de purpura, e sustentando um castello em cada uma das pontas.

Deu-lhe foral el-rei D. Sancho I, e teve no antigo regimen voto em côrtes com assento no banco decimo sexto.

Correndo o anno de 1526 deu á costa na praia proxima da villa, chamada da *Aréa Branca*, uma grande baléa, que tinha noventa palmos de comprimento. Desde então se ficou chamando a villa — Atougua da Baléa.

Foi condado, cujo titulo se extinguiu no reinado d'el-rei D. José, tendo sido justificado o ultimo conde por complicitade no attentado commettido contra a vida d'este soberano.

Tem uma só parochia da invocação de S. Leó-

nardo, que é um templo de tres naves ; e nove ermidas dentro da villa e nas immedições, D'estas é a principal a de Nossa Senhora da Conceição, que por suas dimensões, adornos, e boa ordem, se pode ter na conta de uma boa egreja. E' concorrida de muitas romarias, que ahi vem de longe, principalmente no verão, festejar a Senhora.

Possue um hospital, e casa de misericordia, e nos arrabaldes tinha um convento de franciscanos dedicado a S. Bernardino.

Juntô da villa ainda se vêem os restos do seu antigo castello, que está sobranceiro a um pequeno rio, que toma o nome da mesma villa.

O termo produz bastante trigo, cevada, e milho, algum vinho, fructas, e caça ; tendo tambem alguma creação de gados. A costa visinha, em que tem um pequeno porto com poucos barcos de pesca, fornece a terra abundantemente de pescado, e ainda dá para alguma exportação para o interior.

A pequena distancia da villa ha um lago, formado pelas aguas das chuvas, e alimentado por uma ribeira, que n'elle vem desembocar, e que nasce em um olho d'agua no sitio chamado o Brejo. No inverno cobrem-se as margens d'este lago de muita e variada caça d'arribação.

A 6 de Novembro, por occasião da festa de S. Leonardo, padroeiro da villa, faz-se aqui uma feira, a que concorre bastante gente das povoações proximas. O numero dos habitantes pouco excede a mil.

A VILLA D'ARRONCHES.

Quatro leguas ao sudoeste da cidade de Portalegre, e cinco para o norte da cidade d'Elvas, está assentada a villa d'Arronches entre os rios Caia e Alegrete, em logar um pouco elevado, relativamente ao valle que a cerca, porém é dominada pelos montes visinhos, que lhe estreitam o horisonte, e lhe vedam descobrir povoação alguma.

Não ha noticia certa da sua fundação. Alguns autores mais dados, ou mais teimosos na investigação das etymologias, querem que, no tempo do imperador romano Caio Caligula, viessem aqui fundar uma povoação varios habitantes da villa d'Aroche, na Andaluzia, os quaes lhe pozeram o nome de Arochella, em memoria da sua patria, de que se derivou por corrupção o actual de Arronches.

Partindo porém de noticias positivas, sabe-se que já existia, quando teve começo a monarchia, e que D. Affonso Henriques a tomou aos moiros. Recuperada pouco depois por estes, foi novamente conquistada por el-rei D. Sancho II; e d'esta vez ficou para sempre christã.

O mesmo soberano fez doação d'ella em 1236 ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra; porém seu irmão D. Affonso III tornou a encorporal-a na corôa, attendendo a ficar proxima da fronteira. Mas d'ahi a pouco deu-a a seu filho, o infante D. Affonso, que a possuiu por bastantes annos até que nas disputas, que teve com seu irmão, el-rei D. Diniz, lhe foi tirada, e novamente encorporada na corôa.

Quando se tratou da questão do casamento d'el-rei D. Affonso V, então viuvo de sua primeira mulher, com sua sobrinha, a princeza D. Joanna de Castella, que, acabando de ficar unica herdeira de el-rei D. Henrique, seu pae, via a herança tão contestada e duvidosa, que só com auxilio estranho

se poderia conservar n'ella, foi em Arronches, que aquelle monarcha teve conselho com as pessoas principaes do reino sobre tão grave assumpto.

Decidido ahi este negocio em favor do dito consorcio, tambem foi na mesma villa, que o bello-rei D. Affonso v reuniu o exercito, com que entrou em Castella para sustentar os direitos d'essa infeliz princeza, que, não tendo por si a fortuna, despojada do throno, e annullado pelo papa o seu casamento por não ter sido precedido da necessaria dispensa, foi constrangida a encerrar-se, primeiramente no convento de Santa Clara de Santarem, e depois no de Santa Clara de Coimbra, onde fez profissão, cobrindo, mau grado seu, com o vco negro a fronte em que resplandeciam pouco antes duas corôas de rainha !

El-rei D. Pedro II fez marquez de Arronches a Henrique de Sousa Tavares, conde de Miranda, e alcaide-mór d'esta villa, cujo titulo veio depois a unir-se ao ducado de Lafões.

Concederam os nossos soberanos a esta villa mui singulares privilegios. D. Affonso IV deu-lhe o de não se fazerem penhoras aos habitantes nos objectos, que tivessem dentro da casa em que morassem, nem nos trigos destinados para sementes, nem nos bois de arado. D. João I o de não se levantarem ahi soldados, para ir militar para fóra da villa; o de poderem os pastores de todo aquelle termo, que é grande, trazer armas, excepto nos mezes de Julho, Agosto, e Setembro, permittindo-se aos moradores da villa trazerem-nas por todo o reino. D. Affonso V deu-lhe a prerogativa de não poder d'ahi em diante ser alienada da corôa, e determinou que não podessem ser vereadores as pessoas, que não tivessem cavallo seu. D. João II, finalmente, concedeu-lhe os seguintes privilegios: não poderem os seus habitantes ser obrigados a trabalhar nos muros, pontes, fontes, calçadas, ou outras quaesquer obras, que se viessem a intentar na villa, ou fora d'ella, quer por si proprios, quer por seus bens; não poderem ser constrangi-

*

dos a acompanhar presos, nem a servir cargos n'outro concelho, nem a ter armas, ou cavallos. Além d'estes teve ainda muitos outros privilegios, que se davam mais commummente ás terras, que os reis queriam favorecer.

A villa de Arronches foi praça de guerra, com boa cerca de muros, que resistiram ao assalto dado pelos hespanhoes na noite de 17 de Junho de 1712, na guerra em que Portugal então estava empenhado com Castella.

Ha na villa uma só parochia, cujo orago é Nossa Senhora da Assumpção. E' um bello templo, de bastante antiguidade, com tres portaes mui bem lavrados, e interiormente de tres naves sustentadas em seis columnas, além de duas menos altas, porém mais brincadas, em que se firma o côro. Tem hospital, e casa de misericordia : esta fundada no reinado de D. Manuel, e aquelle instituido no anno de 1372 pelo alcaide-mór, que então era de Arronches, Rui Gonçalves, e ao diante annexo á misericordia. Havia tambem aqui um pequeno convento de religiosos agostinhos descalços, da invocação de Nossa Senhora da Luz, construido em 1570. D'entre quatro ermidas, que ha na villa, sobresaê a do Espirito Santo, notavel pela sua muita antiguidade.

Faziam-se n'esta villa duas feiras annuaes, uma em domingo de Paschoella, e outra a 8 de Dezembro ; nenhuma das quaes vemos actualmente mencionadas no catalogo das feiras do reino.

O clima d'Arronches é em extremo quente, e a villa falta de aguas, não tendo dentro em si senão alguns poucos poços. Todavia o seu termo abunda em cereaes, legumes, algum vinho e azeite, e em montados, onde se criam bastantes porcos.

A população d'esta villa anda por mil e duzentas almas. Teve antigamente voto em côrtes com assento no banco nono, e tem por brasão d'armas um castello em campo de purpura.

A VILLA D'AVIZ.

No reinado de D. Affonso II era Evora o assento d'essa nobre ordem de cavallaria, que el-rei D. Affonso Henriques instituiu em Coimbra, para se auxiliar com ella na ardua empresa da expulsão dos mouros, a qual, ao principio subordinada á ordem hespanhola de Calatrava, e mais tarde declarada independente por Eugenio IV, a pedido do nosso rei D. Joao I, tão celebre se fez por acções de valor sob a denominação de *S. Bento d'Aviz*.

Correndo o anno de 1211, achando-se o termo da cidade d'Evora já desaffrontado da presença d'esses irreconciliaveis inimigos do nome christão, pediu o mestre d'aquella cavallaria, D. Fernão de Annes, a el-rei D. Affonso II, que lhe desse para assento da sua ordem um lugar mais fronteiro a terras de mouros, onde melhor podêsse cumprir os preceitos do seu instituto. O monarcha, cedendo a tão justo pedido, fez-lhe doação a 30 de Junho d'aquelle anno de um terreno, na mesma provincia do Alemtejo, distante seis leguas da raia da Estremadura, adaptado ao intento, tanto por ter na visinhança terras de infieis, como por ser bom sitio pela sua elevação para ali se fundar uma fortaleza.

Tinha a escriptura de doação por condições essenciaes, que o referido mestre não só levantaria n'aquelle lugar um castello, mas tambem fundaria junto d'elle uma povoação. E consta da mesma escriptura, que já n'esse tempo se dava áquelle sitio o nome de Aviz, proveniente, segundo a tradição, das muitas aves, principalmente aguias, que frequentavam e poisavam n'aquella eminencia.

Só passados tres annos é que se deu principio á fundação do convento e castello, concluindo-se, e fazendo-se a mudança sendo fallecido o mestre

D. Fernão de Annes, e governando a ordem o mestre D. Fernando Rodrigues Monteiro. Logo depois de acabados e povoados o convento e castello se começou a edificar e povoar a villa. O nome de Aviz, que se dava ao sitio, ficou-se dando tambem á villa, e á ordem, que até ali se intitulava *da Cavallaria de Evora*. O seu foral foi obra d'el-rei D. Diniz.

Como a povoação crescesse rapidamente á sombra dos muros de tão autorisada fortaleza, e sob a protecção de tão esforçados guerreiros, tratou-se de a cercar de muralhas e torres, com as seguintes portas: *do Anjo, Debaixo, d'Evora, de Santo Antonio, de S. Roque, e do Postigo*. As torres primitivas eram seis; porém nas guerras da restauração de 1640 demoliram-se duas para se construir com os seus materiaes dois reductos, conforme o moderno systema de fortificação. Estes fortes levantaram-se junto ás portas d'*Evora* e de *Santo Antonio*.

Com o tempo veio a povoação a trasbordar sobre o seu cinto de muros, estendendo-se para o norte, aonde formou um grande arrabalde com tres ruas, bem guarnecidas de casas.

Está pois a villa d'Aviz assentada em lugar elevado, sobre a ribeira do mesmo nome, onde tem uma boa ponte. Dista d'Evora oito leguas para o norte. Tem uma unica parochia, da invocação de Nossa Senhora da Orada, que se ergue no sitio mais alto da villa, e segundo a tradição a imagem da Senhora foi ali posta pelo condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

O principal edificio da villa é o antigo convento dos freires da ordem militar de S. Bento de Aviz, fundado, como acima dissemos, pelo mestre D. Fernão de Annes, e posteriormente reedificado. Está situado proximo da *porta do Anjo*, mas da parte de fóra dos muros da villa, correndo-lhe pelo meio da cerca a ribeira d'Aviz.

Tem mais Aviz hospital e casa de misericórdia, cinco ermidas nos arrabaldes, e duas fontes de boa agua.

Abunda o seu termo em cereaes, legumes, azeite, algum vinho, gados, grandes montados, muita caça, e mel.

A população d'Aviz pouco excede a mil quatrocentas almas. A 3 de Janeiro e a 18 de Agosto fazem-se aqui duas feiras, cada uma de tres dias.

Gosou antigamente de voto em côrtes, com assento no banco nono. O seu brasão d'armas, conforme se acha na Torre do Tombo, e o representa a estampa junta, é um escudo com a cruz verde d'Aviz em campo de oiro, e na parte inferior duas aguias. Todavia em uma das portas da villa, denominada *d'Evora*, do lado de fóra, vê-se pintado o seguinte quadro : A imagem de S. Bento, tendo aos pés o mestre D. Fernão de Annes a cavallo, com escudo embraçado, e um alfange na mão direita. Debaixo das mãos do cavallo está uma cabeça de moira, e para o lado direito duas aguias reaessobre uma azinheira.

Diz a lenda, que indo o referido mestre em procura de sitio para fundar o castello e convento, descobrira n'aquelle alto duas aguias poisadas sobre uma azinheira, e tomando d'isto bom agoiro, se resolvera a fazer ali a dita fundação, dando por este motivo áquelle logar o nome de Aviz ; e que em memoria d'este successo se introduziram as duas aguias nas armas da villa.

A CIDADE D'AVEIRO.

Assentada em terreno de mediana elevação, a cidade d'Aveiro espelha-se nas aguas de uma vasta ria, formada pelo rio Vouga, cuja foz lhe fica visinha, e pelas ondas do oceano, que, entrando por um esteiro em frente da cidade, lhe dão a vantagem de possuir um porto de mar, muito bom em outros tempos, e na actualidade bastantemente obstruido de arêas. Está situada em distancia quasi igual dos rios Douro, e Mondego, pois dista do primeiro dez leguas para o norte, e do segundo nove para o sul.

Abstrahindo d'essas historias, meio incertas, meio fabulosas, com que os nossos geographos fallam dos primeiros povoadores d'esta terra, ha todo o fundamento para crer, que, durante a dominação dos romanos na Lusitania, havia ali uma cidade florente com o nome de *Talabriga*.

Com as invasões, que se succederam á queda do imperio romano, e talvez ainda mais com a terrivel inundaçào dos sarracenos, que destruiu em toda a península iberica a monarchia dos godos, arriuou-se e despovoou-se completamente aquella cidade. E assim permaneceu por muitos seculos, pois que só no decimo quinto é que foi reedificada e novamente povoada pelo infante D. Pedro, duque de Coimbra, e filho d'el-rei D. João I, sendo regente do reino na menoridade de seu sobrinho, D. Affonso v.

Por essa occasião, não passando de uma simples villa, foi cingida de altos e fortes muros ameçados; porém a população, no seu crescente desinvolvemento, transpoz os limites, que a apertavam, e, dilatando-se para o norte e para o sul, formou arabaldes cheios de boa casaria, que não tardaram a constituirem-se em novos bairros da villa.

Em 1515 deu-lhe foral el-rei D. Manuel, con-

cedendo-lhe muitos privilegios e isempções. E a tão prospero estado chegou n'esse seculo, graças á capacidade, que então tinham o seu porto, e a sua barra, que no anno de 1550 contava doze mil habitantes, e possuia mais de cento e cincoenta navios, pela maior parte de alto mar, expedindo todos os annos não menos de sessenta para a pesca do bacalhau nos bancos da Terra Nova, e mais de cem carregados de sal para diversos portos.

O chuvoso e tempestuoso inverno de 1575, obstruindo-lhe de arêas o porto e a barra, deu principio á sua decadencia. Com o discurso do tempo aggravou-se de tal sorte este mal, que a sua facil barra, removida pelo movimento das arêas quinze milhas mais para o sul, tornou-se difficil e perigosa; os fertilissimos campos d'Aveiro, que chegaram a produzir em alguns annos trinta mil moios de trigo, e as suas celebradas marinhas, d'onde se tiravam annualmente de doze a dezeseis mil moios de sal, ou se esterilizaram, cobrindo-se das mesmas arêas; ou, alagados, se converteram em terrenos pantanosos e insalubres, que tanto concorreram para se ir despovoando Aveiro.

No principio d'este seculo tratou seriamente o governo de prover de remedio a tão grande mal, encarregando o brigadeiro Oudinot, e o tenente coronel Luiz Gomes de Carvalho, dois engenheiros distinctos, de confeccionarem um plano de obras conducente ao fim proposto. Encetaram-se os trabalhos em 1802, e concluíram-se em 1808, deixando construido um dique de mil duzentas e dez braças de comprimento, setenta e dois palmos de largura, e altura superior ás mais elevadas marés; em cuja obra se despendeu mais de cem contos de réis.

Com este dique melhorou muito o porto e a barra, e por conseguinte melhoraram tambem os campos e as marinhas de sal. Animou-se o commercio e a navegação, e Aveiro, então já elevada á cathegoria de cidade, e sede episcopal, por el-rei D. José, readquiriu, em grande parte, os dias da

sua passada prosperidade. Todavia, como depois que se acabou aquella importante obra hydraulica não se cuidou mais da sua conservação, tornaram as arêas a accumular-se no porto e na barra, com grave prejuizo da navegação e commercio. Ha tempos que se emprehenderam, e continuam ao presente, trabalhos de melhoramento.

Divide-se a cidade d'Aveiro em cinco bairros, contando entre estes o chamado arrabalde. O mais antigo ainda se vê cingido com os muros, que lhe levantou o infante D. Pedro, duque de Coimbra. Um esteiro, ou braço de mar, separa a cidade em duas partes, facilitando a comunicação duas pontes de pedra, sendo uma d'ellas de melhor fabrica.

Tem quatro egrejas parochiaes : a sé, no bairro antigo ; a da Vera Cruz, que é um bom templo de tres naves, no bairro do norte ; a do Espirito Santo, de antiga architectura, no do sul ; e a de Nossa Senhora da Apresentação, que outr'ora tinha por orago a S. Gonçalo, edificada no lado do sul. Nos districtos d'estas freguezias ha quatorze ermidas.

A egreja da misericordia, de architectura moderna, é um grande e bello templo ; e o seu hospital é tambem um bom edificio.

Conta a cidade d'Aveiro seis conventos, tres de freiras, que ainda estão povoados, e tres, que pertenceram ás extinctas ordens de religiosos. D'aquelles o mais autorizado é o real mosteiro de Jesus, de religiosas dominicanas, no qual lançou a primeira pedra el-rei D. Affonso v no anno de 1462, e aonde depois se recolheu sua filha, a princeza Santa Joanna, fallecendo no habito de freira, mas só com voto simples, por lhe não consentirem votos solemnes, em razão de ser herdeira presumptiva da corôa, na falta de seu irmão, o principe D. João, depois rei, segundo do nome. O corpo da santa princeza está n'um rico sepulchro.

O convento da Madre de Deus, de religiosas da terceira ordem de S. Francisco, edificado em 1644, em cuja egreja se admira um bello retabolo.

O convento de S. João Evangelista, de religiosas carmelitas descalças, fundado em 1658 pelo duque d'Aveiro, D. Raymundo de Lencastre, nos paços, que ahi possuia. Está situado na parte mais antiga da cidade, forma um grande quadrado, com quatro frentes apalaçadas, que terminam em quatro torres, mais elevados e ponteagudos.

Os conventos de frades eram os seguintes: o de Nossa Senhora da Misericordia, fundado dentro dos muros pelo infante D. Pedro, duque de Coimbra, no anno de 1423; e fora d'elles o de Santo Antonio, de frades menores da Provincia da Soledade, com uma linda cêrca abundante d'agua e arvoredos, edificado em 1524, e reconstruido nos annos de 1564, e 1583; o de Nossa Senhora do Carmo, de carmelitas descalços, tambem com bonita cêrca, fundado em 1613 por D. Brites de Lara, mulher de Pedro de Medicis, irmão do grã-duque de Toscana. A egreja d'este convento é vasta, e está construida com grandeza. Na capella-mór, do lado do Evangelho, descansa a fundadora em um magnifico mausoleo de marmores de côres.

No bairro antigo ha um recolhimento de terceiras de S. Francisco, e junto do convento de Santo Antonio uma egreja de terceiros tambem de S. Francisco.

Aveiro tem casas nobres de agradavel apparencia, bom caes de pedra, aonde chegam os navios, alfandega, e um passeio formosissimo tanto pelas arvores gigantescas, que o adornam, como pelas vistas apraziveis, que d'elle se desfructa. E' uma frondosa alameda, situada na parte alta da cidade, entre a porta de Vagos e o convento de Santo Antonio.

A cidade é abastecida de agua por cinco fontes, das quaes a principal é a da Ribeira, que serve de ornamento a uma praça junto do esteiro. Vem-lhe a agua de longe por um bom aqueducto sobre arcos.

Os suburbios d'Aveiro são mui formosos pelas hortas, quintas, arvoredos, e fontes, que n'elles ha, e pelos lindos panoramas, que de muitos pon-

tos se destructam. A ria, com as suas nove leguas de comprimento, desde Ovar até Mira, correndo parallelamente ao oceano, e apenas separada d'elle por uma larga restinga de areia, e continuamente sulcada por uma infinita quantidade de barcos de diversos tamanhos e feitios; vastas campinas, retalhadas pelos esteiros ou braços, que a ria alonga por essas planicies sem fim, parte cultivadas, parte aproveitadas em marinhas de sal; ao longe a immensidade do oceano; e para o interior bosques e serras longinquoas, elevando-se umas sobre outras em amphitheatro; taes são os variados quadros, que se gosam dos sitios mais altos da cidade, e dos seus arrabaldes.

O termo d'Aveiro é fertilissimo. Tem boas pastagens aonde se criam muitos gados, e entre estes excellentes cavallos. Produz grande copia de cereaes, arroz, legumes, vinho, e fructas. Porém o sal e as pescarias constituem as suas mais valiosas producções, e o ramo mais importante do seu commercio. Em 1851 o districto d'Aveiro produziu mil quatrocentos quarenta e cinco moios de arroz, e vinte mil quatrocentos quarenta e cinco moios de sal. N'esse anno demandaram o seu porto duzentos e cincoenta navios e embarcações costeiras, cujas toneladas prefazem a somma de quinze mil oitocentas e quarenta; e saíram trezentos e dezoito (*).

Aveiro tem duas feiras annuaes muito concorridas, e de bastante movimento commercial, uma aos 25 de Março, e a outra no 1.º de Novembro.

Todas as cercanias da cidade são abundantissimas de caça, principalmente de aves aquaticas e de arribação, de differentes especies, que ás vezes cobrem as ilhotas e esteiros da ria. E d'esta prodigiosa quantidade de aves, querem os etymologistas que se derive o nome da cidade.

No antigo regimen gosava Aveiro da prerogati-

(*) Veja-se o Almanak de Portugal do senhor Valdez.

va de enviar procuradores ás côrtes, os quaes tinham assento no banco setimo; e além d'este desfructou muitos e singulares privilegios, concedidos por quasi todos os nossos soberanos desde el-rei D. Diniz, que fez as primeiras diligencias para atrahir moradores ás ruinas da antiga Talabriga, até el-rei D. João iv. Aveiro conta uns quatro mil e duzentos habitantes.

O seu brasão d'armas, como se acha na Torre do Tombo, d'onde é copiado o desenho, que se vê no numero antecedente, é, n'um escudo, sobre campo verde, duas estrellas, duas meias luas, e um cisne sobre agua. Entretanto em diversas obras, que temos á vista, achamos a seguinte descripção das suas armas: «No meio do escudo as quinas reaes; do lado direito uma aguia parda com as azas estendidas (que se collige lhe dariam os romanos), metida entre duas meias luas, e duas estrellas prateadas, e postas em aspa (insignias sem duvida das navegações dos seus naturaes); e no lado esquerdo a esphera de el-rei D. Manuel, que lhe deu o foral no anno de 1515.»

Aveiro foi patria de muitos varões, que se distinguiram por actos de virtude, por letras e saber, por viagens e descobrimentos, e, emfim, por acções de coragem e valor. Iriamos muito longe, se pretendessemos fazer o catalogo dos seus nomes, e obras. Diremos, porém, que aos filhos d'Aveiro se deve a descoberta da península na costa septentrional da America, chamada a *Terra Nova*, aonde depois foram por longa serie de annos fazer a pesca do bacalhau, com grande proveito seu, e utilidade da sua cidade natal.

Aquelle celebre navegante, João Affonso d'Aveiro, que tão importantes descobrimentos fez na costa d'Africa, durante o reinado de el-rei D. João II, era natural d'Aveiro. Foi este intrepido viajante, que entranhando-se pelo sertão d'Africa, e trazendo de lá a Portugal mui curiosas noticias, amostras de varias produções do oriente, e um embaixador, do, pelo vulgo denominado, Preste João, fez nas-

cer o primeiro pensamento da descoberta da carreira da India, que o immortal Vasco da Gama teve a fortuna de realisar no seguinte reinado.

A VILLA DOS ARCOS DE VAL DE VEZ.

E' muito antiga a origem d'esta villa. Pretendem alguns autores, que no tempo dos romanos fôra uma povoação importante com o nome de *Arcobrica*. O que é certo é que já existia no reinado de el-rei D. Affonso Henriques, ao qual se attribue a fabrica primitiva dos arcos, que se vêem na sua praça principal.

Dizem alguns escriptores, que o seu nome actual se deriva d'estes arcos, e da situação da villa proximo do rio Vez. Porém outros querem que provenha dos arcos triumphaes, que os seus moradores levantaram a el-rei D. Manuel, quando por ahi passou em romaria a Santiago de Galliza; por cuja occasião lhe deu foral.

No anno de 1128, antes da acclamação de Affonso Henriques como rei de Portugal, alcançou aqui este principe uma grande victoria contra os castelhanos.

Está assentada a villa dos Arcos na provincia do Minho em lugar um pouco elevado, perto do rio Vez. Tem uma unica parochia, dedicada ao Salvador, cujo templo foi reedificado por D. Pedro II nos fins do seculo XVII. A igreja da misericordia, fundada em 1595, passa por uma das melhores de toda a provincia.

Contam-se na villa e suburbios varias ermidas, a algumas das quaes concorrem muitos cirios em diversas epochas do anno. Tambem possuia um pequeno convento de frades capuchos da provincia de Santo Antonio, dedicado a S. Bento, e construido em 1678.

Além da praça do pelourinho, guarnecida de casas sobre arcadas, tem esta villa tres bellos campos, o primeiro entre a igreja parochial e a do Espirito Santo; o segundo no meio da povoação, ao qual faz frente a casa da camara; e o terceiro con-

tiguo á porta de S. Braz. O pelourinho é uma boa obra. Muitas fontes de excellente agua abastecem abundantemente esta povoação.

Os arrabaldes são mui formosos. Por todos os lados corre agua, e se elevam frondosos arvoredos. As margens do Vez são encantadoras. Todo o termo dos Arcos é fertilissimo, tanto pela abundancia dos mananciaes, como pela qualidade do torrão, que é do melhor da provincia. Criam-se n'el-le muitos gados, e produz grande quantidade de ceraes, principalmente milho, legumes, vinho, fructas, hortalicas, e linho. A caça é muita, variada, e excellente. No rio pescam-se trutas, cirozes, bogas, e escallos.

E' esta villa cabeça de condado desde o tempo de Philippe IV de Castella, que fez primeiro conde a D. Lourenço de Brito e Lima, cuja descendencia se extinguiu em seu filho. Foi terceiro conde D. Thomaz de Noronha, d'onde procedem os actuaes condes.

Conta esta villa perto de mil e setecentos habitantes. O seu brasão d'armas, como se acha na casa da camara, é o escudo das armas reaes entre a esphera armilar, e a cruz da ordem de Christo, que são as divisas de el-rei D. Manuel.

A CIDADE DE BEJA.

A fundação d'esta cidade attribue-se aos celtas, os mais antigos povoadores das Hespanhas de que ha noticia. Dizem que os carthaginezes a occuparam ; porém o que é fora de toda a duvida é que, senho- reada pelos romanos, esteve muitos annos sob o seu dominio ; e tanto floreceu n'essa epoca, que lo- grou a preeminencia de ser um dos tres conven- tos juridicos da Lusitania.

Destruido o imperio romano, esteve sujeita pri- meiramente aos suevos, e depois aos godos. Sob o governo d'estes ultimos foi erecta em sede epis- copal.

No começo do seculo viii, correndo o anno de 715, seguiu a triste sorte das mais terras da pe- ninsula, recebendo o jugo musulmano. Depois, n'es- sa lucta gigantesca, e sem treguas, que durante se- culos fez de todo o solo das Hespanhas um vasto campo de batalha, correu fortuna varia a cidade de Beja, sendo agora christã para logo ser outra vez moira. O primeiro rei catholico que a dispu- tou e ganhou aos arabes foi D. Affonso i, rei de Leão e das Asturias, no anno de 750. Retomada pelos sarracenos, foi novamente resgatada por D. Ordonho ii em 914, que a perdeu pouco depois, tornando a ser recuperada em 1038 por el-rei D. Fernando Magno. Caída de novo em poder dos ara- bes, conquistou-a primeira e segunda vez o nosso rei D. Affonso Henriques, em 1155, e em 1162. Desde este tempo ficou para sempre christã.

Não se sabe qual foi o nome, que teve anterior- mente ao dominio dos romanos. Julio Cesar deu- lhe o nome de *Pax-Julia* em commemoração da paz, que acabava de celebrar com os lusitanos. O seu successor Octaviano Augusto quiz que se cha-

masse *Pax-Augusta*, porém o primeiro é que prevaleceu, e se conservou até á invasão dos moiros, que o foram corrompendo em *Paché*, depois *Baxu*, e finalmente *Beja*.

Pelo effeito natural das guerras, que padeceu, foi-se despovoando e empobrecendo, de sorte que no tempo dos nossos primeiros reis estava reduzida ás condições de uma pequena villa.

El-rei D. Affonso III deu-lhe foral, e cercou-a de muros em 1253, para cuja obra se serviu dos materiaes da celebre via militar, construida pelos romanos. El-rei D. Diniz mandou-a povoar, e edificou-lhe o castello.

D. João II fel-a cabeça de ducado em favor de seu primo, D. Manuel; e este principe, tendo-lhe succedido no throno, elevou Beja á sua antiga cathedra de cidade em 1512. O infante D. Luiz, segundo filho de el-rei D. Manuel, foi creado por seu pae duque de Beja, e desde então ficou pertencendo este titulo aos filhos segundos dos nossos reis. Tendo determinado o immortal duque de Bragança, o Senhor D. Pedro, quando foi regente na menoridade de sua augusta filha, que, em galardão á cidade do Porto, se intitulasse duque d'ella o filho segundo do monarcha portuguez, passou o ducado de Beja para o immediato, por cuja razão goza hoje d'este titulo o serenissimo infante D. João.

No antigo regimen mandava esta cidade os seus procuradores ás côrtes, aonde tinham assento no banco terceiro. Eram seus alcaides-môres os marquezes das Minas.

Beja é sede episcopal, e capital de um districto administrativo na provincia do Alemtejo. Está situada em um terreno alto, que de muita distancia vae subindo gradual e quasi insensivelmente. Dista d'Evora onze leguas para o sudoeste, e quatro de Serpa para o noroeste.

Divide-se a cidade em quatro parochias, todas anteriores ao seculo XIV. A mais antiga é a matriz, Santa Maria, chamada da Feira. E' tradição

que fôra mesquita dos moiros. Está no centro da cidade. As outras freguezias são : S. João Baptista, templo de muita antiguidade ; a do Salvador, e a de Santiago.

A casa da misericórdia foi fundada e dotada pelo infante D. Luiz, filho de el-rei D. Manuel. O seu templo é grandioso, bem como o hospital, que lhe está annexo, que é obra do infante D. Fernando, pae de el-rei D. Manuel.

O collegio de S. Sisenando, que pertenceu aos jesuitas, foi fundado em 1670 na *rua Cega*, aonde aquelle santo morou. Não estando concluido, ao tempo da extincção d'esta ordem, continuou-se para servir o templo de sé, e o convento de paço do bispo. Actualmente está occupado pela camara, celeiro publico, e outras repartições. Guardam-se n'este edificio varios objectos d'antiguidade, que attestam a dominação dos romanos, e a florecencia de Beja n'essa remota epoca.

Antes da extincção das ordens religiosas, em 1834, contavam na cidade e suburbios tres conventos de frades, e tres de freiras. Aquelles eram : o de S. Francisco, edificado pela rainha Santa Isabel em 1324 ; o dos carmelitas calçados, fundado sobre um oiteiro a um quarto de legua dos muros de Beja, no anno de 1526 ; e o de Santo Antonio, de capuchos, construido junto às muralhas no anno de 1609. Os de religiosas são : o de Nossa Senhora da Conceição, de freiras franciscanas, situado na *rua dos Infantes*, e que teve por fundadores os infantes D. Fernando, e D. Brites, paes de el-rei D. Manuel, que jazem na capella-mór ; o de Nossa Senhora da Esperança, de carmelitas calçadas, edificado em 1541 ; e o de Santa Clara, de franciscanas, fundado a pequena distancia dos muros no anno de 1340. Estes tres ainda estão habitados.

Conserva-se ainda em bom estado uma grande parte das muralhas da cidade, com suas torres. De quarenta, que eram estas, restam vestigios de trinta. Abriam-se em toda esta cerca de muros sete portas, de que existem cinco, chamadas *d'Evora*,
★

d'Aviz, de Moura, de Mertola, e de Aljustrel, pelas quaes saem as estradas, que conduzem ás povoações, que lhes dão o nome. Entre estas antigas fortificações vêem-se ainda de pé algumas partes mui curiosas pela sua forma e construcção. A torre, denominada — *a grande*, que se ergue junto á porta d'Evora, é um bello monumento, e perfeitamente conservada.

Beja tem muitas casas nobres, mas não possui fonte alguma. A agua de que se abastecem os seus moradores é tirada de poços; porém é de excellente qualidade.

Os arrabaldes não são formosos, porque consistem em dilatadissimas campinas, sem accidentes de terreno, nem contrastes, e cuja principal cultura é trigo. Comtudo em torno da cidade ha bastantes hortas, e ao longe extensos bosques de azinheiros, sobreiros etc. Em compensação a sua fertilidade é extraordinaria. Achamos memorias do seculo passado, que dizem que o dizimo do trigo, que a mitra archiepiscopal d'Evora recebia annualmente do termo de Beja, regulava por trinta mil moios. Além de trigo e outros cereaes, abundam em azeite, algum vinho, e grandes montados, aonde se criam muitos rebanhos, ou, fallando mais adequadamente, muitas varas de porcos. Todos aquellos contornos são ricos de caça variada, e de mineraes, infelizmente não explorados.

A posição elevada da cidade, desaffrontada de montanhas, e de mui suave accesso, dá-lhe a vantagem de gosar de purissimos ares, os mais proficuos de Portugal para as molestias de peito. Pela mesma razão se desfructa de muitos pontos da cidade um dilatadissimo panorama, chegando-se a descobrir o castello de Palmella a dezoito leguas de distancia.

A 10 de Agosto faz-se na praça de Beja uma feira mui concorrida, e de grande commercio. A população da cidade eleva-se a cinco mil e trezentas almas.

Beja foi patria de S. Sisenando, que padecera

martyrio em Cordova no anno de 851 ; de Antonio de Gouvêa, que foi lente em varias universidades estrangeiras, e morreu em Turim, em 1563 ; de Amador Arraes, de Jacinto Freire de Andrade, e de José Agostinho de Macedo, nosso contemporaneo, e todos tres distinctissimos escriptores.

O seu brasão d'armas é um escudo com uns muros torreados á parte direita, e á esquerda uma cabeça de toiro até ao pescoço, sustentando as armas reaes de Portugal, com uma aguia de cada lado.

A VILLA DE BARCELLOS.

Não consta ao certo a origem d'esta povoação, mas sabe-se que é antiquissima. Foi cidade no tempo dos romanos, e chamava-se *Aguas Celenas*, por correr junto d'ella o rio Celano, denominado *Cavado* pelos arabes, nome que ainda conserva.

Com as invasões e guerras, que assolaram a Lusitania, na entrada dos povos do norte, e depois na dos arabes, arruinou-se por tal modo a cidade, que veio a ser objecto de questão o sitio aonde existia, querendo uns que fosse no lugar que actualmente occupa Barcellos, opinião mais seguida, e julgando outros que estivera situada na foz do rio, d'ali duas leguas.

No tempo d'el-rei D. Affonso Henriques já existia a povoação actual, pois que este monarcha lhe deu o foral, que el-rei D. Manuel reformou.

Sobre a etymologia do seu nome discordam os autores. Dizem uns, que se deriva de *Barracelos*, porque foi conhecida antigamente, e equivalia a *Barra Celani*, barra do rio Celano. Outros affirmam que provém de uma barca de passagem, que ali houve no seu principio, a que chamavam *Barca Celi*. Alguns querem que os mouros lhe pozeram o nome de *Barcelenos*, por lhe attribuirem a mesma origem da cidade de Barcelona, na Catalunha.

Está situada a villa de Barcellos na margem direita do rio Cavado, distante do oceano duas leguas, de Braga tres, e do Porto sete.

D. Affonso, filho legitimado d'el-rei D. João I, que foi conde e senhor de Barcellos, e depois primeiro duque de Bragança, cercou a villa de grossos muros com duas elevadas torres, quatro portas, e tres postigos. Tambem fundou n'ella um palacio, aonde por vezes assistiu, e que seus succes-

sores reedificaram. D'este monumento ainda se mostram estimaveis reliquias.

Tem a villa dentro em si uma só parochia, e outra no arrabalde chamado Barcellinhos. Aquella, da invocação de Santa Maria Maior, é uma das mais celebres collegiadas do reino, com cinco dignidades e oito conegos. Deve a sua fundação a D. Fernando primeiro do nome, e segundo duque de Bragança.

Possue esta villa uma boa egreja e hospital da misericórdia, varias ermidas, algumas casas nobres, tres chafarizes de excellente agua, além de quatro nos arrabaldes. São estes muito lindos pelo bem cultivado dos campos, e pelas deliciosas margens do Cavado, que é atravessado em frente da villa por uma bella ponte de pedra.

O termo de Barcellos produz bastantes cereaes, principalmente milho e centeio, legumes, vinho, linho, fructas etc. Cria-se n'elle muito gado, e abunda em caça de variadas especies. Pescam-se no rio lampreias, salmões e outros peixes.

Conta esta villa perto de quatro mil habitantes. Acha-se hoje ligada ás cidades do Porto e Vianna do Castello por uma nova e bem construida estrada, em que anda uma carreira regular de diligencias.

Barcellos foi a primeira cabeça de condado, que houve n'este paiz depois da fundação da monarchia. El-rei D. Diniz deu este titulo a D. João Afonso de Menezes, que foi seu mordomo-mór; e por morte do segundo conde, filho d'este, fez o mesmo soberano mercê do titulo a seu filho bastardo, D. Pedro, o autor do celebre Nobiliario. Depois de ter andado em pessoas de outras familias, veiu o condado de Barcellos a recair no condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e pelo casamento de sua filha unica, D. Brites, com D. Affonso, filho legitimado d'el-rei D. João I, incorporou-se na casa de Bragança, aonde se conserva, tendo sido elevado a ducado por el-rei D. Sebastião em favor dos filhos primogenitos d'esta augusta familia.

No antigo regimen gosou Barcellos da prerogativa de mandar procuradores ás côrtes, os quaes

se sentavam no banco decimoquarto. O seu brasão d'armas foi-lhe dado por D. Affonso, primeiro duque de Bragança. Conforme se acha na Torre do Tombo, consiste em um escudo azul com uma ponte e uma arvore com pomos de oiro : por cima dois castellos de prata, e sobre estes tres escudos, nos dois dos lados as quinas de Portugal, e no do meio uma aspa vermelha em campo de prata, que era a divisa de D. Affonso.

Entretanto o brasão que se vê em Barcellos na torre da casa da camara differe d'este em ter sobre a ponte uma só torre, e junto uma ermida, com a arvore á porta. No mais é egual.

A VILLA DE BENAVENTE.

Não são concordes os nossos antiquarios sobre o lugar em que estava assentada a cidade romana, chamada *Aritium Pretorium*, por onde passava em direcção a Merida uma das tres vias militares, com que os romanos cortaram a Lusitania. Comtudo boas autoridades sustentam a opinião de que a villa de Benavente occupa o sitio da antiga *Aritium Pretorium*.

A fundação da villa actual não é mais conhecida. Apenas se sabe, que já existia no reinado de el-rei D. Sancho 1, pois que foi ali que este monarcha confirmou a ordem militar de Aviz no anno de 1200. E n'este mesmo anno lhe deu foral o bispo d'Evora D. Paio.

Acerca da etymologia do seu nome escrevem alguns autores, que o modo porque a fortuna favoreceu os christãos na occasião de a tomarem aos mouros, que a defendiam obstinadamente, fez com que os novos senhores denominassem aquella sua façanha — *bene eventus*, feliz successo ; e que d'aqui viera o nome á terra.

Está situada a villa de Benavente na provincia do Alemtejo, proximo da raia da Estremadura, em uma pequena elevação, que domina mui vastas campinas, que se estendem para este. Dista quatro leguas da villa de Coruche, e sete da de Aldéa-Galleja.

Tem uma só parochia, fundada no meio da povoação, e cujo orago é Nossa Senhora da Graça. Em uma das paredes d'esta egreja está embebida uma pedra com dois escudos d'armas : um, pertencente á familia dos Sequeiras, tem cinco vieiras, e assenta sobre a cruz d'Aviz : o outro tem no centro uma bandeira vermelha e a cruz d'Aviz, verde, e aos lados uns cordões, ou correntes, tambem verdes. Este é o brasão d'armas de Benavente. Por

cima do escudo lê-se — *Ariz — Benavente*; por baixo — *Estes paços mandou fazer o mestre D. Fernando de Sequeira Anno de 1403.*

Benavente pertencia á ordem de S. Bento d'Aviz, e esta pedra, que outr'ora se achava nos paços que aquelle mestre da ordem aqui fundou, caindo o edificio em muita ruina, mandou-a d'ali tirar, e collocar na parochia, para que não viesse a perder-se, o prior Caetano José da Rocha.

Tem esta villa hospital e casa de misericordia, que é um templo pequeno, que foi anteriormente ermida do Espirito Santo. Dentro da povoação e nos arrabaldes ha quatro ermidas.

A ribeira do Sorraya, que lhe passa junto, e que a pouca distancia se lança no Tejo, causa no inverno muitas inundações, que ás vezes se augmentam com as cheias d'este ultimo rio, deixando depois vários pantanos, que fazem aquelle clima muito sazonatico. Logo ao sair da villa ha uma comprida e bella ponte.

Benavente só tem uma fonte de boa agua; todas as mais são más. A'quella, chamada *Bica da Casa*, attribue o doutor Francisco da Fonseca Henriques, no seu *Aquilegio Medicinal* virtudes mui singulares, entre outras a de fazer fecundas as mulheres estereis!

Não longe tem esta villa um pequeno porto sobre o Tejo. Proximo está a celebre quinta da Foz, com bom palacio, a qual pertenceu aos marqueses de Cascaes, e que pela extincção d'esta illustre familia, descendente do grande chancellor-mór João das Regras, passou para a casa dos senhores marqueses de Niza, que actualmente a desfructam. Esta importante propriedade pagava de dizimo, antes da abolição d'este tributo, uns annos por outros cem moios de trigo.

Todo o termo de Benavente é de bastante fertilidade. A principal cultura d'esses terrenos consiste em trigo e cevada, de que exporta avultadissimas quantidades, que veem ao mercado de Lisboa. Todavia tambem produz não pouca copia de legumes, azeite, vinho, e fructas. As visinhanças do

Tejo fazem-a abundante de pescado, e os montes que se erguem para leste de variada caça.

A população de Benavente anda por duas mil almas. De algumas casas da villa, e principalmente da torre da egreja parochial descobre-se um dilatadissimo horisonte. Avistam-se d'ahi as villas de Salvaterra dos Magos, de Santarem, do Cartaxo, d'Azambuja, d'Alemquer, e todas as povoações da margem do norte do Tejo até Lisboa.

A VILLA DE BERINGEL.

Na provincia do Alemtejo, a duas leguas de distancia da cidade de Beja, para o poente, está edificada a pequena vella de Beringel na encosta de um monte, que olha para o norte.

A noticia mais antiga, que se encontra da sua existencia, data do anno de 1223, no qual el-rei D. Affonso III fez doação d'ella ao mosteiro d'Alcobaça. Tendo-a incorporado na corôa el-rei D. Affonso V, no anno de 1477 por troca que fez com aquelle mosteiro, deu-a em 1497 a Ruy de Sousa, pae do primeiro conde do Prado, ascendente dos marquezes das Minas. Porém el-rei D. Manuel é que lhe concedeu o seu foral de villa aos 23 de Novembro de 1519.

Consta esta povoação de uma só parochia, intitulada de Santo Estevão. E' templo antigo, de tres naves, e na sua primitiva foi egrêja de um mosteiro de frades bernardos, do qual se descobrem ainda vestigios. Em uma das capellas estão sepultados Ruy de Sousa, e sua mulher D. Branca de Vilhena.

Tem hospital e casa de misericordia, e nos arrabaldes quatro ermidas.

Abastecem a villa quatro fontes de excellente agua, chamadas — *da Andreza, do Marquez, de Palhaes, e Fonte Velha*. O pequeno rio Gallego rega e fertilisa-lhe os campos dos seus suburbios, que produzem cereaes, legumes, azeite, vinho, e fructas, e conteem bellas pastagens, em que se cria bastante gado. Na serra das Pedras, que lhe fica visinha, ha muita abundancia de perdizes e coelhos.

A villa de Beringel tem por brasão d'armas em campo vermelho um braço de oiro com azas, empunhando na mão uma espada.

A VILLA DE BORBA.

Na provincia do Alemtejo meia legua ao poente de Villa Viçosa, e a duas leguas de Estremoz, está assentada a villa de Borba em um valle formoso e ameno.

Pretendem alguns antiquarios, que tivera por primeiros fundadores aos gallos celtas. Nas diversas invasões, que a Lusitania padeceu, esteve por largos annos subjeita ao dominio de Roma, depois do dos godos e outros povos do norte, que, destruindo o imperio romano, avassallaram toda a peninsula hespanica, e d'estes passou ao dos árabes, que a seu turno os venceram, e desalojaram das terras conquistadas.

Correndo o anno de 1217 resgatou-a do poder dos infieis el-rei D. Affonso II, e ficou desde então parte integrante da monarchia portugueza. Arruinada e abandonada por esta occasião pelos seus moradores, o mesmo monarcha a mandou reedificar e povoar de novo. Deu-lhe foral el-rei D. Diniz, e geralmente se lhe attribue a fundação do seu castello. Todavia, uma pedra com dois malhos n'ella esculpidos, e a tradição de que junto á villa, no sitio hoje chamado os Mosteiros, existira um convento de templarios, dão algum fundamento para se suppor, que o castello foi obra d'estes, e não de el-rei D. Diniz, que talvez tamsómente o reparasse.

Dizem os etymologistas, que o nome de Borba se deriva de um grande barbo, que appareceu em epoca remota em uma fonte, que está dentro do castello; e allegam para prova o brasão d'armas da villa, em que figuram dois d'aquelles peixes.

Divide-se a povoação em duas parochias; uma da invocação de Nossa Senhora do Soveral, e outra dedicada a S. Bartholomeu. A primeira, que é a matriz,

é um bom templo de tres naves, sustentadas por quatorze columnas de marmore branco, sete de cada lado; e com um bello portal, tambem de columnas. Foi edificada no anno de 1401 por D. fr. Fernando Rodrigues de Sequeira, mestre da ordem militar de Aviz, á qual esta egreja pertencia.

A outra parochia é de uma só nave, e de construcção muito mais moderna. Está no seu districto o convento de Nossa Senhora das Hervas, ou das Servas, de religiosas franciscanas de Santa Clara, fundado pelos annos de 1600. Tambem tinham na mesma freguezia um collegio os religiosos de S. Paulo, primeiro eremita, principiado em 1704.

O hospital e casa da misericordia estão situados dentro do castello. O templo d'esta foi reedificado no começo do seculo passado. Os outros templos da villa são: a capella dos terceiros de S. Francisco, e as ermidas de Santo Antonio, e de S. Sebastião. Porém fora dos muros ha mais cinco ermidas.

O velho castello ergue-se junto das muralhas da villa para o lado do nascente. Tem-no meio uma praça, para onde deita uma alta torre quadrangular, em que se vêem uns toscos e mal distinctos caracteres, e os dois malhos esculpidos, a que acima nos referimos.

Tem Borba ruas espaçosas e boas, e a sua casa da camara é um dos melhores edificios municipaes de todo o reino. Abastecem-a de excellente agua muitas fontes dentro e fora de seus muros. Extrema-se de todas pela grandeza da fabrica, e belleza da architectura, a que o antigo senado da camara mandou fazer em 1781. Este esbelto chafariz está collocado em um espaçoso largo, ao sair da villa. E' todo de marmore branco, com cinco bicas, e tres tanques. Entre muitos ornatos esculpidos com perfeição avulta o busto da rainha D. Maria I, então reinante.

A abundancia d'agua d'estas fontes, de que se forma uma pequena ribeira, faz os arrabaldes mui férteis e vigorosos, povoados de muitas hortas e pomares, e algumas bonitas quintas, ornadas de fron-

dosos arvoredos. E' notavel entre estas ultimas a dos senhores condes das Galvêas. E' tambem celebrado pela sua linda floresta o extincto convento de Nossa Senhora da Consolação, que pertencen aos religiosos capuchos, da provincia da Piedade, e que é conhecido em todo o Alemtejo pelo nome popular de—convento do Bosque. Foi fundado em 1505 pelo duque de Bragança D. Jaime. Fica a um quarto de legua da villa. E' uma estancia deliciosa pela magestade das arvores seculares, que assombreiam a cêrca, e pela copia e frescura das aguas, que ali correm em fontes, e levadas, ou se despenham em cascata.

Do alto de um monte, que bem merece o nome, que tem, de Boa-Vista, visinho ao convento, goza-se de um panorama admiravel. Avistam-se d'ahi as villas de Veiros, Evoramonte, Estremoz, Fronteira, Cabeço de Vide, Monforte, Villa Boim, Terugem, Jerumenha, Villa Viçosa, e a cidade de Portalegre; e em Hespanha Olivença, Villa Real, e S. Jorge.

O concelho de Borba produz cereaes, muito azeite, algum vinho, e fructas. Nas suas montanhas ha ricas pedreiras de marmores, principalmente branco e azul, da mais fina qualidade. De uma d'estas pedreiras foram levados para Evora, na primeira metade do seculo passado, todos ou quasi todos os riquissimos marmores, de que se reconstruiu a sumptuosa capella-mór da sé d'esta cidade. Dizem autores antigos, que tambem nas mesmas montanhas existem minas de prata, e se encontram turquezas e outras pedras preciosas.

No primeiro de Novembro faz-se em Borba uma feira de tres dias, a que concorre muita gente. A população d'esta villa excede a tres mil almas.

A villa de Borba tinha voto nas antigas côrtes; tomando os seus procuradores assento no banco decimo quinto. Ha diversas opiniões sobre o seu verdadeiro brasão d'armas. Querem uns, que seja um castello e ao pé uma fonte com um barbo. Outros dizem, que é um rochedo sobre agua, da qual saem dois barbos, e assim está pintado na Torre do

Tombo. A opinião que achamos mais seguida é a que se conforma com a estampa junta — um escudo simplesmente com dois barbos a sair d'agua.

A CIDADE DE BRAGA.

Capital da provincia do Minho, sede do arcebispo primaz das Hespanhas, córte dos reis suevos, florecente municipio dos romanos, a cidade de Braga é uma das mais antigas e mais illustres povoações de Portugal, e de toda a peninsula hespanica.

Attribue-se a sua fundação aos gallos celtas duzentos e noventa e seis annos antes do nascimento de Christo. Estes primeiros povoadores vieram ao diante a denominarem-se *bracaros*, dizem que por causa de uma especie de calças curtas de que usavam, chamadas *bracas*, e parece que d'aqui se derivou o nome de *Bracara* para a sua cidade, depois corrupto em Braga.

Não se passou muito tempo, que as legiões romanas avassallassem a peninsula, e por conseguinte a nascente povoação dos bracaros. Em breve medrou e cresceu a cidade pelo poderoso influxo d'essa civilisação, que partindo de Roma, estendeu os raios de sua brilhante luz até ás mais longinquas regiões do mundo conhecido. Em honra do imperador Augusto se lhe deu o nome de *Bracara Augusta*; e em attenção ao seu desinvolvimento e importancia o governo romano estabeleceu n'ella uma das tres chancellarias, que houve na Lusitania, chamadas conventos juridicos, que eram tribunacs de justiça.

Varios restos de edificios, de que ao presente custam a descobrir os vestigios, cippos, e outros padrões, ainda hoje attestam a grandeza a que chegou durante os quinhentos annos, que durou esta dominação civilisadora.

Quando os povos do norte destruíram o imperio romano, e se apossaram das suas conquistas, vieram os suevos estabelecer-se n'esta parte da Lusitania, fazendo de Braga a sua capital. Passados mais de cento e setenta annos, foram os sue-

vos vencidos e expulsos pelos godos, e estes o foram á seu turno pelos arabes no fim de um dominio de cento e vinte e sete annos.

Em todo este longo periodo couberam á cidade de Braga a honra e gloria de lhe ser prégada e ensinada a lei evangelica pelo apostolo Santiago, que lhe deixou por arcebispo a S. Pedro de Rates ; de ser a primeira sede archiepiscopal das Hespanhas ; de ter por prelados a muitos santos, e de se celebrarem no seu recinto varios concilios importantes.

Na longa e renhida lucta, que se travou entre os moiros, conquistadores da peninsula, e os principes descendentes dos godos, que, tendo fundado pelo seu valor o pequeno reino de Leão, o foram estendendo até assoberbar e vencer de todo o poder mauritano ; n'essas guerras terriveis teve Braga sorte varia, ora tomada pelos christãos, ora reconquistada pelos sarracenos.

Entrada definitivamente no dominio dos reis de Leão e Castella, foi cedida em dote por D. Affonso vi com as mais terras, que constituiam o condado de Portugal a sua filha D. Tareja, por occasião do seu casamento com o conde D. Henrique, filho do duque de Borgonha, e sobrinho de Henrique i rei de França. Desde então tem pertencido a cidade de Braga á monarchia pòrtugueza, fundada nos campos de Ourique por D. Affonso Henriques, o illustre filho do conde D. Henrique.

A situação de Braga é das mais apraziveis e formosas, que se podem desejar para assento de uma povoação do interior. Edificada no coração da provincia do Minho, delicioso jardim de Portugal, em terreno um pouco elevado, mas perfeitamente plano ; cercada de fertilissimos campos, que o rio Deste banha e corta, e de frondosos arvoredos, que ao perto dividem e guarnecem prados sempre verdes, e ao longe vestem e assombreiam montes, que em amphitheatro se vão elevando, e fazendo graciosa molduragem aos prados, campos, e cidade ; Braga gosa desassombradamente para qualquer lado, que olhe, lindas perspectivas ; ao mesmo tempo que

offerece, a quem a contempla das alturas visinhas, um quadro summamente encantador.

Não ha cidade alguma em Portugal, mesmo incluindo Lisboa, que, na proporção da sua grandeza, tenha tantas e tão vastas praças como Braga. O campo de Sant'Anna, que é a maior, tem quasi o dobro de comprimento da nossa praça de D. Pedro. Apesar d'esta immensa extensão é todo guarneccido de edificios, salvos os sitios aonde se abrem as diversas ruas, que n'elle veem desembocar. Ha ahj muitas casas particulares de boa apparencia; alguns conventos e templos de architectura regular, e até grandiosa, como o da extincta ordem dos congregados de S. Filippe Nery, fundado em 1689.

N'este campo se vêem os restos do antigo castello, construido por el-rei D. Diniz e reedificado por el-rei D. Fernando pelos annos de 1375, do qual ainda existem algumas torres e lanços de muros. O campo de Sant'Anna foi modernamente plantado d'arvores. Em uma das extremidades tem um bello chafariz, e na outra uma elegante columna corinthia com um globo, sustentando a cruz arcebispal.

O campo da Vinha; a praça Nova; a do paço do arcebispo; o campo das Hortas; o campo dos Toiros; o campo dos Remedios; são boas praças orladas de grandes edificios, principalmente religiosos. Na primeira avulta o sumptuoso convento do Populo, que foi dos eremitas de Santo Agostinho, e hoje é quartel do regimento de infantaria n.º 8. Fundou-o no anno de 1595 o arcebispo D. fr. Agostinho de Castro. Na capella-mór da sua vasta egreja estão em dois ricos tumulos o fundador, e D. fr. Aleixo de Menezes, arcebispo de Goa, e depois de Braga.

A segunda praça é moderna; está edificada sob um plano regular, e tem um chafariz. A terceira, á qual o palacio do arcebispo faz tres frentes, tem no centro um antigo chafariz em forma de castello, e coroado por uma estatua. Na quarta erguem-se dois bonitos monumentos. A' entrada um elegante arco triumphal todo de pedra, com muitos ornatos,

construido no principio do seculo passado, no sitio aonde havia uma das antigas portas da cidade; pelo arcebispo D. José de Bragança, filho legitimado d'el-rei D. Pedro II: e no centro uma esbelta e formosa columna corinthia, levantada sobre degraus de pedra, e coroada por um grande globo, que serve de base a uma bem lavrada cruz archiepiscopal. No topo d'esta praça está o palacio dos senhores Cunha Reis, a mais bella e esplendida residencia particular da cidade. Encerra uma copiosa livraria, e uma collecção de quadros a oleo, de authores nacionaes e estrangeiros, em que se vêem varios paineis de muito merecimento. Nos jardins d'este palacio, plantados ao gosto moderno, ha uma riquissima collecção de plantas.

O campo dos Toiros é uma bella praça orlada d'arvores e de bons edificios, e para o qual deita a fachada principal do paço do arcebispo, reconstruida pelo arcebispo D. José de Bragança no começo do seculo passado. Esta parte do paço é occupada actualmente pela repartição do governo civil.

No campo dos Remedios avultam dois dos melhores edificios de Braga, a egreja de Santa Cruz, e o templo e hospital de S. Marcos. Aquella foi obra do arcebispo D. Rodrigo da Cunha em 1635, e estes devem a sua fundação ao arcebispo D. Diogo de Sousa no primeiro quartel do seculo XVI; porém em tempos modernos foi reedificado completamente com grandeza e magnificencia. Todo o edificio é coroado de balaustradas e estatuas dos apostolos. Na egreja guarda-se em rico sepulchro de jaspe o corpo de S. João Marcos, martyr, bispo de Atina.

Em monumentos religiosos não é menos notavel a cidade de Braga, tanto pelo numero dos templos, como pela riqueza de alguns. A sé é o principal pela sua cathegoria, antiguidade, grandeza, preciosidade das alfayas, e venerabilidade dos corpos santos e mais reliquias, que encerra.

É um vasto templo de tres naves, dedicado, como todas as mais sés, a Nossa Senhora da Assumpção, no qual se vêem specimens de architectura

de mui diversas epocas. A capella-mór, reedificada no principio do seculo xvi pelo arcebispo D. Diogo de Sousa, é um bello typo do gothico florido, d'esse genero d'architectura que bem se pode chamar *manuelino*. O retabolo é todo de pedra lavrada, e foi feito por artistas biscainhos. Aos lados do altar-mór estão os tumulos do conde D. Henrique, e de sua mulher, a rainha D. Tareja, paes do nosso primeiro rei. O corpo da egreja é de reconstrucção muito mais moderna. Junto ao guardavento achase um precioso monumento artistico, unico d'este genero em Portugal. E' o mausoleo do infante D. Affonso, filho primogenito d'el-rei D. João i. Este riquissimo tumulo é todo de bronze com a estatua do principe em cima, e muitas outras figuras, tudo coberto com um baldachino do mesmo metal. Esta obra prima d'esculptura foi feita em Flandres, e d'ahi mandada para Portugal pela infanta D. Isabel, duqueza de Borgonha, tambem filha de D. João i, e mulher de Philippe o Bom, duque de Borgonha.

Os dois orgãos e o côro, que lhe fica contiguo, são magnificos. A sacristia contém muitas reliquias, e alfayas de muito apreço e valor. Nas capellas do templo, e em outras inteiramente separadas, mas que se communicam com este, algumas das quaes são grandes como egrejas, veneram-se os corpos de varios santos, que foram arcebispos d'esta cidade, sendo um d'elles S. Giraldo, que baptisou a el-rei D. Affonso Henriques.

Nas mesmas capellas admiram-se alguns sumptuosos tumulos de prelados mui distinctos em saber e virtudes. Os mais singulares em estatuas e mais obra de esculptura são os dos arcebispos D. Gonçalo Pereira, avô do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, que viveu em tempo d'el-rei D. Diniz, e D. Diogo de Sousa, de quem acima fallámos. Na capella da Annunciação, que fica no claustro, está um tumulo de madeira, que encerra o arcebispo D. Lourenço Vicente, que militou com heroico valor ao lado de D. João i na memoravel batalha d'Aljubarrota, da qual saiu ferido com uma

grande cutilada. Atravez de uma vidraça, que tem o tumulo, vê-se o seu corpo incorrupto, no mais perfeito estado de conservação. N'esta capella, que é antiquissima, é que foram sepultados no seculo xii o conde D. Henrique e a rainha D. Tareja, e ahi estiveram até ao seculo xvi em que foram trasladados para a capella mór. E' esta a unica egreja de Portugal aonde se conserva o rito e breviario muzarabico, officiado-se em uma das suas capellas segundo esta antiga lithurgia.

A sê metropolitana de Braga honra-se com uma longa serie de prelados, entre os quaes figuram muitos santos, desde S. Pedro de Rates até S. Giraldo; um papa, que sendo arcebispo se chamava D. Pedro Julião, e que elevado ao summo pontificado tomou o nome de João xxi; quatro principes, que foram o cardeal infante D. Henrique, depois rei, D. Duarte, filho legitimado d'el-rei D. João iii, D. José, e D. Gaspar, ambos filhos legitimados, aquelle d'el-rei D. Pedro ii, e este de D. João v; quatro cardeaes, o mesmo infante D. Henrique, D. Jorge da Costa, D. Verissimo d'Alencastre, e D. Pedro Paulo, fallecido ha poucos annos; e finalmente muitos varões distinctos por saber e virtudes, dos quaes só nomearemos dois, D. fr. Bartholomeu dos Martyres, e D. fr. Aleixo de Menezes, tão illustres na historia como populares em todo o paiz.

Além da sé tem Braga mais cinco parochias, que se intitulam: S. João do Souto; Santiago da Cividade; S. Victor; ou S. Victouro, como vulgarmente lhe chamam; S. Pedro de Maximinos; e S. José. Junto da egreja de S. João do Souto, com a qual se communica por um grande arco, está a gothica e formosa capella de Nossa Senhora da Conceição, toda ornada de estatuas e variadas esculpturas em pedra, e com seu retabolo de alto relevo, tambem de pedra. Foi edificada no começo do seculo xvi.

Em torno do templo de S. Pedro de Maximinos tem-se descoberto muitos restos de edificios, que attestam que era ali o principal assento da anti-

ga — Brachara Augusta, que, pela indicação dos mesmos vestígios, se estendia até ao local em que agora vemos o hospital de S. João Marcos.

A egreja da misericórdia é contigua à sé, e se communicam interiormente. E' um templo d'architectura moderna, com o frontispicio ornado de columnas, e muita variedade de esculpturas. A antiga egreja da misericórdia, chamada a Misericórdia Velha, é actualmente uma capella do claustro da sé. O seminario archiepiscopal, fundado no Campo da Vinha pelo arcebispo D. fr. Bartholomeu dos Martyres, é um vasto edificio.

Havia em Braga quatro conventos de frades, que eram—o de Nossa Senhora do Populo, de eremitas de Santo Agostinho, agora quartel militar, de que acima fallámos; o de Nossa Senhora do Carmo, de carmelitas descalços, fundado em 1653, que serve de hospital; o collegio de S. Paulo, dos jesuitas, edificado pelo arcebispo D. fr. Bartholomeu dos Maryres em 1560; e o convento de Nossa Senhora da Assumpção, dos congregados de S. Filipe Nery, fundado no meado do seculo passado, e ao presente occupado pelo lyceu.

De religiosas tem quatro conventos: o do Salvador, de freiras de S. Bento, fundado em 1602; o de Nossa Senhora da Piedade, de religiosas terceiras de S. Francisco, construido em 1547, e cuja egreja se reedificou no seculo passado; o de Nossa Senhora da Conceição, de religiosas da ordem da Conceição, unico que ha em Portugal, fundado em 1625; o de Nossa Senhora da Conceição, de freiras capuchas, edificado em 1727. Ha tambem na cidade quatro recolhimentos.

Além d'estes edificios religiosos Braga conta ainda muitos outros templos e capellas, publicas, e particulares, que formariam um longo catalogo. Mencionaremos as principaes. As sumptuosas egrejas de S. João Marcos, e de Santa Cruz, já especificámos. A egreja dos Terceiros de S. Francisco, na rua da Fonte da Carcova, construida no seculo antecedente, é um bom templo. A capella do paço archiepiscopal, intitulada de Nossa Senhora da

Conceição, é grande e bem ornada, e está franqueada ao publico. A igreja de Nossa Senhora da Lapa, no campo de Sant'Anna, é moderna, e de boa architectura. A ermida de Sant'Anna, no mesmo campo, a que deu o nome, é antiga, e tem na sacristia uma inscripção romana. A igreja de Nossa Senhora a Branca, fundada no campo do mesmo nome, pelo arcebispo D. Diogo de Sousa em uma das velhas torres da cidade, é um bonito templo. A capella de Nossa Senhora do Guadalupe, de origem antiquissima, e outr'ora chamada de Santa Margarida, foi reedificada no seculo passado. E' de forma circular, e está collocada sobre uma pequena eminencia, povoada d'arvores, d'onde se gosam lindas vistas dos arrabaldes. A igreja de S. Vicente, na rua dos Chãos de Cima, é um templo de construcção moderna, e bem ornado. A capella do seminário archiepiscopal é grande e boa. A capella de S. Sebastião, de fundação antiga, e modernamente reconstruida, é de forma circular, e está situada em terreno um pouco elevado, povoado de frondoso arvoredado, com um bello e espaçoso adro, dividido em dois grandes taboleiros com escadas de um para outro, plantados d'arvores, e cercados de muro com assentos, erguendo-se no meio de um d'elles um chafariz, que é dos melhores da cidade. Entre este arvoredado admiram-se carvalhos seculares, de proporções gigantescas, e em toda a força da végetação. Tanto no adro, como em torno da capella estão collocadas varias columnas miliares com inscripções romanas, que outr'ora guardavam as vias militares, que saiam de Braga. Estas columnas estiveram primeiramente no campo de Sant'Anna, aonde as mandou collocar o arcebispo D. Diogo de Sousa, que foi quem as fez conduzir para a cidade dos diversos sitios em que foram achadas.

Braga possui alguns estabelecimentos de caridade tanto para curativo de enfermos, como para asylo de infelizes. O principal e mais grandioso é o hospital de S. João Marcos, a que já nos referimos, o qual é administrado pela santa casa da

misericórdia. Tem grossas rendas, e acha-se bem organizado, e mantido. A casa da camara é um edificio regular, e de boa apparencia. Uma empresa ha pouco creada acaba de fundar um theatro em edificio construido expressamente para esse fim junto ao campo de Sant'Anna.

E' tão abundante d'agua a cidade de Braga, que se contam no seu recinte umas setenta fontes publicas, e particulares. Entre as primeiras algumas possui de aspecto agradavel e architectura regular.

Além dos generos, que vem diariamente á cidade para o seu abastecimento, concorrem ao sabbado em maior numero, e mais variados, de todas as visinhanças, e até de muita distancia, de modo que fazem um grande mercado. No terceiro domingo de Maio começa a sua feira annual, que dura quinze dias, e á qual afflue muito povo de todo o alto Minho.

Os principaes estabelecimentos de instrucção publica são o lyceu, o seminario, e uma bibliotheca publica, creada em tempos modernos.

E' Braga uma das terras mais industriosas do reino. Occupam-se ali muitos braços no fabrico de chapeos grossos, armas, ferragens, e tecidos de linho, que exportam para muitas povoações do interior, e para o Brazil. Os seus habitantes, que andam quasi por dezesete mil, são muito activos, habilitados, e emprehendores. Encontram-se entre elles artistas de grande merito. Actualmente ha ali esculptores em marfim e em madeira, que em outro qualquer paiz ganhariam boa fortuna, e grande nomeada.

Os arrabaldes de Braga são celebres pela sua amenidade, cultura, e belleza. São povoados de mui bonitas quintas, e de campos sempre viçosos. As aguas de muitas fontes espalhadas por toda a parte, alguns ribeiros, que correm junto á cidade, e o rio Cavado, que passa a pouca distancia, entreteem em todos aquelles arredores uma vegetação pomposissima, quer nos bosques, quer nos prados.

O Bom Jesus do Monte, a menos de meia legua

da cidade, é um dos santuarios mais notaveis, mais ricos e populares de todo o reino, e um dos pontos mais formosos e aprasiveis dos suburbios de Braga. Foi começado em 1718, e concluida a parte principal em 1725. Porém desde então, com maiores ou menores intervallos, sempre ali teem havido obras de novos augmentos e melhoramentos. N'estes ultimos vinte annos teem-se emprehendido e levado a cabo muitas obras grandiosas, e importantes aformoseamentos.

Nas cercanias de Braga acham-se os edificios de tres mui celebres e antigos conventos: o de Tibães, cabeça da ordem de S. Bento, a uma legua da cidade, que traz a sua origem dos primeiros tempos da monarchia, e que é um dos mais vastos, que se levantaram em Portugal; o de Villar de Frades, que foi da congregação dos conegos seculares de S. João Evangelista, outra legua acima do de Tibães, situado junto ao rio Cavado, e com uma das mais bellas egrejas gothicas que ha no paiz; e o de S. Fructuoso, mais proximo da cidade, de capuchos piedosos, e em tempos antigos de frades bentos, cuja primeira fundação é anterior á invasão dos moiros.

O concelho de Braga é mui productivo e cultivado com esmero. A sua principal cultura é milho, e vinho verde; mas tambem produz muitas fructas, especialmente laranjas, que exporta para a cidade do Porto e outras terras do interior. Colhe alguns outros cereaes e legumes; cria muito e optimo gado de varias especies, em que faz importante commercio; fabrica boa manteiga; e abunda em muita variedade de caça.

No antigo regimen gosou a cidade de Braga da prerogativa de enviar procuradores ás côrtes, os quaes tinham assento no segundo banco. Tem por brasão d'armas um escudo coroadado, tendono meio a imagem de Nossa Senhora com o menino Jesus nos braços, collocada entre duas torres, e sobre a Virgem a mitra pontifical. Alguns accrescentam a este brasão a letra seguinte: *Insignia fidelis, et antique Bracharæ.*

A CIDADE DE BRAGANÇA.

Está assentada a cidade de Bragança em campo plano, quasi no extremo da provincia de Traz-os-Montes, de que é capital.

A sua origem é tão antiga, que alguns antiquarios a envolvem em fabulas, attribuindo-a a um supposto rei Brigo IV, que dizem a fundara mil novecentos e seis annos antes do nascimento de Christo, e que do seu nome se chamara Brigantia, e depois Bragança.

O que parece mais averiguado é que já existia no tempo do dominio romano, e que o imperador Augusto Cezar lhe poz o nome de *Juliobriga*, cidade de Julio, em memoria de Julio Cezar; pois é quasi fora de duvida, que na linguagem dos antigos lusitanos *briga* significava cidade ou povoação.

Nas diversas invasões, que assolaram e sujeitaram este nosso paiz, correu Bragança a sorte das mais terras da Lusitania; ora destruida, ora reedificada, hoje senhoreada por uns, logo por outros. Sob a dominação dos godos, e dos reis de Leão, foi governada por condes, pessoas das principaes familias da península.

Levantada das suas ruinas no reinado de D. Affonso Henriques, foi novamente povoada em 1187 por ordem de D. Sancho I, que lhe deu grandes foros e privilegios.

O senhorio de Bragança, depois de ter pertencido a diversas pessoas, foi dado a titulo de ducado pelo infante D. Pedro, sendo regente em nome de seu sobrinho, el-rei D. Affonso V, a D. Affonso, seu irmão natural, filho reconhecido d'el-rei D. João I, que foi o primeiro duque de Bragança.

Esta cidade é sede de um bispo, e de um governador civil. Divide-se em duas partes, uma chama-

da *a villa*, e outra que se nomeia *a cidade*. A primeira é mais antiga, e n'ella se acha o castello, monumento de muita antiguidade, bem conservado, e digno de ver-se.

Os habitantes, que andam por quatro mil, repartem-se por duas parochias, uma das quaes é cathedral. Ha na cidade tres praças e um grande terreiro. Uma das praças está dentro dos muros do castello, e n'ella se erguem a casa da camara e o pelourinho.

Teve dois conventos de frades, o dos jesuitas, fundado em 1561, e o de S. Francisco, de franciscanos, cuja fundação se attribue ao proprio S. Francisco de Assis, que diz a tradição viera áquella cidade, e que nos archivos da camara se guarda uma escriptura com a sua assignatura. De freiras tambem teve dois, o de Nossa Senhora da Assumpção, de religiosas da regra de Santa Clara, edificado no fim do seculo xvi pela duqueza de Bragança, D. Catharina; e o de S. Escolastica, de freiras bentas. Um d'estes foi extincto em 1853 pela morte da ultima freira.

Tem casa e hospital da misericórdia, e varias ermidas dentro e fora da cidade.

O pequeno rio Tervença banha os muros da cidade. Bragança foi celebrada outr'ora pelos magnificos velludos, damascos e outras fazendas de seda, que ahi se fabricavam. Esta industria porém decaiu. O termo produz muito milho e legumes, vinho verde, e cria-se n'elle algum gado.

Bragança gosava da regalia de enviar procuradores ás antigas côrtes, os quaes se assentavam no quarto banco. Tem por brasão d'armas um escudo coroadado, e n'elle um castello de prata em campo azul, e sobre um prado verde.

A VILLA DE CABEÇA DE VIDE.

Está situada na província do Alemtejo em logar alto, quatro leguas ao sudoeste de Portalegre, e cinco a este de Aviz.

Se se der credito a uma tradição, á falta de noticias positivas, esta povoação teve o seu primeiro assento em o valle proximo, no sitio agora chamado Pombal; mas tendo ahi havido uma grande e mortifera batalha com os moiros, resultaram tantas doenças por causa da corrupção dos corpos insepultos ou mal enterrados, que os habitantes viram-se obrigados a deixar o valle, e fugir para o cabeço visinho, onde se deram tão bem com os ares, recobrando logo os doentes a sua saude, que para ahi mudaram a povoação, e lhe puzeram por nome *Cabeço de Vida*, de que lhe provém o actual com pequena differença.

Outros porém querem, que fosse uma grande vide, que já ali havia ao tempo da fundação da villa, e que fazia conhecido aquelle alto por Cabeço da Vide, o que deu o nome á povoação. Autorisa-se esta segunda tradição com o brasão d'armas da villa, que é um escudo com um castello entre duas vides, ou todo cercado pelas varas d'uma unica cepa.

Deu-lhe foral el-rei D. Manuel em 1512.

Tem uma só parochia, consagrada a Nossa Senhora da Annunciação; egreja e hospital da misericórdia; outro hospital annexo á egreja do Espirito Santo, e administrado por uma irmandade d'este mesmo titulo; e cinco ermidas, Nossa Senhora dos Anjos, e S. Braz dentro da villa; e S. Sebastião, Sant'Anna, Calvario, e Santo Christo nos subúrbios. A estas duas ultimas concorrem muitas romarias.

Esta villa foi antigamente murada; mas na guerra da restauração de 1640 foram totalmente arruinados os seus muros. O oiteiro sobre que está edi-

ficada tem grande declive para todos os quatro lados. Gosa-se d'ahi uma vista dilatadissima e encantadora, descobrindo-se a cidade de Portalegre, as villas de Alter Pedroso, Seda, Aviz, Souzel, Arrayolos, Evoramonte, Estremoz, Veirões, e Fronteira, e muitas cordilheiras de serras. A sua população pouco excede a mil almas. Pelo Espirito Santa tem uma feira de tres dias.

Dentro e fora da villa ha varias fontes, sendo uma d'ellas, chamada Borbolegão, de aguas mineraes. Os arrabaldes são regados pelas ribeiras Vidigão e Vide, que fazem moer varios moinhos, e lagares d'azeite. Produz o termo bastante trigo, cevada, e centeio, pouco milho, e feijões, muito azeite, vinho, e fructas. E' abundante de caça.

Tinha esta villa vcto nas antigas côrtes, e os seus procuradores assentavam-se no banco decimo terceiro.

A VILLA DAS CALDAS DA RAINHA.

Esta bonita villa está situada na provincia da Estremadura, em terreno não elevado, mas desafogado, distante de Lisboa quatorze leguas, das antigas, para o norte, e uma pequena legua da villa d'Obidos.

Deve a sua existencia, o seu nome, e prosperidade, a uma bella e copiosa nascente de aguas thermaes, e á munificência e caridade da rainha D. Leonor, mulher d'el-rei D. João II. Passando esta princeza por aquelle sitio em uma jornada, que fazia da villa d'Obidos para a da Batalha, viu varios homens, pobres no traje, e enfermos no aspecto, banharem-se n'umas poças de agua, que ahi havia proximo do caminho, uns mergulhando todo o corpo, e outros tamsómente alguma parte d'elle.

Parou a rainha para se informar da virtude, que tinha aquella agua, e como lhe contassem as curas maravilhosas, que obrava em certas molestias, resolveu logo mandar ahi fazer um hospital, para n'elle serem agasalhados e sustentados os doentes pobres, que tivessem necessidade de recorrer ao uso d'aquelles banhos.

Pouco tempo depois construiu-se o hospital, constando de seis enfermarias, uma para clerigos, outra para frades, duas para homens pobres, e duas para mulheres da mesma condição, havendo em uma d'estas ultimas uma divisão para religiosas. Além de seis enfermarias haviam alguns quartos para as pessoas, que se tratavam á sua custa. Para que o hospital fosse mais bem servido, e lhe não escasseassem as provisões, além das rendas que lhe doou, obteve d'el-rei D. João II, seu esposo, que se fundasse ali uma povoação para trinta moradores, com o privilegio de não pagarem jugada, oitavo, siza ou portagem, e a mesma isempção ás pessoas, que a ella viessem fazer compras ou vendas. Por de-

creto de 1488 o mesmo soberano elevou a nova povoação á cathegoria de villa.

Com tão poderoso incentivo em breve teve começo, e rapidamente se desinvolveu a nova villa, que se denominou das Caldas da Rainha. O credito, que estes banhos foram tendo em todo o reino, e juntamente as commodidades, que ahi se offereciam aos enfermos, ou fossem pobres ou abastados, chamavam á villa uma grande concorrência, tanto dos que a demandavam temporariamente, como dos que por interesses industriaes n'ella se vinham estabelecer.

Todavia o seu maior incremento data do meiado do seculo passado em que el-rei D. João v principiou a fazer uso d'aquelles banhos, indo, no decurso do resto de sua vida, por treze vezes áquella villa com a familia real, e uma grande parte da sua côrte:

Por essa occasião, vendo o antigo hospital bas-tantemente arruinado, e já com poucos commodos para o grande numero de enfermos, que ali affluíam, mandou fazer em 1747 uma reconstrucção completa, que levou tres annos a concluir-se. Foi construido o novo hospital sob um plano d'architectura regular, com boa apparencia, e muito maior capacidade do que o antigo. Fizeram-se n'elle uma bonita capella, novos banhos, excellentes officinas, aposentos para as pessoas reaes e residencia para o administrador. Annexou-se-lhe tambem uma cêrca, que se povoou de arvoredos, e que hoje é um lindo passeio, que se franqueia ao publico. Além d'este, porém, ha na villa um passeio publico arborisado e ajardinado.

A villa das Caldas da Rainha ficou pertencendo, desde o tempo da sua fundadora, ás rainhas de Portugal, até que esta casa se extinguiu em 1833. Na qualidade, pois, de senhora d'esta villa, a rainha D. Maria Anna d'Austria, mulher d'el-rei D. João v, mandou edificar a actual casa da camara e cadêa, tendo-se demolido a antiga, quando se accrescentou o edificio do hospital.

A igreja matriz, dedicada a Nossa Senhora do

Populo, acha-se no centro da villa, que possui, além d'este templo, as ermidas do Espirito Santo, mais antiga que a matriz; de Nossa Senhora do Rozario; de S. Sebastião; de Nossa Senhora da Graça; e a de S. Bartholomeu. Quasi todos estes templos foram reedificados por D. João v.

Tem esta villa um grande Rocio, muitas casas de prospecto nobre, boas hospedarias, um club, aonde ha gabinete de leitura, e se dão luzidos bailes, e varios chafarizes, abundantes de excellente agua, e obra d'el-rei D. João v.

Durante a estação dos banhos, que principia em Maio e acaba em fins de Setembro, é esta villa extraordinariamente concorrida, sobre tudo de familias de Lisboa. Posto que os seus arrabaldes sejam desprovidos de fructos, tem um mercado diario bem fornecido de todo o genero de producções do paiz, que ali affluem de muitas leguas de distancia. Em 14 de Agosto tem uma feira annual de tres dias; e no ultimo domingo de cada mez mercado de gado. A população permanente d'esta villa anda por mil e seiscentas almas.

O primeiro brasão d'armas, que a rainha D. Leonor deu á sua villa das Caldas, foi o mesmo que tinha a villa d'Obidos a cujo termo então pertencia, o qual unicamente consistia no escudo real. Porém depois da catastrophe, que lhe arrebatou o principe D. Affonso, seu filho unico, accrescentou aos brasões d'armas de todas as suas terras uma memoria d'este fatal successo. Achando-se este principe em Santarem com seus paes, e com a princeza D. Isabel, filha dos reis catholicos, Fernando e Isabel, com quem se desposara pouco tempo antes, deu uma queda do cavallo abaixo junto ás margens do Tejo, no dia 12 de Julho de 1491. Tendo perdido o uso dos sentidos, foi levado em uma rede de pescadores para uma pobre casa perto d'ahi, á qual logo acudiram seus paes, sua esposa, e todos os soccorros possiveis. Tudo porém foi baldado. O principe morreu sem ter recobrado os sentidos. A rainha em sua immensa dôr não quiz mais separar-se d'aquella rede, triste e derradeira memo-

ria do seu desgraçado filho. Desde então tomou-a por sua divisa, e ordenou, que aos escudos d'armas das suas villas, se accrescentasse de um lado uma rede, e do outro um pelicano, emblema de seu esposo.

A VILLA DE CAMPO MAIOR.

Tres leguas ao norte da cidade d'Elvas, na provincia do Alemtejo, e proximo á raia de Hespanha, está situada a villa e praça d'armas de Campo Maior.

Não encontramos noticia alguma sobre a sua origem, nem relativamente á sua historia até aos começos do seculo xii, em que varios autores põem a sua restauração do poder dos moiros, dizendo que teve logar no anno de 1219, e que a deve a christandade a uma familia de Badajoz, do appellido de Peres. Accrescentam os mesmos archeologos, que os ditos Peres fizeram logo doação da terra por elles conquistada á egreja de Santa Maria do Castello d'aquella cidade, sendo bispo de Badajoz D. frei Pedro Peres, seu parente, o qual deu por armas á nova povoação christã um escudo com a imagem de Nossa Senhora, e um cordeiro, com esta lettra em volta : *Sigillum Capituli Pacensis*.

Sob o governo do nosso rei D. Diniz veio aquella terra para a corôa de Portugal. Este soberano deu-lhe foral de villa, em 1296, com muitos privilegios, e no sitio mais alto edificou um castello. Asseveram os etymologistas, que foi d'esta fundação, que se motivou o nome actual da villa, e contam o caso d'este modo. Apenas se levantou o castello, quizeram logo muitas pessoas, conforme o uso e necessidades da epoca, procurar o abrigo da fortaleza, construindo casas junto das suas muralhas. Havendo controversia sobre o lado para onde mais conviria estender a povoação, decidiu-se que fosse para o lado do *campo maior*, o que se levou a effeito, ficando este nome para o novo bairro, o qual passou depois a abranger toda a povoação.

El-rei D. Diniz fez doação d'esta villa á infanta D. Branca, sua irmã, em 1301, e fallecendo esta princeza, doou aquelle senhorio a D. Affonso San-

ches, filho natural d'aquelle monarcha. El-rei D. Manuel encorporou-a na corôa, com o privilegio de nunca mais ser desannexada d'ella.

El-rei D. João II accrescentou mais alguns privilegios aos que esta villa já possuia, e deu-lhe novo brasão d'armas. Não consta ao certo, se este é o actual, mas é provavel, que o seja, pois que, sabendo-se que já assim existia no reinado de D. Manuel, que se seguiu a D. João II, não é de presumir, que em tão curto espaço de tempo, tivesse esta terra dois differentes brasões d'armas. O brasão, que a camara usa no estandarte municipal, e que o seu digno presidente, o senhor Joaquim José da Matta, teve a bondade de communicar á redacção d'este jornal, com algumas noticias a seu respeito, contém as armas reaes de um lado, e do outro a imagem de S. João Baptista, patrono d'aquella villa.

Na guerra que se ateou entre Portugal e a Hespanha no principio do reinado de D. João V, teve a praça de Campo Maior um rigoroso sitio, correndo o anno de 1712. O exercito castelhano era commandado pelo marquez de Bay, e compunha-se de trinta e tres batalhões de infantaria, e setenta esquadrões de cavallaria. Nos dois assaltos, que deu á praça, em cujas muralhas chegou a abrir uma larga brecha, foi rechaçado pela valente guarnição portugueza, debaixo do commando do mestre de campo general, conde da Ribeira Grande, que tinha o governo da artilharia da provincia do Alemtejo, e que conseguiu introduzir-se na praça quatro dias depois de estabelecido o cêrco. Durante este assedio lançaram os inimigos contra a praça mil trezentas e nove bombas, e dez mil oitocentas e setenta balas.

Com este cêrco padeceram muito tanto a villa como as fortificações; e passados poucos annos depois da reparação de taes estragos, um raio, caindo sobre a torre grande do castello, em que se achava o payol da polvora, que se incendiou com uma horri-vel explosão, reduziu a ruinas uma grande parte da praça no dia 16 de Setembro de 1732. Ficaram

destruidas oitocentas e vinte e tres casas, e morreram muitas pessoas. El-rei D. João v mandou reedificar a praça, augmentando muito as antigas fortificações, segundo os progressos da sciencia militar.

Edificada na encosta de um monte, descobre dilatado horisonte, avistando a cidade d'Elvas, em Portugal, e em Hespanha a cidade de Badajoz, as villas de Albuquerque, e Lobon, e as serras de Merida. As duas praças portuguezas e a hespanhola formam um perfeito triangulo, distando umas das outras tres leguas.

Campo Maior tem uma só parochia, dedicada a Nossa Senhora da Expectação. E' um bom templo de tres naves, construido no tempo do bispo de Elvas, D. Sebastião de Mattos de Noronha, que governou aquella diocese na primeira metade do seculo xviii. Anteriormente era a matriz uma ermida dentro do castello.

A egreja e hospital da misericordia foram começados em 1718. O primeiro edificio, levantado na villa para esta tão santa e humanitaria instituição, era acanhado, e chegando a estado de grande ruina, foi demolido, e no logar que occupava vê-se hoje um largo, ou pequena praça.

Havia n'esta villa dois conventos de frades, o de Santo Antonio, de religiosos franciscanos, e o de S. João de Deus, de hospitaleiros do mesmo santo. Aquelle teve a sua primeira fundação em 1494; depois, no de 1646, foi mudado para dentro do castello, e em 1708 para o actual edificio, obra d'el-rei D. Pedro ii. O outro convento, construido no anno de 1645, tem servido agora, e mesmo antes da extincção das ordens religiosas, de hospital militar.

Entre as varias ermidas que ha na villa e nos suburbios, as mais notaveis são: A de S. João Baptista, a cuja imagem se liga uma lenda de apparecimento milagroso, santuario de muita devoção, e ao qual concorrem de longe muitas romarias. Foi reedificada com grande augmento no reinado, e com auxilio pecuniario de D. João v. A

ermida de S. Sebastião, no baluarte da mesma invocação, foi mandada fazer por el-rei D. Sebastião.

Diversos poços e fontes, dentro e fora da villa, abastecem a povoação e a fortaleza de muita e boa agua. Uma d'ellas intitula-se de S. João, e dizem que fôra ali que apparecera a imagem do santo. Outra chama-se da *Fome*, pela razão de fazerem as suas aguas bom appetite a quem d'ellas usa.

Antigamente tinha a praça de Campo Maior de guarnição permanente, em tempo de paz, um regimento de infantaria, e outro de cavallaria, e em tempo de guerra quatro regimentos de infantaria, e um de cavallaria. Hoje apenas tem um destacamento de linha, e veteranos. Consta esta praça de nove baluartes, com seus revelins, meias luas, e contra escarpa, meia feita. O antigo castello de el-rei D. Diniz, que o raio damnificou, foi demolido.

Nos arredores de Campo Maior cultiva-se muito trigo, cevada, legumes, e algum centeio. Cria-se tambem muito gado, principalmente lanigero, cujas lãs teem grande reputação pela sua excellente qualidade, e constituem um ramo importante do commercio d'esta terra. O rio Caya, que divide Portugal de Hespanha, corre a meia legua de Campo Maior entre muitas hortas e pomares.

A 24 de Agosto tem a sua feira annual.

Foram naturaes d'esta villa muitos individuos, que se distinguiram por armas, lettras, e virtudes, alguns dos quaes occuparam logares eminentes na religião, na administração do estado, e na milicia. A população de Campo Maior ascende a quatro mil e seiscentos habitantes.

A CIDADE DE CASTELLO BRANCO.

A doze leguas de distancia da cidade da Guarda, para o sul, e a quatorze da villa d'Abrantes para o sudoeste, está situada a cidade de Castello Branco em logar elevado, na provincia da Beira Baixa de que é capital.

Não ha noticias certas sobre a epoca e autores da sua fundação. Sabe-se, porém, que é de origem antiquissima. Alguns cippós, e outras pedras com inscripções romanas, achadas dentro da cidade, e nos arredores por occasião de se abrir alicerces, ou demolir muros, provam que ali existiu alguma povoação importante no tempo da dominação romana.

Um nosso distincto escriptor, que se deu muito ao estudo d'antiguidades, chamado Gaspar Alves de Lousada, encontrou fundamento n'aquellas pedras para se convencer e afirmar, que ali teve assento a cidade romana de *Castralencia*, e que das suas ruinas saiu Castello Branco.

As memorias mais certas d'esta terra datam do reinado de D. Sancho I, que lhe deu foral. D. Sancho II na doação, que fez d'ella pelos annos de 1229 a D. Simão Mendes, mestre dos templarios, menciona-a como povoação importante. El-rei D. Diniz fez-lhe a segunda cêrca de muros, com quatro portas, chamadas do Pelame, de Santiago, da Traição, e do Oiro; e com sete torres. A primeira cêrca, que era mais pequena, e o castello são obra muito mais antiga. D. João II deu-lhe o titulo de notavel.

El-rei D. José I elevou Castello Branco á cathedra de cidade, e obteve do papa Clemente XIV, que a erigisse em sede episcopal, desmembrando-se do bispado da Guarda o territorio de que se formou a nova diocese.

Edificada em uma encosta, tem esta cidade as

suas ruas com grande declive, e sem construcções notaveis. Na parte mais alta está o velho castello, bastante arruinado, que foi fundado pelos templarios, e que pela extincção d'esta ordem passou para os cavalleiros de Christo. Dentro do castello ainda se vêem as casas em que residiam os commendadores. Os ultimos que ali viveram foram D. Fernando de Menezes, e D. Antonio de Menezes, que se retiraram para Lisboa logo depois da aclamação de D. João iv.

A antiga egreja matriz tambem ficava dentro da fortaleza, pelo que se denomina Santa Maria do Castello. Arruinada nas guerras da restauração contra a usurpação castelhana, mudou-se para a ermida de S. Braz, contigua ao mesmo castello.

A outra parochia é a sé, que antes da erecção d'este bispado era dedicada a S. Miguel, e que depois foi consagrada, como todas as cathedraes do reino, a Nossa Senhora da Assumpção. E' um templo de uma só nave. A fachada, ornada de duas torres um pouco acanhadas, é singela e sem elegancia. Está situada em uma praça fora dos muros.

Havia em Castello Branco dois conventos de frades, ambos extra muros, um de religiosos da provincia da Soledade, da invocação de Santo Antonio, e o outro de eremitas de Santo Agostinho. Tem esta cidade varias capellas, casa de misericordia, e dois hospitaes.

O palacio episcopal é reputado o melhor edificio d'este genero em toda a provincia. Tem annexos uma quinta e bons jardins. Foi mandado fazer pelo bispo da Guarda D. Nuno de Noronha para sua residencia de campo e dos seus successores. O bispo D. João de Mendonça fez muitas obras e aformoseamentos tanto no paço, como na quinta e jardins. Tudo, porém, se acha actualmente em grande decadencia.

Os suburbios de Castello Branco abundam em cereaes, legumes, e hortaliças. Não produzem muita quantidade de fructa, mas a que ahi se cultiva é de excellente qualidade, principalmente as peras do tarde, que são afamadas em todo o reino.

Passam pelo termo d'esta cidade, em alguma distancia, os pequenos rios Ponsul, Ocresa, e Liria, que criam algum peixe miudo. Se se der credito a uma tradição d'aquellas terras, a meia legua de Castello Branco, junto ao rio Ponsul, no sitio ao presente chamado — *o porto dos Belgayos*, existiu uma cidade em eras remotas, denominada *Belcagía*.

Conta Castello Branco uma população de seis mil e oitocentas almas, e é a residencia d'um governador civil, d'um general, commandante da divisão militar, d'um juiz de direito etc. O regimento de cavallaria n.º 8 tem ahi o seu quartel. Fazem-se n'esta cidade as seguintes feiras: No 1.º de Janeiro, e a 4 de Outubro, que duram tres dias; e mercado na primeira e terceira segunda-feira de cada mez.

No antigo regimen gosava esta cidade de voto em côrtes, onde os seus procuradores tinham assento no banco setimo. Tem por brasão d'armas um escudo coroadado, e n'elle um castello de oiro em campo vermelho.

A VILLA DE CASTELLO RODRIGO.

Está edificada esta pequena villa e antiga praça d'armas em logar alto e forte por natureza, na provincia da Beira, comarca de Trancoso, d'onde dista sete leguas para o nordeste, e tres da cidade de Pinhel para o nornordeste.

Os nossos antiquarios fazem deŕivar a sua fundação dos turdulos, quinhentos annos antes da era christã. Pondo de parte estas opiniões, ordinariamente faltas de bom fundamento, e partindo de epochas menos remotas, e mais conhecidas, diremos que, achando-se aquella povoação quasi inteiramente arruinada e abandonada dos seus moradores em tempo d'el-rei D. Diniz, este monarcha a mandou reedificar e povoar em 1296. Por essa occasião ahi fez construir para sua defensa um forte castello.

A proximidade em que se acha esta povoação da fronteira hespanhola; foi causa de padecer tantos damnos nas guerras, que se atearam entre os dois paizes em diversas epochas; mas principalmente no reinado de D. Fernando, e no começo do de D. João I, que outra vez chegou a deploravel estado de ruina, em tempo d'el-rei D. Manuel, que a restaurou, e lhe deu foral pelos annos de 1509.

Quando D. Filippe II de Castella se viu senhor de Portugal pela força das armas, e talvez ainda mais pelas perfidias e traições de alguns desnaturados portuguezes, galardoou os serviços que lhe prestou D. Christovão de Moura com o titulo de conde de Castello Rodrigo. Filippe III elevou este mesmo titulo a marquizado.

Em Julho de 1664 veio pôr-lhe sitio o duque de Ossuna com um exercito hespanhol. E no dia 6 d'esse mez e anno foram os sitiantes derrotados, e levantado o cêrco pelo exercito portuguez commandado pelo primeiro visconde de Fonte Arcada.

A villa de Castello Rodrigo está situada sobre um monte, estendendo-se para o lado do sul. E' cercada de muros, com treze torres. O seu castello merece ser visitado pelos curiosos d'antiguidades. Tem duas portas, chamadas do *Sol*, e de *Alverca*. No centro ergue-se a torre de menagem de muita altura, toda de cantaria, de forma quadrada, com seis grandes janelas. Dentro d'este castello vê-se ainda o palacio arruinado, que ali mandou construir D. Christovão de Moura, o primeiro conde e primeiro Marquez de Castello Rodrigo, que era obra de boa architectura. Junto á porta da Alverca, da parte de dentro, ha um poço bem construido, de bastante profundidade, e abundante d'agua potavel. E no sitio denominado Alvaca, tambem no interior da fortaleza, existe uma cisterna, aberta na rocha, e com sessenta e tres degraus.

Tem esta villa uma unica parochia, da invocação de Nossa Senhora do Roque Amador, que está situada no meio da povoação. Tem hospital e casa de misericórdia, e tres ermidas.

Nos arrabaldes ha varias fontes, de que se abastece a villa, e que regam algumas hortas e pomares. O termo é extenso, e produz cereaes, algum vinho, muitas pastagens, onde ha criação de gado; e abundancia de caça. O rio Aguiar, que o banha, e que vae desaguar no Douro, fornece alguma pesca.

A um quarto de legua da villa está o antigo edificio do extincto mosteiro de Santa Maria da Torre de Aguiar, fundação de D. Affonso Henriques, e que pertenceu aos monges de S. Bernardo. Foi um santuario ao qual concorriam outr'ora muitas romarias. Na egreja está a sepultura do celebre chronista-mór do reino frei Bernardo de Brito.

Castello Rodrigo, hoje de bem pouca importancia, e com uma população diminutissima, na antiga organização do paiz tinha voto em côrtes com assento no banco decimo primeiro.

O seu brasão d'armas é um escudo com as armas reaes ao revez, a parte superior para baixo. Foi um dos castigos, que infligiu a esta villa el-rei D. João 1, porque os seus habitantes, seguindo

o partido de D. Beatriz, filha do nosso rei D. Fernando, e mulher de D. João I de Castella, na guerra da successão, recusaram dar entrada áquelle soberano, quando por ali passou em direcção á praça de Chaves.

Dizem que a villa tomou o nome do seu castello, e do seu primeiro alcaide-mór, chamado Rodrigo. Andava este cargo na familia dos viscondes de Fonte Arcada,

A VILLA DE CASTELLO DE VIDE.

Segundo a opinião de alguns nossos antiquarios é esta villa uma das mais antigas povoações do Alemtejo, e já existia no tempo da dominação romana. Os que lhe dão tão remota origem, querem que o seu castello seja muito anterior ao reinado de D. Diniz, e dizem que este monarcha só lhe edificou a torre da menagem, e fez alguns reparos. Outros, porém, pretendem que foi el-rei D. Diniz o fundador do castello, e que desde então se ficou chamando a povoação Castello de Vide, em lugar de Villa de Vide, nome que antes tinha.

Sobre a etymologia do nome, dizem os primeiros, que provém da sua posição junto da raia de Hespanha, chamando-se nos tempos antigos Villa de Vide, por abreviação de *Villa que divide*, isto é, que separa um reino do outro. Os segundos atei-mam, que o seu nome se deriva de uma vide, que plantaram chegada á porta do castello, logo que acabaram de o construir. E confirmam esta opinião com o brasão d'armas da villa, que é um escudo, tendo no meio um castello cercado por uma vide com seus cachos e parras.

Foi senhor d'esta villa o infante D. Affonso, irmão d'el-rei D. Diniz, e nas discordias, que tiveram entre si, foi por vezes theatro Castello de Vide d'esta lucta, querendo D. Affonso a todo o custo cercal-a de muros, e impedindo-lh'o com tropas el-rei D. Diniz. Mais tarde veio a construir-se a sua cêrca de muralhas com quatro portas. Outr'orá tinha voto em côrtes com assento no banco decimo primeiro.

A villa de Castello de Vide, antiga praça d'armas, está situada na provincia do Alemtejo, junto á fronteira de Hespanha, em lugar elevado, na encosta de um monte, que pertence á serra de Portalegre. Dista da cidade d'este nome duas leguas

e meia para o nornordeste, e uma legua da praça de Marvão para o poente.

Ha na villa tres parochias, que são : Santa Maria da Deveza, que foi primeiro uma ermida, edificada no anno de 1344, e é a matriz ; S. João Baptista, que era da ordem de Malta, e antigamente da apresentação do grã-prior do Crato ; e Santiago.

Tem casa da misericordia e hospital, que datam do reinado d'el-rei D. Manuel. Havia aqui dois conventos de frades, que eram : o de Nossa Senhora da Conceição, de franciscanos da provincia do Algarve, e o de Nossa Senhora da Victoria, de hospitaleiros de S. João de Deus, no qual se estabeleceu um hospital militar. Tem dois recolhimentos de mulheres pobres, uma egreja da invocação do Espirito Santo, e umas vinte ermidas dentro da villa e nos arrabaldes. A casa da camara é bom edificio. O castello é grande, e tem dentro muitas casas, aonde assistem bastantes familias.

Na villa ha muita e boa agua ; nos arrabaldes porém abunda por tal modo em poços, fontes, e ribeiras, que faz aquellas cercanias muito ferteis e formosas.

As ribeiras da Vide, e de S. João cercam a villa com a frescura de suas aguas, e rodeam-na de frondoso arvoredor. Regam mais de duzentas hortas, pomares, e quintas ; e fazem moer muitas azenhas, e engenhos de fabricas de pannos ; pelo que todas as saídas da villa são muito amenas, e conduzem a lindissimos passeios.

O termo de Castello de Vide, em que se contam umas trezentas fontes, é muito productivo e bem cultivado. Recolhe muita castanha, peras, perros, e outras fructas de magnifica qualidade ; muita e excellente hortaliça, sendo algumas especies de nomeada em toda a provincia ; bastante copia de cereaes e legumes, vinho, azeite, e caça de todo o genero. Cria-se aqui muito gado, principalmente suino, que constitue um ramo de grande commercio e riqueza para esta villa.

A 10 de Agosto tem a sua feira de tres dias, á

qual concorre muita gente, e muita variedade de generos. A população de Castello de Vide regula por perto de seis mil almas. A alcaidaria-mór d'esta villa anda na casa dos condes de Sabugal, que tambem são meirinhos-móres.

A VILLA DE CAMINHA.

Na parte extrema de Portugal para o norte, sobre o rio Minho, que o separa da Galliza, e junto ao oceano, está edificada a villa de Caminha. Dista de Vianna tres leguas para o norte, e quatro da praça de Valença para o sudoeste.

Está assentada agradavelmente entre os rios Minho, que forma o seu porto, e o Coura, que perto d'ella se encorpora no primeiro, que entra no mar a meia legua da villa. Uma fortaleza, levantada sobre um cabeço secco na foz do Minho, divide a barra em duas, uma portugueza, outra gallega, ambas de facil accesso para embarcações do lote de hiates.

Dizem que esta villa foi fundada por um fidalgo da Galliza, chamado Caminio, de que lhe provém o nome. Não encontramos memoria da epoca da sua fundação, mas sim que achando-se inteiramente arruinada, el-rei D. Affonso III a mandara reedificar e povoar pelos annos de 1265. El-rei D. Diniz deu-lhe foral em 24 de Julho de 1284, e augmentou-a, fazendo-lhe varias obras de defesa.

D. Affonso V fez conde de Caminha a Pedro Alvares de Sottomaior, visconde de Tuy, fidalgo da Galliza, que, passando a Portugal, entrou no serviço d'aquelle soberano, e seus descendentes vieram a ser alcaides-móres da mesma villa. Philippe IV de Hespanha, durante o seu dominio em Portugal, fez duque de Caminha a D. Miguel de Menezes, primogenito dos marqueses de Villa Real, que perdeu a vida no cadafalso por entrar com seu pae e outros fidalgos na conspiração contra D. João IV e em favor de Castella.

Por tres vezes foi esta villa cercada de fortificações. A primeira vez em tempos muito antigos, ao que parece no reinado de D. Diniz, com muralhas de cantaria, guarnecidas de dez torres, e com qua-

tro portas, chamadas *da Villa*, esta coroada por uma torre com relógio, *do Sol, Nova*, e da torre do *Marquez*, junto da qual houve um grande caes, onde vinham carregar ou deitar carga navios de muito maior lotação do que os que presentemente ali podem entrar. As areias foram cobrindo o caes até o enterrarem de todo. No principio do seculo passado já esta ultima porta se achava tapada de pedra por inutil. O seu nome derivava-se do palacio, que os marquezes de Villa Real tinham n'esta villa, contiguo á dita porta.

A segunda cêrca, muito mais moderna, foi construida com pedra d'alvenaria, e apenas n'ella havia a *porta de Vianna*, e um postigo com serventia para o rio Minho. A terceira fortificação, do tempo das guerras da aclamação de D. João IV, tambem de obra d'alvenaria, com fossos, e contra-escarpa, foi executada em maior escala, abrangendo dentro em si quasi toda a povoação, e com seis portas.

A egreja matriz, unica parochia da villa, é um dos mais bellos templos de architectura gothica, que possui a provincia do Minho. Lançou-se a primeira pedra nos seus alicerces no dia 4 de Abril de 1488, reinando D. João II; porém estando as obras ainda atrasadas, quando el-rei D. Manuel succedeu na corôa no anno de 1495, este soberano concorreu com largas esmolas para o seu acabamento. E' este templo todo de pedra, com um rico portal, ornado de mui variadas esculpturas. Possui ricas alfayas, e entre as suas imagens sagradas sobresaê pela devoção em que é tida, e pela excellencia da esculptura, uma imagem de vulto de Christo-Ecce-Homo, que veio de Inglaterra no tempo em que Henrique VIII, abolindo no seu reino a religião catholica, declarou a mais cruel perseguição contra os que não quizeram abjurar as santas crenças de seus maiores.

A egreja e hospital da misericordia foram fundados no anno de 1551. Por occasião da guerra da independencia contra Castella, estabeleceu-se n'esta villa um hospital militar.

Havia dentro da villa um convento de frades

capuchos da invocação de Santo Antonio, edificado em 1618 pelo marquez de Villa Real, D. Miguel de Noronha ; e um convento de freiras franciscanas, que existe, intitulado de Nossa Senhora da Misericordia, construido em 1561 por D. André de Noronha, bispo de Portalegre, e que primeiro fôra abbade da egreja matriz de Caminha.

Tem esta povoação uma grande praça em frente da misericordia, muitas casas boas, as ermidas de Nossa Senhora da Piedade, S. Sebastião, S. João, Nossa Senhora do Guadalupe, e Nossa Senhora da Graça ; e varias fontes e poços de excellente agua dentro e fora dos seus muros.

O termo é abundante de cereaes, legumes, vinho, fructa, hortaliças, mel e cera, linho, gados, e caça. O oceano e o rio Minho não só a abastecem de muita quantidade, e infinita variedade de peixes, mas até lhe offerecem nas pescarias um ramo importante de commercio. No rio pescam-se em grande abundancia salmões, lampreas, solhos, trutas e saveis, que d'aqui se exportam para muitas terras do interior.

Os arrabaldes de Caminha são muito lindos. Bastam para fazel-os formosos as margens encantadoras do rio Minho. O seu porto é frequentado por muitas embarcações, que lhe entreteem bastantes relações commerciaes com Lisboa e outros portos do reino. No anno de 1851 entraram n'elle cento e treze embarcações com oito mil cento e quarenta e sete toneladas, e saíram cento e oito.

Foram naturaes d'esta villa o famoso jurisconsulto Pedro Barbosa, que reformou as ordenações do reino ; e João Soares Rebello, celebre compositor de musica, muito estimado d'el-rei D. João iv.

A população de Caminha anda por mil e trezentas almas. No antigo regimen tinha voto em côrtes, e os seus procuradores tomavam n'ellas assento no banco decimo terceiro. Tem por brasão de armas um escudo com uma fortaleza sobre o mar.

A VILLA DE CELORICO.

Na provincia da Beira, junto á serra da Estrella, e tres leguas ao occidente da cidade da Guarda, está situada a antiquissima villa de Celorico em logar alto.

Da sua fundação não ha noticia certa, pois se deve ter por fabulosa a que lhe assignam alguns dos nossos antiquarios, que tomaram a palavra *brigo*, em que terminavam os nomes das cidades anteriores ou do tempo da dominação romana, pelo nome de um supposto rei de Hespanha, attribuido a epochas inteiramente desconhecidas, ou de que ha apenas mui confusas noticias.

Como Celorico se chamou em antigas eras *Celiobriga*, tiraram d'aqui argumento os escriptores a que nos referimos, para lhedarem por fundador Brigo, rei de Hespanha, que dizem reinara no anno de 1890 antes do nascimento de Christo. Muitas razões porém levam a crer, que essa palavra *brigo* designava na lingua dos antigos lusitanos cidade ou povoação; como nos primeiros tempos da monarchia portugueza se dava o nome de burgo ás povoações, que se iam levantando junto dos castellos, ou dos mosteiros; nome que depois se applicou aos arrabaldes das cidades e villas.

Partindo pois de epochas mais conhecidas na historia, diremos que a terra de que nos occupamos já existia sob o dominio dos romanos, chamando-se então *Celiobriga*.

Nas invasões que a Lusitania padeceu, quando acabou aquelle dominio, *Celiobriga* foi a seu turno destruida e reedificada. N'estas diversas transformações parece que se corrompeu o seu nome, vindo a ser denominada *Corrorico*.

Passado apenas meio seculo depois que D. Afonso Henriques fundara nos plainos de Campo de Ourique a monarchia portugueza, veio um exer-

cito de castelhanos e leonezes pôr cêreo ao seu castello, no anno de 1187. D. Gonçalo, e D. Rodrigues Mendes, filhos do conde D. Mendo, que eram alcaides-móres d'este castello por el-rei D. Sancho I, accommetteram de noite os sitiadores, e, auxiliados pelo sobresalto de tão repentino e inesperado ataque, e pela claridade da lua, que apesar de ser nova, lhes allumiava sufficientemente o campo, venceram e desbarataram completamente os inimigôs. Por esta acção tomaram por brasão de armas o castello e a villa um escudo com uma meia lua e cinco estrellas.

Pelos annos de 1245, tendo sido deposto do throno el-rei D. Sancho II, e sendo chamado ao governo do reino, com o titulo de governador ou regente, seu irmão o infante D. Affonso, que era conde de Bolonha pelo seu casamento com D. Mathilde, condessa soberana d'aquelle estado, veio este principe cercar o castello de Celorico, porque o seu alcaide-mór D. Fernando Rodrigues Pacheco, que o tinha por D. Sancho II, o não queria entregar. Durou o cêrco muitos mezes, e, estando o castello para se render pela fome, foi salvo por astucia de D. Fernando, e por meio de uma truta, que uma aguia deixou cair sobre o mesmo castello. Este successo, que tencionamos relatar com mais miudeza n'outra occasião, foi causa de que se accrescentasse ao brasão d'armas um castello tendo por cima uma aguia com uma truta nas garras.

Querem alguns autores, que do zelo com que foi defendido este castello n'estes dois cêrcos, se principiou a denominar a terra Zelo Rico, de que se derivou por corrupção o de Celorico.

El-rei D. Manuel deu-lhe foral de villa, accrescentando-lhe os privilegios, que lhe havia dado D. Affonso II.

Na curta guerra, que houve entre Portugal e Hespanha, reinando el-rei D. José, foi tomada a villa de Celorico pelos hespanhoes em 1762. O senhorio d'esta terra andou em diversas familias. Antes do reinado de D. Fernando pertenceu a Mar-

tim Vasques da Cunha. Este soberano deu-a em dote a sua filha bastarda D. Isabel, que casou em 1373 com o conde de Gijon, filho natural de D. Henrique II de Castella. El-rei D. Manuel fez mercê d'este senhorio ao primeiro conde de Portalegre, e vagando para a corôa pela extincção d'esta familia, deu-o D. Pedro II a André Lopes de Lavre.

A villa de Celorico tem tres parochias, intituladas : Santa Maria, que é collegiada, S. Martinho, e S. Pedro. O templo da segunda é de fabrica muito antiga. Foi fundado pelos templarios no anno de 1302. O de S. Pedro tem a mesma origem, com a differença de alguns poucos annos de menos.

A casa e hospital da misericordia foram instituidos no reinado de D. João III, n'uma egreja que já existia, e fôra por muitos annos parochia, com a invocação de Santo André. Na villa e nos subúrbios ha nove ermidas, e umas oito fontes.

Os arrabaldes de Celorico possuem alguns sitios de muita belleza e amenidade. O Mondego fertilisa os seus campos, e fornece algum peixe. O termo produz cereaes, legumes, fructas, azeite, e algum vinho; e cria-se n'elle bastante gado e caça.

Celorico tem uns mil e setecentos habitantes.

A VILLA DE CASTRO MARIM.

E' esta villa um dos portos maritimos do reino do Algarve, e uma das suas principaes praças de guerra. Está edificada na margem direita do Guadiana, uma legua distante da foz do rio, é quasi defronte da cidade hespanhola de Ayamonte. Sentada nas faldas de duas montanhas, queahi se unem por meio de duas linhas de muralhas, não se espelham seus edificios nas aguas do Guadiana. Fica um pouco arredada do rio, porém um pequeno estêiro ou canal facilita ás embarcações chegarem junto aos muros da villa.

El-rei D. Affonso III mandou-a povoar em Julho de 1277, concedendo-lhe varios foros e privilegios. Não consta porém ao certo se a fundou, ou simplesmente reedificou. El-rei D. Diniz deu-lhe novo foral em Maio de 1282, e quando pela extinctão dos templarios, se creou a ordem de Christo, fez-a cabeça da nova ordem, que depois se mudou para Thomar. Parece que o mesmo soberano lhe fez as primeiras obras de fortificação. As mais consideraveis foram emprehendidas no tempo das guerras da aclamação de D. João IV.

Castro Marim tinha voto nas antigas côrtes, e os seus procuradores tomavam n'ellas assento no banco decimo terceiro.

Na parte mais alta da villa está o seu antigo castello, de forma circular, com cinco torres, e cinco portas, que communicam para a povoação, e para os arrabaldes. Os condes de Soure, como alcaides-môres que eram de Castro Marim, tinham casas dentro d'este castello. Tambem n'elle se acha fundada a egreja matriz, unica parochia da villa, a qual é dedicada ao apostolo Santiago. Tem casa e hospital da misericordia, e quatro ermidas. A de Nossa Senhora dos Martyres, que é um santuario de muita devoção d'aquelle povo, e á qual

concorrem muitas romarias, tem junto um hospital militar.

As visinhanças do Guadiana fazem apraziveis os seus suburbios, que produzem cereaes, vinho, azeite, amendoas, e figos, e criam muito gado e caça. O rio e o mar fornecem-na abundantemente de muita variedade de pêscado. Recolhe muito sal das suas marinhas, de que se abastecem quasi todas as terras do Algarve. Este producto, juntamente com os figos, amendoas, e pescaria salgada, constitue os seus principaes generos de exportação, que é importante, e lhe entretem activo commercio com Lisboa e outros portos do reino.

Castro Marim tem perto de dois mil e trezentos habitantes. O seu brasão d'armas é um escudo com uma povoação cercada de muralhas, e por cima as armas reaes de Portugal.

A VILLA DA CERTÃ.

Na provincia do Alemtejo, sete leguas ao nascente da cidade de Thomar, acha-se a villa da Certã, assentada em logar plano entre as ribeiras do seu mesmo nome e d'Amioso.

Foi fundada por Sertorio setenta e quatro annos antes do nascimento de Christo, o qual a denominou *Certago*, edificando-lhe para sua defesa um bom castello. Nas guerras em que este valente capitão se empenhou contra o poder de Roma para sustentar a independencia da Lusitania, a cuja frente se collocara, veio um exercito romano pôr cêrco a Certago. Mal apercebido o seu castello para resistir a tão poderoso inimigo, ia ser tomado no fim de renhido combate, quando uma corajosa matrona, para vingar a morte do esposo, corre á porta do castello no momento em que vinham entrando os primeiros soldados romanos, e arremecendo-lhe ao rosto azeite a server, que trazia n'uma certã, suspende-lhes o passo, e dá tempo a que chegue soccorro, com que foram repellidos os inimigos, e salva a fortaleza. Em memoria d'este feito heroico tomou a povoação por brasão d'armas, que ainda conserva, um escudo com uma certã, e em volta a letra : «*Certago sternit certagine hostes.*» Com a certã destruiu Certago aos seus inimigos.

Nas invasões dos povos do norte, e depois na dos arabes, padeceu a Certã total ruina. Foi reedificada por el-rei D. Affonso Henriques, que lhe concedeu muitos foros e privilegios para lhe attrahir moradores. Alguns autores attribuem esta reedificação ao conde D. Henrique, e lhe assignam o anno de 1111, o que não é crível por varias razões.

No antigo regimen tinha esta villa voto em côrtes, onde os seus procuradores tomavam assento no banco decimo segundo.

A egreja matriz, unica parochia da villa, é dedicada a S. Pedro, e é um templo de tres naves. A

casa da misericórdia data do reinado de D. João III; e o hospital, que parece ser de muito mais antiga origem, foi annexado áquella confraria em 1565. Além de varias ermidas ha na villa o edificio do extincto convento de Santo António, que foi de religiosos capuchos, fundado no anno de 1635. Está situado em uma linda posição, no extremoda villa, onde se juntam as duas ribeiras, que a cercam. Dava-lhe ingresso uma formosa alameda de carvalhos seculares, que não sabemos se ainda existem.

O velho castello está quasi inteiramente demolido. Os suburbios da Certã são apraziveis; e produzem cereaes, legumes, fructas, vinho, e azeite. Teem bastante caça, e alguma criação de gado. A villa encerra uns dois mil e setecentos moradores.

A VILLA DE CHAVES.

Deve esta villa a sua origem a uma nascente de aguas sulfureas, que ali se descobriu sob o dominio dos romanos. Afim de as aproveitar para banhos, dizem que o imperador Flavio Vespasiano fundara junto da fonte uma povoação, á qual poz o nome de *Aquae Flaviae*. E' fora de duvida, que existia, e assim se chamava no tempo do imperio romano, o que muitas memorias confirmam, tendo-se achado nas suas visinhanças lapidas com inscripções, que a designam com o titulo de *colonia* romana. Quanto ao fundador, esta versão tem por si, além de algumas boas opiniões, esse seu nome primitivo. Com o decurso do tempo se corrompeu aquelle nome em *Aquae Calidae*, Aguas Quentes, ainda em referencia á mesma fonte. Depois tambem este por seu turno se veiu a corromper, por abreviatura, no de *Clavis*; e no reinado de D. Affonso vi de Leão se começou a chamar Chaves.

Foi esta uma das povoações da Lusitania, que os moiros na sua invasão destruíram inteiramente, nos principios do seculo viii. Mas foi tambem uma das que primeiro renasceram, voltando ao poder dos christãos. El-rei D. Affonso iii de Leão mandou-a reconstruir e povoar, cercando-a de muros, no anno de 888.

Os moiros tornaram a assenhorear-se d'ella; porém no anno de 1160, estando já constituida a monarchia portugueza, e reinando el-rei D. Affonso Henriques, foi restaurada por um pequeno punhado de portuguezes capitaneados por Garcia Lopes e Rui Lopes, que, em commemoração d'este feito, accrescentaram aos seus nomes o appellido de Chaves, que transmittiram aos seus descendentes.

El-rei D. Diniz reconstruiu-lhe a cerca de muros, que se achavam muito arruinados. Seu filho D. Affonso iv deu-lhe foral, que el-rei D. Manuel reformou em Julho de 1515. As obras que consti-

tuiram a villa de Chavès em uma das praças fortes do reino, e na principal da provincia de Tras-os-Montes, teem sido comprehendidas em diversas epochas, por occasião de guerra com a Hespanha.

Chaves está assentada em uma pouco elevada eminencia sobre a margem direita do rio Tamega, e junto á fronteira, que confina com a Galliza.

Tem uma só parochia, cujo orago é Nossa Senhora da Assumpção; casa e hospital da misericórdia; hospital militar; varias ermidas; o edificio de um extincto convento, intitulado de S. Francisco, que pertenceu aos frades franciscanos; e um convento, que ainda existe habitado, de religiosas capuchas da Conceição. Na capella-mór da egreja do convento de S. Francisco está o primeiro duque de Bragança, D. Affonso, filho legitimado d'el-rei D. João I, em um magnifico tumulo mandado fazer pela duquesa de Bragança D. Catharina, filha do infante D. Duarte, e esposa do duque D. João I. Ainda existe n'esta villa o palacio, onde falleceu o duque D. Affonso, que elle mandara edificar, e em que residiu por diversas vezes.

Sobre o Tamega, que separa a villa dos arrabaldes, está uma ponte de pedra com dezoito arcos, cuja construcção se attribue ao imperador Trajano.

As aguas de caldas nascem em um campo entre as muralhas da fortificação da praça e o rio. N'este sitio havia um edificio de banhos, obra dos romanos, que desgraçadamente foi mandado demolir pelo primeiro conde de Mesquitella, sendo governador das armas d'aquella provincia, com o intuito de desembaraçar o campo em frente da praça.

O doutor Francisco da Fonseca Henriques, que examinou estas caldas, diz no seu *Aquilegio Medicinal*, que são as melhores que ha no reino para certas molestias, que aponta, e que por brevidade omittimos. Passam estas aguas, segundo observações que se teem feito, por grandes depositos de enxofre, caparosa, salitre, e pedra hume. Saem da terra muito quentes.

As margens do Tamega fazem formosos os subúrbios de Chaves. O rio divide os arrabaldes da

Magdalena, e das Couraças, que são bastante povoados, da villa, que se acha toda cercada de muralhas. A principal cultura do termo são cereaes e linhos. O rio e as serras proximas fornecem-lhe algum peixe miudo e caça.

No 1.º de Novembro tem Chaves a sua feira de tres dias, á qual concorre muita gente das terras visinhas e de Galliza.

Chaves tem uma população de tres mil e novecentos habitantes. Apesar de não ser a capital de Traz-os-Montes, é aqui que reside o general commandante da quinta divisão militar, que abrange toda a provincia.

Na antiga organização do paiz gosava esta villa de voto em côrtes, com assento no banco quinto. Tem por brasão d'armas um escudo com cinco chaves de oiro em campo de prata.

A VILLA DE CINTRA.

A serra de Cintra é a mais bella e pittoresca montanha de toda a provincia da Estremadura. Ergue-se a cinco leguas a oesnoroeste de Lisboa, contando outras cinco de circumferencia, e mil e oitocentos pés na sua maior altura, e ao entrar pelo oceano dentro, forma o Cabo da Roca.

Toda erichada de penhas, coberta de bosques, e cortada de aguas, encerra muitas curiosidades e bellezas naturaes, que em todos os tempos a tem feito celebre.

Antigamente era conhecida pelos nomes de *Promontorio Magno*, ou da *Lua*, e é fora de duvida, que no tempo da dominação romana os povos, que habitavam n'esta serra, edificaram abi um templo, que primeiramente quizeram dedicar ao imperador Octaviano Augusto II, e que por este o não consentir o consagraram á lua. Como chamassem a este planeta Cinthia, passou este nome do templo para a serrania, e d'esta para a principal povoação, que se construiu n'aquella montanha. De Cynthia pois se derivou com pouca corrupção o nome de Cintra. Estas memorias historicas acham-se confirmadas por varios cippos, e outras pedras com inscripções, que se descobriram na mesma serra, e que se podem ver nas obras dos nossos antiquarios.

Sobre a fundação da villa de Cintra não ha noticia certa. A que lhe assignam alguns autores, attribuindo-a aos turdulos ou aos gregos, não tem por base mais do que simples conjecturas. O que se sabe com certeza é que é uma povoação antiquissima, e que já existia no tempo dos romanos.

Na invasão dos povos do norte, que destruíram o imperio dos cezares, e na dos arabes, que derubou a monarchia dos godos, correu esta villa a

mesma sorte da Lusitania, entrando no dominio dos vencedores. Durante a occupação mauritana foi varias vezes tomada pelos christãos e reconquistada pelos arabes. Apossou-se d'ella el-rei D. Fernando Magno, mas logo depois a perdeu. Outra vez tomada por el-rei D. Affonso vi de Castella, voltou de novo ao poder dos moiros. O conde D. Henrique, pae do nosso primeiro rei, conseguiu recuperal-a; porém pouco tempo a conservou. Finalmente el-rei D. Affonso Henriques resgatou-a inteiramente do dominio dos infieis no anno de 1147, e d'esta vez ficou para sempre christã.

Deu-lhe foral este monarcha em 1154, o qual seu filho D. Sancho i confirmou, e el-rei D. Manuel reformou em 1514.

El-rei D. Fernando fez conde de Cintra a D. Henrique Manuel de Vilhena, que na guerra civil e estrangeira, que se seguiu á morte d'este soberano, sustentou por algum tempo o castello d'aquella villa em favor da rainha D. Leonor, e contra o mestre d'Aviz.

A villa de Cintra está assentada a dois terços da altura da encosta da serra, que olha para o norte, e por conseguinte em terreno desigual. O antigo castello dos moiros, fazendo corôa a um dos mais altos pincares da serra, ergue-se a cavalleiro sobre a villa; e esta campêa sobre um valle delicioso, desfructando dilatadissimas vistas.

Tem Cintra as seguintes parochias: S. Martinho, no centro da povoação, que foi fundada por el-rei D. Affonso Henriques, destruida pelo terremoto de 1755, e depois reedificada: Santa Maria, que está situada no arrabalde, e proximo do castello, teve o mesmo fundador que a antecedente; e tambem padeceu ruina com o terremoto, a qual foi separada logo depois: S. Miguel que está egualmente fora da villa, na encosta da serra. A sua origem é a mesma das duas primeiras. Esta parochia acha-se incorporada á de Santa Maria.

A egreja e hospital da misericordia foram obra de el-rei D. Manuel. Ha na villa e sua vizinhan-

ça varias ermidas, e os edificios de alguns celebres conventos. D'entre os segundos, os mais notaveis são o de Nossa Senhora da Pena, que foi de monges de S. Jeronymo, fundado por el-rei D. Manuel sobre um elevado serro, e hoje transformado por sua magestade el-rei D. Fernando em um palacio ornado de riquissimas esculpturas; e o de Santa Cruz, outr'ora habitado por frades capuchos, fundação de D. Alvaro de Castro, filho do grande visor-rei da India D. João de Castro. Aquelle singular em obras d'arte, antigas e modernas; e este ainda mais singular nas obras da natureza, porque é todo um composto de grutas naturaes.

Dos magnificos paços da villa já tratámos em outro numero d'este jornal. Das curiosidades, que se encontram nas cercanias de Cintra; das formosas quintas, que lhe povoam os arrabaldes; e dos sitios amenos e pittorescos, que por todos os lados a rodeiam, não permitem os limites d'esta publicação, que tratemos miudamente. Portanto apenas mencionaremos como principaes entre as curiosidades naturaes, além do convento dos capuchos, a gruta de Porto Covo, proxima de Penha Longa; entre as melhores quintas e palacios os da Pena, de sua magestade el-rei D. Fernando, os dos senhores marquezes de Vianna, de Pombal, e de Vallada, duques de Palmella e Cadaval, a quinta de Penha Verde, do senhor conde de Penamacor, fundada por D. João de Castro, a de Sitraes do senhor marquez de Loulé, a da Regaleira, da senhora baroneza do mesmo titulo, e a de Monserate: entre os sitios mais bellos, afora estas quintas, o bosque de Diana e o valle delicioso de Penha Longa.

O velho castello dos moiros, agora remoçado, e interiormente todo arborizado e ajardinado, como fazendo parte da cêrca do real paço da Pena, é um dos mais antigos monumentos d'este genero, que possui o nosso paiz. Nada se sabe da sua origem, mas como prova de que pertenceu aos arabes mostra ainda os restos da sua mesquita. Tem uma cisterna, ou casa de banho, em bom estado de conservação, e sempre cheia d'agua.

O termo de Cintra é abundantissimo de aguas, que por todas as partes o regam e fertilizam, entreitando uma vegetação pomposa e perenne. Produz muitas e saborosissimas fructas, que fornecem a capital, e se exportam para Inglaterra, e tambem algum vinho e cereaes. Na serra cria-se bastante gado, e d'ella se extrahem muitos marmores, que veem pela maior parte para Lisboa.

Fazem-se em Cintra as seguintes feiras, que são mui concorridas, principalmente de gente da capital, que ahi afflue attrahida pelas festas d'arrayal, que por essas occasiões se costumam celebrar : a 13 de Junho ; a 29 do mesmo mez ; 26 d'Agosto ; primeiro domingo de Setembro. No segundo domingo de cada mez ha mercado em S. Pedro de Penaferrim.

A população de Cintra e seus arrabaldes anda quasi por tres mil almas. No antigo regimen go-sava da prerogatiya de enviar procuradores ás côrtes, os quaes tomavam assento no banco sexto. Segundo alguns autores, tem por armas um castello com tres torres ; porém o brasão que se acha na Torre do Tombo, d'onde se copiou o que vae junto a este artigo, é uma torre ou castello sobre uma serra, e em campo verde.

A CIDADE DE COIMBRA.

Da *Conimbriga* dos romanos restam poucos vestígios. Esta cidade tinha o seu assento no lugar, aonde agora vemos Condeixa a Velha, duas leguas distante da actual cidade de Coimbra, e ao lado da estrada que conduz a Lisboa. Na invasão dos povos do norte, no seculo v. foi completamente destruida; e querendo depois os vencedores reedificar-a, resolveram mudar-lhe o assento para junto do Mondego. Tal é a origem, ao que parece, da moderna Coimbra, a quem dão por fundador Ataces, rei dos alanos.

O brasão d'armas, de que ainda usa esta cidade, dizem lhe fôra dado por aquelle soberano em commemoração do seguinte caso. Achando-se Ataces occupado na edificação da sua nova cidade de Coimbra, veio fazer-lhe guerra Ermenerico, rei dos suevos, á frente de um numeroso exercito. Não esperou Ataces a chegada do inimigo: apenas lhe constou a sua vinda, saiu-lhe ao encontro, deu-lhe batalha, e venceu-o. Ermenerico para salvar-se a si e ás reliquias do seu exercito, pediu paz, e offereceu ao vencedor para a alcançar a mão de sua filha, a princeza Cindasunda, cuja belleza era mui fallada e celebrada. Ataces acceitou a proposta, e passado pouco tempo effeituou-se o consorcio. No seu contentamento por este successo, que lhe deu uma noiva tanto do seu agrado, determinou commemoral-o no brasão de armas de Coimbra, que ordenou do seguinte modo. No meio a imagem da princeza Cindasunda, coroada como rainha, com as mãos postas e olhos voltados para o ceo como medianeira da paz, que implora de Deus, e saindo de uma taça ou calix de ouro, que significa o sacramento do matrimonio, que confirmou a alliança e amizade entre os dois monarchas pouco antes inimigos, e personalisados no brasão, Ataces na figura de um leão rompente

de oiro, que era a sua divisa, e Ermenerico na de uma serpe ou dragão verde, que trazia por emblema pintado nas suas bandeiras, e tudo em campo vermelho.

No seculo viii curvou-se Coimbra, como as mais terras da Lusitania, ao jugo dos musulmanos. Na grande lucta que não tardou a romper entre os christãos e os conquistadores, ora se viu resgatada, ora presa outra vez dos infieis, até que no anno de 1064 D. Fernando Magno, rei de Castella e Leão, a arrancou para sempre do poder dos moiros, no fim de um cerco de sete mezes.

A mesquita principal da cidade foi logo purificada, e convertida em templo dedicado a Nossa Senhora, e conta-se que n'elle o mesmo rei D. Fernando Magno armara cavalleiro com toda a solemnidade ao celebre Cid Rui Dias. D. Fernando reparou os muros da cidade; povoou-a de christãos; guarneceu-a de soldados veteranos, e deixou-lhe por governador o conde D. Sisnando, que se fez notavel pelo seu bom governo, e por varias obras que emprehendeu para melhoramento da cidade.

Reinando em Castella e Leão D. Affonso vi, neto d'este rei D. Fernando, e dando sua filha D. Tareja em casamento ao conde D. Henrique, com o condado de Portugal por dote, entrou este principe na posse de Coimbra, e d'ella fez a sua côrte alternadamente com Braga e Guimarães. Confirmando-lhe o foral dado por seu sogro, accrescentou-lhe novos privilegios.

Seu filho D. Affonso Henriques, depois de aclamado rei, estabeleceu em Coimbra a sua residencia habitual; e assim ficou sendo esta cidade côrte unica de Portugal durante os primeiros quatro reinados. D. Affonso iii repartiu com Lisboa esta regalia, que as duas cidades gosaram por seu turno até ao principio do reinado de D. João i, em que os povos requereram a este monarcha, nas côrtes então reunidas em Coimbra, que mudasse a sua residencia para Lisboa por varias razões, que apresentaram. Não deixaram todavia os successores do mestre d'Aviz de ir gosar de vez em quando da encantadora vista das margens do Mondego.

N'estes tempos tinha Coimbra voto em côrtes, com assento no banco primeiro; e aqui as celebraram D. Affonso Henriques em 1180, em que seu filho D. Sancho foi jurado successor da corôa; D. Sancho I em 1213 para o reconhecimento de seu filho D. Affonso, e para a feitura de leis; D. Affonso III em 1261, para ser jurado rei; D. João I em 1385 nas quaes lhe foi dado o throno de Portugal, e acclamado e jurado rei pelo pedir a salvação da causa publica, apesar da sua bastardia, e dos direitos de seus irmãos, os filhos da infeliz D. Ignez de Castro, então presos em Castella; e finalmente D. Affonso V, no anno de 1472. No fim do reinado de D. Sancho II teve logar aquella famosa defesa do castello de Coimbra, de que já fallámos em um dos numeros passados.

D'est'arte foi a cidade de Coimbra theatro de importantes acontecimentos politicos, assim como tambem o foi de lamentaveis scenas tragicas. Duas mulheres, ambas formosas d'alma e de corpo, e para sua desgraça elevadas ambas por amor a uma alta posição, ahi padeceram morte violenta, e a todos os respeitoz immerecida! D. Ignez de Castro e D. Maria Telles são os nomes d'essas illustes e tristes victimas da politica e do ciúme. A primeira foi mandada assassinar por el-rei D. Affonso IV, afim de não servir de estorvo a um projectado enlace do infante D. Pedro, seu filho, e successor, com uma infanta de Castella. A segunda foi apunhalada por seu esposo, o infante D. João, filho de D. Pedro, e da desditosa D. Ignez de Castro, a quem a perfida rainha D. Leonor Telles, forjando embustes, armara o braço contra a sua propria irmã, para depois perseguir o assassino, e d'este modo desviar da successão do throno um principe, que as leis do reino antepunham a D. Beatriz, unica filha d'el-rei D. Fernando e da dita rainha D. Leonor Telles, a qual n'essa occasião já estava casada com D. João I, rei de Castella, e por esta circumstancia inhibida de succeder na corôa de D. Affonso Henriques.

Duas vezes foi Coimbra cabeça de ducado; a

primeira em favor do infante D. Pedro, filho segundo de D. João I; a segunda em favor de D. Jorge, filho legitimado d'el-rei D. João II.

Está Coimbra situada no coração do reino, na provincia da Beira, trinta e duas leguas distante de Lisboa para o norte, e dezoito do Porto para o sul.

Sentada á beira do Mondego, parte em terreno chão, parte subindo em amphitheatro pelo dorso de um monte, ao qual fazem vistosa corôa alguns dos seus melhores edificios, e os arvoredos das margens do rio, dando belleza e realce a este quadro já de si tão formoso, esta cidade sobreleva a todas as suas irmãs pelas graças exteriores, que ostenta.

Nenhuma outra apresenta como esta, a quem de fora a contempla, mais nobre e risonho aspecto. Aquelle throno de casaria, alvejando por entre verdura, parece disposto por mão de artista para o mais bello effeito da perspectiva. Quasi todos os principaes monumentos da cidade estão collocados como em exposição. que só tivesse por fim o adorno do painel. As paizagens d'entorno são como as mais lindas e amenas, as mais pittorescas e variadas, que podem crear a imaginação de um pintor, e a phantasia de um poeta.

Vista por dentro, verdade é, varia muito o quadro. As alegrias exteriores quasi se convertem em tristeza, porque a maior parte da cidade, principalmente a baixa, é cortada de ruas estreitas, tortuosas, e immundas, e guarnecidas de casas de apparencia desagradavel. Todavia o viajante fica bem pago d'este desgosto ao entrar em algumas ruas e praças, amplas e orladas de bons edificios, e ainda mais indemnizado se julgará, visitando tantos monumentos, que ahi se erguem, ricos d'arte e de tradições historicas, e venerandos por sua antiguidade e origem.

D'entre as melhores ruas de Coimbra sobresae a *Sophia*, que dá entrada na cidade a quem vem pela estrada do Porto. E' toda plana, mui larga, bem macdamisada, e guarnecida de ambos os la-

dos em toda a sua extensão, que não é pouca, de passeios lageados, e diversos templos, e grandes edificios, que foram conventos das extinctas ordens religiosas, em que entrava o antigo palacio da inquisição, e que se vêem agora quasi todos transformados em casas de habitação particular, de boa e regular apparencia.

As praças principaes são quatro: a da *Universidade* e a da *Feira* no sitio mais alto da cidade; a de *Sansão*, e a chamada por antonomasia *Praça*, situadas no bairro baixo. A primeira é circundada por todos os quatro lados dos bellos edificios da universidade. Na segunda erguem-se a cathedral, o esplendido edificio do museu e aulas de sciencias naturaes, e o grande palacio do governo civil, outr'ora collegio dos conegos seculares de S. João Evangelista. A terceira, que é a mais pequena de todas, basta-lhe para adorno e nobreza o magnifico templo e mosteiro de Santa Cruz. A quarta é o grande mercado, aonde a povoação se vae abastecer diariamente de pescado, hortalicas, huctas etc.

Nenhuma cidade de Portugal, proporcionalmente, conta tantos edificios religiosos como Coimbra. A cathedral, dedicada a Nossa Senhora da Assumpção, é um templo vastissimo e grandioso. Era a igreja do collegio dos jesuitas, fundação d'el-rei D. João III, e que depois da extincção d'esta ordem em 1759 passou a servir de cathedral. Possui um precioso thesouro de reliquias e de alfaias.

A sé velha é um dos mais antigos e curiosos monumentos do nosso paiz. Não é agora occasião de pesar opiniões sobre a sua origem. Quasi todos os nossos escriptores attribuem aos godos a sua fundação. Todavia ha quem, com argumentos muito plausiveis, a julgue obra dos principios da monarchia portugueza. Tanto exterior, como interiormente mostra architectura de epochas muito diversas. Encerra algumas obras de bastante primor, e varios sepulchros de muita antiguidade. Actualmente é uma das parochias da cidade, com a invocação de S. Christovão.

A igreja de Santa Cruz, que pertenceu aos conegos regrantes de Santo Agostinho, é um grande templo em que se admiram tres obras d'arte de singular excellencia e perfeição: o pulpito, de pedra, todo coberto de delicadissimas esculpturas, e os sumptuosos tumulos dos dois primeiros reis de Portugal, D. Affonso Henriques e seu filho D. Sancho I. Foram mandados fazer por el-rei D. Manuel, que tambem reedificou o templo e o mosteiro, cuja fabrica primitiva se deveu a D. Affonso Henriques. A sacristia é muito rica, e mais moderna. No mosteiro, em que ao presente se acham o correio e outras repartições, ha dois claustros muito antigos e curiosos. A cêrca d'este mosteiro, hoje propriedade particular, é um bello ornamento de Coimbra. Os seus bosques seculares, as suas cascatas, jogos da bola, e especialmente o seu immenso lago, cercado por altas paredes de cedro, dão-lhe nomeada em todo o reino.

O convento e igreja de Santa Clara, habitado ainda ao presente por freiras franciscanas, é obra grandiosa dos reis D. João IV e D. Pedro II, que o mandaram edificar do outro lado do Mondego, na encosta de um monte fronteiro á cidade, em consequencia de se achar o antigo convento, cujas ruinas se vêem junto da ponte, meio enterrado pelas areias do rio, e a todo o momento inundado pelas suas aguas. No altar-mór da sua bella igreja está o corpo inteiro da rainha Santa Isabel, mettido em um sepulchro de prata. No côro de baixo, que fica em frente da capella-mór, vê-se o magnifico e antigo tumulo de pedra em que outr'ora esteve depositada a santa rainha. E' todo ornado de esculpturas, e figuras em alto relevo, tendo sobre a tampa a estatua d'aquella princeza.

Iriamos muito longe se houvessemos de mencionar todos os templos de Coimbra, onde quasi todas as ordens religiosas possuiam collegios para os seus membros que frequentavam a universidade; collegios que pela maior parte eram grandes conventos. O de S. Bento, acabado em 1689; o dos freires de Christo, fundado por D. João III; o dos

loios, começado em 1631; o de S. Bernardo, edificado pelo cardeal rei; o de Nossa Senhora da Graça, construido em 1543; o dos freires de S. Thiago, e de Aviz; o de S. Jeronymo; o dos jesuitas, fabrica de D. João III; o de Nossa Senhora do Carmo, fundado em 1542; o de S. Domingos, levantado em 1547; o de S. Francisco, fundado primitivamente pelo infante D. Pedro, filho de D. Sancho I, e depois reconstruido, e o collegio novo, dos conegos de Santo Agostinho, são os principaes.

O mosteiro das freiras de Sant'Anna, primeiramente edificado junto ao rio, que o alagou e destruiu, e depois mudado para logar alto, è tambem um grande edificio, bem como o seminario episcopal, e o paço do bispo.

Tem a cidade nove parochias, que se intitulam Nossa Senhora da Assumpção (sé); S. Christovão; Santa Justa; S. Bartholomeu; o Salvador; S. Pedro; S. João de Almedina; Santiago; e S. João da Cruz. A egreja da misericordia está fundada sobre a abobada da parochia de Santiago, deitando a porta principal d'esta para a praça do mercado, e a da misericordia para uma rua que passa pelas costas d'aquella, em altura muito superior ao pavimento da praça.

O hospital de Coimbra é fundação d'el-rei D. Manuel. Ha n'esta cidade casa d'asylo para a infancia desvalida, um recolhimento de mulheres etc.

Os edificios da universidade estão collocados no ponto mais alto da cidade, servindo-lhe de magestosa corôa. Adornam por todos os quatro lados uma extensa praça oblonga, no fundo da qual avulta o paço das escolas e do reitor. Na frente d'este ergue-se o observatorio, e dos lados a capella, a livraria, e o collegio de S. Pedro.

A universidade foi fundada em Lisboa por el-rei D. Diniz, e pelo mesmo mudada para Coimbra, onde teve assento na rua da Sophia, nos paços reaes, que ahi havia, e que mais tarde se transformaram em palacio da inquisição. Depois de ter sido por vezes, e em differentes reinados, transferida para Lisboa, e novamente mudada para Coim-

bra, onde tambem esteve estabelecida no collegio de S. Paulo, el-rei D. João III deu-lhe para sede os paços reaes do alto da cidade, e desde então n'elles tem permanecido.

Encerram estes paços algumas coisas dignas de serem vistas com attenção, ou por sua riqueza, ou como antigualhas. A *sala dos actos* é grandiosa. Está decorada com os retratos dos reis de Portugal em grandes paineis. A *sala dos capellos* é guarnecida com os retratos dos reitores. Possui uma galeria de quadros, com uma grande quantidade de paineis, entre os quaes se vêem alguns de merecimento. A capella é de architectura gothica, e espaçosa como uma boa igreja. A casa da livraria e o observatorio, fundados no seculo passado, são bellos edificios, de prospecto nobre e regular. Do terrado superior do observatorio, e da torre da universidade desfructa-se um panorama verdadeiramente maravilhoso.

As aulas de sciencias naturaes estão um pouco distantes d'estes paços, e occupam um edificio contiguo á sé nova, que fazia parte do collegio dos jesuitas, e que o marquez de Pombal, depois da extinctão d'esta ordem, reedificou com riqueza, apropriando-o ao seu novo destino. Além d'aquellas aulas, acham-se n'elle estabelecidas as salas do museu, que encerram uma soffrivel collecção de productos dos tres reinos da natureza, o gabinete de physica, e o gabinete e amphitheatro anatomico. Defronte da fachada principal d'este edificio está o laboratorio chimico, obra magnifica, posto que incompleta.

Conta esta cidade entre os seus principaes estabelecimentos um jardim botanico, vasto, e fabricado com bastante grandeza. Considerado como passeio publico é um lugar de muita concorrência, principalmente aos domingos.

Os divertimentos publicos limitam-se a uma praça de toiros modernamente feita. Ha comtudo um theatro academico, bem disposto e organizado, em que representam estudantes da universidade em certas epochas do anno.

Tem Coimbra um bom aqueducto, e duas bellas pontes. O aqueducto, chamado de S. Sebastião, tem vinte e um arcos de bastante altura. Fundou-o el-rei D. Sebastião no anno de 1570, tirando aos conegos de Santa Cruz quatro fontes de excellente agua, que n'elle introduziu para abastecimento da cidade; o que deu motivo a muitas questões e conflictos, acabando os conegos por se queixarem ao papa, porém tudo debalde, porque a obra foi por diante.

As pontes atravessam o Mondego, e um pequeno ribeiro. A primeira communica a cidade com a estrada que conduz a Lisboa. Foi feita por el-rei D. Manuel, estando totalmente soterrada pelas areias do rio a que mandara fabricar el-rei D. Afonso Henriques. Porém as areias não teem poupado a obra d'aquelle soberano, que se acha quasi no mesmo estado a que chegou a do fundador da monarchia. Esta ponte é um dos mais lindos passeios da cidade, assim como é o sitio de mais concorrência. A outra ponte liga á cidade a estrada do Porto.

Coimbra tem tido n'estes ultimos tempos muitos melhoramentos na limpeza e macdamisação de muitas ruas, na illuminação, que é de gaz, na plantação de arvores, no estabelecimento de novas e melhores hospedarias, etc.

Além dos monumentos antigos já mencionados, ha outras antiguidades dignas de menção e de exame. O palacio da desditosa D. Maria Telles, irmã da rainha D. Leonor Telles, é muito notavel, não só pelo interesse historico do drama, que ahi se representou, mas tambem pelo lado da arte.

Os restos das muralhas que cercaram outr'ora Coimbra; a porta de *Almedina*, que a tradição diz chamar-se assim pela matança de moiros, que ahi houve na tomada da cidade; e sobretudo as reliquias do castello, que ficou tão celebre na historia portugueza pela heroica defesa de Martim de Freitas; as ruinas da egreja e convento de Santa Clara, onde por vezes viveu a rainha Santa Isabel; a fonte dos *Amores* e outras memorias da in-

feliz D. Ignez de Castro, na quinta das *Lagrimas*; são objectos, que não podem deixar de inspirar curiosidade e veneração.

Os arrabaldes de Coimbra são nomeados por sua muita formosura. Os viçosos campos, pomares, e bosques silvestres das margens do Mondego; os montes e valles por toda a parte verdejantes, ora cobertos de frondoso arvoredor, ora servindo de assento a algum grande edificio religioso, como os conventos de Santa Clara, e de S. Francisco, de Cellas, e de Santo Antonio dos Olivaes; por todos os lados rebentando agua em fontes, ou correndo em ribeiros; tudo isto são justos titulos para tão grande nomeada.

Fariamos um longo catalogo, se mencionassemos todos os sitios encantadores dos arredores de Coimbra. Não podemos porém deixar de especialisar dois, ambos cheios de infinitas bellezas e amenidade, um consagrado por um principe infeliz á recordação dos seus mallogrados amores; outro dedicado pela poesia do sentimento a um dos mais nobres exercicios da nossa alma. Chamam-se esses sitios o *Penedo da Saudade*, e o *Penedo da Meditação*.

O termo de Coimbra produz muitos cereaes, e legumes, grande quantidade de batatas, fructas, e hortaliças, azeite, e algum vinho. Cria-se n'elle bastante gado, de diversas especies, e abunda em caça. O Mondego fornece algum peixe, mas da Figueira, que fica a sete leguas de Coimbra, é que vem para esta cidade grande abastecimento de peixe do alto mar.

Conta a cidade uma população superior a treze mil almas. Fazem-se ali as seguintes feiras: a 4 de Julho, no Rocio de Santa Clara; a 24 de Agosto; e em 21 de Setembro no campo de Coimbra. No dia 22 de cada mez ha na cidade mercado.

Entre os filhos illustres de Coimbra conta-se o distincto poeta Francisco de Sá de Miranda.

A VILLA DE COLLARES.

Nas faldas da serra de Cintra, uma legua ao oeste da villa d'este nome, está sentada a villa de Collares á sombra de frondosos arvoredos. Pela encosta da serra sobranceira á povoação vão subindo algumas casas, quintas, e mattas de castanheiros. Inferior á villa estende-se um fertil valle, denominado a *Varzea*, todo coberto de pomares, e cortado pelo rio das Maças, que vac desaguar no oceano d'ahi uma legua. E' pois sobremodo amena e deliciosa a situação de Collares.

Quanto á sua origem pouco se sabe, só sim que é muito antiga, e que já existia no tempo dos romanos, porque d'isto dão testemunho muitas medalhas e inscrições romanas, que ali teem sido encontradas.

Tambem não consta o que passou sobas diversas dominações, a que esteve subjeita a Lusitania depois da queda do imperio romano. Provavelmente viu-se livre do jugo sarraceno ao mesmo tempo que a sua visinha Cintra, que foi resgatada por D. Affonso Henriques.

El-rei D. Diniz deu foral a esta villa em Maio de 1255. D. João I fez doação d'ella ao condestavel D. Nuno Alvares Pereira em Agosto de 1385. Depois, passando successivamente a diferentes netos d'este heroe, veio a pertencer á infanta D. Beatriz, mãe d'el-rei D. Manuel, pela morte da qual entrou Collares outra vez no dominio da corôa. Este ultimo monarcha deu-lhe então novo foral em Novembro de 1516, augmentando-lhe muito os antigos privilegios.

Sobre a etymologia do nome de Collares, parece melhor opinião a que o deriva dos dois collos ou collinas, sobranceiros á *Varzea*, em que a villa está edificada.

Collares teve tambem o seu antigo castello, e tão antigo que nada se sabe ao certo relativamente á sua fundação. No reinado d'el-rei D. Sebastião, e

já anteriormente, o senado da camara servia-se d'elle para diversos usos do ministerio publico. Porém no tempo dos Filippes de Castella, querendo D. Diniz de Mello e Castro, que foi bispo de Leiria, de Vizeu, e da Guarda, estabelecer n'esta villa a sua residencia, pediu e alcançou a posse do castello, que logo transformou em um palacio, juntando-lhe uma bella quinta, actualmente pertencentes a seus herdeiros.

D'esta fortaleza provavelmente procedem as armas da villa, que são um castello entre arvores.

Tem Collares uma só parochia dedicada a Nossa Senhora da Assumpção.

A casa da misericordia foi fundada por D. Diniz de Mello e Castro.

Nas proximidades da villa, em logar plano, mas um pouco mais alto, está o edificio do extincto convento de Sant'Anna, que pertenceu aos religiosos carmelitas. Deu principio a esta fundação frei Constantino Pereira, que morreu em 1465, e era sobrinho do condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Na capella-mór da egreja está sepultado o seu padroeiro, o bispo D. Diniz, e n'outras sepulturas, em um carneiro, e em dois tumulos de marmore, varias pessoas da sua familia, entre as quaes se contam Antonio de Mello e Castro, e seu filho Caetano de Mello e Castro, ambos vice-reis do estado da India.

Não muito distante de Collares, junto do oceano, ergue-se a ermida da Peninha sobre um elevado rochedo. Diz a lenda, que, no tempo de D. João III, andando uma rapariga muda a pastorear n'esta serra varias ovelhinhas, lhe fugira uma, e depois de muito procurar a foi encontrar ao pé d'aquelle rochedo, e apparecendo-lhe então ahi Nossa Senhora lhe deu falla. A narração do caso attrahiu logo áquelle sitio todos os povos das vizinhanças. Descobriu-se entre as fendas da rocha uma imagem da Virgem, feita de pedra, que immediatamente foi transportada para uma antiga ermida de S. Saturnino, perto d'ahi. Desapparecendo, porém, a imagem por tres vezes, e indo-se sempre achar na

mesma penedia, sobre esta se lhe construiu ao principio uma pobre ermida, que no anno de 1673 foi desfeita, e em seu logar edificou a actual Pedro da Conceição, gastando n'ella uma boa herança, que recebera, e fazendo-se ermitão de Nossa Senhora. E' o templo pequeno e de humilde apparencia no exterior, porém interiormente é rico de materiaes e d'arte, pois que todas as paredes e o altar-mór são de marmores de côres em obra de mosaico. Os marmores foram tirados da mesma serra, a pouca distancia da ermida. Este santuario é ainda hoje de bastante devoção, e concorrência, porém outr'ora affluia ali muito maior numero de fieis, e era visitado de muitos cirios e romagens.

Pouco adiante de Collares fica o logar de Almocegeme, e perto d'ahi duas curiosidades naturaes dignas de se ver: a *Pedra d'Alvidrar* sobre o oceano, e o *Fojo* mais no interior.

A villa de Collares é cercada de muitas e formosas quintas, das quaes só especialisaremos a de *Rio de Milho* por encerrar a mais gigantesca e viçosa camelia, que ha em toda a Estremadura.

O sitio chamado a Varzea é dos mais lindos e amenos dos arrabaldes da villa. As aguas do rio das Maças, represadas ahi em uma ponte de pedra, deixam gosar o prazer de navegar-se em um pequeno barco, que ali ha para esse fim, pelo rio acima até certa distancia, sempre entre pomares, e debaixo de copado arvoredos.

A uma legua da villa está a praia das Maças sobre o oceano, onde termina o rio d'este nome, e o valle de Collares. Vão ali muitas familias tomar banhos do mar na estação propria.

O termo de Collares produz grande abundancia de excellentes fructas, que abastecem a capital, e se exportam para Inglaterra, e de vinhos, que são estimados, e se assimilham aos de Bordeos. A população da villa e arrabaldes anda por mil e setecentas almas.

A VILLA DA COVILHÃ.

Está situada esta villa na provincia da Beira, sete leguas ao sueste da cidade da Guarda, nas faldas da serra da Estrella, e entre as ribeiras da Carpinteira e da Degoldra.

Se dermos credito á tradição, que alguns escriptores referem, e acceitam como verdadeira, foi esta villa fundada pelos annos de 690 pelo conde D. Julião, e n'ella nasceu sua filha Florinda, a que deu causa, pela paixão que a sua belleza excitou no rei D. Rodrigo, a que seu pae, vendendo a patria a troco de uma vingança, chamasse os moiros á Hespanha, e lhes facilitasse a conquista da peninsula.

Seguindo a mesma tradição, do nome de *Cava*, que os moiros deram a Florinda para significar a sua infamia, veio a chamar-se a povoação *Cava Juliani*, de que se derivou por corrupção *Caviliana*, e depois *Covilhã*.

Arruinando-se durante as guerras, que abrasaram o solo da peninsula depois d'aquella funesta invasão, achava-se quasi inteiramente destruida no reinado do nosso rei D. Sancho 1, que a mandou reedificar e povoar. Deu-lhe foral este soberano no anno de 1186, e os seus successores augmentaram-lhe os primeiros privilegios, honrando-a el-rei D. Sebastião com o titulo de *notavel*.

Divide-se a villa nas seguintes parochias: S. João; S. Martinho; S. Vicente; Santa Maria de Reclamador, corrupção de Roque Amador; S. Silvestre; Santiago; S. Pedro; Santa Maria Magdalena; S. João de Malta; S. Paulo; S. Bartholomeu; S. Salvador; e Santa Marinha, que fica fora da villa.

Tem hospital e casa da misericordia, aquelle instituido em 1213, e esta em 1577. Dentro e fora da povoação ha umas oito ermidas. Existem na villa os edificios de dois extinctos conventos, um que

foi de religiosos franciscanos, e outro de frades capuchos.

Na parte mais alta da villa vê-se um castello antiquissimo, com duas torres. Nas velhas muralhas, que defendiam a povoação, e que foram mandadas fazer por el-rei D. Diniz, ha tres portas chamadas de Valle de Caravelho, do Sol, e de S. Vicente. E' abastecida esta villa de muita e excellente agua, e um dos seus chafarizes é de boa architectura.

As fabricas de pannos de lã constituem a sua principal industria. Datam de remotas eras; empregam grande numero de braços, e teem tido muitos aperfeiçoamentos.

A situação da Covilhã é muito agradavel. As duas ribeiras, que a cercam, fertilisam e aformoseiam os seus campos. Todo o paiz em redor é muito arborisado. O seu termo, que é grande, produz toda a qualidade de fructos, principalmente castanha, e abunda em optimas pastagens, em que se cria bastante gado.

No antigo regimen esta villa tinha voto em côrtes, com assento no banco quarto. Tem por armas uma estrellla em campo azul no meio do escudo, pela razão de estar edificada na serra do mesmo nome.

A VILLA DE CORUCHE.

Na fronteira da provincia do Alemtejo, e junto á da Estremadura, está a villa de Coruche, distante sete leguas e meia da villa de Aviz para oeste, outras tantas de Montemor o Novo para noroeste, e quatro a este do Tejo.

Tem por assento uma planicie, em que se estendem as suas duas unicas, mas compridissimas ruas, e a encosta de um monte, por onde sobem algumas pequenas travessas. Proximo da povoação correm as ribeiras de Sorraia, e da Erra.

A fundação de Coruche é muito antiga, e como tal pouco ou nada conhecida. Entretanto Rodrigo Mendes Silva na sua *Poblacion General de España* attribue-a aos gallos celtas 308 annos antes do nascimento de Christo. Nas invasões dos romanos, dos godos e mais povos do norte, e por fim na dos arabes, seguiu a sorte de toda a Lusitania, que se viu forçada a subjeitar-se ao jugo de todos esses conquistadores.

Andando D. Affonso Henriques na sua gloriosa empresa de plantar a cruz de Christo, onde campeava o crescente musulmano, conquistou-a para a sua nova corôa no anno de 1166, e logo fez doação d'ella á ordem militar de Aviz.

Infelizmente passados quatorze annos tornaram os moiros a apossar-se da povoação, e provavelmente pela resistencia, que n'ella acharam, destruíram-na completamente; e assim permaneceu dois annos, até que no de 1182 voltou ao dominio de el-rei D. Affonso Henriques, que a mandou reedificar e povoar. Este soberano para attrahir ali moradores concedeu á villa muitos privilegios, que el-rei D. Manuel accrescentou ainda no foral, que lhe deu aos 28 de Março de 1513. Entre esses privilegios contava o de ser representada em côrtes, onde os seus procuradores tinham assento no ban-

ção decimo quarto. O brasão d'armas de Coruche é um escudo com uma coruja no centro.

Tem esta villa uma unica parochia, dedicada a S. João Baptista, hospital e casa da misericordia, cuja egreja é de boa architectura ; um recolhimento, intitulado de Santa Rosa de Viterbo ; e seis ermidas, uma das quaes está edificada na corôa de um oiteiro sobranceiro á villa. A casa da camara é bom edificio, e entre as dos particulares algumas se vêem de agradável apparencia.

Os suburbios de Coruche são aprasiveis e muito ferteis. A varzea, que o Sorraia e Erra cortam e regam, é dilatadissima e muito bem cultivada. Criam-se n'ella muitos gados, e produz muitos cereaes, e outros fructos. As margens das duas ribeiras são arborisadas, e as collinas que as debruam de aspecto variado. Em uma d'estas collinas existiu outr'ora o castello de Coruche, que nas guerras com os moiros se arruinou inteiramente.

Conta esta villa uns dois mil trezentos e cincoenta habitantes. Tem uma feira a 29 de Setembro.

A VILLA DO CRATO.

Querem os nossos antiquarios, que esta villa fosse fundada muitos annos antes do nascimento de Christo pelos carthaginezes, fazendo-a colonia e cidade com o nome de *Catralencas*.

Sem entrarmos na escurissima questão da sua origem, temos todavia por certo que é muito antiga. No concilio Illibiritano, que se celebrou no anno de 300 da era christã, na cidade de Elvira, na Andaluzia, compareceram tres bispos da Lusitania, e entre estes Secundino, bispo Catralencense. D'esta antiga gerarchia episcopal conserva a villa do Crato uma memoria no nome de uma rua chamada da *Episcopia*, talvez onde outr'ora existisse o palacio do bispo.

Os muitos restos de edificios e sepulturas romanas, que ainda no principio do seculo passado se viam dentro da villa e a pouca distancia d'ella, os quaes os moradores teem destruido, desgraçadamente, para se irem aproveitando dos materiaes para outras construcções, provam que *Catralencas* foi uma povoação importante.

Pela invasão dos mouros ficou muito arruinada. Os seus moradores ou caíram sob o alfange sarraceno, ou a abandonaram, indo procurar refugio nas montanhas mais escabrosas. E assim perdeu até nossos dias a sua preeminencia de cidade e sede episcopal.

Quando D. Affonso Henriques tratava de alargar com a sua gloriosa espada os limites da nascente monarchia, mandou reedificar e povoar aquella arruinada povoação, que do antigo nome, já corrupto, se principiou a chamar *Crato*.

Entretanto só começou a medrar e ter alguma importancia desde que foi constituida cabeça do priorado da ordem militar de S. João de Malta. Esta ordem foi instituida no tempo do conde D.

Henrique, em Jerusalem, d'onde depois se mudou para a ilha de Rhodes, e d'aqui para a ilha de Malta.

Não se sabe precisamente a epoca em que foi creado o grã-priorado do Crato; mas parece ter sido no reinado de D. Affonso iv, em que vemos figurar como prior do Crato a D. Alvaro Gonçalves Pereira, pae do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, o qual foi o primeiro prior de que ha noticia. Os outros grã-priores foram: Affonso Gonçalves Pereira; Alvaro Gonçalves Camello; D. Pedro Alvares; D. Nuno de Goes; D. Diogo Fernandes d'Almeida; D. João de Menezes, conde de Tarouca; o infante D. Luiz; seu filho D. Antonio, pretendente á corôa por morte do cardeal rei; o principe Victorio Amadeo; o infante de Castella; D. Fernando; o cardeal archiduque Alberto; D. João de Sousa; D. Manuel de Mello; o infante D. Francisco, irmão d'el-rei D. João v; o infante D. Pedro, depois rei terceiro do nome; seu filho o infante D. João, depois rei sexto do nome; e o senhor D. Miguel de Bragança.

Os rendimentos d'este priorado, que no tempo d'el-rei D. Affonso v eram apenas de seiscentos mil réis, chegaram em o anno de 1800 a vinte e quatro contos de réis. Por breve do papa Pio vi, de 24 de Novembro de 1789, ficou o grã-priorado do Crato unido á casa do infantado, que, como se sabe, foi extincta em 1833, bem como os dizimos, que constituíam aquelles rendimentos.

No seculo xvi tiveram logar na villa do Crato dois faustos successos, os consorcios d'el-rei D. Manuel com a sua terceira mulher, a rainha D. Leonor, e de D. João iii com a rainha D. Catharina; celebrados, o primeiro no anno de 1518, com festas esplendidas, e o segundo no de 1524.

El-rei D. Manuel deu foral a esta villa em 1512, concedendo-lhe muitos privilegios e isempções. O seu titulo de *notavel* tem origem muito anterior, bem como a regalia de ter voto em côrtes, onde os seus procuradores tomavam assento no banco decimo segundo. O seu brasão d'armas é uma cruz de Malta de prata em campo vermelho.

Durante as guerras da restauração do reino, veio um exercito castelhano, commandado por D. João d'Austria, pôr cêrco á villa do Crato em o anno de 1662. Apesar de se achar muito mal guardada, e de constar o exercito inimigo de seis mil infantes, e quatro mil cavallos, defendeu-se a praça em quanto lhe foi possível, auxiliada pelas fortes muralhas com que a cercara o prior D. Nuno de Goes, e pelo castello, que este reedificara. Cedendo porém a forças tão superiores, rendeu-se, conseguindo apenas segurança para as vidas dos seus defensores, e mais habitantes.

D. João d'Austria, irritado pela resistencia que lhe oppoz um tão pequeno numero de soldados, permittiu aos vencedores todo o genero de cruezas. A villa foi roubada e queimada, não ficando edificio algum, que não padecesse maior ou menor ruina. O castello foi demolido por ordem do general castelhano. Os pobres habitantes, espoliados e privados de habitação, fugiram para a cidade de Portalegre, e outras povoações da provincia. Entre as muitas perdas causadas pelo incendio da villa, houve a lamentar a dos cartorios, ricos em documentos importantes para a historia de Portugal e da ordem de Malta.

Passado algum tempo começaram a voltar os moradores, e pouco a pouco se foram reedificando as habitações. Todavia esta catastrophe não só paralysoou os progressos, que a villa do Crato ia fazendo visivelmente de anno para anno; mas deixou-lhe tão grandes vestigios da sua funesta passagem, que ainda hoje se vêem alguns, posto que tenha decorrido quasi seculo e meio.

Está situada a villa do Crato na provincia do Alemtejo, tres leguas distante da cidade de Portalegre para o lado do poente; quatro da villa de Niza para o sul, e outras tantas do Tejo. O seu terreno é accidentado pelos muitos e grandes rochedos, que a cercam por todos os lados, exceptuando o do sul.

Tem nas suas velhas muralhas cinco portas, chamadas de *Santarem*, de *S. Pedro*, de *Beringel*, de *Seda*,

e *Porta Nova*. O castello, fundado em uma eminencia pedregosa, ficava sobranceiro á povoação para a parte do nascente. D'elle ainda resta a cêrca de muros exteriores, com seus baluartes. A torre de menagem, e mais edificios, que existiam dentro d'aquella cêrca, foram destruidos, como dissemos, em 1662.

A egreja de Nossa Senhora da Conceição é a unica parochia da villa. E' um bom templo de tres naves. A egreja da misericordia foi feita de novo no meado do seculo passado, tendo-se demolido o antigo templo por estar muito arruinado, e ser mui pequeno. Por esta occasião tambem se reedificou o hospital da mesma santa casa. A torre do relójo é uma curiosa antigualha. Está situada no centro da povoação. E' toda de cantaria muito alta, e de forma pyramidal.

Dentro e fora da villa ha varias ermidas. A de S. Pedro, que tem muita antiguidade, foi em tempos remotos a egreja matriz.

Nos suburbios da villa ha uma pequena aldêa, chamada o arrabalde da Flor da Rosa. Deve este nome, e a sua origem a um templo, que ahí fundou o grã-prior D. Alvaro Gonçalves Pereira em 1356. Intitula-se de Nossa Senhora da Flor da Rosa, cuja imagem se achou escondida no mesmo logar, em que está edificada a egreja; e dizem que pertencera a um antiquissimo convento de monges de S. Bento, que os moiros destruíram totalmente na sua invasão da península, e que existia sobre o monte visinho, onde agora se vê uma capella dedicada a S. Bento.

Este templo de Nossa Senhora da Flor da Rosa é de architectura gothica, e de excellente fabrica. No meiod'elle descansa o fundador em um tumulo de marmore. No cruzeiro ergue-se outro tumulo tambem de marmore sobre seis leões, no qual estão as cinzas de D. Diogo Fernandes d'Almeida, prior do Crato, e filho de D. Lopo d'Almeida, conde de Abrantes.

Proximo da villa tinha a ordem de S. Francisco um convento, da invocação de Santo Antonio.

A principal cultura do termo consiste em oliveiras, cereaes, e vinhas. Tem muita caça, e alguma criação de gado. Regam-no diversas ribeiras, a principal das quaes, chamada de *Seda*, faz trabalhar varias azenhas. Proximo de outra ribeira, denominada do Xocanal, se descobriram pelos annos de 1724 uns cippos e outras pedras com inscrições romanas.

A 15 de Agosto e 8 de Setembro fazem-se duas feiras no arrabalde de Nossa Senhora da Flor da Rosa, ás quaes concorre muita gente. A villa do Crato conta perto de mil e trezentos habitantes.

A CIDADE D'ELVAS.

Na provincia do Alentejo, junto á fronteira de Hespanha, esta a cidade d'Elvas assentada em amphitheatro sobre uma eminencia, e distante de Lisboa trinta e tres leguas. Aos lados erguem-se dois montes que a dominam, e que são coroados pelos fortes de Santa Luzia, e de Nossa Senhora da Graça. A duas leguas corre a ribeira do Caya, que divide Portugal de Hespanha. A tres leguas levanta-se em frente d'Elvas a cidade e praça hespanhola de Badajoz.

Sobre a origem d'Elvas emittem os nossos autores opiniões diversas, sendo algumas inverosímeis, ou pelo menos faltas de bons fundamentos. A que parece mais provavel attribue aos romanos a sua fundação, e faz derivar o seu nome de Marco Helvio, que então governava esse districto da Lusitania.

Quanto á sua existencia na epoca da dominação romana não ha que duvidar. Varias sepulturas e inscrições achadas junto á cidade provam evidentemente, que n'esse tempo era povoação importante; mas além d'isto ha muitos outros testemunhos.

Dizem alguns antiquarios, que o celebre general carthaginez Maharbal vivera muito tempo em Elvas, e que ahí convalescera de uma perigosa enfermidade, em memoria do que erigiu um templo a Cupido nas visinhanças de Villa Viçosa, junto a Terena. D'este templo viam-se ainda no seculo passado bastantes vestigios.

Depois da destruição do imperio romano, Elvas passou sob o jugo dos diversos povos, que a seu turno sujeitaram a Lusitania. Dos moiros, que foram os ultimos, resgatou-a el-rei D. Affonso Henriques no anno de 1166; tornando porém ao poder dos muçulmanos, libertou-a novamente seu filho D. Sancho I no anno de 1200.

As guerras arruinaram-a, e quasi de todo a des-

povoaram. Porém D. Sancho II mandou-a reedificar e povoar no anno de 1226, dando-lhe por essa occasião foral com os mesmos privilegios de que gozava a cidade de Évora. Elevou-a el-rei D. Manuel á cathegoria de cidade em 1513; e el-rei D. Sebastião á preeminencia de sede episcopal por bulla pontificia de 9 de Junho de 1570.

Nas guerras da independencia, que se seguiram á morte d'el-rei D. Fernando, já possuia Elvas um forte castello, e boa cêrca de muralhas, com que resistiu valorosamente ás tropas castelhanas, que então a sitiaram e accommetteram.

Na gloriosa lucta da restauração de 1640 foi theatro de grandes victorias para as armas portuguezas, principalmente no dia 14 de Janeiro de 1659, em que o exercito hespanhol, que a cercava, foi completamente desbaratado pelas tropas portuguezas sob o commando de D. Antonio Luiz de Menezes, primeiro marquez de Marialva. N'esta batalha, memoravel nos fastos de Portugal com o nome de *victoria das linhas d'Elvas*, perderam os inimigos, além de grande numero de mortos, feridos, e prisioneiros, toda a artilharia, munições, e bagagens.

No seculo seguinte passaram-se em Elvas scenas diametralmente oppostas. D'esta vez eram grandes festas e regosijos pelos dois consorcios, que estreitaram em intimos laços de familia os soberanos de Hespanha e Portugal. El-rei D. João V e toda a familia realahi foram passar alguns dias, durante os quaes se avistaram, e conversaram com D. Filippe V de Hespanha e sua familia, em uma esplendida casa, que para esse fim se construiu sobre o Caya, limite dos dois paizes. Os reaes desposados foram o principe D. José, depois rei primeiro do nome, com a infanta D. Mariana Victoria, filha de el-rei Filippe V, e o filho herdeiro d'este soberano o principe D. Fernando, que veio a ser o sexto do nome entre os reis de Hespanha, com a infanta D. Maria Barbara, filha de el-rei D. João V.

E' a cidade d'Elvas a principal praça de guerra de Portugal. A parte mais antiga das suas fortificações é o castello de que acima fallámos, fundado

no lugar mais elevado, e cercado de muralhas ameidadas flanqueadas de torres, tudo em bom estado de conservação. As obras, que fizeram d'esta cidade uma praça de primeira ordem, foram comprehendidas em épocas mui diversas: algumas anteriores a 1640; muitas e importantes durante a guerra da restauração; e outras nos reinados de D. João v, D. José i, D. Maria i, e D. João vi.

Tem esta praça no seu circuito sete baluartes, quatro meios baluartes, e um redente, ligados por cortinas, que formam doze faces. Das obras de defesa exteriores as principaes são os fortes de Nossa Senhora da Graça, e de Santa Luzia.

Dão entrada para a praça tres grandes portas, chamadas *da Esquina*, *d'Oliveira*, e de *S. Vicente*, além de varias portas falsas, ou poternas, que se abrem nas cortinas do recinto. Ha na praça vastos quartéis, armazens, e uma grande cisterna, payoes etc. tudo á prova de bomba.

A sua guranção em tempo de guerra pode elevar-se a seis ou sete mil homens. No começo d'este seculo defendiam-na duzentas e cincoenta e sete peças d'artilharia.

Conta Elvas quatro parochias: a sé, Nossa Senhora da Alcaçova, o Salvador, e S. Pedro. A sé é um templo de tres naves, obra de el-rei D. Manuel. Era a antiga matriz com a invocação de Santa Maria. Interiormente é de boa architectura gothica com abobada de laçaria de pedra. A capella-mór é moderna e sumptuosa. Foi fabricada de finos marmores por alguns dos melhores artistas, que trabalharam no palacio real de Mafra. Na egreja, sacristia, e casa do capitulo vêem-se muitos paineis a oleo; alguns de bastante merecimento.

A parochia do Salvador, outr'ora intitulada de Santiago, pertenceu ao collegio dos jesuitas.

A egreja da misericordia é um bello templo de tres naves, sustentadas em columnas de ordem toscana. Contiguo está o hospital administrado por esta pia confraria.

Havia em Elvas quatro conventos de frades. O de *Nossa Senhora dos Martyres*, de religiosos do-

minicos, cuja primeira fabrica foi de el-rei D. Affonso III em 1267, tem uma bom egreja de tres naves. O edificio do convento ~~corve~~ actualmente de quartel militar. O de *S. João de Deus*, de hospitaleiros, é hoje hospital militar. O collegio dos *padres da Companhia*; e o convento de *S. Francisco*, de piedosos, contiguo á cidade, e fundado em 1591.

De freiras tem dois conventos: o de *Nossa Senhora da Consolação*, de religiosas dominicas, edificadô em 1543, cuja egreja é de forma rotunda e mui elegante; e o de *Nossa Senhora da Conceição*, de freiras da regra de Santa Clara.

A confraria dos terceiros de S. Francisco possui um bom edificio e uma excellente egreja, ornada de obra de talha doirada de muito primor.

Além d'estes templos ha na cidade e cercanias varias ermidas. As ruas, posto que estreitas, em geral são regulares. A principal praça é a da Sé, onde ficam tambem o palacio episcopal, em que se hospedou el-rei D. João V com a familia real, e outros principes em eras anteriores; e a casa da camara, com a sua torre de relógio, e com uma boa sala de sessões, decorada com varios paineis do pincel de Cyrillio Volkmar Machado. N'esta praça vê-se o antigo pelourinho, formado de uma só peça de marmore, todo cheio de esculpturas no gosto gothico.

Ha na cidade um passeio publico, começado em 1807, e situado entre as portas d'Olivença e da Esquina. O grande aqueducto da Amoreira abastece abundantemente d'agua a povoação, e alimenta diversos chafarizes, dos quaes o de *S. Lourenço* é o de melhor architectura.

Os suburbios d'Elvas são amenos e muito arborisados, com muitas hortas e quintas, e principalmente no extenso valle por onde corre o ribeiro Ceto, e que separa a praça do forte de Nossa Senhora da Graça. O termo produz cereaes em abundancia, vinho, muito azeite, fructas etc. Ha n'elle magnificas herdades em que se cria bastante gado.

Elvas conta uma população de perto de onze mil quatrocentas almas. Tem tres feiras annuaes muito concorridas de nacionaes e de hespanhoes: uma

a 20 de Janeiro; outra a 20 de Maio; e a ultima a 21 de Setembro.

Gosava esta cidade de voto em côrtes, no antigo regimen, tendo assento os seus procuradores no banco segundo. Tem por brasão d'armas um escudo coroadado, e n'elle, em campo vermelho, um guerreiro a cavallo, todo armado, empunhando na mão direita o estandarte das quinas portuguezas. Commemora este brasão a acção audaciosa de um cavalleiro portuguez, que n'um dia de funcção publica em Badajoz, entrou n'esta cidade, e arremettendo por meio do povo, ousou apossar-se do estandarte castelhano, e correndo com elle na mão até junto das muralhas d'Elvas, conseguiu arremeçal-o para dentro da praça, onde não entrou porque os castelhanos, que o perseguiram, lh'o impediram com a morte.

A VILLA DA ERICEIRA.

Acha-se edificada esta villa na costa do oceano, a legua e meia de distancia de Mafra, para o occidente, e tres ao norte de Cintra.

Não ha noticia certa sobre a sua origem, nem encerra vestigio algum de antiguidade. Todavia o seu primeiro foral foi-lhe dado por el-rei D. Affonso iv no anno de 1369; o qual el-rei D. Manuel reformou em 1513. Por essa occasião este soberano fez doação da Ericeira ao infante D. Luiz, seu filho, que a deixou ao seu filho natural, D. Antonio, prior do Crato.

Pela opposição, que este principe fez, como um dos pretendentes do throno, a Philippe ii de Hespanha, quando se apossou d'este reino pela morte do cardeal rei, foram-lhe sequestrados todos os bens, e por conseguinte voltou a Ericeira para a corôa. Philippe ii doou esta terra de juro e herdade a Luiz Alvares d'Azevedo, e como viesse a pertencer em herança a uma sua filha, freira do mosteiro de Odivelas, a abbadeça vendeu aquelle senhorio a D. Diogo de Menezes, que pouco depois foi creado conde da Ericeira.

Ainda ahi se vê, posto que em ruinas, mas como uma honrosa memoria, o palacio d'esta esclarecida familia, que tanto se distinguio nos reinados de D. João iv, D. Affonso vi, e D. Pedro ii, pelos relevantes serviços, que os condes Luiz, e D. Francisco Xavier de Menezes prestaram á causa da independencia nacional, e ao progresso das lettras.

Sentada sobre uma elevada rocha, cortada a prumo, e minada na base pelas ondas do mar, a villa da Ericeira domina o seu pequeno porto, e uma extensão immensa de oceano. É formado o seu porto por um reconcavo quasi circular, todo guarnecido de rochedos, que vão diminuindo em grandeza até deixar aberta uma estreita garganta, por onde entra o mar e as embarcações n'esta peque-

nissima bahia. A estreiteza d'esta barra, só accessivel para embarcações costeiras de pequeno lote, e a força com que ali rebentam as vagas, fazem difficil a entrada.

Da povoação desce para o porto uma calçada, sustentada do lado do mar por uma grossa muralha. O porto é frequentado por uns cem barcos de pesca, e de cabotagem, que são os principaes ramos de industria em que se emprega a maioria dos habitantes da villa. Por consequente, não só é abastecida de muita variedade de peixe, mas faz d'este genero grande commercio para o interior. Os pescadores da Ericeira são ousados e emprehendedores. Não se limitam a pescar ao longo das costas da Estremadura, demandam tambem as costas de Marrocos, e já teem feito modernamente varias expedições aos bancos da Terra Nova.

Da muita quantidade de ouriços, que ha em toda aquella costa, tira o seu nome a villa da Ericeira, que em tempos antigos se chamava *Oyriceira*. Pelo mesmo motivo tem por brasão d'armas um ouriço no meio do escudo.

E' singular esta villa pelo extremo accio das ruas e casas, que, sem excepção, resplandecem de alvura. Tem uma unica parochia, da invocação de S. Pedro, que foi reedificada no seculo passado, concorrendo para esse fim el-rei D. João v com avultada esmola.

A casa da misericordia, fundada em 1678 por Francisco Lopes Franco, tem bons rendimentos com que provê ás despesas do seu hospital, e a mais soccorros á pobreza. Ha na villa varias ermidas, e algumas boas casas. Na estação dos banhos de mar concorrem ali bastantes familias do interior da provincia, e tambem algumas de Lisboa.

Sobranceiro á calçada, que conduz ao porto, ha um forte construido no reinado de D. Pedro II. Ao presente acha-se desartilhado, mas em bom estado de conservação.

Um chafariz, chamado a *Fonte do Cabo*, que segundo uma inscripção que n'elle ha de lettras gothicas, foi feito em 1457, fornece agua abundan-

temente para toda a povoação, que se eleva a umas duas mil e oitocentas almas.

As cercanias da Ericeira são muito aridas, e desprovidas de arvoredo, como todos os terrenos proximos da costa n'esta provincia da Estremadura. A principal cultura consiste em cereaes e batatas. A 23 de Julho faz-se n'esta villa uma feira de tres dias.

A VILLA D'ESTREMOZ.

Na parte mais amena da provincia do Alemtejo acha-se a villa d'Estremoz, edificada na raiz e encosta de um monte, a que faz corôa um antigo castello. Está distante de Villa Viçosa duas leguas e meia para o occidente, e seis de Évora para o nordeste.

El-rei D. Affonso III, querendo aproveitar esta forte posição para defensa da fronteira do Alemtejo, da qual não dista muito, fundou no mais alto do monte um castello, correndo o anno de 1258. Segundo os costumes do tempo não tardaram os habitantes indefesos d'aquellas cercanias a vir procurar o abrigo da fortaleza, contra as continuas correrias dos moiros.

Começaram pois a construir casas pelo dorso do monte, que pelo tempo adiante se foram estendendo até ás faldas, e d'ahi pela vizinha planicie. Tal foi a origem, ao que parece, da villa de Estremoz.

Quanto á etymologia do seu nome, ha duas opiniões: uma que a deriva da circumstancia de se achar a povoação pouco distante do *extremo* da provincia; outra que quer que provenha dos muitos tremoceiros, que vestiam o monte, quando n'elle principiaram as edificações.

Em favor d'esta ultima opinião vem o brasão do armas da villa, que tem no meio do escudo uma planta de tremoços.

O mesmo rei D. Affonso III, achando-se a povoação já augmentada, deu-lhe privilegios eguaes aos de Santarem. El-rei D. Manuel concedeu-lhe o foral de villa no anno de 1512.

Estremoz distinguio-se nas guerras da independencia com a Hespanha. As obras de fortificação, que a constituiram em praça de guerra, começaram logo depois da restauração de 1640. Ao principio estas obras foram frageis, mas passados poucos annos fizeram se com solidez, e segundo os pre-

ceitos da arte, ficando a villa cingida com dez baluartes, tres meios baluartes, e um redente, fora os revelins e mais obras exteriores. Reparou-se o antigo castello, que passou a ser a cidadela da praça, e sobre um monte visinho, padrao do que serve de assento á villa, construiu-se um forte com quatro baluartes, e sobre outro um pouco mais distante edificou-se um reducto, chamado de Santa Barbara.

Nas proximidades de Estremoz está o sitio de *Montes Claros*, celebre pela assignalada victoria, que os portuguezes, commandados pelo marquez de Marialva e pelo marechal de Schomberg, ahi ganharam aos hespanhoes no anno de 1665.

O castello de Estremoz é notavel em a nossa historia por ter servido de residencia a el-rei D. Diniz, á rainha Santa Isabel, sua mulher, que n'elle falleceu, e a el-rei D. Pedro I, que tambem ahi acabou os seus dias. Da sala, onde expirou a rainha santa, fez-me mais tarde uma ermida, que ainda existe com a invocação de Santa Isabel. Até ao começo d'este seculo conservava-se n'este castello um museu de armas antigas muito rico e curioso, e que era o unico, que havia no reino depois que o terremoto de 1755 destruiu os paços da Ribeira em Lisboa, onde se via um grande armazem cheio de armas de differentes eras. Infelizmente por occasião da invasão franceza foi o museu d'Estremoz despojado de todas as suas armas.

Consta a villa de tres parochias: Santa Maria do Castello, que é a matriz, Santo André, e S. Thiago. Tem casa de misericordia e hospital, e um mosteiro de freiras da ordem de Malta, da invocação de S. João Baptista, o unico d'esta ordem, que ha no reino, fundado em 1563 pelo infante D. Luiz, filho d'el-rei D. Manuel. Havia outr'ora quatro conventos de frades dentro da villa, e um nos arrabaldes, cujos edificios ainda existem. Eram aquelles: o de S. Francisco, edificado por D. Afonso III; o de S. João de Deus; o dos frades agostinhos; e o dos congregados de S. Philippe Nery. O que fica extra-muros era de capuchos da pro-

vincia da Piedade; e foi construido em 1662. Além dos edificios religiosos mencionados, ha na villa varias ermidas.

A mais bella parte de Estremoz é a que está edificada na planicie. Tem ahi um vasto largo, ou praça, cercado de boa casaria, e dos edificios dos extinctos conventos, com um chafariz de oito bicas, e um grande tanque quadrado, e dois mais pequenos.

Tem o seu quartel em Estremoz o regimento de lanceiros n.º 4. A população fixa da villa anda por seis mil e seiscentas almas. Em 25 de Julho e a 30 de Novembro fazem-se ahi duas feiras annuaes de bastante commercio.

Os suburbios de Estremoz são muito apraziveis e de grande fertilidade. Ha n'elles abundancia de agua, que rega muitas hortas e pomares. O termo produz azeite, cereaes, e outros fructos, e encerra preciosos marmores. O branco é o que serve para todas as construcções da villa. Tambem contém excellente barro de que ali se fabrica muita variedade de obras, que são apreciadas no reino e fora d'elle.

No antigo regimen gosava esta villa de voto em côrtes com assento no banco terceiro. O seu brasão d'armas é como se vê na estampa, sendo verde o tremoceiro, o campo vermelho, o sol de oiro, e a lua de prata.

Eram alcaides-móres de Estremoz os duques de Cadaval.

A CIDADE D'EVORA.

Evora, a capital da rica provincia do Alemtejo, é uma das mais antigas cidades do reino, e como tal a sua origem é desconhecida, ou pelo menos muito duvidosa.

Alguns autores attribuem a sua fundação aos celtas iberos, outros aos tartesios andaluzes. Carvalho, na sua *Corographia portugueza*, diz que foi fundada pelos eburones, ou eburonices, antigos povoadores da peninsula hespanica, 2039 annos antes do nascimento de Christo, pondo-lhe o nome de Eborá.

O que se pode ter por verdade é que já existia anteriormente ao dominio dos romanos. Durante a porfiosa lucta, que os lusitanos sustentaram em defensa da sua independencia, foi Evora a principal residencia dos dois grandes capitães, Viriato e Sertorio, que em epochas diversas conseguiram por seu heroico esforço impedir o passo, e levar de vencida os poderosos conquistadores, que assoberbavam o mundo.

Ao segundo d'estes heroes deveu a cidade d'Evora muita prosperidade e importancia, e bellos monumentos, alguns dos quaes, atravessando tantos seculos, nos fallam ainda hoje do illustrado governo de Sertorio, da sua grandeza e gloriosas empresas.

No seu tempo ainda a cidade se denominava *Eborá*; porém depois, tendo-se curvado toda a Lusitania ao jugo de Roma, tomou Eborá o nome de *Liberalitas Julia* em commemoração da visita que lhe fez Julio Cesar, e dos favores que lhe concedeu, elevando-a á cathegoria de municipio romano, e dando aos seus habitantes os mesmos privilegios, que desfructava a cidade de Roma.

Os barbaros, que destruíram o imperio dos Cesares, invadiram e sujeitaram tambem a Lusitania, onde se civilisaram, e conservaram, princi-

palmente os visigodos, pelo espaço de duzentos annos. Do dominio d'estes passou Evora para o dos moiros, que se assenhorearam da peninsula no começo do seculo oitavo.

No fim de quatrocentos e cincoenta e um annos, que tanto durou este novo captiveiro, foi resgatada a cidade d'Evora em 1166 pelo esforço temerario de Giraldo Giraldes, que adquiriu por este glorioso feito o cognome de *Sem pavor*.

Giraldo era um cavalleiro da côrte d'el-rei D. Affonso Henriques, que por certo crime, que commettera, andava fugido e perseguido pela justiça. Para se rehabilitar, e obter o seu perdão, resolveu com outros mais companheiros nas mesmas circumstancias tomar aos moiros por surpresa a cidade d'Evora, o que alcançou em uma noite, começando por trepar á torre da atalaia, onde surprehendeu e matou o moiro vigia e sua filha. Em memoria d'esta acção, que D. Affonso Henriques recompensou generosamente, tomou a cidade por brasão d'armas um escudo coroadado, e n'elle em campo azul a figura de Giraldo, montado em um cavallo, empunhando a espada na mão direita, e com a esquerda segurando pelos cabellos as cabeças dos dois vigias.

Quasi todos os nossos reis até D. Sebastião tiveram por vezes a sua côrte em Evora, pelo que esta cidade foi theatro de muitos successos importantes. Em diversos reinados ahi se reuniram em côrtes os tres estados do reino. Entre as festas, que ahi se fizeram, por occasião de consorcios reaes, foram mui celebradas pelo seu apparato e magnificencia as do casamento do principe D. Affonso, filho unico de el-rei D. João II, com a infanta D. Isabel, filha de Fernando e Isabel, reis de Castella.

Em 20 de Junho de 1483 foi justicado na praça principal da cidade o infeliz duque de Bragança, D. Fernando II, accusado de conspiração contra el-rei D. João II, que era seu cunhado.

Nas guerras da restauração de 1640 foi sitiada e tomada pelo exercito hespanhol commandado por D. João d'Austria, correndo o anno de 1663. Pou-

co depois foi recuperada por D. Sancho Manuel de Vilhena, conde de Villa Flor.

A cidade d'Evora está edificada no centro da provincia do Alemtejo, e por todos os lados rodeada de dilatadissimas planicies.

Tres vezes foi esta cidade fortificada. A primeira por Sertorio, que a cercou de muros, com varias torres e cinco portas, cuja obra se demoliu no reinado de D. Fernando I. A segunda por D. Affonso IV, D. Pedro I, e D. Fernando I, que construíram uma mais larga cêrca de muralhas, que ainda existem bem conservadas, com maior numero de torres, e dez portas. A terceira nos reinados de D. Affonso VI e D. Pedro II, que principiaram e adiantaram um plano de fortificações, que se não chegou a concluir, e que devia constar de doze baluartes, e dois meios baluartes, ligados na maior parte do seu recinto aos muros de que acabámos de fallar.

Presentemente tem a cidade sete portas, chamadas da *Lagôa*, de *Aviz*, de *Mendo Esteves*, da *Piedade*, do *Rocio*, do *Reimondo*, e de *Alconchel*. As outras tres perdeu-as com a edificação de dois conventos, e de um baluarte.

No centro da cidade eleva-se um pouco o terreno com mui doce subida. Sobre essa pequena altura está situada a sé. Foi fundada esta cathedral pelo bispo D. Paio no anno de 1186; e gastaram-se dezoito annos na sua construcção. É um grande templo de architectura gothica, com cento e noventa e tres palmos de comprimento, oitenta e nove de largura, e cento e quinze de altura; dividido em tres naves, e contendo vinte capellas. Em 1721 foi demolida por ser pequena a antiga capella-mór, começando-se então a actual pelo risco de Ludovice, architecto do palacio de Mafra. Toda construida de finos marmores, e ornada de excellentes esculpturas, é sem duvida uma das obras mais sumptuosas, que n'este genero ha em Portugal.

O primeiro bispo de Evora foi S. Manços, discipulo dos apostolos, no anno 35 da era de Chris-

to. Tendo perdido a cidade a sua cadeira episcopal pela invasão dos mouros, recuperou-a logo que foi resgatada do poder dos infieis, dando-lhe D. Affonso Henriques por bispo a D. Soeiro. Em 1540, por morte do cardeal infante D. Affonso, ultimo bispo d'Evora, foi elevada esta mitra á dignidade archiepiscopal, sendo o seu primeiro arcebispo o cardeal infante D. Henrique, depois rei.

As rendas d'esta sé elevavam-se no principio do seculo passado a cento e quarenta mil cruzados.

Pegado á sé está o palacio archiepiscopal, e contiguo a este o edificio da bibliotheca publica e museu.

Além da freguezia da sé, ha na cidade mais quatro parochias, que são : S. Pedro, que foi egreja de templarios, e posteriormente reedificada ; a de Santiago ; a de Santo Antão, edificada na praça principal da cidade em 1558 pelo cardeal infante D. Henrique, a qual é um bom templo de tres naves ; e a de S. Mamede.

A egreja da misericordia foi fundada em 1533, bem como o seu hospital.

Contava Evora, antes da extincção das ordens religiosas em 1833, vinte e dois conventos e collegios, dentro da cidade, e proximo dos seus muros. Dos de frades são dignos de menção, pelas suas magnificas egrejas que se conservam em bom estado os seguintes : o de S. Francisco, cujo vastissimo templo de uma só nave, e sem columnas, que sustentem a sua singular abobada, foi construido nos reinados de el-rei D. João II e de el-rei D. Manuel ; o de Nossa Senhora da Graça, de religiosos agostinhos, fundado por el-rei D. João III no principio do seu governo ; o de Ara Cœli, de religiosos cartuchos, edificado em 1598 pelo arcebispo D. Theotonio de Bragança ; o de Nossa Senhora do Espinheiro, de monges de S. Jeronymo, começado em 1452 e concluido em 1558 ; e o collegio do Espirito Santo, de jesuitas, obra do cardeal rei.

Os conventos de freiras são oito : o de Santa Helena, de religiosas capuchas, fundado pela infan-

ta D. Maria, filha de el-rei D. Manuel ; o de Santa Clara, de franciscanas, levantado em 1458 ; o de Santa Catharina, de dominicas, edificado em 1547 ; o do Salvador, de franciscanas, fundado em 1603 ; o de Nossa Senhora do Paraíso, de dominicas, construido em 1516 ; o de S. Thereza, feito em 1681 ; o de S. Bento, de bernardas, cuja primeira fundação teve logar em 1169 ; e o do Menino Jesus, de agostinhas, edificado em 1380.

Iriamos muito além dos limites, que nos impõe a organização d'este jornal, se mencionassemos todos os edificios religiosos, que Evora possui. Bastará pois dizer, que além dos já referidos, conta muitos recolhimentos, confrarias, e ermidas. Ainda existe o palacio da antiga inquisição, hoje propriedade particular.

A' frente dos seus estabelecimentos de caridade figuram a *casa pia*, fundada em 1836, o *hospital da misericórdia*, e o *celleiro* para empréstimos aos lavradores pobres, chamado *Monte de Piedade*, instituido pelo cardeal infante D. Henrique em 1576.

Este mesmo principe honrou a cidade d'Evora com uma universidade, que foi a segunda que houve no reino, e a erecção da qual muito se oppoz a de Coimbra.

Nenhuma cidade de Portugal mostra, como esta, tantos vestigios da sua antiguidade e passadas grandezas. O aqueducto, chamado da *Prata*, com os seus dois elegantes pavilhões, ou mões d'agua ; o templo de Diana, ornado de um formoso vestibulo de columnas corinthias de marmore branco ; O palacio de Sertorio, hoje occupado pelas freiras do Salvador, e do qual ainda restam algumas partes, apesar das reedificações posteriores ; uma das portas e parte de uma torre da cêrca da cidade, mandada fazer por Sertorio, são, além de varias inscrições e cippos, os padrões, que commemoraram a prosperidade e importancia d'Evora no tempo dos romanos.

Os restos do palacio real com suas formosas janellas gothicas, junto ao convento de S. Francisco, e no fundo de um espaçoso terreiro, obra dos reis

D. João II e D. Manuel ; o antiquissimo palacio acastellado dos duques do Cadaval, e os de outras antigas casas titulares, mais ou menos bem conservados, attestam o esplendor d'Evora nas epochas em que foi côrte de nossos reis, e principal residencia de muitas das mais nobres familias de Portugal.

Evora é sede das diversas autoridades e repartições, que competem á capital de um districto. Possui um lyceu nacional, um seminario archiepiscopal, uma bibliotheca publica, um museu de antiguidades, achadas pela maior parte em excavações nos arredores da cidade, dois theatros, onde representam companhias volantes, e uma casa d'assemblea. O regimento de cavallaria n.º 5 tem o seu quartel n'esta cidade, cujo edificio é talvez o mais bello e vasto d'entre todos os quarteis militares do reino.

Não ha na cidade nenhuma praça regular ; porém a maior praça é bastantemente grande e tem alguns bons edificios. Na extremidade da praça, fazendo frente á egreja de Santo Antão, fica a casa da camara e a cadêa, edificadas no reinado de D. Affonso V. As outras praças são pequenas. O *Rocio* é fora dos muros da cidade, e junto á porta do mesmo nome. É um grande campo, sem mais edificações do que um chafariz. Tem uma alameda de arvores plantadas modernamente, que offerece um agradável passeio, porém pouco concorrido. É aqui que se fazem as feiras annuaes a 24 de Junho, e a 12 d'Outubro. Esta é só de gados, e muito concorrida; porém aquella e a de Vizeu são as duas mais importantes de todo o reino.

Proximo do *Rocio*, e junto ás muralhas, da parte de fora, está a *horta dos soldados* com seus arvores, tanques, e flores. É um bonito passeio, com vista desafogada para os lados de Beja, mas pouco frequentado.

A cidade é bem abastecida de agua pelo *aqueducto da Prata*, que alimenta varios chafarizes no interior da povoação, e por outras fontes que estão fora dos muros.

Os arrabaldes d'Evora não são formosos. Em torno das muralhas ha varias hortas, e mais distante, espalhadas aqui e ali, vêem-se algumas quintas arborisadas, mas poucos e pequenas. Tudo o mais são campos de trigo, perfeitamente planos. Só ao longe se avistam montes, oliveas e frondosos arvoredos dos montados.

Os mercados da cidade são abundantemente fornecidos de fructas, e de todo o genero de criação e caça, que lhe vem de differentes terras, e até da Beira. O termo cujos terrenos são de extraordinaria fertilidade, produz muitos cereaes, azeite, e algum vinho. Cria-se n'elle grande quantidade de gados de diversas especies, que constituem, juntamente com as lãs, um dos mais importantes ramos do seu commercio.

Evora gosava no antigo regimen de voto em côrtes, sentando-se os seus procuradores no primeiro banco. A sua população excede hoje, talvez, a dez mil almas. Nos tempos em que foi côrte tinha mais do dobro.

A CIDADE DE FARO.

No tempo da dominação romana existia na parte meridional da Lusitania, então chamada Celtica, e hoje Algarve, a cidade de Ossonoba, de origem antiquissima, e que floresceu por muitos seculos, logrando nas primeiras eras do christianismo a prerogativa de sede episcopal. Na invasão dos moiros foi inteiramente arruinada, e os seus moradores ou foram captivos para terras d'Africa, ou buscaram refugio nas serras de Monchique e Caldeirão.

Passados annos, subjeita quasi toda a península hespanica ao jugo sarraceno, começaram alguns pobres pescadores a edificar varias casas em um sitio a legua e meia para o occidente da destruida cidade de Ossonoba, de cujas ruinas tiravam os materiaes precisos. As edificações foram augmentando, e os foragidos habitantes d'aquella cidade vieram pouco a pouco estabelecer-se na nova povoação. Tal foi o principio da cidade de Faro.

Quanto á etymologia do seu nome ha differentes opiniões. A que parece mais provavel é a que a faz derivar de um pharol, que ahi se erigiu para guia dos nautas, que frequentavam aquelle porto, o que deveria ser muito posterior á fundação da cidade, por que esta se chamou no seu principio de Santa Maria.

Em 1248 veio el-rei D. Affonso III em pessoa pôr cêrco a Faro. A cidade achava-se então bem fortificada, e abastecida de tudo o necessario pela facilidade com que recebia soccorros d'Africa. Accommetida porém ao mesmo tempo por terra e por mar, rendeu-se em fim aos portuguezes; mas ficou em tal estado de ruina, que a maior parte dos seus habitantes viu-se obrigada a abandoná-la.

Passados quasi dezesete annos, no de 1266, achando-se já o reino inteiramente desaffrontado de moiros, cuidou D. Affonso III em reedificá-la e povoal-a de novo, para o que lhe deu foral com muitos privilegios, que lhe attrahissem moradores.

El-rei D. João II fez doação de Faro á rainha D. Leonor, sua mulher, e d'ahi em diante ficou sendo apanagio das rainhas de Portugal.

As vantagens commerciaes, que o seu porto lhe proporcionava, fizeram engrandecer tanto a povoação, que el-rei D. João III elevou-a á cathegoria de cidade, e no anno de 1580, reinando ainda o cardeal rei D. Henrique, foi trasladada para Faro a cadeira episcopal de Silves, então occupada pelo sabio e virtuoso bispo, D. Jeronymo Osorio, não menos celebre pelo seu patriotismo e elevação de character.

Achando-se Portugal subjugado por Philippe II de Castella, surgiu na costa do Algarve em Julho de 1596 uma esquadra ingleza. Em seguida as tropas, que trazia a seu bordo, fizeram um desembarque, e entraram á força d'armas na cidade de Faro no dia 25 do dito mez, tornando a embarcar depois de terem saqueado e incendiado a povoação.

Esta catastrophie deixou a cidade no mais triste estado de ruina e miseria. O fogo devorou a maior parte dos seus edificios. Dos templos só escaparam ao incendio a parochia de S. Pedro, e a egreja da misericordia. A rica livraria do bispo D. Jeronymo Osorio foi levada pelos inglezes para a sua universidade de Oxford.

Passado pouco mais de seculo e meio veio uma nova desgraça affligir esta povoação. O terremoto do 1.º de Novembro de 1755, que abysmou Lisboa, estendeu a todo o Algarve a sua terrivel influencia, causando graves estragos á cidade de Faro, que já no anno de 1722 havia padecido bastante nos edificios e nas vidas dos seus moradores pelos deploraveis effeitos de outro grande tremor.

Acha-se situada a cidade de Faro em uma planicie arenosa na margem esquerda de um pequeno rio ou esteiro, que, communicando com o oceano a distancia de legua e meia, forma-lhe um porto accessivel a barcos de navegação costeira, e a navios de duzentas toneladas. Dista doze leguas da cidade de Lagos, oito de Silves, e cinco de Tavira.

Divide-se Faro em duas parochias: a sé, e S. Pe-

dro. E' a primeira um templo muito antigo de tres naves quadradas, sustentadas por columnas de ordem jonica. Ha na cidade casa e hospital da misericordia, fundada aquella pelos annos de 1583, e este no seculo passado ; a egreja de S. Luiz, e varias ermidas. Teve tres conventos de frades, que eram—o de S. Francisco, de religiosos franciscanos, construido em 1529 ; o de Santo Antonio dos Capuchos, de piedosos, erigido em 1620; e o collegio da companhia de Jesus, edificado em 1602. De freiras teve um só convento, intitulado de Santa Clara, de religiosas capuchas, fundação da rainha D. Catharina, mulher d'el-rei D. João III, em 1527, hoje extincto. Os principaes edificios da cidade, além d'estes, são : o paço do bispo, contiguo á sé ; o seminario episcopal, que se communica com o paço ; e a casa da camara, proxima de ambos.

Faro apresenta um aspecto agradável pela alvura e acção das casas. Tem ruas espaçosas e em geral limpas, e uma grande praça de forma rectangular, cujo lado do sul deita para o rio, onde tem um caes e barbacã. No lado de leste d'esta praça eleva-se um formoso arco de cantaria, ornado de columnas jonicas, e coroado por uma bella estatua de S. Thomaz de Aquino, feita em Italia, de marmore branco, e com oito palmos de altura. Este elegante monumento foi mandado fazer pelo bispo do Algarve D. Francisco Gomes de Avellar, na segunda metade do seculo passado, sendo o desenho do architecto Francisco Xavier Fabri. N'esta praça faz-se todos os dias mercado de hortaliças, fructas, etc.

Faro é praça de guerra. Foi começada a fortificar com redentes para o lado do mar, e com alguns baluartes para a parte de terra, nos fins do seculo XVII. Da fortificação antiga ainda conserva o seu velho castello, e muralhas torreadas. Dentro do castello ha bons quarteis, onde permanece um regimento de infantaria.

E' residencia de um general, commandante da oitava divisão militar, de um governador civil, e mais autoridades que competem á capital de um districto. Possui um lyceu, alfandega, e um theatro.

Nos suburbios ha alguns sitios apraziveis. O da ermida de Santo Antonio do Alto, que é uma pequena elevação proxima da cidade, offerece lindas e variadas perspectivas. O grande banco d'arcia, a que chamam a *Ilha*, que, juntamente com outros menores, divide a barra em dois canaes, um denominado a *barra grande*, e outro a *barreta*, é um lugar de agradavel passeio pela sua pittoresca situação, e pela vista da cidade.

O termo de Faro é fertil, e bem cultivado. Produz alguns cercaes, azeite, vinho, e muitos figos; amendoas, e alfarroba, constituindo estes tres ultimos generos o ramo mais importante da sua agricultura, e do seu commercio de exportação, a que se deve accrescentar o das pescarias.

Fazem-se na cidade as seguintes feiras: a 16 de Julho; a 20 de Outubro; e a 10 de Julho em Estoy, no lugar onde existiu a antiga Ossonoba.

Faro conta uns sete mil e oitocentos habitantes. No antigo regimen gosavá de voto em côrtes, tendo os seus procuradores assento no banco terceiro. Tem por brasão d'armas um escudo coroadó, e n'elle a imagem de Nossa Senhora da Conceição entre duas torres.

A VILLA DE FERREIRA.

Na provincia do Alemtejo, tres leguas ao occidente da cidade de Beja, tem seu assento a villa de Ferreira em logar um pouco mais elevado, que os terrenos circumvisinhos, que são inteiramente planos.

Segundo a tradição, foi no tempo dos romanos uma cidade com o nome de *Singa*, na qual se fez celebre uma matrona, defendendo valorosamente a porta do castello da mesma cidade por occasião da invasão dos godos e suevos. Em memoria d'este feito dizem, que tomara esta povoação por armas a figura de uma mulher com dois malhos nas mãos; brasão que a villa actual adoptou como prova da sua antiguidade. No principio do seculo passado ainda se viam junto á villa, para o lado do nascente, restos de edificios em uma extensão de meia legua.

A cidade de Singa, se com effeito ali existiu, perdeu-se como muitas outras na entrada dos arabes. Do começo da villa de Ferreira não encontramos noticias. O seu foral de villa foi-lhe dado por el-rei D. Manuel em 5 de Março de 1517.

Sobre um monte ao nascente da villa vê-se o seu antigo castello, cercado de muros com barbacã, e nove torres.

Ferreira tem uma só parochia dedicada a Nossa Senhora d'Assumpção, e conta perto de dois mil habitantes.

Cortam e regam os seus suburbios as ribeiras de Valdouro e de Safrins, a primeira distante da villa um quarto de legua, e a segunda meia legua. Trazem algum peixe, principalmente pardelhas e bordalos, que são muito estimados n'aquelles sitios. O termo produz bastante azeite, algum vinho e fructas, porém a sua maior producção consiste em trigo. Abunda tambem em caça miuda.

A 16 de Setembro faz-se n'esta villa uma feira bastante concorrida.

A VILLA DE FREIXO D'ESPADA Á CINTA.

Esta villa está edificada na provincia de Trassos-Montes, a uma legua de distancia do rio Douro, que ahi divide Portugal de Hespanha. Dista da villa da Torre de Moncorvo cinco leguas para sueste.

A epoca da fundação da villa, a etymologia do seu nome, e a origem do seu brasão d'armas é tudo materia duvidosa. João de Barros nas suas *Antiguidades de Entre Douro e Minho* dá-lhe por fundador um fidalgo do appellido Feijão, primo de S. Rosendo, que morreu no anno de 977; e diz que por este fidalgo trazer por armas uns freixos e uma espada, ficaram o freixo e espada por nome e armas á villa.

Se se der credito, porém, á tradição, foi um capitão godo, chamado Espadacinta, que, chegando áquelle sitio cansado de uma batalha, e deitando-se á sombra de um grande freixo, que ali havia, deu á arvore o nome de Freixo d'Espadacinta. Este nome passou á povoação, que pouco depois se começou a edificar; a qual em memoria do caso, tomou por armas um freixo e uma espada em campo vermelho.

No principio do seculo passado existia junto á egreja matriz um freixo colossal, cercado de assentos, que não sabemos se ainda se conserva, e que os habitantes tinham em grande estima como sendo o proprio d'aquella lenda.

Deixando estas noticias incertas, e vindo a epocas mais conhecidas, diremos que nos primeiros tempos da monarchia padeceu muito esta villa com as guerras de Castella. Nas dissensões, que houve entre el-rei D. Affonso II e suas irmãs, entrando os leonezes no reino em favor das infantas, foi a villa por elles roubada e assolada. No reinado seguinte, de D. Sancho II, veio pôr-lhe cerco o infante D. Affonso, filho de D. Fernando III de Castella. D'esta vez resistiu valorosamente ao inimigo, que não conseguiu entral-a.

Deu-lhe foral de villa el-rei D. Manuel; e tinha voto nas antigas côrtes com assento no banco decimo.

Tem uma só parochia, cujo templo dizem ser obra de el-rei D. Diniz. Attribue-se ao mesmo monarcha a fundação do seu castello, que se ergue sobre um oiteiro contiguo á povoação.

Ha na villa umas dez ermidas, e doze fontes de má agua. A população anda por mil e trezentos habitantes. As principaes producções do termo são: azeite, cereaes, vinho, e poucas fructas. Cria porém bastante gado. Tambem tem creação de bichos de seda, que outr'ora constituiu um ramo muito importante da sua industria, exportando para todo o reino muita variedade de manufacturas de seda, principalmente tafetás e meias. Hoje, como a maior parte das povoações de Tras-os-Montes, acha-se em muita decadencia pela falta de boas communicações.

A VILLA DE FRONTEIRA.

Na provincia do Alemtejo, a quatro leguas norte da villa d'Estremoz, e cinco éste da de Aviz, achase situada a villa de Fronteira em lugar alto, mas plano.

A primeira fundação d'esta villa foi no seculo xiii, sobre um oiteiro visinho, chamado maistar-de Villa Velha. Parece que foi seu fundador D. Fernando Rodrigues Monteiro, quarto mestre da ordem de S. Bento de Aviz.

No seculo seguinte, por estar a povoação arruinada com as guerras dos moiros, ou por outras razões, dizem que el-rei D. Diniz a mudara para o sitio em que se acha, começando a denominar-se Fronteira por ficar defronte da outra, que se abandonou.

Ha outra opinião, que pretende que este nome lhe veio da circumstancia de ser edificada mesmo na fronteira das terras ainda então occupadas por moiros; o que só se pode referir á fundação primitiva.

Deu-lhe foral el-rei D. Manuel em Julho de 1512; e entre as suas prerogativas tinha a de gozar de voto em côrtes, sentando-se os seus procuradores no banco decimo-segundo. O seu brasão d'armas consiste simplesmente em um escudo de prata, sem mais divisa.

Como documento da sua antiguidade ainda possui um velho castello, que se attribue a el-rei D. Diniz. Tinha uma cêrca de muralhas com sete torres, hoje em grande parte destruida.

Consta a povoação de uma só parochia, da invocação de Nossa Senhora da Atalaya, titulo que lhe foi posto pela rainha Santa Isabel. Tem casa da misericórdia, hospital, e varias ermidas; e teve um convento de Santo Antonio dos Capuchos da provincia da Piedade.

Nos suburbios d'esta villa, em um sitio chamado a Cerejeira, que fica no valle da Amoreira, des-

cobriram-se em principios do seculo passado algumas peças de oiro de muito peso e valor, que se reputaram romanas. Por esse tempo viam-se n'esse sitio vestigios de edificios antigos.

Tambem não longe de Fronteira deu-se a celebre batalha dos Atoleiros, em que o condestavel D. Nuno Alvares Pereira derrotou completamente os castelhanos.

O termo de Fronteira é de muita fertilidade. Corta-o a ribeira d'Aviz, ou Zeta, que passa a um quarto de legua da villa. Tem muitos e excellentes montados, onde se cria bastante gado. Pródiz muito trigo e azeite, algum vinho e fructas. E' abundante de caça.

Fronteira conta uns mil oitocentos e quarenta habitantes. El-rei D. Pedro II creou marquez de Fronteira o segundo conde da Torre, D. João Mascarenhas. O representante d'esta illustre casa é hoje'o setimo marquez.

A CIDADE DO FUNCHAL.

A ilha da Madeira, e as de Porto Santo e Desertas, estão situadas no Atlantico, distante duzentas leguas da costa d'Africa. A primeira foi descoberta em 2 de Julho de 1419 por João Gonsalves Zargo, enviado pelo illustre infante D. Henrique ao descobrimento de novas terras e novos mares. Dos bosques frondosos, que os portuguezes ali acharam, proveiu o seu nome de ilha da Madeira. Tem de comprimento umas quarenta e quatro milhas, e de largura quatorze a quinze.

A cidade do Funchal é a capital da ilha da Madeira. Teve principio poucos tempos depois da descoberta, e por esforço do proprio Zargo, a quem el-rei D. João I fizera doação do districto do Funchal, um dos dois em que a mesma ilha logo foi dividida.

No anno de 1481 deu el-rei D. Affonso V foral de villa á nova povoação, que tomou o nome do sitio em que foi fundada, ao qual pelo muito funcho, que n'elle havia, denominavam o *Funchal*.

Crescendo com rapidez a povoação pelo desenvolvimento da industria agricola em terrenos de tão grande fertilidade, como são aquelles, e especialmente pela cultura da canna d'assucar e da vinha, introduzidas ali pelos patrioticos desvelos do immortal infante D. Henrique, no anno de 1508 elevou-a el-rei D. Manuel á cathegoria de cidade. Passados seis annos foi erigida em sede episcopal por sollicitação do mesmo monarcha; e no reinado de D. João III, correndo o anno de 1537, creou-a metropolitana o papa Clemente VII, assignando-lhe por suffraganeos os bispados d'Angra, de Cabo Verde, de S. Thomé, que abrangia Angola e Congo, e o de Goa, que se estendia pela India oriental. Os arcebispos do Funchal intitulavam-se então primazes das Indias.

Não lhe durou muito, porem, tão eminente pre-

rogativa. Em breve se engrandeceram os estados portuguezes da India. Goa foi elevada á dignidade archiepiscopal, primaz do Oriente, e o Funchal perdeu a jurisdicção metropolitana, ficando outra vez sede episcopal suffraganea do archiepiscopado, depois patriarchado de Lisboa.

Está edificada a cidade do Funchal na costa meridional da ilha, parte assentada em um valle delicioso, e parte subindo pelo dorso de um monte, que tem por corôa o castello do Pico.

Defendem-lhe o porto os fortes da Pontinha, de S. Lazaro, de Fontes ou S. João, de S. Lourenço, da Alfandega, de S. Filippe, de Santiago, de Loures, e o castello Ilheo, fundado sobre um grande rochedo no meio do mar, o qual serve de registro do porto. Este é formado pelos cabos Gração e Ponta da Cruz. Os navios fundeam ahi em perfeita segurança com todos os ventos, excepto os dos quadrantes desde o sudoeste até ao sueste pelo sul.

Estende-se a cidade ao longo da bahia, e desde o mar até meia encosta do monte do castello do Pico, pelo que offerece um lindo panorama a quem a contempla de bordo de algum navio.

Divide-se a cidade em quatro parochias. A sé é um vasto templo de architectura gothica, fundado por el-rei D. Manuel. E' notavel pelos excellentes marmores, que lhe vestem as paredes interiormente, pelas pinturas que o ornão, e pelos tectos das suas dez capellas fabricados de cedro com muito primor, principalmente o da capella-mór.

Tem o Funchal dois conventos de freiras, e teve tres de religiosos, um de jesuitas, outro de carmelitas cujos templos são ainda dos melhores da cidade, e o ultimo de franciscanos, notavel pela capella dos ossos, construida de caveiras e ossos.

Os principaes edificios, além dos mencionados, são: o palacio do governo, o paço episcopal, o seminario, o quartel militar de S. João, a alfandega, o hospital real, o theatro, que é excellente, e o hospicio da princeza Amelia, fundado por sua magestade imperial a duqueza de Bragança, em me-

moria de sua augusta filha, para receber doentes pobres, atacados de molestias pulmonares.

As praças ou largos são poucos e irregulares, e as ruas em geral estreitas, e mais ou menos ingremes, porém limpas. As casas são aceiadas interiormente, e sempre muito caiadas pela parte de fora. Muitasahi ha de construcção elegante.

Quasi no centro da cidade ha um passeio plantado de arvores e plantas indigenas e exoticas.

Os suburbios do Funchal são afamados pela sua muita formosura e amenidade. Os pomares, as hortas, e vinhas, que vestem as collinas; os bosques que cobrem os valles; as arvores e plantas dos tropicos, que por toda a parte crescem apar das da Europa, ostentando a mais pomposa vegetação; ribeiros de purissimas aguas despenhando-se de cima das rochas, ou correndo mansamente nas planicies; lindas casas de campo alvejando por entre tantos verdores; altas serranias encaixilhando tão formosos paineis; tal é em resumido esboço o aspecto encantador dos arrabaldes do Funchal.

D'entre as muitas e apraziveis quintas, que os adornam, mencionaremos como mais bellas e grandiosas a do *Palheiro do Ferreiro*, situada em uma eminencia a uma legua da cidade, e pertencente ao senhor conde de Carvalhal, e a do *Jardim da Serra*, fundada em um valle assim chamado, a duas leguas e meia para o noroeste do Funchal, e propriedade do senhor Veitch, subdito britanico.

As producções do paiz são muitas e mui variadas, pois que ali se dão perfeitamente bem as da Europa e as dos tropicos. O apreço em que são tidos os seus vinhos, fez com que durante muitos annos fosse esta a sua principal cultura, chegando no anno de 1813 a recolher-se em toda a ilha vinte e duas mil trezentas e quatorze pipas. Affectada esta producção pelo *oidium*, que a aniquilou quasi inteiramente, arrancando os proprietarios uma boa parte das vinhas, começou a introduzir-se de novo a cultura da canna de assucar.

Os outros productos agricolas são: cereaes, batata doce, e commum, inhame, fructas das nossas

e do Brazil, avultando bastante a castanha. Cria algum gado, principalmente lanigero.

O clima temperadissimo que se goza no Funchal em todas as estações do anno, faz a sua residencia muito saudavel, e proficua para molestias de peito, por cuja razão é a cidade frequentada por muitos nacionaes do continente, e por grande numero de estrangeiros, que ahi vão passar o inverno, além dos muitos inglezes, que n'ella residem todo o anno.

O commercio está decadente desde que diminuiu a producção do vinho. Todavia no porto do Funchal ainda entram annualmente uns trezentos navios.

No Funchal trabalha-se primorosamente em rendas, bordados, flores de pennas, e em muita variedade de artefactos delicadissimos.

A população da cidade passa de vinte mil almas.

A VILLA DE GARVÃO.

Esta é uma villa pequena, mas muito antiga. A sua origem é duvidosa, attribuindo-a alguns autores aos moiros, e outros aos cavalleiros de Santiago, logo no principio da monarchia. Os primeiros adduzem como argumento o seu nome de *Garvão*, que dizem ser de procedencia arabica. Os segundos fundam a sua opinião na circumstancia de lhe ter sido dado o seu primeiro foral de villa pelo mestre de Santiago, D. Paio Peres Corrêa, no meiado do seculo XIII. E' porém indubitavel, que na infancia da monarchia já era povoação importante, pois gosava da prerogativa de enviar procuradores ás côrtes, os quaes tinham assento no banco decimo quarto.

El-rei D. Manuel reformou-lhe o foral em 10 de Julho de 1512, dando-lhe novos e maiores privilegios, talvez por se achar decadente. Outr'ora contou muitos mais moradores do que os que ao presente tem, que não chegam a novecentos.

Está situada na provincia do Alemtejo, a duas leguas para oeste da villa de Ourique, e junto á estrada real, que communica com o Algarve.

Tem uma só parochia, intitulada de Nossa Senhora da Assumpção. Os seus principaes edificios e estabelecimentos reduzem-se á casa de misericordia, hospital, casa da camara, e ermidas do Espirito Santo, de S. Pedro, e de S. Sebastião.

O termo é muito fertil; produz abundancia de cereaes, legumes, e fructas; e cria-se n'elle muito gado, especialmente suino, bem como varias especies de caça.

A 10 de Maio tem uma feira annual de tres dias.

O brasão d'armas d'esta villa é um escudo com uma arvore verde em campo de prata, e na parte superior duas cruces de purpura da ordem de Santiago.

A VILLA DA GOLEGÃ.

No meio de campinas dilatadissimas, proximo do Tejo, está assentada a villa da Golegã em terreno tão plano, que este rio nas suas inundações invade uma boa parte da povoação, cercando-a por tal modo, que só em barcos se pode sair d'ella. Fica a quatro leguas sudoeste de Santarem, e uma sul de Torres Novas.

Teve principio esta villa em uma estalagem, que ahí estabeleceu uma mulher, natural da Galliza, por ser um ponto muito frequentado de viajantes, principalmente dos que transitavam de Santarem para Thomar e Coimbra.

Com o tempo foram-se edificando algumas casas junto á estalagem. A fertilidade do terreno foi attrahindo novos povoadores, e assim veio a formar-se uma villa, onde annos antes era um deserto.

Não encontramos memoria da epoca em que se fundou a estalagem, mas deveria ser em tempos muito antigos, por essa mesma falta de noticias, e porque no seculo xv já existia a povoação. Como geralmente chamavam á estalagem a *venda da Gallega*, passou este nome para a povoação, que denominaram *villa da Gallega*, que com o andar do tempo se corrompeu no de villa da Golegã. Mas a sua origem está commemorada no seu brasão, d'armas, que consiste em um escudo verde, alludindo á fertilidade dos campos, e no meio d'elle uma figura de mulher, com uma infusa na mão.

Situada sobre a antiga estrada real, que ligava Lisboa ás provincias do norte do reino, a Golegã prosperou muito até ao reinado de D. Maria I, em que se abriu a nova estrada real por Leiria e Pombal.

Então começou a decair, como succedeu a Santarem e ás outras terras, a que a estrada velha dava vida e animação. Comtudo a riqueza do solo

contrabalançou-lhe de algum modo os tristes effeitos d'aquella mudança, que não se limitaram á falta de concorrência de passageiros, antes também d'elles resultou a ruína immediata da abandonada estrada. O desinvolvimento, que tem tido a agricultura entre nós de 1833 para cá, tem feito sentir ali o seu benéfico influxo. A villa tem augmentado em edificios, industria, e riqueza.

A Golegã conta perto de tres mil habitantes, e uma unica parochia, intitulada de Nossa Senhora da Conceição, a qual foi fundada por el-rei D. Manuel. Tem casa de misericordia, as ermidas do Salvador, S. João, Santo Antonio, e S. Miguel. Teve um convento de frades franciscanos. Ha na villa muitas casas de boa apparencia, e algumas que podem chamar-se bellas residencias, pois que ahi se encontram muitas familias nobres, e opulentos lavradores.

Lavoiira de cereaes em grande escala, extensos olivae, muitas vinhas, e dilatados prados, onde se criam gados de variada especie, constituem os principaes elementos da sua industria agricola.

Está no seu termo a quinta da Cardiga, junto do Tejo, que foi dos freires de Christo do convento de Thomar, e hoje pertence ao senhor Almeida Lima. É uma das maiores propriedades que ha em Portugal, e também uma d'aquellas onde melhor se executam as boas praticas e novós processos da agricultura. É um estabelecimento agricola a todos os respeito muito importante e completo, que pôde ser visitado, sem vergonha do paiz, por qualquer estrangeiro. Foi comprada ao estado em 1834 por Domingos José d'Almeida Lima, paé do actual possuidor, pela quantia de duzentos contos, se nos não falha a memoria.

No mesmo termo ha ainda outras quintas muito grandes, como a da Labruja, que foi dos jesuitas, a dos Alemos, a do Paul, etc.

Em Novembro tem a Golegã a sua feira annual, que é das mais importantes do reino. Comêça no dia 11 e dura oito dias. É mui grande a concorrência de gente, de gêneros, e de gado, não só do paiz, mas igualmente de Hespanha.

A VILLA DE GOUVEA.

Na provincia da Beira, cinco leguas oeste da cidade da Guarda, está edificada a villa de Gouvêa na falda occidental da serra da Estrella, mas em logar um pouco elevado.

E' muito anterior á fundação da monarchia, e como tal tem a sua origem involvida em fabulas, ou pelo menos muito duvidosa. O autor da *Corographia Portugueza* diz, que foi povoada pelos turdulos quinhentos e oitenta annos antes do nascimento de Christo, e que estes lhe chamavam *Gauve*, d'onde se derivou por corrupção o nome de Gouvêa.

Tendo-se curvado com as mais terras da Lusitania ao jugo dos moiros, no seculo VIII, foi conquistada em 1038 por D. Fernando Magno, rei de Leão e Castella. No meio das continuas guerras, travadas entre os campeões da cruz e os filhos de Agar, arruinou-se completamente; e n'este estado se achava no anno de 1186, em que o nosso rei D. Sancho I a mandou reedificar, concedendo-lhe muitos foros e privilegios, com o fim de lhe attrahir moradores.

No tempo da usurpação de Castella el-rei D. Philippe III fez marquez de Gouvêa a D. Manrique da Silva, conde de Portalegre. Desde então tomou a villa por seu brasão as armas dos Silvas, que são: em campo de prata um leão de purpura armado de azul, e por timbre o mesmo leão.

São duas as parochias da villa, S. Pedro, e S. Julião. Tem casa de misericordia, hospital, cinco ermidas, e o edificio do extincto convento do Espirito Santo, que foi de frades franciscanos.

Pelo meio da povoação passa uma pequena ribeira, que nasce nos montes visinhos. Os arrabaldes são muito accidentados e pittorescos. O termo é de grande producção, como todos os terrenos visinhos da serra da Estrella. Recolhe ce-

reaes, vinho, azeite, e fructas, e como abunda em magnificas pastagens, a creação de gado é ahi muito importante.

A VILLA DE GRANDOLA.

D. Jorge d'Alencastre, duque de Coimbra, e filho legitimado d'el-rei D. João II, era muito afeiçoado aos exercicios da caça. Um dos sitios, que mais procurava para esta distracção, era a serra de Grandola, nos limites da comarca de Setubal, povoada de todo o genero de caça.

Para sua maior commodidade mandou edificar um palacio nas faldas da serra, onde havia uma pequena e pobre aldêa chamada o *logar de Grandola*. Assim que o duque viu acabado o palacio, passou a viver n'elle uma boa parte do anno.

Achando-se em certo dia á janella a recrear os olhos na matta de sobreiros e carvalhos, que lhe ficava defronte, e mui visinha, um grande e sa-nhudo javali, rompendo com furia o matto, perseguido dos cães, veio parar ao terreiro do palacio. O duque, mal viu a fera, bradou pelos criados e vassallos, saltou as escadas d'um pulo, e saiu a campo para montar o javali.

Faltou-lhe porém o mais destre e ousado dos seus monteiros, e a esta falta attribuiu D. Jorge o desar de lhe escapar o animal. A extensão de semelhante desgosto só pode ser avaliada pelas pessoas, que encontram na caça o maior prazer da vida. Julgue-se por tanto da desesperação do duque por não ter corrido á sua voz o monteiro, que mais desejava ver ao pé de si. Todavia não fôra culpa do vassallo o não se achar ao lado do seu real senhor, quando este precisou dos seus serviços. Outros deveres imprescriptiveis o tinham chamado a uma audiencia judicial na villa d'Alcacer do Sal, a cujo termo pertencia o lugar de Grandola.

Para evitar, pois, a repetição d'estes casos, impetrou e alcançou D. Jorge d'el-rei D. João III o fóro de villa para o seu lugar de Grandola, o que teve effeito no anno de 1543.

Empenhou-se desde então o duque de Coimbra em augmentar e aformosear a humilde aldêa, que de tudo necessitava para bem merecer a honra, a que fôra elevada. Com as immensas riquezas de que dispunha, facil lhe foi dar grande impulso á edificação de novas casas; á reconstrucção da matriz, que apenas era uma pequena ermida; e a outras fabricas mais. Com os privilegios do foral, que obtivera da munificencia regia; com o fausto com que vivia; e com a autoridade e consideração da sua pessoa, como principe e perfeito cavalleiro, que era, e como grã-mestre da ordem de Santiago, tambem conseguiu sem muita difficuldade ir attrahindo á sua villa numerosos moradores de diversas classes da sociedade, entrando n'esta conta algumas familias nobres e ricas, que ali fundaram boas casas para sua residencia.

Tal foi a origem da villa de Grandola, e por taes razões é uma das terras do reino edificadas com mais regularidade.

Está situada, como dissemos, nas faldas de uma serra do mesmo nome, quasi nos limites da provincia da Estremadura, e quatro leguas ao sul da villa de Aleacer do Sal.

Compõe-se a povoação de cinco ruas bem alinhadas, e de varias travessas, que as cortam. No centro está a matriz, que é a unica parochia, dedicada a Nossa Senhora da Assumpção, a qual, quando era simples ermida, tinha a invocação de Nossa Senhora da Abendada.

Os templos de S. João Baptista, de S. Domingos, de S. Sebastião, e de S. Pedro, estão collocados em quatro pontos oppostos, de modo que formam uma cruz, ficando a matriz no meio d'ella.

A egreja e hospital da misericordia acham-se fundados em frente do antigo palacio do duque de Coimbra, no sitio onde o javali rompeu do matto para o terreiro.

No anno de 1679 fundou-se n'esta villa um celleiro commum, á maneira do de Evora, para

fazer empréstimos de trigo aos lavradores pobres, recebendo depois na mesma especie o capital e um modico juro.

Muitas vinhas, hortas, e olivaeis; alguns campos de trigo, e mais longe bosques de sobreiros e carvalhos; o rio Davino com suas margens arborizadas, e que passa junto da villa, indo desaguar no Sado, depois de fazer trabalhar varias azenhas; o Borbolegão, e outros mananciaes de purissimas aguas; o proprio Sado, que corre não mui distante; fazem as cercanias de Grandola muito productivas, aprasiveis, e formosas.

Além dos fructos proprios das culturas, a que nos referimos, a creação de gado, principalmente suino, constitue ali um ramo de grande commercio.

Grandola conta uns dois mil e duzentos habitantes; e tem por armas um escudo com a cruz da ordem de Christo, segundo dizem os autores, que temos á vista, o que não se conforma muito com a circumstancia de ter sido o fundador da villa um grã-mestre de Santiago, e de ter pertencido a esta ordem a apresentação dos seus parochos.

Fazem-se na villa algumas feiras annuaes.

Ha nas visinhanças de Grandola algumas curiosidades, que devemos mencionar. O Borbolegão é um olho d'agua, que nasce junto da villa, apresentando um diametro como o da roda de um carro. E' tal a violencia com que rebenta, que expulsa qualquer corpo, que lhe lancem, por pesado que seja, arremecendo-o fora da agua. O fragor, que as aguas ali fazem, assimilha-se ao do mar embrevado, e ouve-se em distancia.

Este manancial forma um rio, que vae entrar no oceano proximo da villa de Sines. Dois pontos tem no seu curso mui notaveis e dignos de exame. Um, a que o povo chama a *Diabroria*, é uma lagoa feita pelas aguas do Borbolegão, que se despenha ao sair d'ella de uma alta penedia. O outro, chamado a *Ponte dos Ayvados*, é uma das mais bellas curiosidades naturaes, que se encon-

tram em o nosso paiz. O rio, minando e gastando uma elevada rocha, que impedia a passagem da sua furiosa corrente, formou ahi uma ponte natural, que a natureza foi vestindo de heras, e tão ampla, que lhe passam carros por cima com commodidade e segurança. Os arvoredos das margens do rio accrescentam muita belleza a este sitio pittoresco.

Outra curiosidade não menos digna de ser visitada é a *serra das Algaes* com as suas famosas grutas. Começa esta serra a uma legua ao nascente da villa de Grandola, e vae correndo para leste por mais uma legua até ao sitio chamado *Castello Velho* por causa de um antiquissimo castello arruinado, que ali se vê. Está minada esta serra na base, e em todo o seu comprimento com extensas galerias por onde se pode transitar até muita distancia.

Em diversas partes d'estas galerias se encontram profundos poços, que não deixam duvidar de que tudo isto foi obra dos homens em tempos mui remotos, dos romanos ou talvez dos phenicios, para explorações mineralogicas.

Pela extensão e fabrica das galerias, e pela quantidade e grandeza dos poços, vê-se que os trabalhos da lavra d'estas minas foram executados com muita pericia, e deve-se presumir que d'aqui se tirou grande porção de metaes. Os terrenos contiguos á serra para o lado do norte estão cobertos de escumalho, provando assim que ali houve fundição de metaes.

No principio do seculo passado, cavando-se á entrada de uma d'estas minas, achou-se uma moeda de prata romana.

No reinado d'el-rei D. João v foram estas minas inspeccionadas por pessoas peritas, mandadas a esse fim pelo governo. Segundo a opinião d'essas pessoas extrahiram-se d'ellas muita quantidade de ferro e prata.

Dá-se n'esta serra das Algaes a singularidade de serem potaveis e muito boas todas as aguas, que brotam do seu seio pelo lado do sul, ao pas-

so que nenhuma é potavel das que rebentam pelo lado do norte. Todas estas são impregnadas de substancias, que lhe dão diversos sabores, e que imprimem differentes côres nas pedras e terra por onde passam, obstando á vegetação nos terrenos que humedecem. Ao que parece são differentes qualidades de aguas mineraes, que muito conviria que fossem examinadas por habéis chemicos.

A CIDADE DA GUARDA.

Quando todo o solo da península era um campo de batalha, n'essa guerra porfiosa, que os christãos travaram com os agarenos até os repulsarem para Africa; mandou o nosso rei D. Sancho I, logo no começo do seu reinado, construir uma torre em um lugar eminente nas faldas do norte da serra da Estrella. Não era uma fortaleza para sustentar combates, mas simplesmente uma atalaya, d'onde se descobriam muitas terras de moiros, e por conseguinte d'onde se podiam vigiar todos os seus movimentos.

Como o sitio tivesse capacidade para mais vastas edificações, e el-rei D. Sancho reconhecesse quanto convinha levantar ali um posto de guerra, que impozesse respeito ao inimigo, tratou-se da fundação de um castello, e em seguida de uma cidade fortificada junto á fortaleza.

A 26 de Novembro de 1199 concedeu aquelle monarcha á nova povoação o foral de cidade com muitos privilegios, dando-lhe o nome de *Guarda*, em memoria da torre, que primeiro edificara. A esta especie de torres dava-se indistinctamente o nome de *atalayas* ou *guardas*.

O mesmo soberano lhe alcançou a dignidade episcopal por bulla do papa Paulo III. Pelos annos de 1202 fez d'ella doação ao conde D. Fernando. Porém em Janeiro do anno seguinte achava-se já de posse d'este senhorio, em recompensa de serviços, Pedro Viegas de Tavares. El-rei D. Manuel fez duque da Guarda a seu filho, o infante D. Fernando. A alcaidaria-mór d'esta cidade andava na casa dos condes de Sarzedas, tendo sido o primeiro alcaide-mór Pedro Paes de Mattos.

No antigo regimen gosava esta cidade da prerogativa de mandar procuradores ás côrtes, os quaes tomavam assento no banco segundo. Tem por brasão d'armas um escudo coroadado, e n'elle uma for-

taleza de prata com tres torres em campo azul, tendo na torre do meio o escudo real só com as quinellas.

Está pois situada a cidade da Guarda nas faldas da serra da Estrella para o lado do norte em terreno plano, mas bastantemente elevado. Duas grandes quebradas separam a cidade dos terrenos circumvisinhos. Pela do occidente, que forma um profundo valle, corre o Mondego, que nasce perto d'ahi na serra, d'onde se precipita para o valle. Pela outra quebrada passa o pequeno rio Nocyne, que, unindo-se depois ao Lamegal, vae juntar-se ao Coa.

Quasi nos limites da provincia da Beira-Baixa, dista seis leguas da fronteira de Hespanha, doze da cidade de Castello-Branco, e cincoenta de Lisboa.

Dividem-se os moradores por cinco parochias, que são: a sé, S. Vicente, S. Pedro, Santiago, e Nossa Senhora do Mercado. A sé, como todas as cathedraes do reino, é dedicada a Nossa Senhora da Assumpção. A primeira egreja, que serviu de sé foi começada por el-rei D. Sancho I, e concluida por D. Affonso II, sendo consagrada a S. Gens. Pequena e de mesquinha fabrica, como eram em geral as construcções na infancia da monarchia, embora procedessem de fundação real, não passaram muitos annos sem que se reconhecesse a necessidade de edificar uma nova sé. Querendo-se logar mais desafogado, deu-se principio á obra em um espaçoso terreiro fora dos muros da cidade. Acabou-se de edificar este segundo templo no reinado de D. Pedro I. Foi feito pelas rendas do bispado, e dizem que era grande e de boa architectura. Infelizmente teve ainda mais curta existencia do que o primeiro; pois que no seguinte reinado, durante as guerras encarniçadas, que rebentaram por vezes entre Portugal e Castella, o nosso rei D. Fernando I mandou-o demolir a fim de desaffrontar as fortificações da cidade.

Em vão requereram os bispos no resto do governo d'este soberano, que lhes mandasse construir dentro da cidade outra sé. As suas justas

queixas só vieram a ser attendidas d'ahi a bastantes annos, reinando já havia muitos D. João I, que alfim determinou começar a obra segundo a planta, que enviou. Correram as obras com largas interrupções, ora por impulso real, ora por conta da mitra pelo espaço de mais de um seculo, até que se lhe poz o ultimo remate no tempo d'elrei D. João III.

E' uma das mais vastas e sumptuosas cathedraes de Portugal. E' de bella architectura gothica, exteriormente construida de boa pedra, e no interior ornada de marmores, e obra de talha doirada de muito primor.

Os outros edificios principaes da cidade são: o paço do bispo; a egreja e hospital da misericordia; o seminario episcopal, fundado em 1595 pelo bispo D. Nuno de Noronha, filho dos condes de Odemira; o extincto convento de frades franciscanos, levantado em 1217; outro de religiosas da mesma ordem, fundação muito posterior; e oito ermidas.

Das antigas fortificações existem as muralhas da cidade com seis portas e varias torres, e na parte mais alta da povoação o velho castello.

Desfructa esta cidade um clima muito saudavel, posto que no inverno excessivamente frio pela muita neve, que ahi cae, e de que se cobre a serra visinha. Mas em compensação numerosas nascêntes de mui boas e fresquissimas aguas abastecem abundantemente a cidade, e regam todo o seu termo, fazendo-o muito fertil em milho, centeio, legumes, hortaliças, fructas, e algum vinho. Porém as suas pastagens, que são magnificas, e onde se cria grande quantidade de excellente gado de diversas espécies, constituem o principal ramo da sua industria agricola. E' muito importante o seu commercio de exportação de gados, lãs, queijos, e manteiga.

Tem tido ali notavel desinvolvimento a cultura da amoreira, pelo que tem augmentado e prosperado muito a creação do bicho da seda, e fiação d'este producto, em que as mulheres se empregam quasi exclusivamente.

A população da Guarda pouco passa de quatro mil habitantes. A 23 de Junho tem uma feira annual mui concorrida.

A serra da Estrella, povoada de muita diversidade de caça, e com as suas celebradas lagoas, vistosas cascatas, grutas e rochedos singulares, faz mui curiosas e pittorescas as cercanias da cidade da Guarda.

A CIDADE DE GUIMARÃES.

Se dermos credito aos nossos antiquarios a origem de Guimarães quasi que se perde na escuridão dos tempos. Alguns dão-lhe por fundadores os gallos celtas, e como se isto não bastasse para sua nobreza, ainda ha quem lhe attribua um principio mais remoto. Deixando porém estas noticias meio fabulosas e destituídas de bons fundamentos, diremos comtudo que a sua primeira fundação é anterior alguns seculos á monarchia, e que teve por assento a pequena eminencia visinha, onde vemos o castello.

Começou a actual povoação junto a um mosteiro, que a condessa Mumadona, tia de D. Ramiro II, rei de Leão, edificou em o anno de 927.

Apenas concluída a fabrica do mosteiro, que em relação ao tempo era uma obra grandiosa, no qual se accommodaram monges e freiras, vivendo com bastante largueza pelas avultadas doações que a fundadora lhes fizera, foram-se construindo em torno do convento algumas casas para habitação de pessoas dependentes d'elle. Cresceram pouco a pouco estas edificações, mudando-se para este sitio os moradores da antiga villa Vimaranense, que assim veio a despovoar-se e a arruinar-se de todo, restando hoje poucos vestigios d'ella.

Para defesa do mosteiro, aonde Mumadona se recolhera depois de viuva, e do burgo, que já contava bom numero de habitantes, mandou a condessa fundar a pouca distancia do mosteiro, no sitio em que outr'ora se erguia a villa velha, um forte castello, cercado de altas muralhas, e flanqueado de sete torres. N'este venerando castello, que ainda se levanta magestosamente sobre throno de rochedos, veio no fim do seculo seguinte assentar a sua côrte D. Henrique de Borgonha, conde de Portugal pelo seu casamento com D. Tareja, filha de D. Affonso 6.º, rei de Leão e de Castella.

Abi, dentro do recinto d'essas tosecas muralhas, que seriam hoje estreito espaço para residencia d'um simples governador, nasceu e creou-se o vencedor d'Ourique, o primeiro rei dos portuguezes.

O mosteiro da condessa Mumadona, santuario consagrado á Virgem sob a invocação de Nossa Senhora da Oliveira, e venerado em todo o reino pelo milagre que deu origem á invocação, tornou-se mais tarde n'essa real collegiada, que desfructa honras quasi de sê.

Deu foral á nova villa o conde D. Henrique, conservando-lhe o mesmo nome da antiga, que se chamava *Vimarães*. Parece que a etymologia d'aquelle nome eram as duas palavras latinas — *Via maris*, que se viam esculpidas n'uma pedra em uma torre da villa velha, que na edificação do castello ficou em o centro servindo de torre de menagem. Esta inscripção, sem duvida do tempo da dominação romana, indicava que a estrada, que por ali passava, conduzia á costa do mar. Da inscripção pois proveiu á terra o nome de Vimaranes, ou Vimarães, que ao diante se corrompeu no de Guimarães. Pela mesma razão se denominava quinta de Vimarães a propriedade em que Mumadona erigiu o seu mosteiro.

Por morte do conde D. Henrique continuou seu filho, o principe D. Affonso Henriques, a residir em Guimarães, aonde o veiu cercar no anno de 1130 seu primo D. Affonso VII, rei de Leão e Castella, por aquelle se querer eximir de lhe render vassallagem. Foi este cêrco, que deu logar á memoravel acção de D. Egas Moniz, em que este tão esforçado cavalleiro, quão dedicado ao do joven principe, tendo conseguido de D. Affonso VII o levantamento do sitio sob promessas, que ao depois se não cumpriram, apresentou-se em Toledo, perante o monarcha castelhano, com sua mulher e filhos, todos vestidos d'alva e com barão ao pescoço, offerecendo assim a sua vida e a de sua familia pela palavra não cumprida. Affonso VII soube corresponder com generoso perdão a tamanho rasgo de lealdade e nobreza de character, tanto

mais digno de admiração por ser praticado em uma epoca, em que os proprios principes faziam ostentação de falta de cumprimento das suas mais sollemnes promessas.

As gloriosas empresas de D. Affonso Henriques contra os sarracenos, dilatando d'anno para anno os limites da nascente monarchia, fizeram perder á villa de Guimarães a prerogativa de còrte, que se mudou com grande prejuizo seu para a cidade de Coimbra, mais central em relação ás novas conquistas, que se tinham estendido pela Extremadura e Alemtejo até ao Algarve. Porém do que a villa perdeu com a saída da còrte não tardou a ser compensada com a grande affluencia de peregrinos e romeiros, que, vendo-se desaffrontados do maior perigo das correrias dos moiros, vinham de longes terras venerar a sagrada e milagrosa imagem de Nossa Senhora da Oliveira.

N'esses primeiros seculos da monarchia, em que as guerras absorviam todas as attenções, e em que as armas constituíam, por assim dizer, o unico exercicio nobre e honroso, a villa de Guimarães engrandecia-se á sombra do santuario, cujes milagres eccoavam de um a outro extremo do reino, vindo aqui estabelecer-se muitas familias nobres, e varias ordens religiosas. E quando Portugal, já grande e temido pelas suas victorias e conquistas, começou a colher os fructos da paz, prosperou então Guimarães pelo poderoso impulso da industria. Porém a separação do Brazil, para onde exportava a maior parte dos seus productos fabris, occasionou-lhe a progressiva decadencia do seu commercio e da sua industria manufactora.

Nas discordias que rebentaram entre el-rei D. Diniz e seu filho, o principe D. Affonso, e na lucta travada para a independencia do paiz, entre o mestre d'Aviz e D. João I de Castella, padeceu Guimarães cárceros e combates. As pestes, que flagellaram Portugal no seculo xvi, dizimaram-lhe grande parte da sua população.

No antigo regimen gosava de voto em còrtes com assento no banco terceiro. A imagem da Vir-

gem tendo nos braços o Menino Jesus, que empunha na mão esquerda um ramo de oliveira, em campo de prata, constitue o brasão d'armas da antiga villa de Guimarães, ha pouco elevada á categoria de cidade.

Está situada Guimarães na provincia do Minho, em terreno um tanto alto, proximo das faldas da serra de Santa Catharina. Dista do Porto oito leguas para o norte, e tres de Braga para o nascente.

Tem as seguintes parochias: a collegiada de Nossa Senhora da Oliveira; S. Miguel do castello; S. Sebastião; S. Paio; e Santiago. A primeira, cuja fundação primitiva pertence á condessa Mumadona, como acima dissemos, foi erigida em capella real pelo conde D. Henrique, deixando então de ser mosteiro. D. Affonso Henriques e os reis seus successores concederam-lhe muitas honras e bens, e alcançaram-lhe do papa grandes privilegios, com os quaes veio a ser uma das mais ricas e insignes collegiadas do reino. Compõe-se o cabido de varias dignidades e conegos, presididos por um prelado, que se intitula dom prior de Guimarães.

O templo da condessa Mumadona durou com poucas alterações, até ao reinado d'el-rei D. João I, que o fez demolir pelo seu estado de ruina, mandando construir o que hoje existe, o qual os conegos modernamente deturparam, mascarando-lhe com estuques e doiraduras suas venerandas e gothicas feições.

Todavia ainda conserva muitas antigualhas de alto apreço historico e artistico. Em frente das primeiras poremos a pia em que S. Giraldo, arcebispo de Braga, baptizou a D. Affonso Henriques, e o oratorio de prata de D. João I de Castella, tomado na batalha d'Aljubarrota por D. João I de Portugal, que logo o offereceu com outros despojos de tão grande victoria a Nossa Senhora da Oliveira. Entre as segundas figuram muitos e riquissimos vasos e alfaias, que compõem o precioso thesouro d'aquella insigne collegiada.

A imagem de Nossa Senhora da Oliveira é mui-

to antiga, e conforme a tradição trouxe-a á Lusitania o apostolo Santiago.

Em frente da egreja ergue-se um curioso monumento, obra do reinado de Affonso IV. E' um cruzeiro de pedra com varias imagens e ornatos de alto e baixo relevo, e collocado no centro de quatro arcos gothicos, que sustentam a abobada que o cobre, tudo de pedra. Proximo vê-se uma oliveira, cercada de grades de ferro, que recorda o milagre de Nossa Senhora, e que consistiu, segundo a lenda, em que uma oliveira, que para ali se transplantara em tempos remotos, seccando-se logo depois, reverdeceu assim que por ella passou a dita imagem da Virgem.

A egreja de S. Miguel do Castello era a matriz da villa velha. Está edificada perto do castello. E' um pequeno templo de mesquinha architectura, que mostra mui grande antiguidade. N'elle é que foi baptisado o nosso primeiro rei. A pia, que serviu n'esta solemnidade foi transportada para a egreja de Nossa Senhora da Oliveira em 1664.

A egreja de Santiago, reconstruida em tempos modernos, dizem que fôra outr'ora um templo gentilico dedicado a Ceres. Os antiquarios fundamentam esta opinião com uma inscripção que ali se achou, quando se procedeu á reedificação da egreja.

Guimarães possui muitos outros templos, e capellas, conventos, e estabelecimentos de caridade. Mencionaremos apenas os mais importantes. A egreja da misericordia foi fundada em 1585. Nossa Senhora da Consolação, templo moderno de boa architectura, está edificado em um sitio aprasivel, cercado d'arvores, em um extremo da cidade. A egreja de S. Damaso foi erigida em 1641 em memoria d'este santo pontifice, natural de Guimarães. O convento de S. Domingos, da extincta ordem dos prégadores, foi fundado em 1397, e depois reedificado. O convento de S. Francisco, de religiosos franciscanos, teve começo em 1290. O convento de Santo Antonio, de frades capuchos, foi construido em 1644. Os templos d'estes conventos acham-se em bom estado, e consagrados ao culto.

Os conventos de freiras de Santa Clara, feito em 1561; de Santa Rosa, fundado em 1680; de Capuchas, erigido em 1681; o de Santa Thereza, construido em 1685, ainda estão ao presente habitados. Os hospitaes da misericordia, de Santo Antonio dos Capuchos, e dos terceiros de S. Domingos e de S. Francisco são bem administrados. Os dois ultimos podem-se contar entre osmelhores estabelecimentos d'este genero, que ha no paiz. Contiguos aos seus edificios teem os terceiros dois templos, em que se fazem as festas com bastante luzimento.

Guimarães tem varios terreiros e praças, das quaes a principal por sua extensão e certa regularidade é a praça do Toural. E' ornada nas extremidades com um esbelto chafariz feito em 1588, e com um bonito cruzeiro levantado em 1650. As ruas pela maior parte são estreitas, tortuosas, mal calçadas e pouco limpas, mas vêm-se n'ellas muitas casas nobres de boa apparencia. A casa da camara, situada na praça em que está o templo de Nossa Senhora da Oliveira, é obra d'el-rei D. Manuel, cujas armas e esphera armilar avultam na frente do edificio.

Possue esta cidade um theatro construido regularmente, denominado de *D. Affonso Henriques*.

Além dos monumentos d'antiguidade já referidos, encerra os seguintes tambem apreciaveis: varias torres e alguns lanços da sua cêrca de muralhas, estes fabricados por el-rei D. Diniz e por D. Affonso iv, e aquellas por D. João i: o vasto palacio dos duques de Bragança, principiado no seculo xv por D. Affonso primeiro duque de Bragança, onde se admiram duas grandes e formosas janellas gothicas, que pertenciam á capella. N'este paço residiram por vezes alguns principes e princezas d'esta familia. Hoje está parte em ruinas, e parte servindo de quartel ao batalhão de caçadores n.º 6. Infelizmente o vandalismo, que tantos monumentos historicos tem destruido em o nosso paiz, arrasou até aos alicerces as mais bellas torres;

que o mestre d'Aviz edificou para defesa das portas de Guimarães.

Abastecem a cidade muitas fontes de excellente agua, e de todos os generos necessarios á vida fornece-a um mercado todos os sabbados, que é sem duvida o mais importante mercado semanal de todo o reino, ao qual concorrem de muitas leguas em redor muitos gados, aves, cereaes, fructas, loiças, diversas qualidades de tecidos de lã, seda, linho, e algodão, ferragens etc. Nos primeiros dias d'Agosto tem uma feira annual, porém insignificante.

Guimarães não tem passeio publico propriamente dito; porém o jardim dos terceiros de S. Domingos e o Campo da Feira são dois logares de recreio muito aprasiveis. Este ultimo tem a primazia pela sua pittoresca situação, que é uma das saídas da cidade; pelo ribeiro que o corta; pela sua formosa ponte, guarnecida de estatuas, assentos, e arvores; e pela collina arborisada em que se ergue a esbelta egreja de Nossa Senhora da Consolação.

Os suburbios são encantadores. Em nossa opinião nenhuma outra cidade de Portugal os possui mais bellos. Os palacios dos senhores condes de Arrochela e de Villa Pouca com os seus jardins em terrados, dispostos como em throno; o castello do conde D. Henrique, vestido de heras, e cercado d'arvores; o mosteiro da Costa, da extincta ordem de S. Jeronymo, rico de memorias da rainha D. Mafalda, e de D. Antonio, prior do Crato, sentado magestosamente a meia encosta de um monte, todo coberto de arvoredos, entre os quaes se admira um carvalho colossal, que conta mais de sete seculos; a serra de Santa Catharina com seus bosques frondosos, cascatas e grutas; o ribeiro Celho junto á cidade, e o Ave um pouco mais distante, com suas viçosas e sombreadas margens, formam variadissimos quadros, qual d'elles mais delicioso.

O termo é de grande fertilidade pela muita abundancia d'aguas, que por todo elle rebentam e

se cruzam. Produz muitos cereaes, especialmente milho, boa quantidade de legumes, de vinho, linho, algum azeite etc. Tem optimas pastagens em que se cria muito gado.

A população de Guimarães ascende a sete mil e trezentos habitantes, grande parte dos quaes se empregam no fabrico das ferragens, e dos tecidos de linho, e nos cortumes de coiros.

Guimarães finalmente conta entre os seus filhos muitos santos que honram o martyrologio, e muitos homens illustres nas armas, nas sciencias, e nas artes.

A VILLA DE IDANHA A NOVA.

Na provincia da Beira Baixa, cinco leguas a éste da cidade de Castello Branco, está assentada Idanha a Nova em terreno alto e accidentado.

Apezar do seu cognome, a sua origem anda ligada ao principio da monarchia. Um forte castello, que o mestre do Templo, D. Galdim Paes, edificou n'esse lugar, correndo o anno de 1187, foi o nucleo de uma povoação, que pouco a pouco se foi agglomerando junto ás muralhas da fortaleza, e que mais tarde constituiu uma villa, a que el-rei D. Manuel deu foral.

Chamou-se Idanha a Nova em memoria de uma cidade antiquissima, sua visinha, que tendo florescido com o nome de *Egiditania* no tempo dos romanos, que a fizeram municipio, e no dos godos, em que foi sede episcopal, se achava despovoada, caída em ruinas, e convertida em uma pobre aldeã apenas decorada com o titulo de villa. Fallamos da villa de Idanha a Velha, situada a pouco mais de duas leguas oeste de Idanha a Nova. Os seus habitantes, que subiam a alguns milhares, quando era cidade, mal chegam hoje a duzentos. Todavia, mau grado das injurias do tempo, e das devastações dos homens, ainda mostra muitos vestigios das passadas grandezas da *Egiditania* dos romanos, e ainda conserva como recordação do dominio dos godos e da sua extincta jerarchia ecclesiastica a velha cathedral, de tres naves sustentadas em columnas, e agora simplesmente parochia.

A villa de Idanha a Nova consta de uma só freguezia, que comprehende uns mil e trezentos moradores. Tem casa da misericordia, um hospital, e sete ermidas, e nos suburbios está o edificio do extincto convento de Santo Antonio, de frades piedosos, fundado em 1630.

E' cercada de muros, que o rio Ponsul banha. Tem boas pontes de pedra sobre este rio, e sobre

a ribeira de Alpreada. O termo produz cereaes, legumes, algum azeite e vinho, muito gado e caça. O seu brasão d'armas é a esphera armilar d'el-rei D. Manuel. A 13 de Dezembro faz-se abi uma feira de tres dias.

A VILLA DE JUROMENHA.

E' esta villa uma das nossas praças d'armas da fronteira do Alemtêjo. Está edificada junto á margem direita do Guadiana, sobre um oiteiro escarpado para o lado do rio, e guarnecido em torno com obras de fortificação. Dista da cidade d'Elvas tres leguas para o sudoeste e seis de Estremoz para o sueste.

Se houvermos de dar credito a alguns escriptores, que entre nós se teem dedicado ás antiguidades do paiz, Juromenha teve por fundadores os gallos celtas, e Julio Cesar cercou-a de muros, dando-lhe o nome de *Julii-mœnia*, depois corrupto em Juromenha.

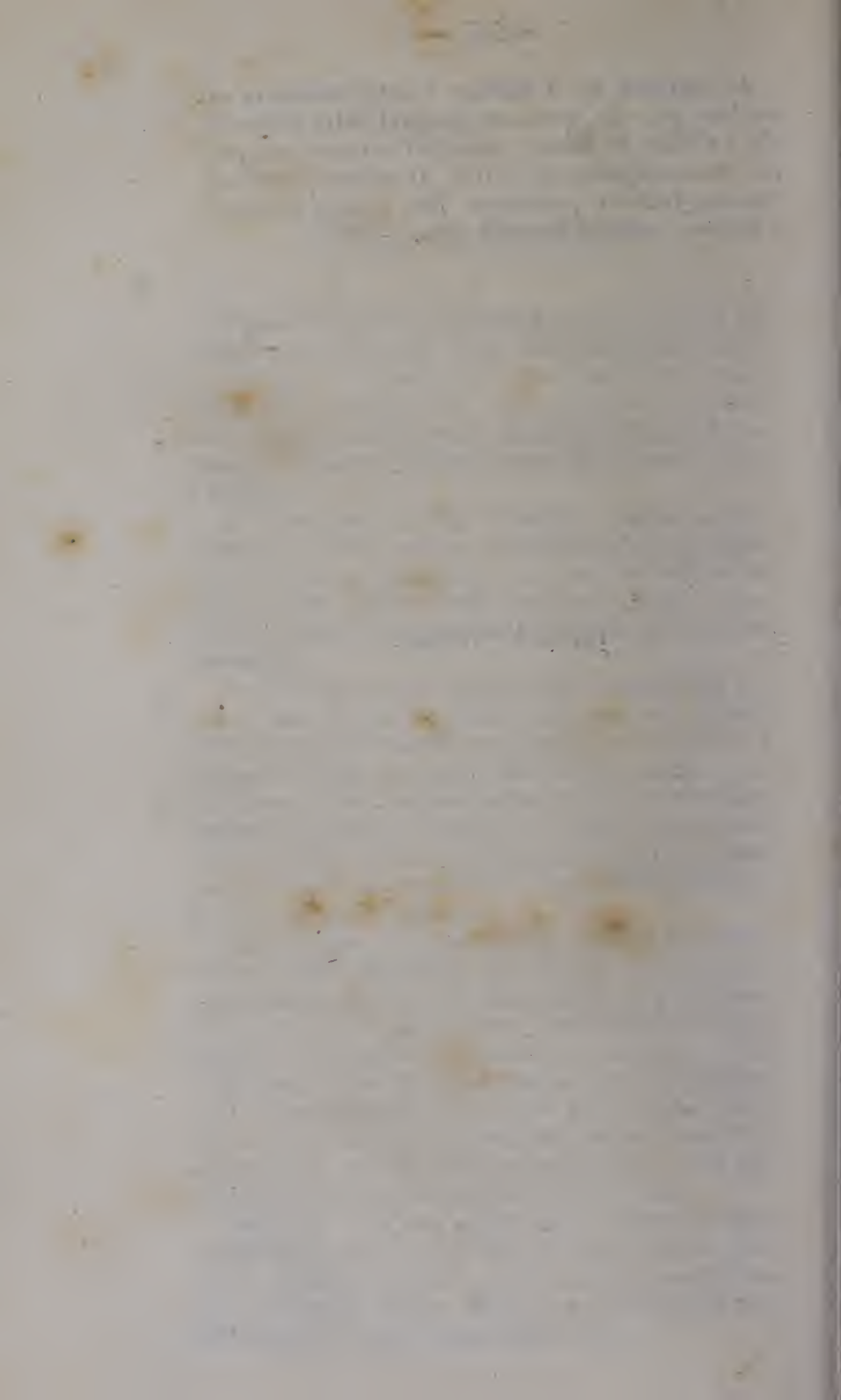
Partindo porém de tempos mais conhecidos diremos, que el-rei D. Diniz, achando-a em grande ruina, e falta de moradores, mandou-a reedificar e povoar no anno de 1312. Um antigo castello, que ali havia, obra romana, conforme uns, e moirisca, segundo outros, foi tambem reparado pelo mesmo soberano. Por esta occasião concedeu D. Diniz muitos privilegios a Juromenha, com o fim de attrahir ali novos habitantes.

Não sabemos de que epoca data o seu brasão d'armas; mas supponho que lhe foi dado n'aquelle reinado. Consiste em um escudo de prata com um castello cercado de agua, pendendo d'elle dois grilhões. O castello e a agua são allusões á villa fortificada, e ao rio que a banha. Os dois grilhões significam um antigo privilegio que os seus moradores gozavam, de não poderem ser mudados para outra cadêa fora da villa, estando presos, sem que os tribunaes pronunciassem sentença final.

Tem esta villa uma só parochia, dedicada a Nossa Senhora do Loreto; casa de misericordia, hospital, e quatro ermidas. A sua população não chega a seiscentas almas. Como praça de guerra tem governador e uma pequena guarnição.

As margens do Guadiana fazem amenos os suburbios da villa, proximo da qual entra n'aquelle rio a ribeira de Mures, em cuja foz se costuma pescar varias especies de peixes. O termo abunda em cereaes, frutas e pastagens. Tem muitos azinhaes, e mattos, onde ha variada caça.

FIM DO 1.^o VOLUME.



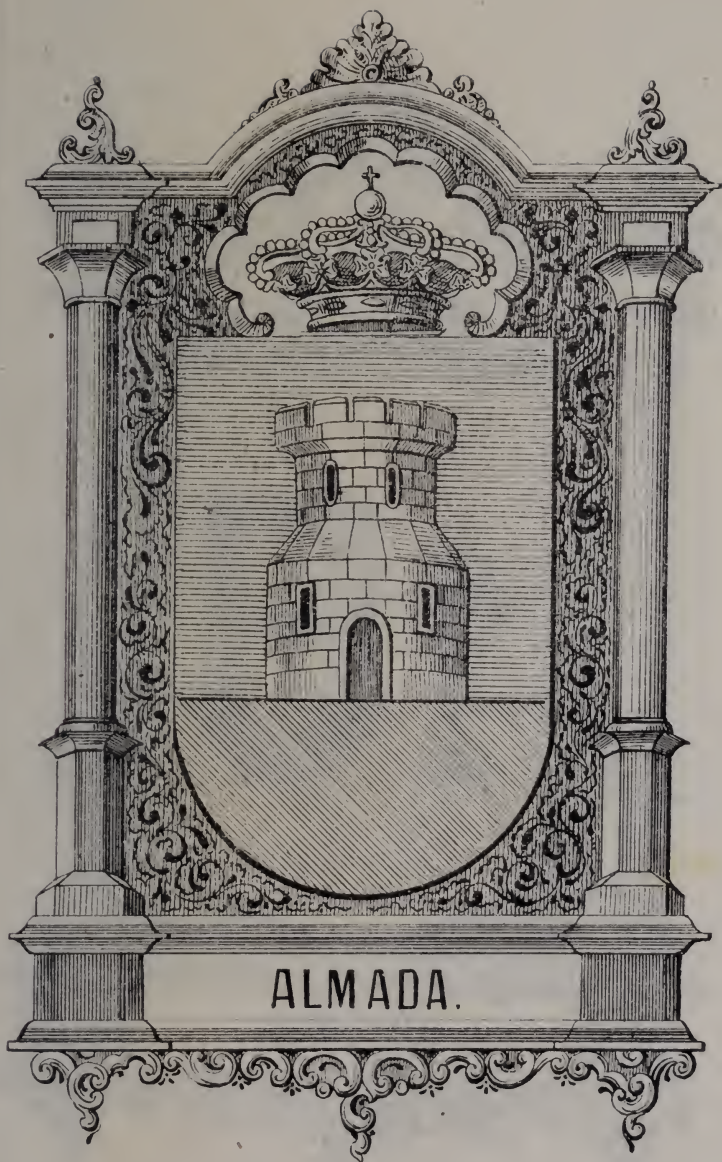


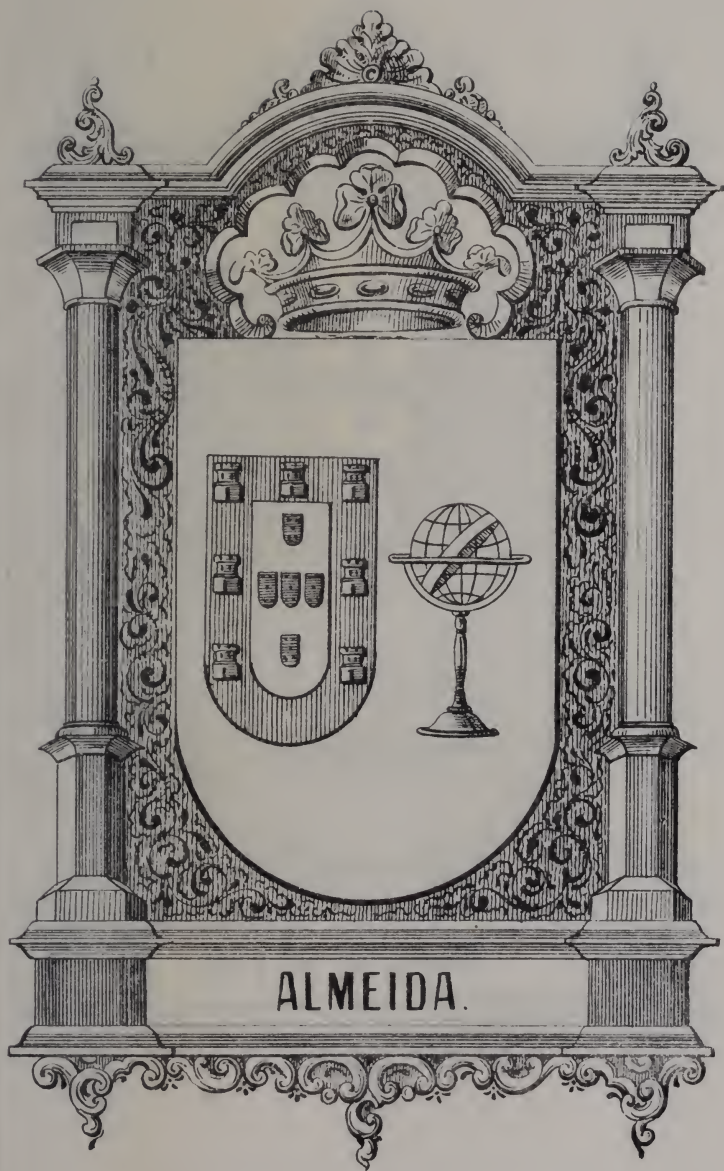


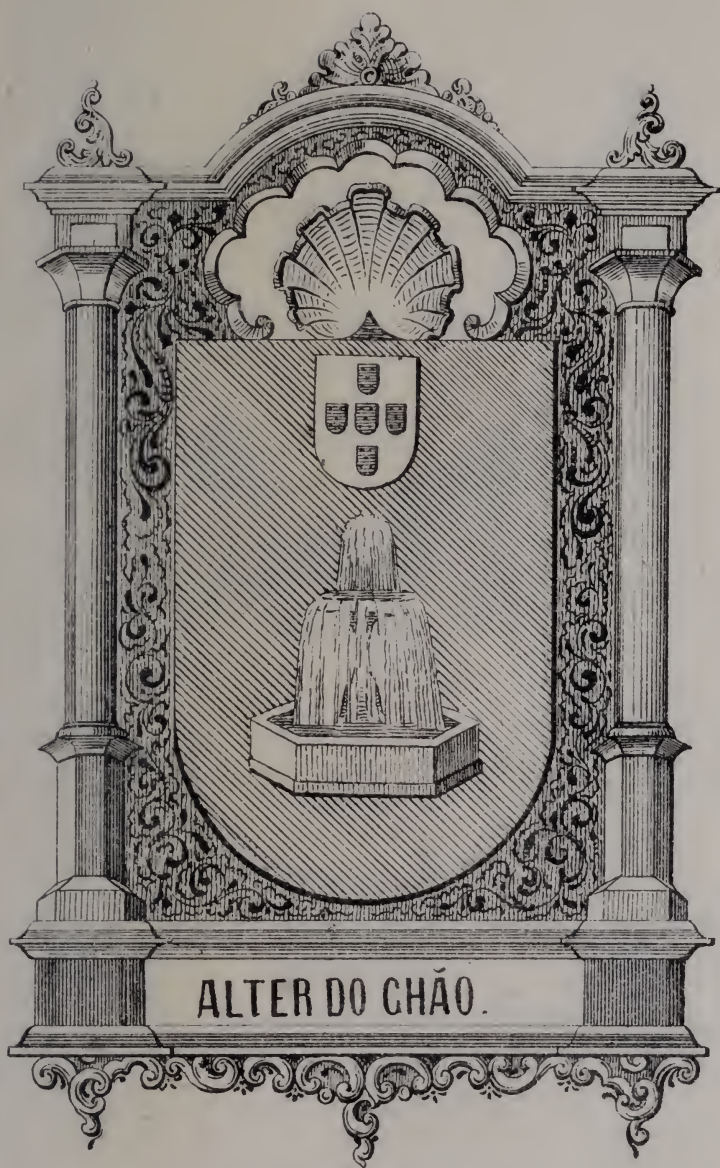




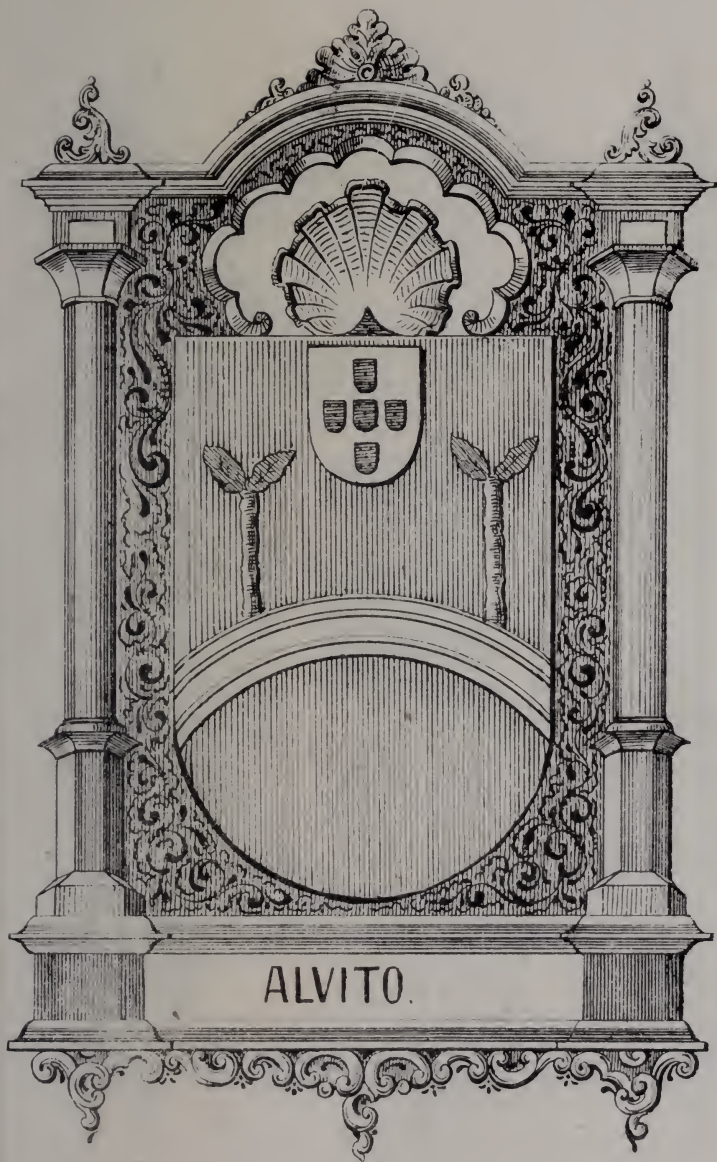














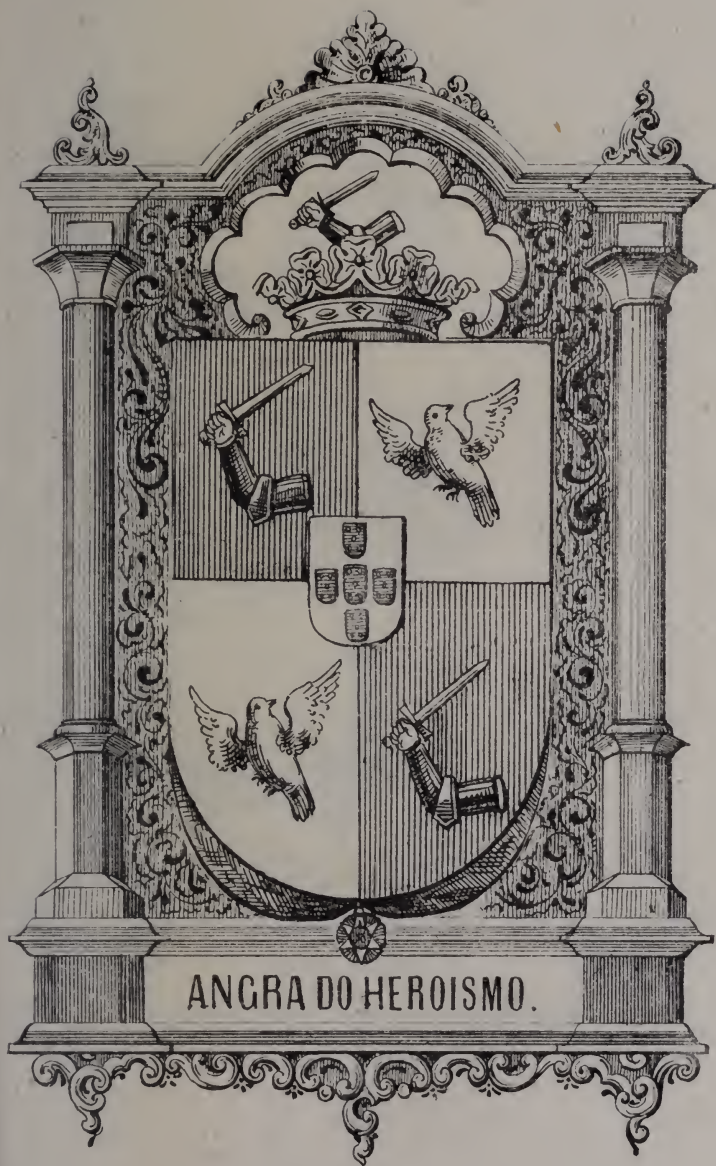


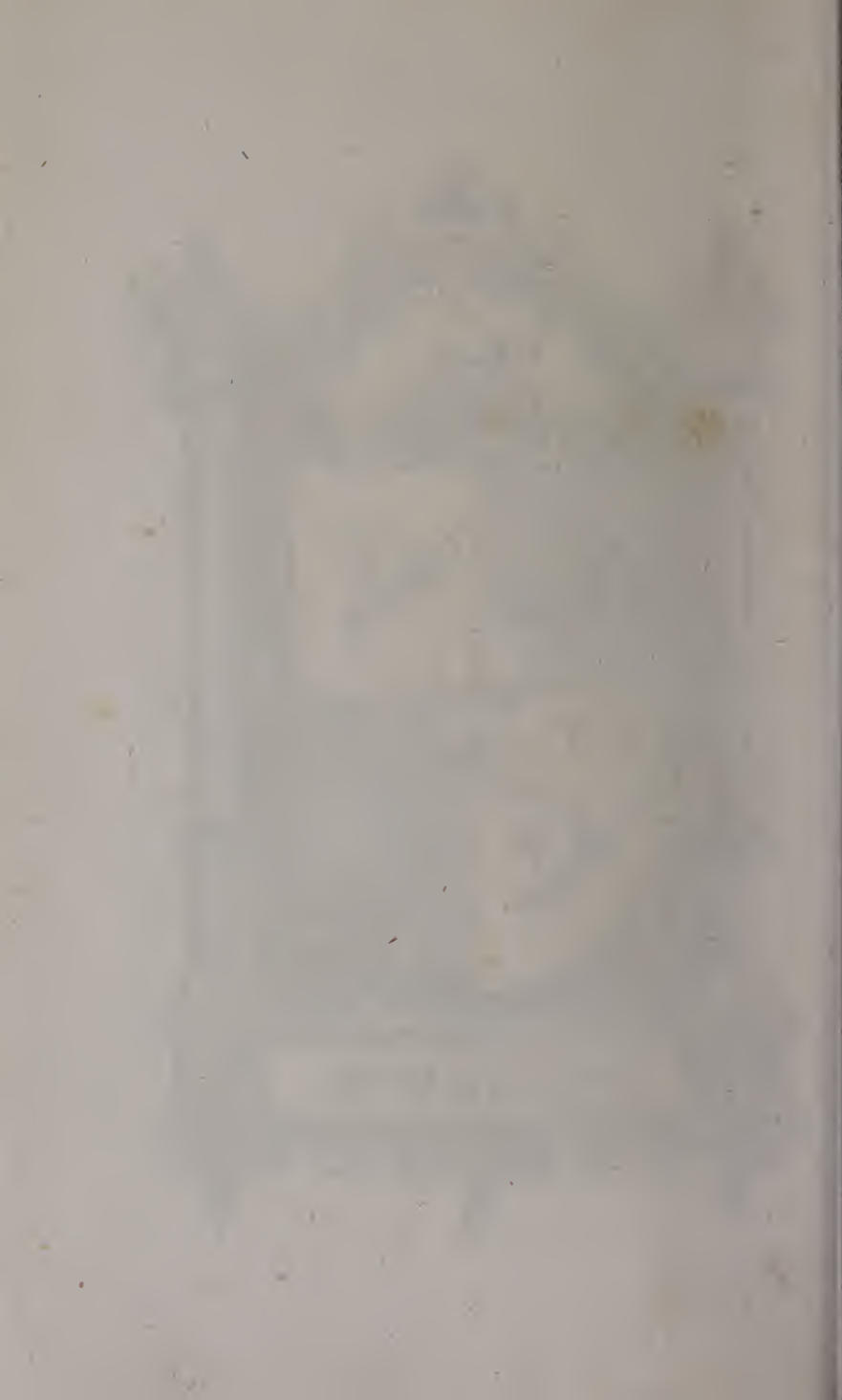
ANCIAENS LEAL

NO REINO
DE PORTUGAL.



ANCIAËS.

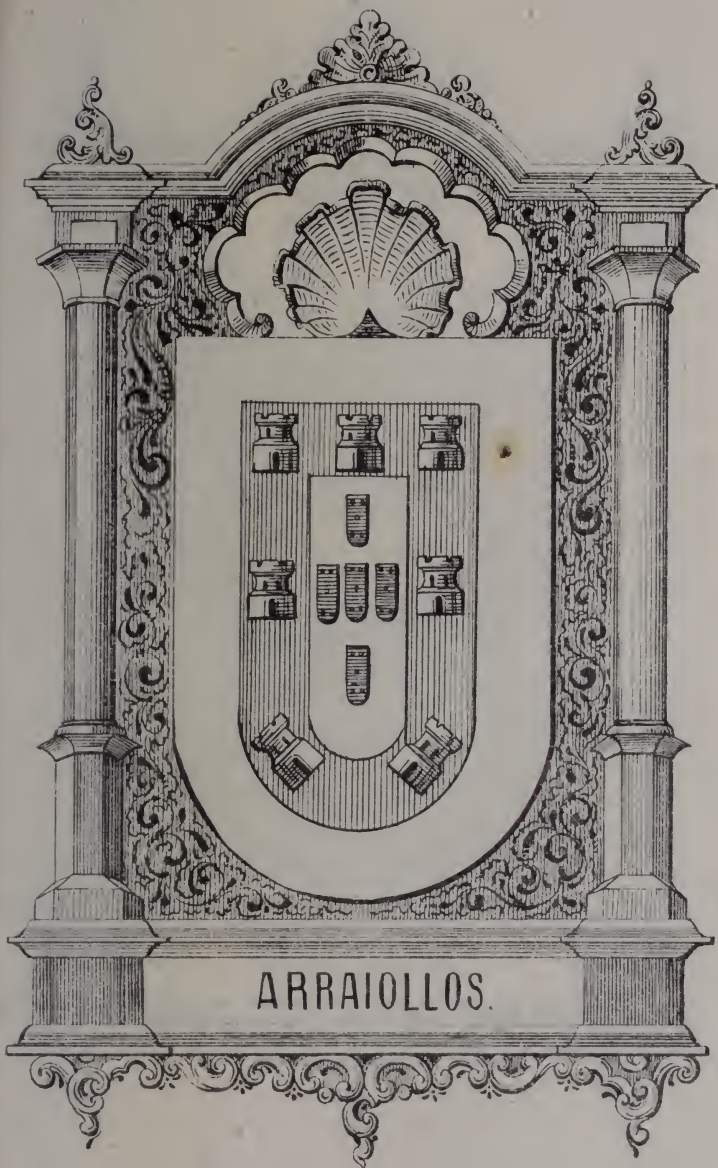




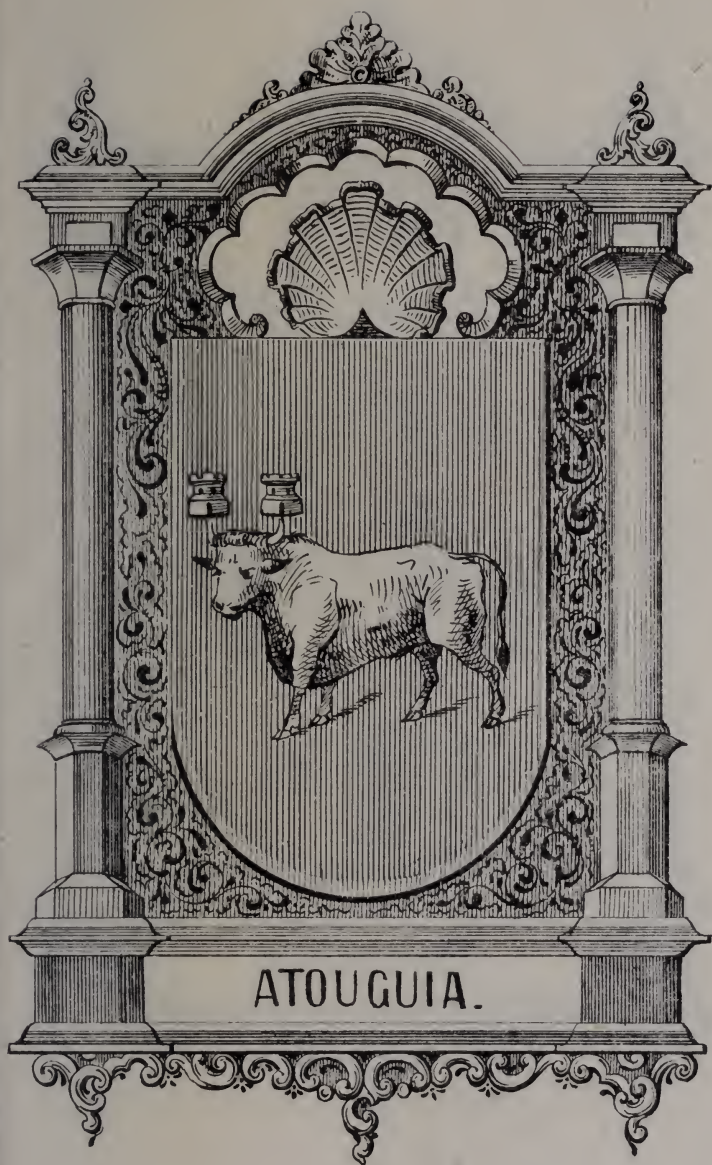


ARGANIL.

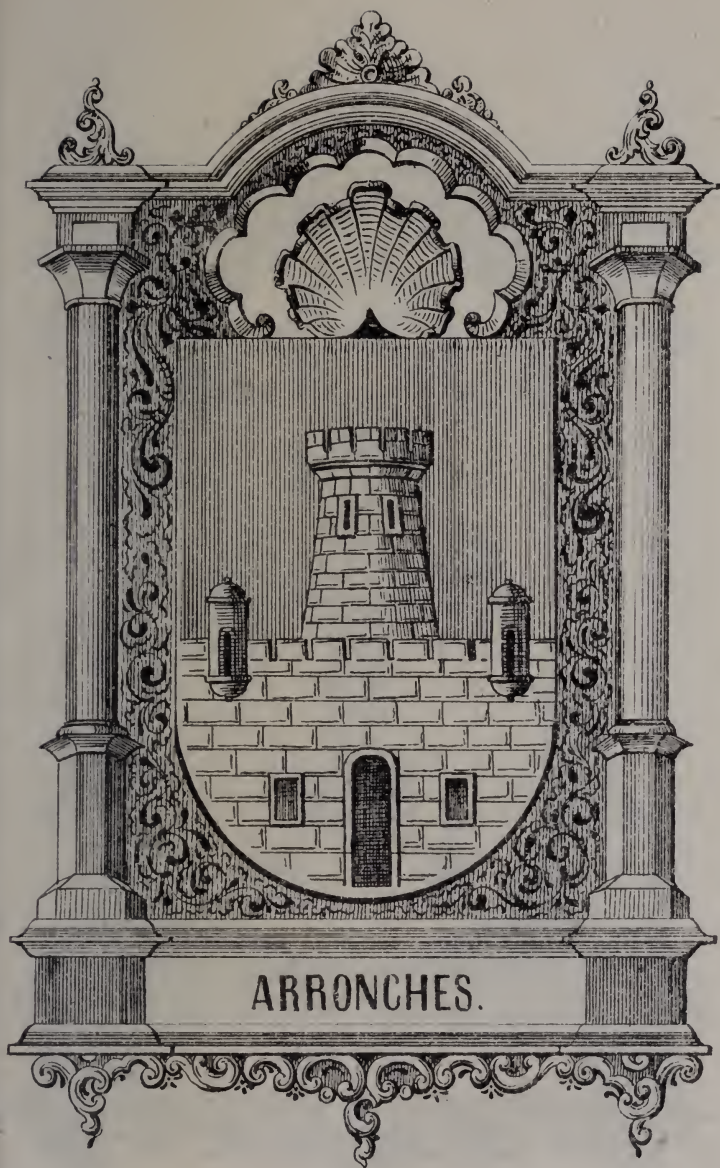




ARRAIOLLOS.

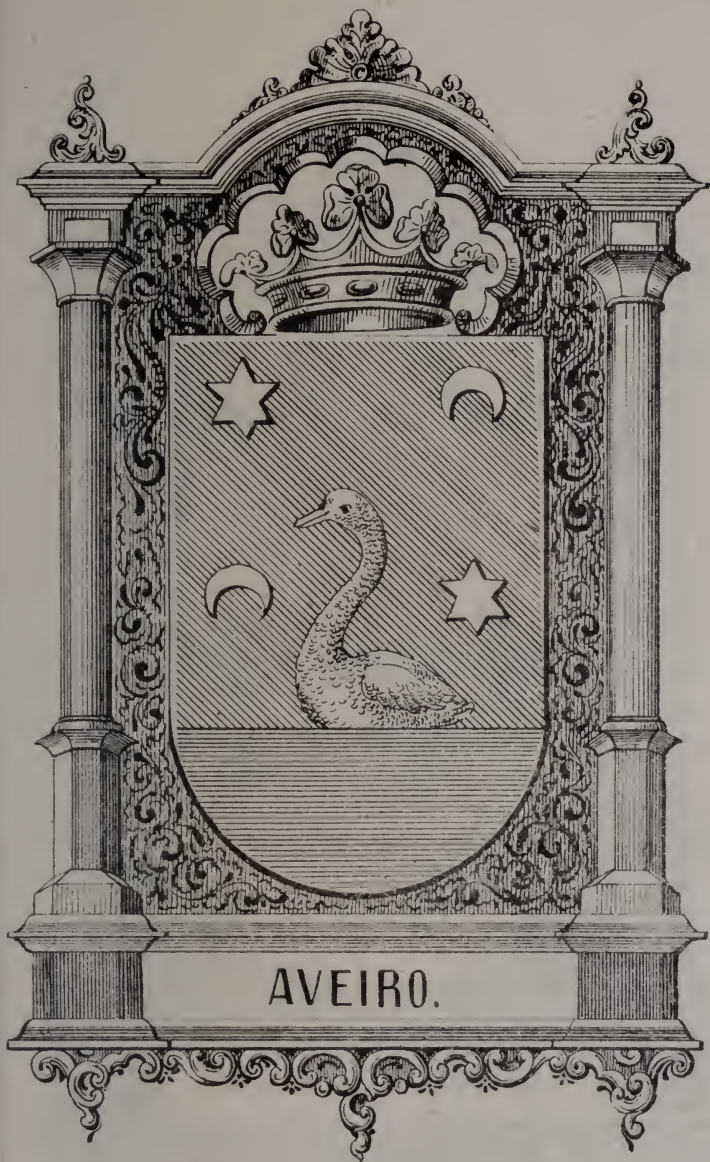


ATOUGUIA.



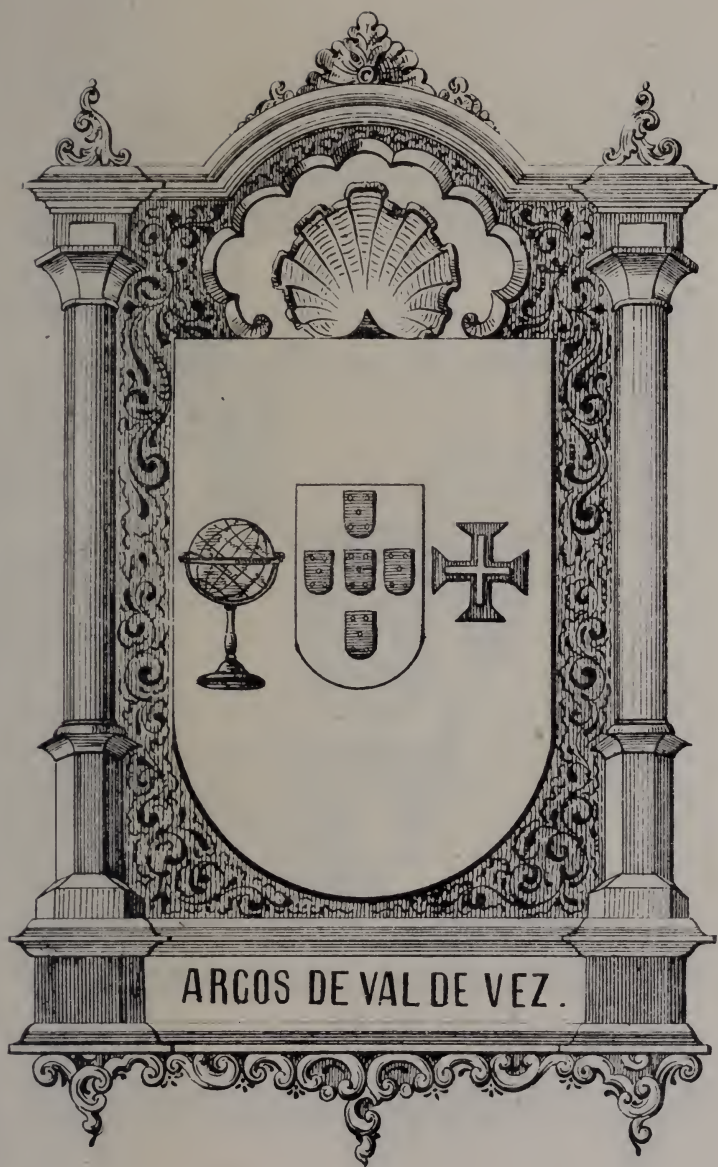




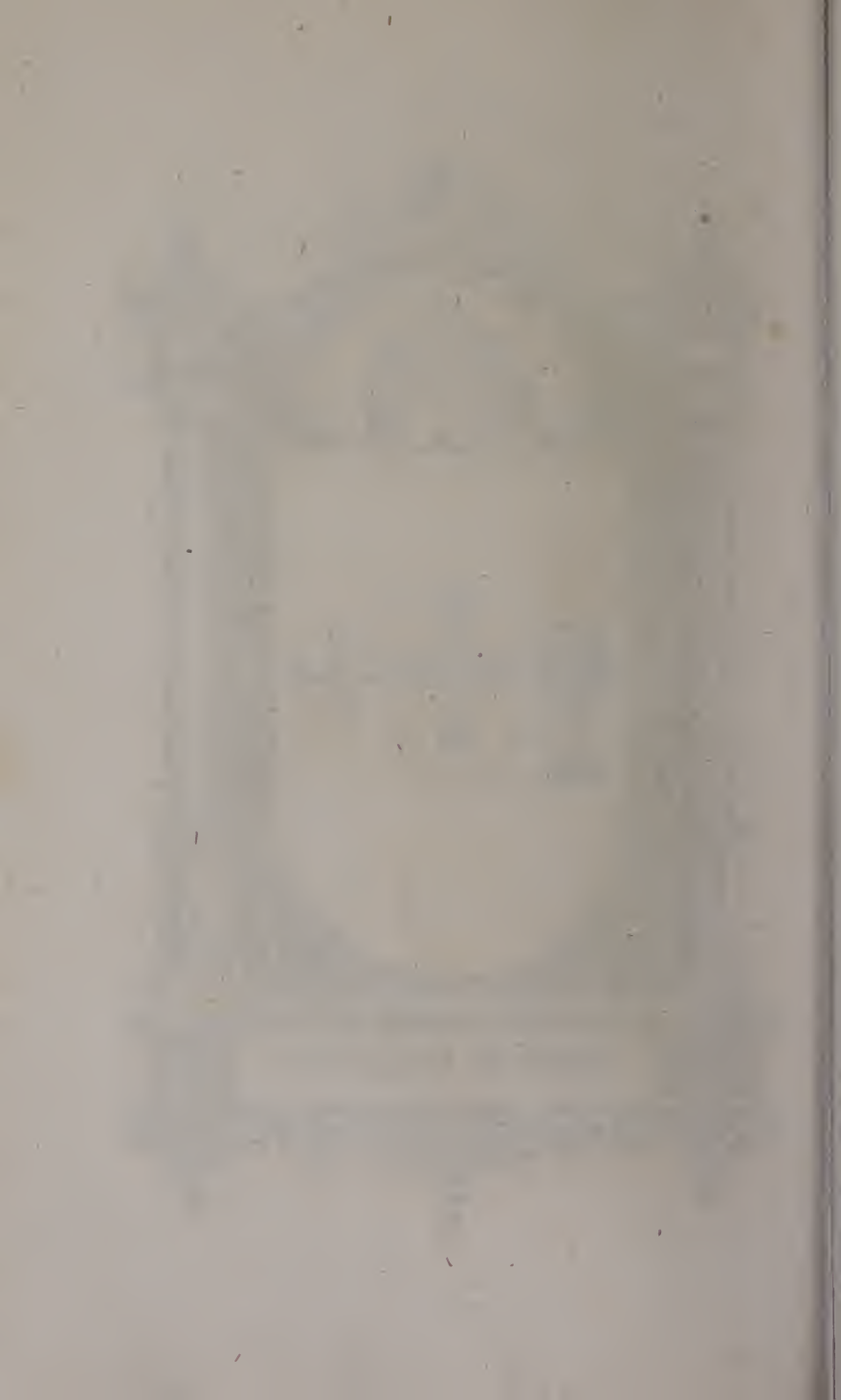


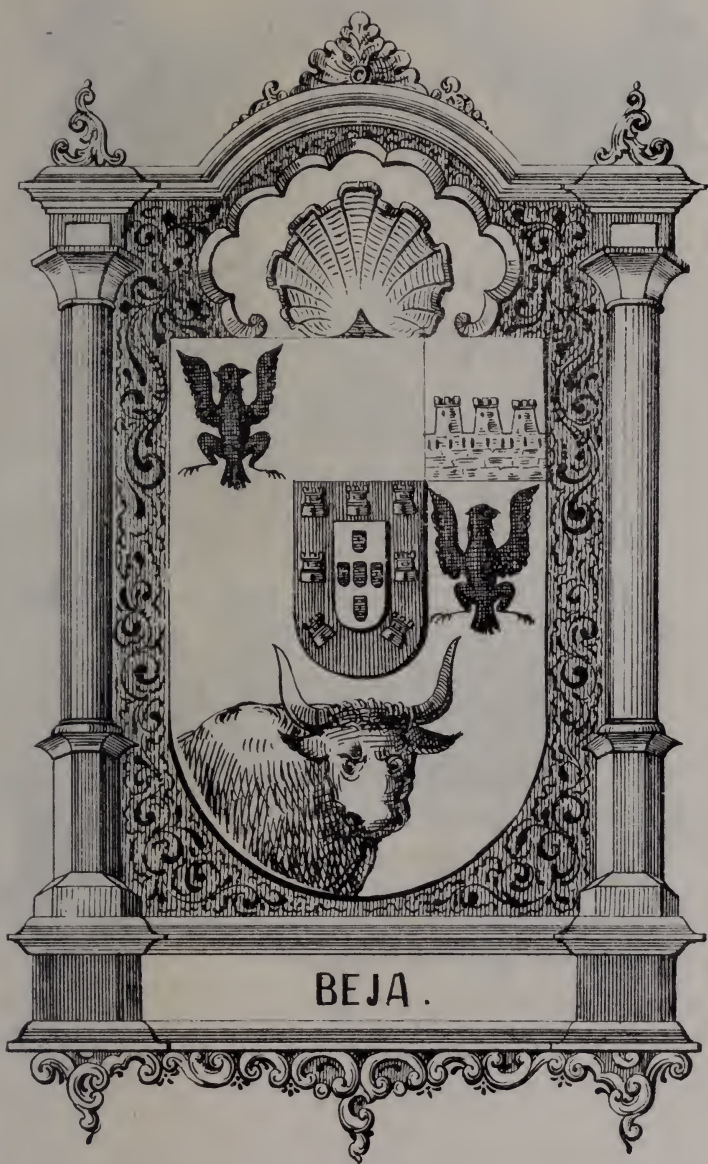
AVEIRO.



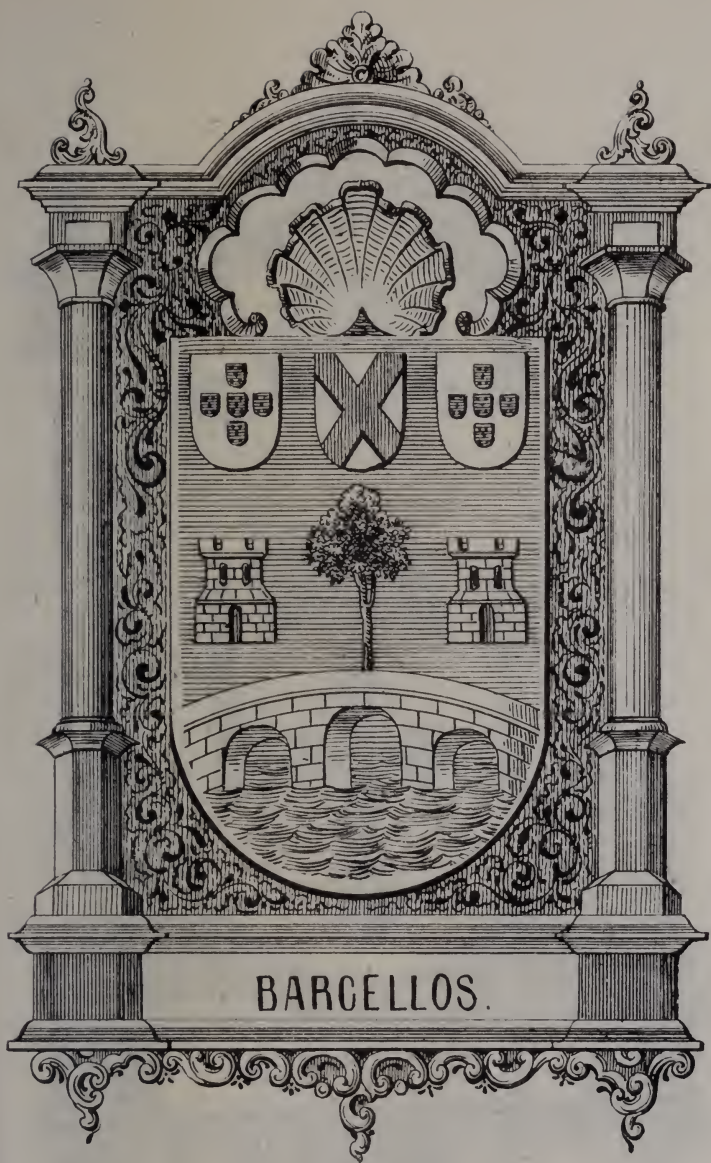


ARGOS DE VAL DE VEZ .





BEJA .

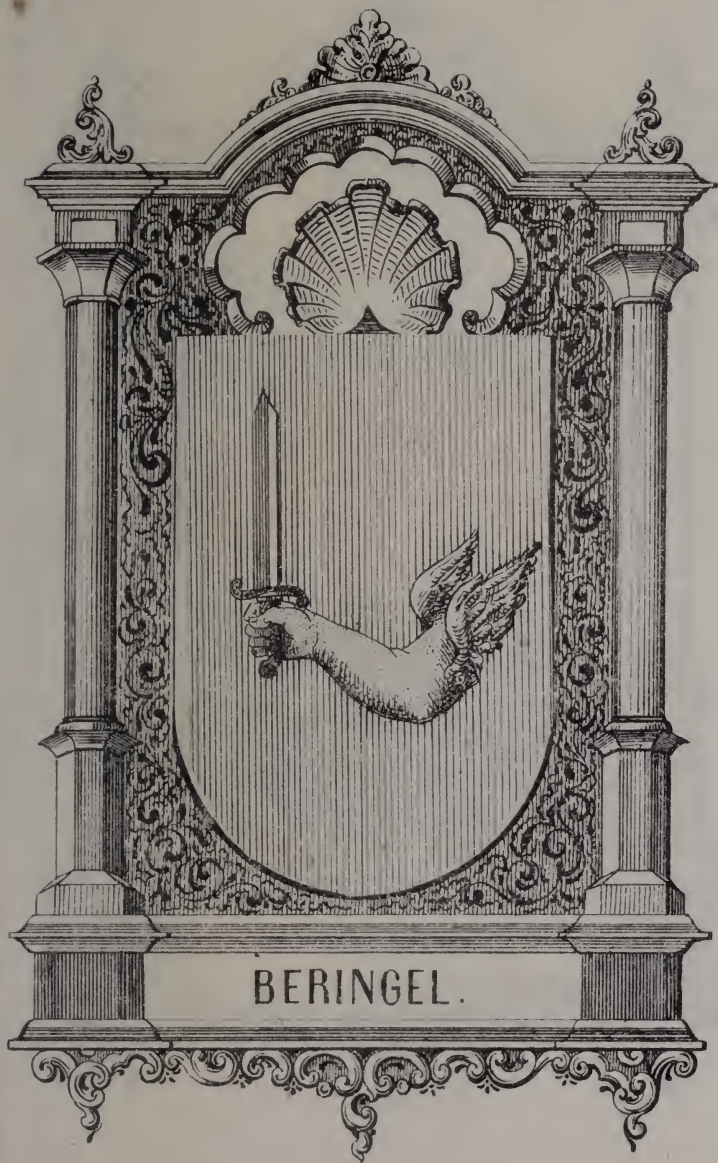






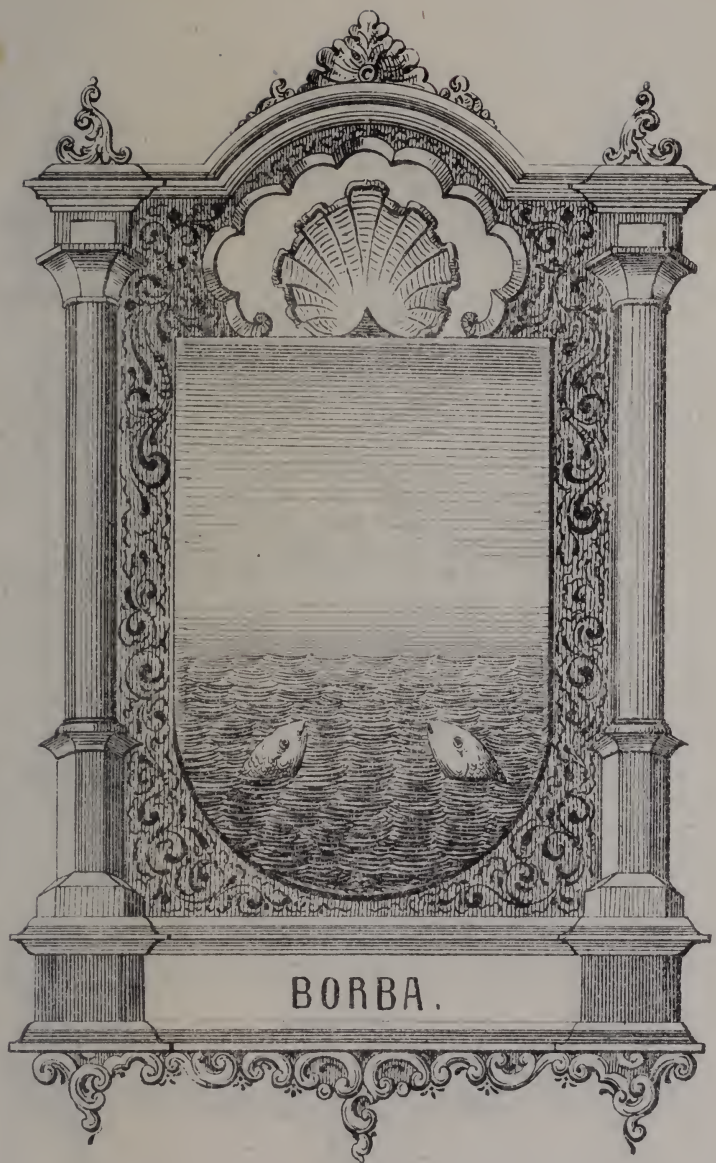
BENAVENTE.

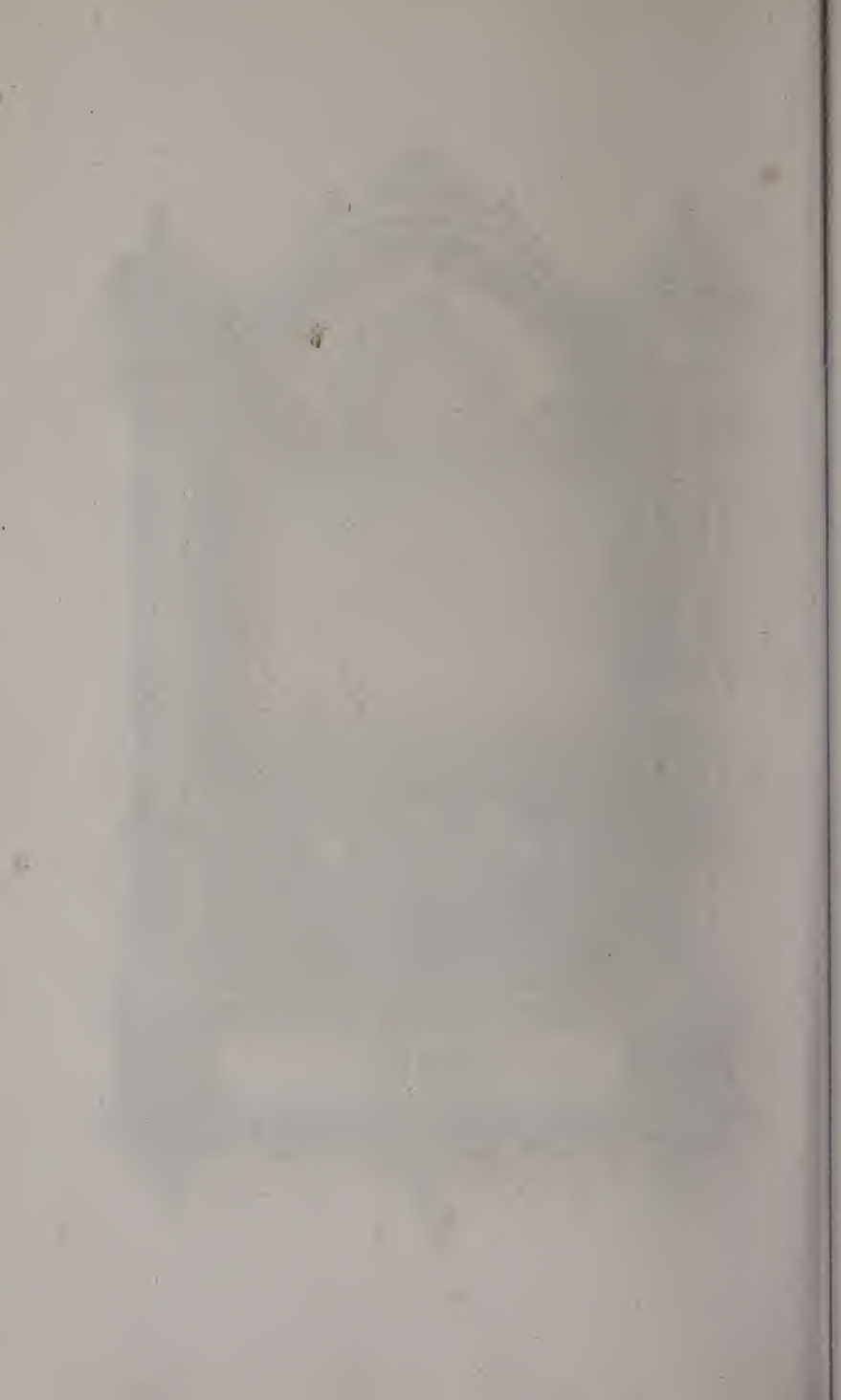


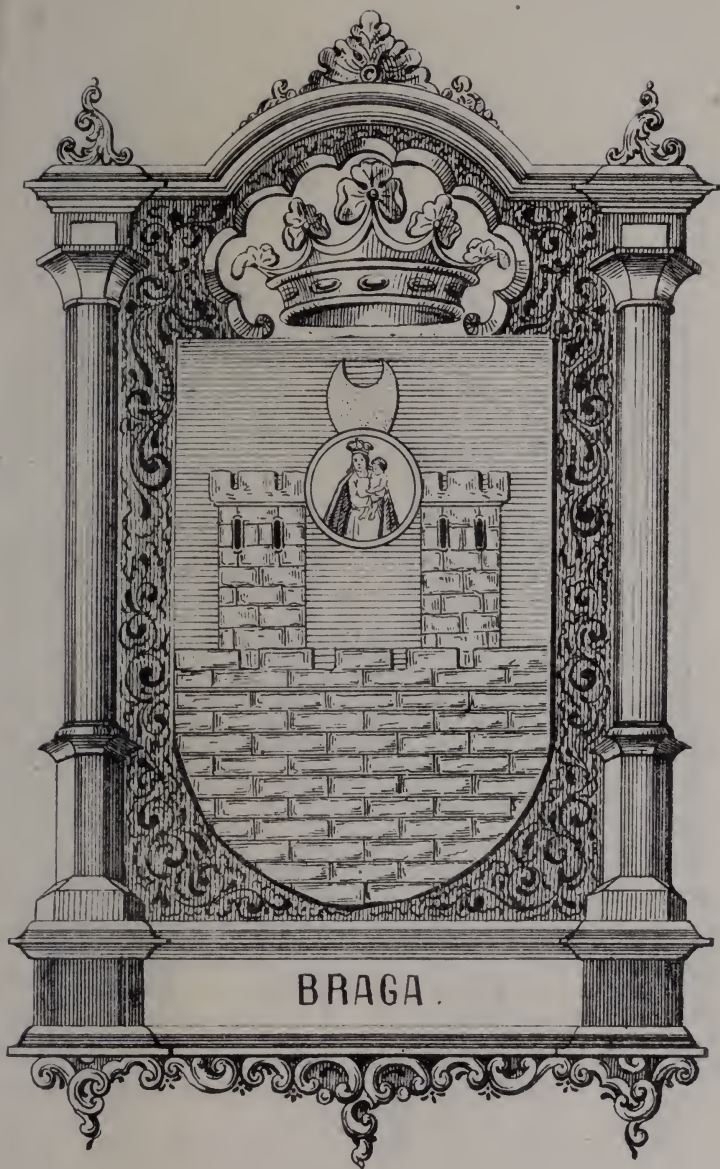


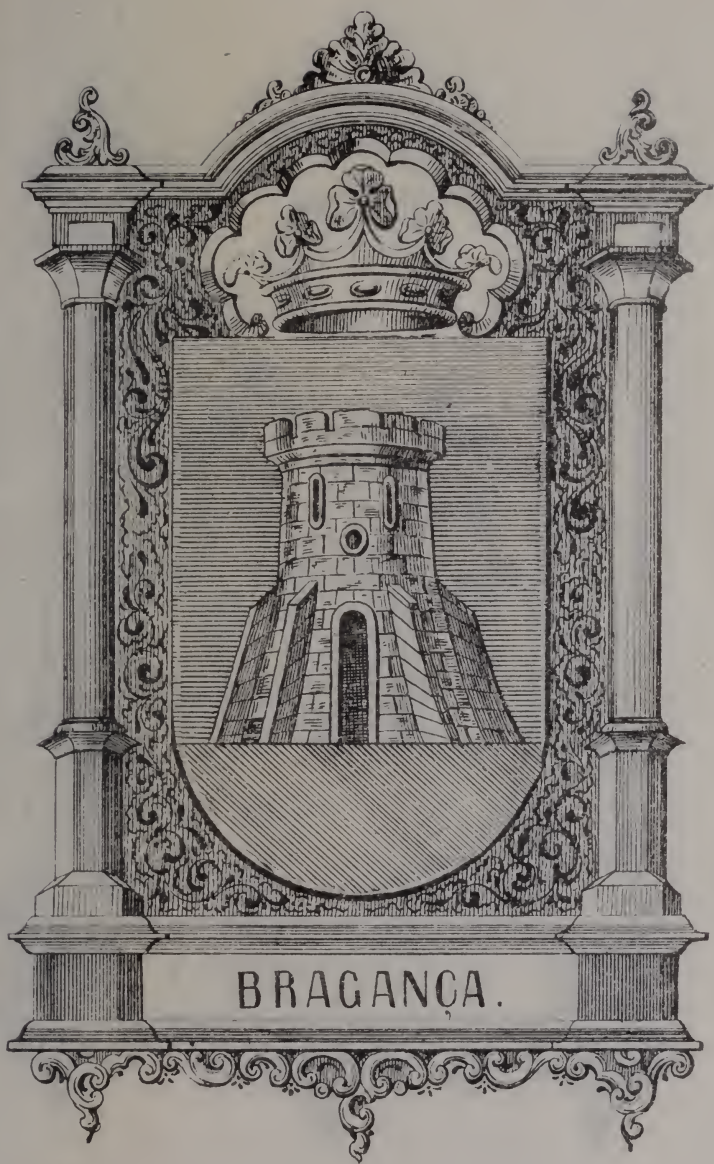
BERINGEL.



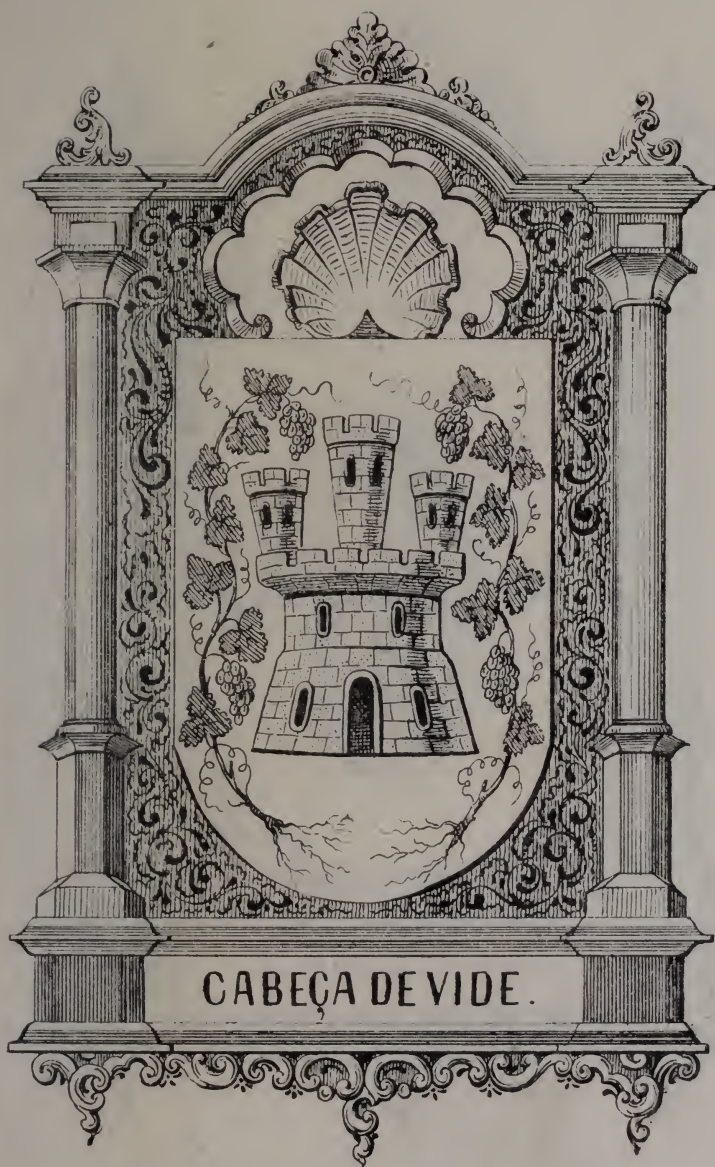


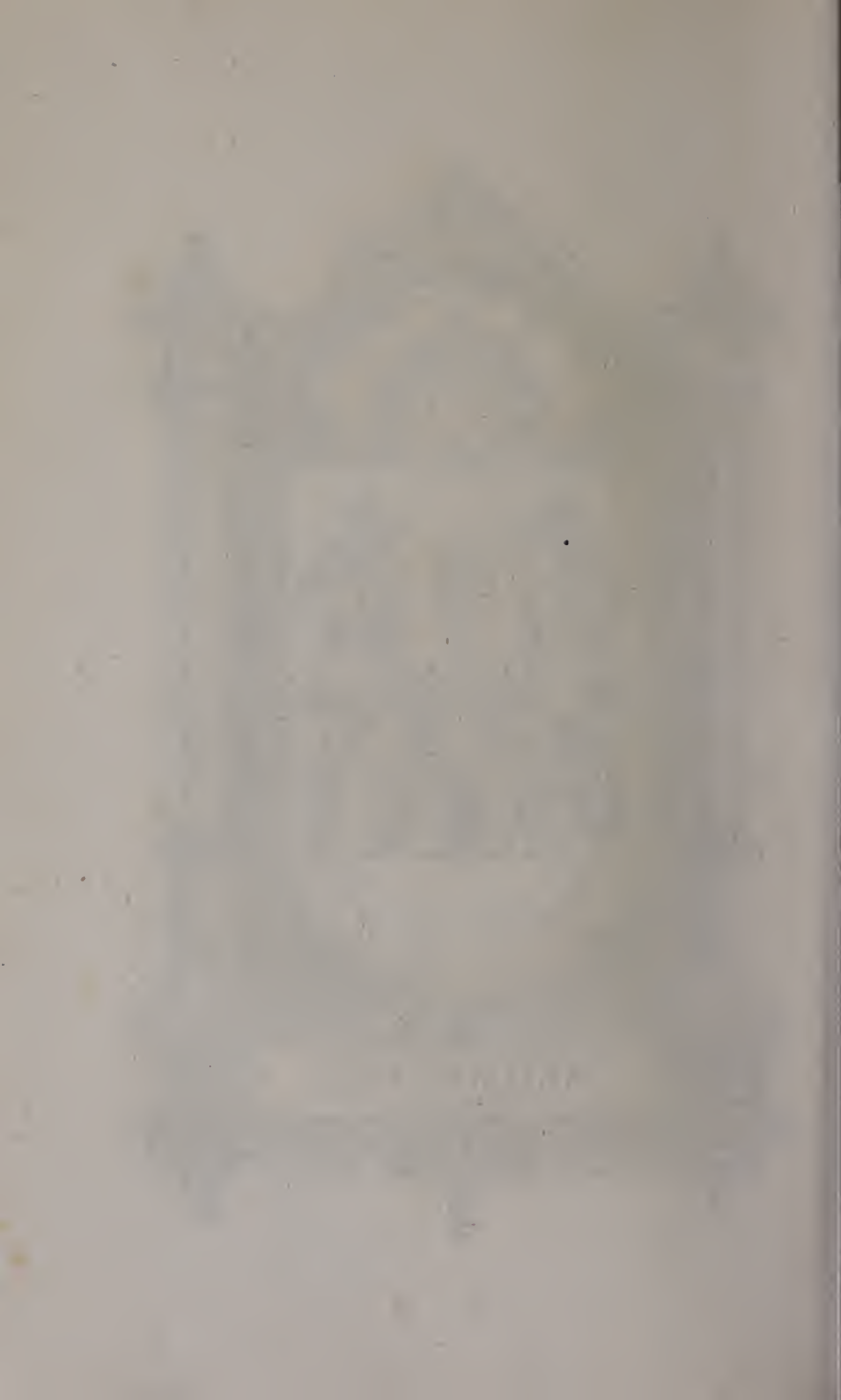


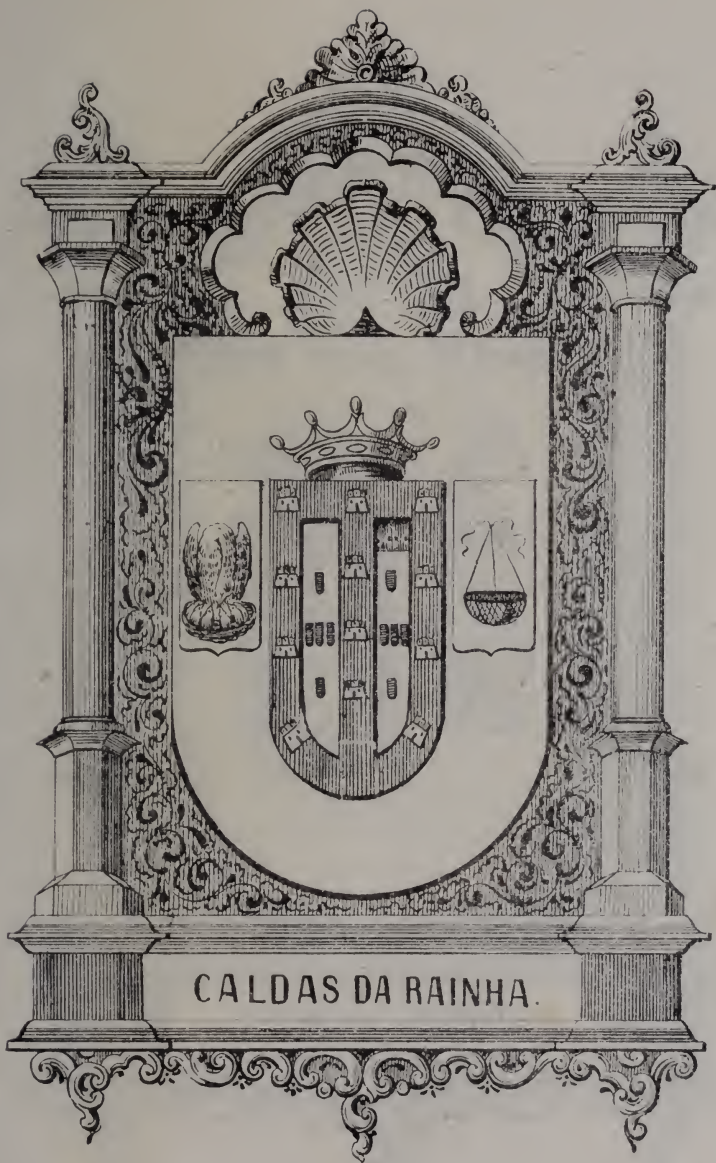




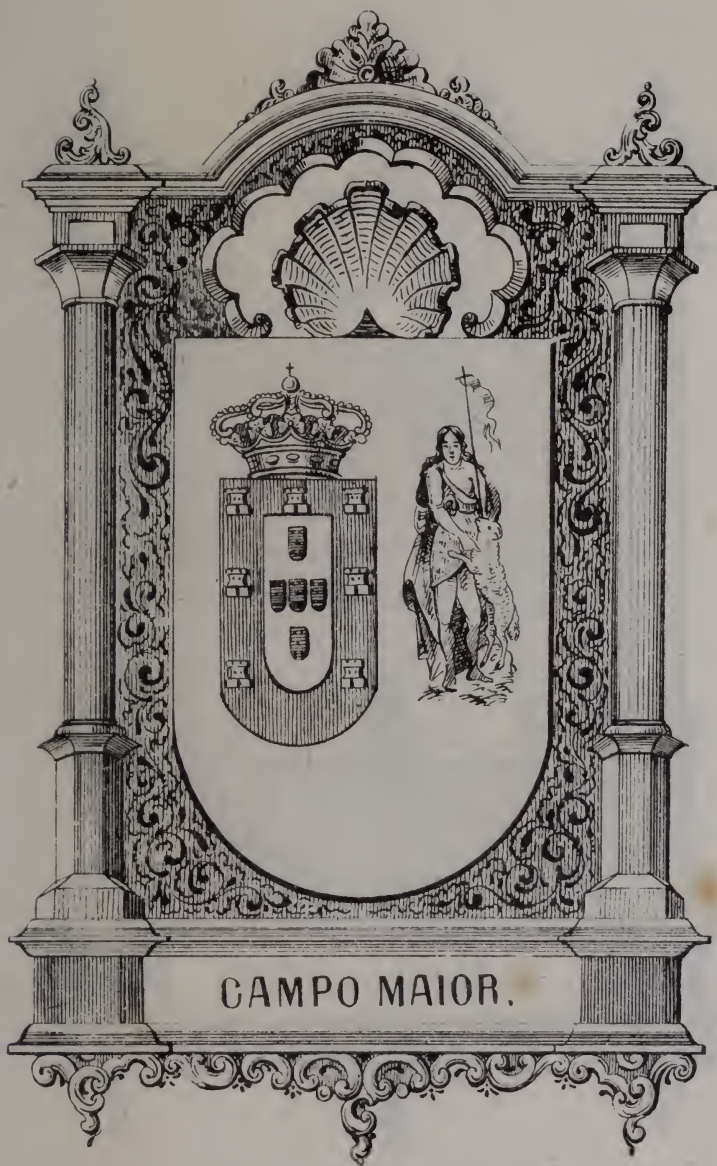




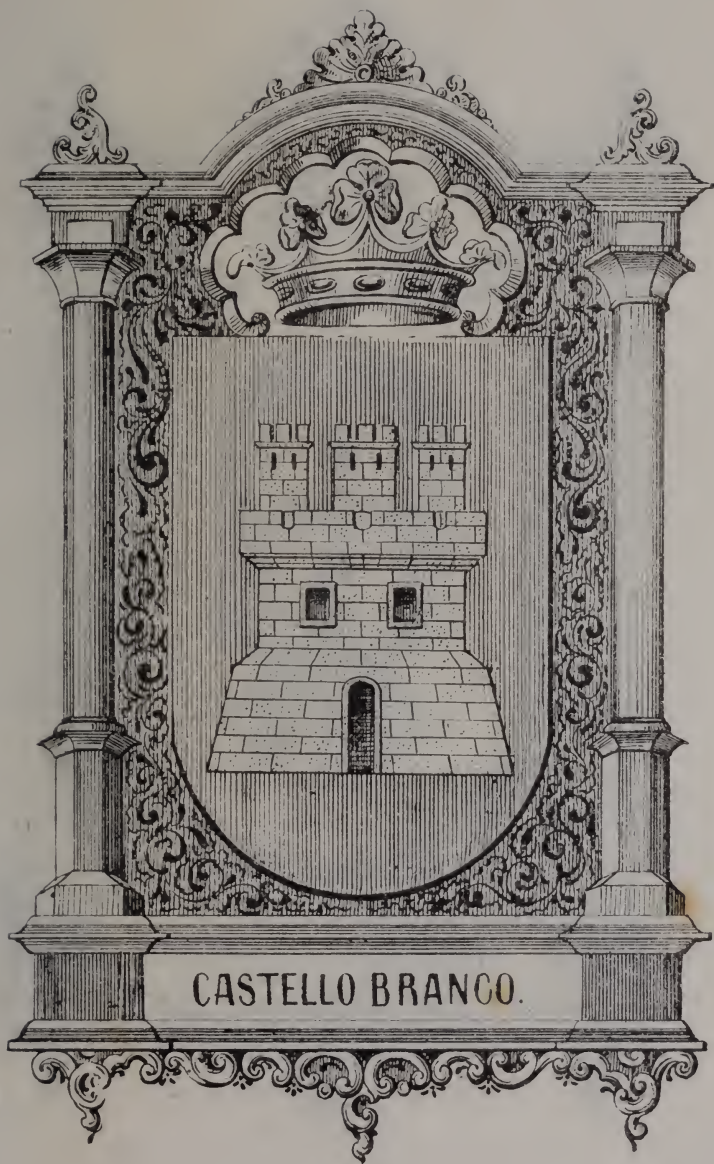




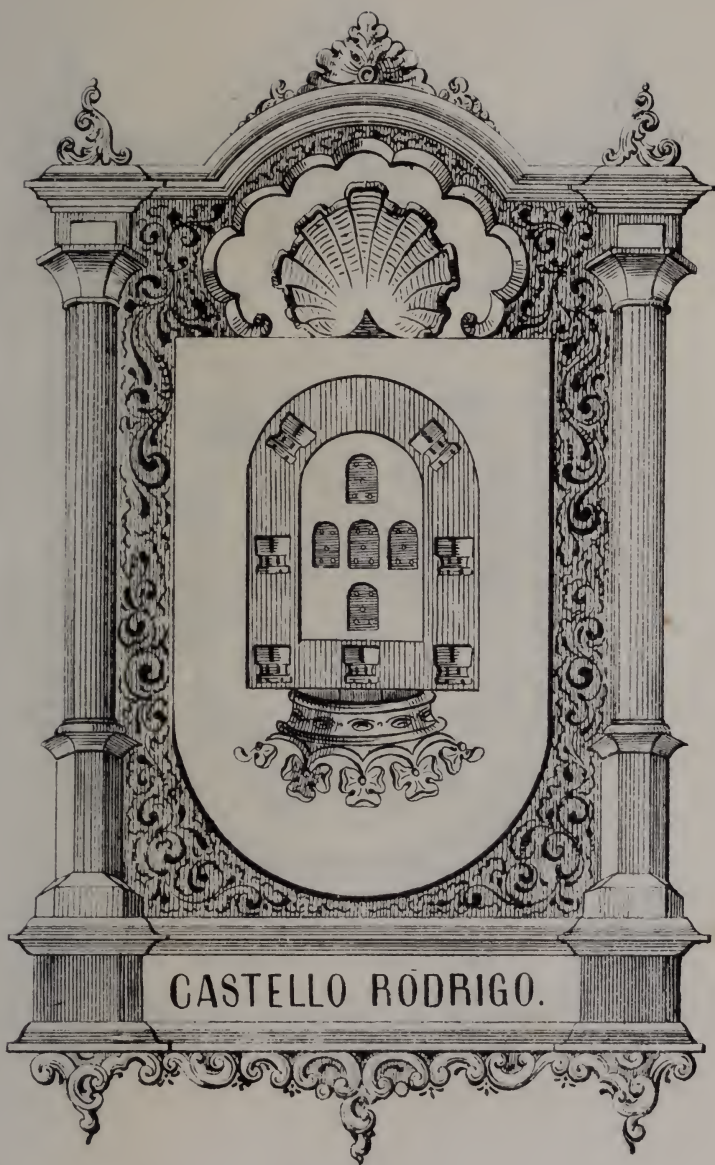






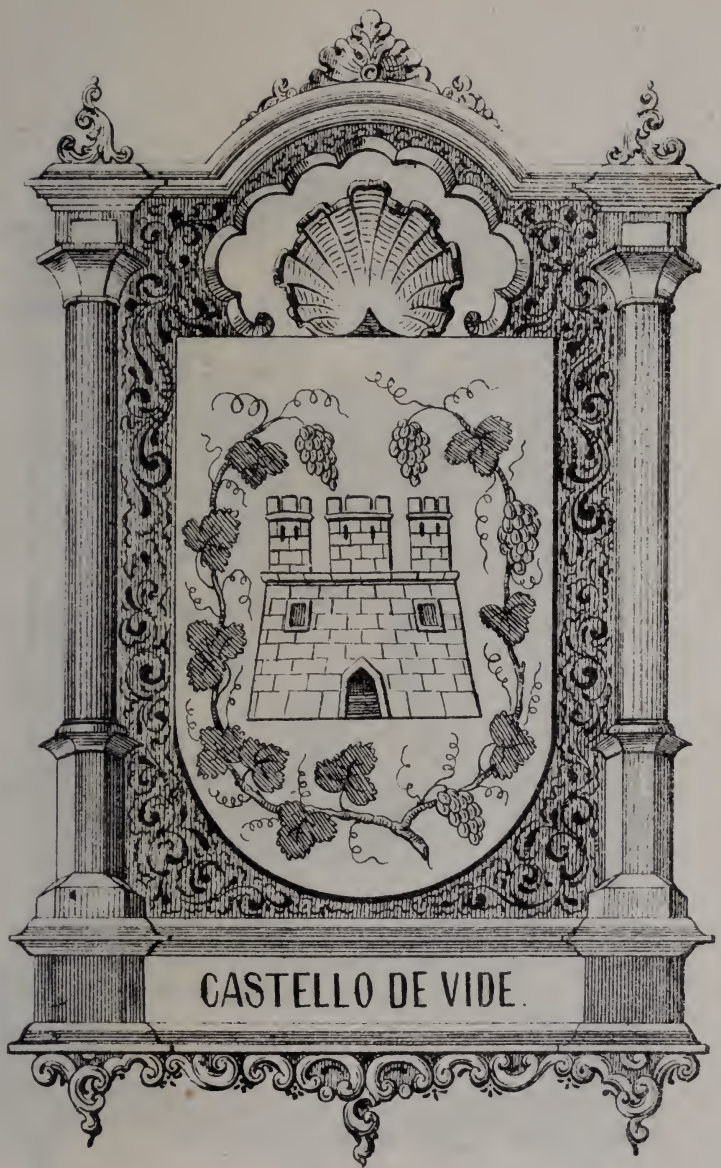






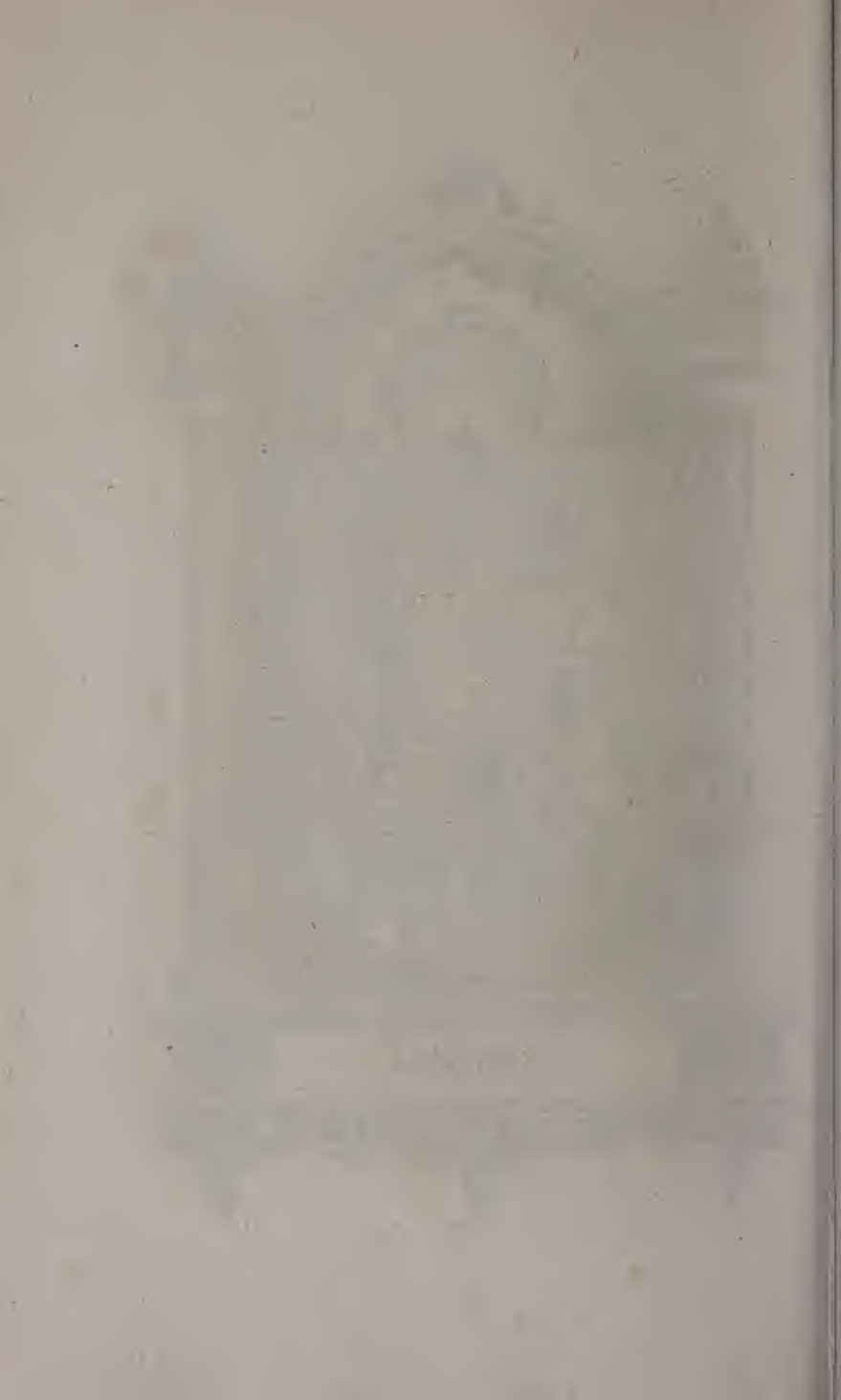
CASTELLO RÓDRIGO.









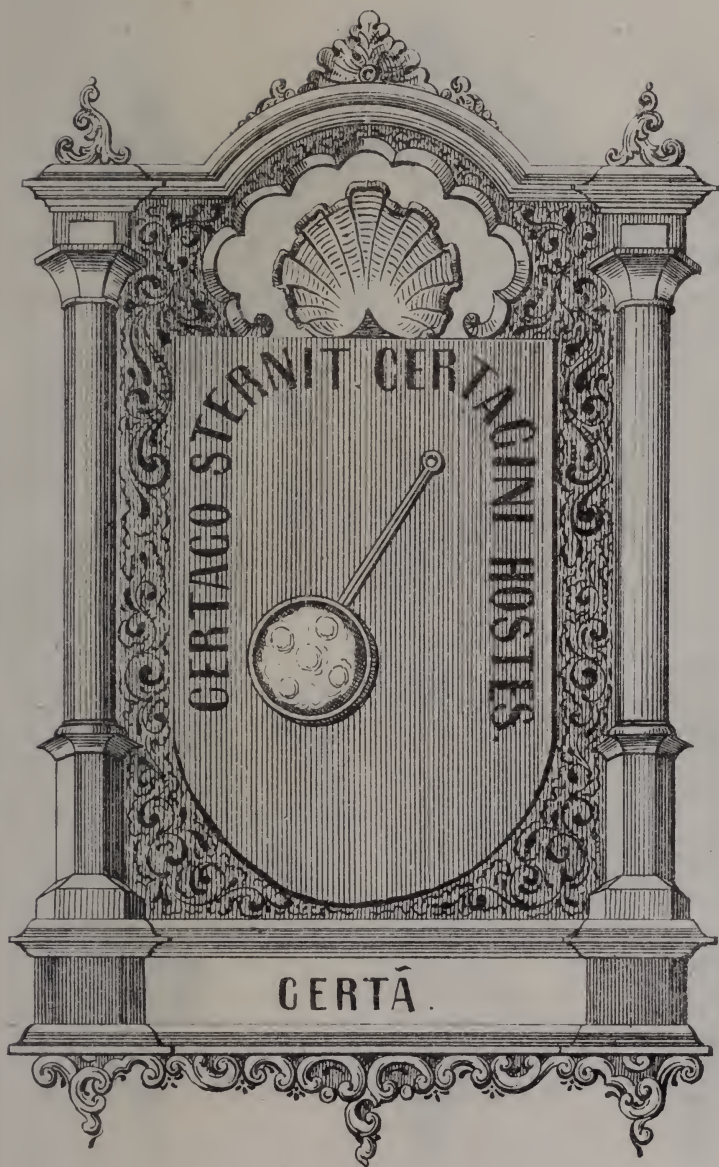




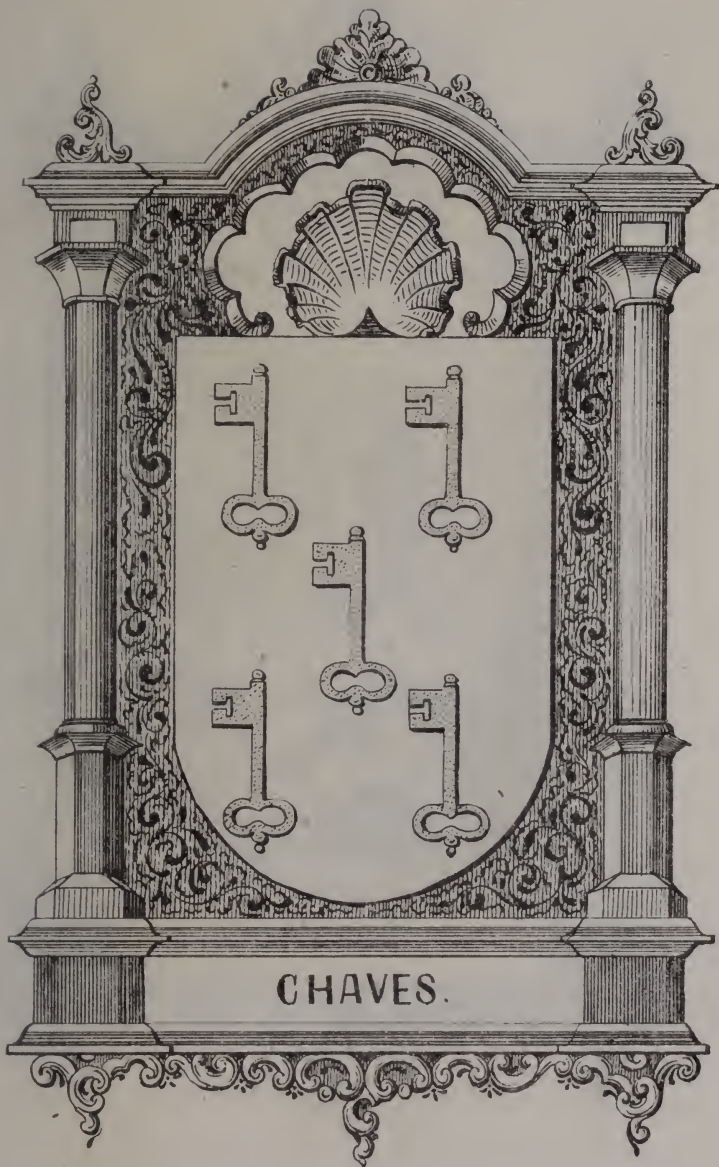




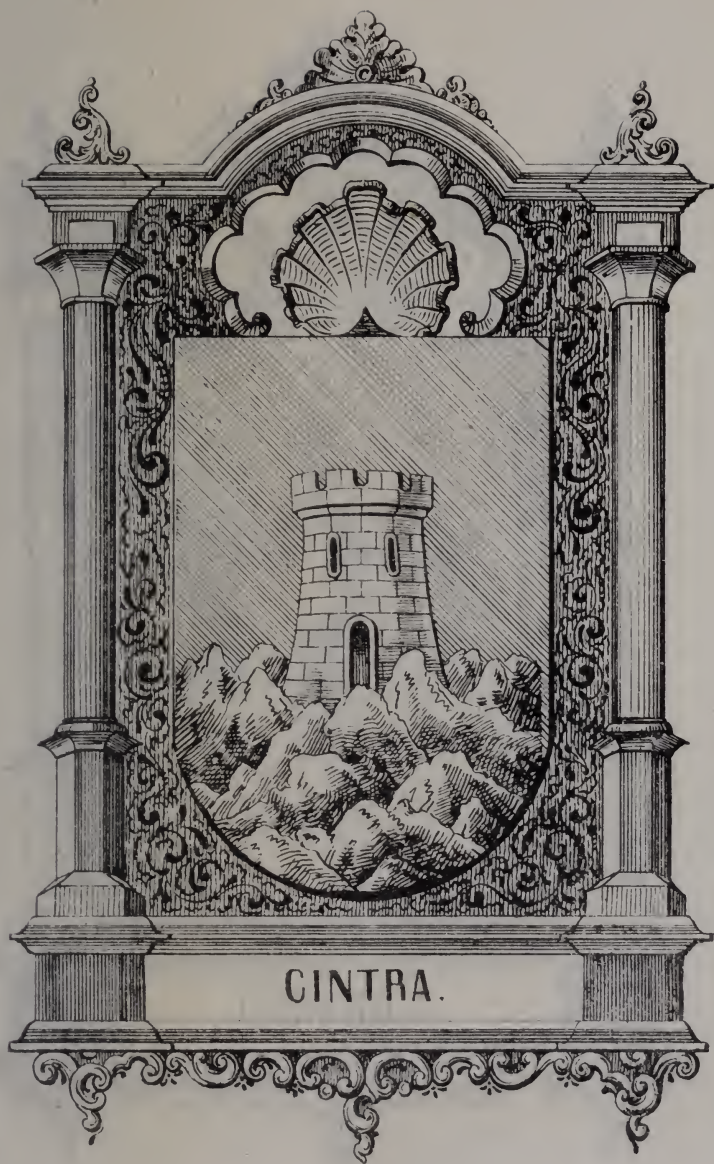
CASTRO MARIM.





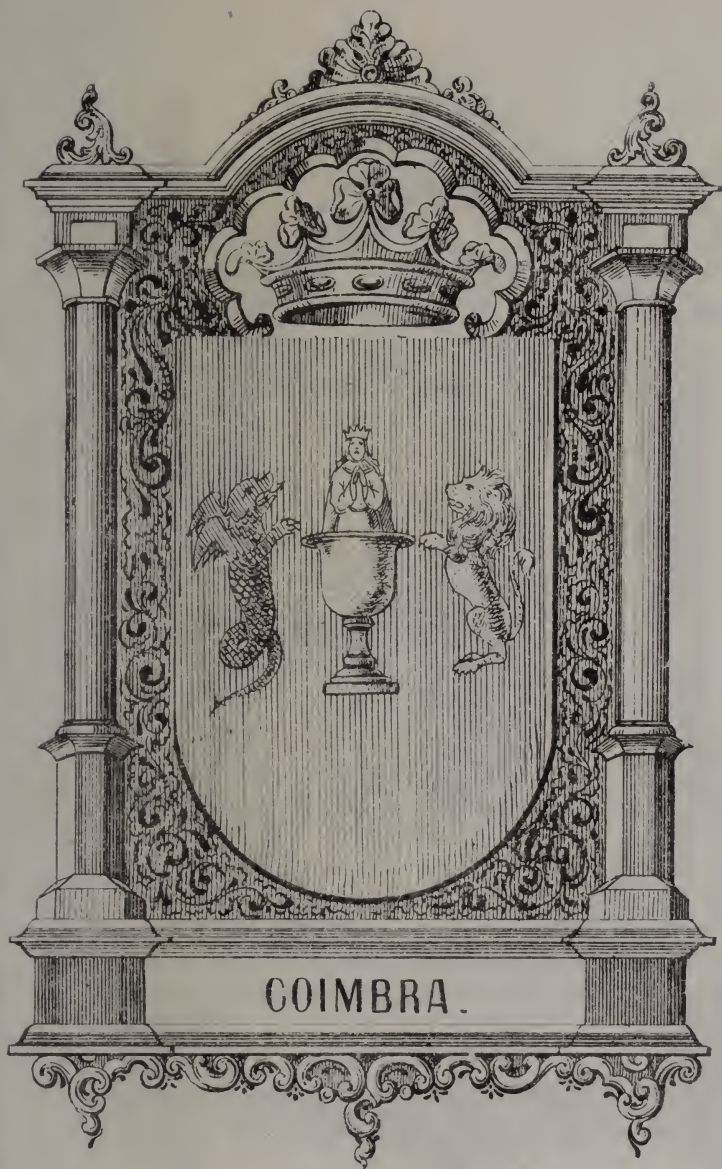




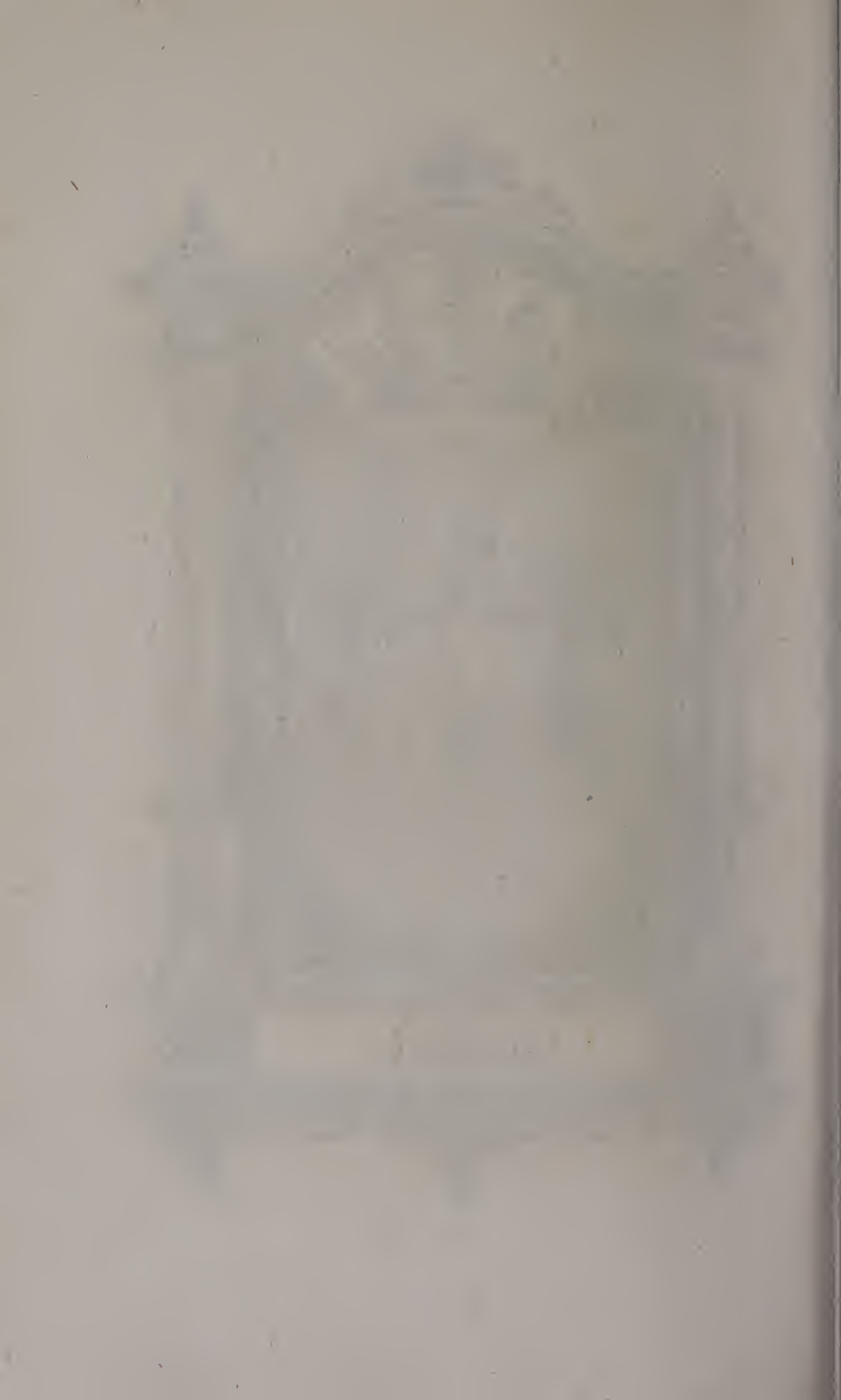


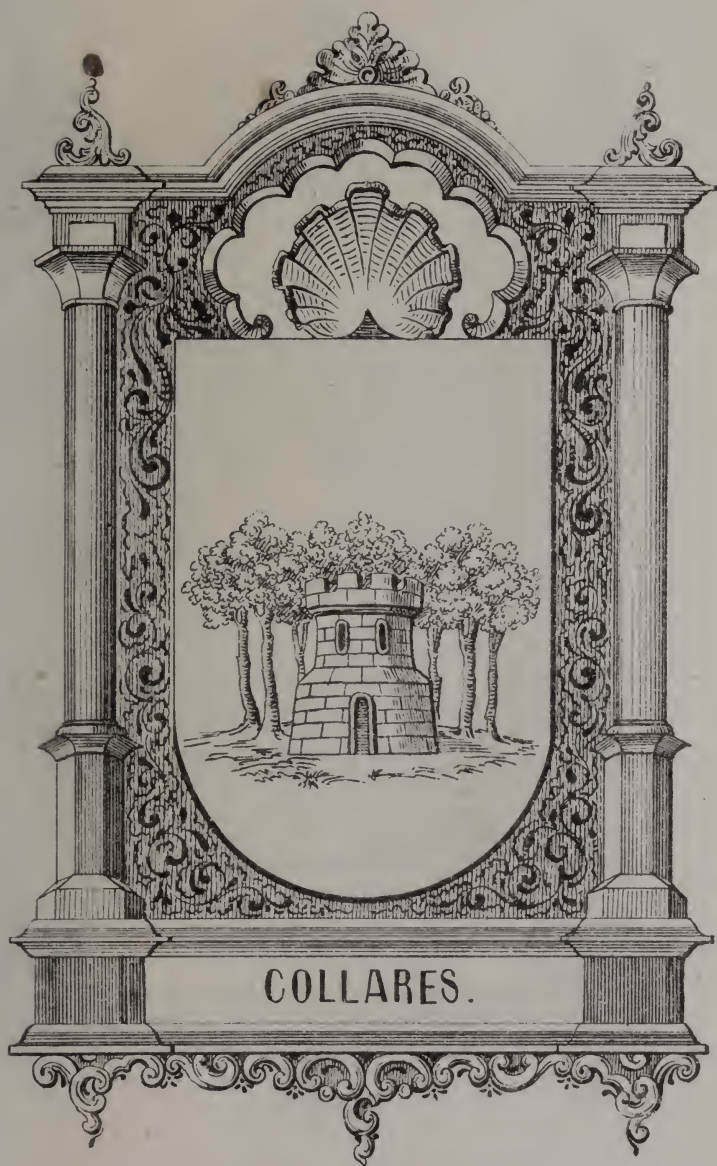
CINTRA.



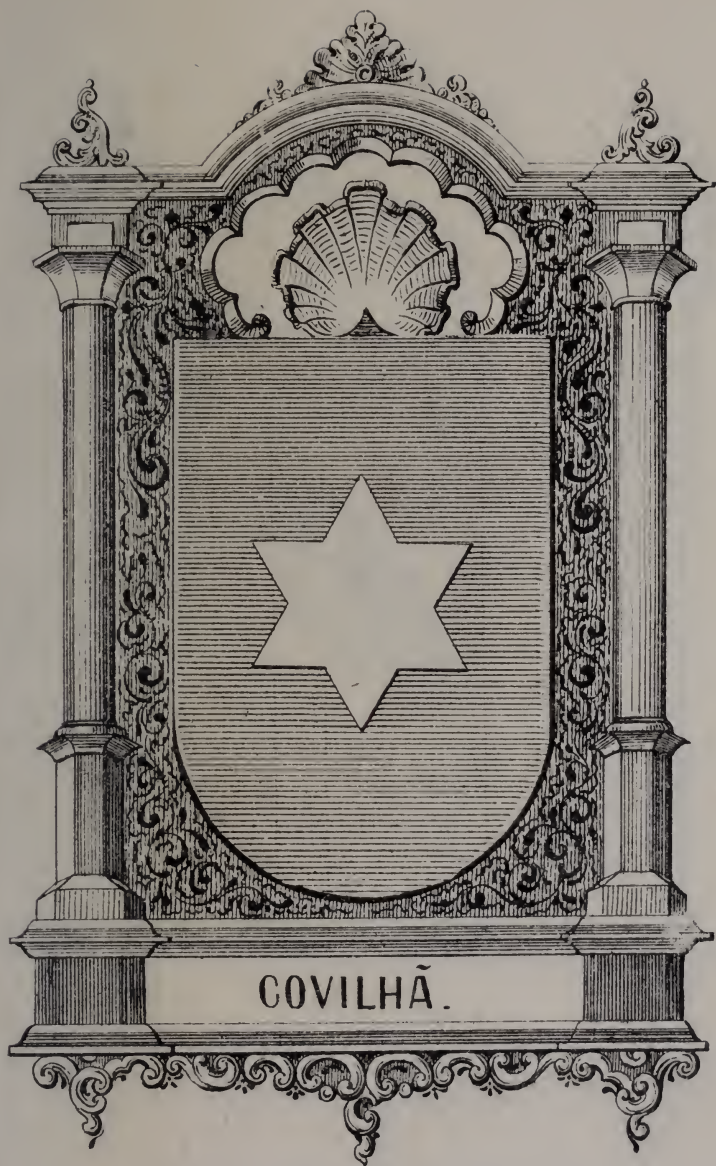


COIMBRA.







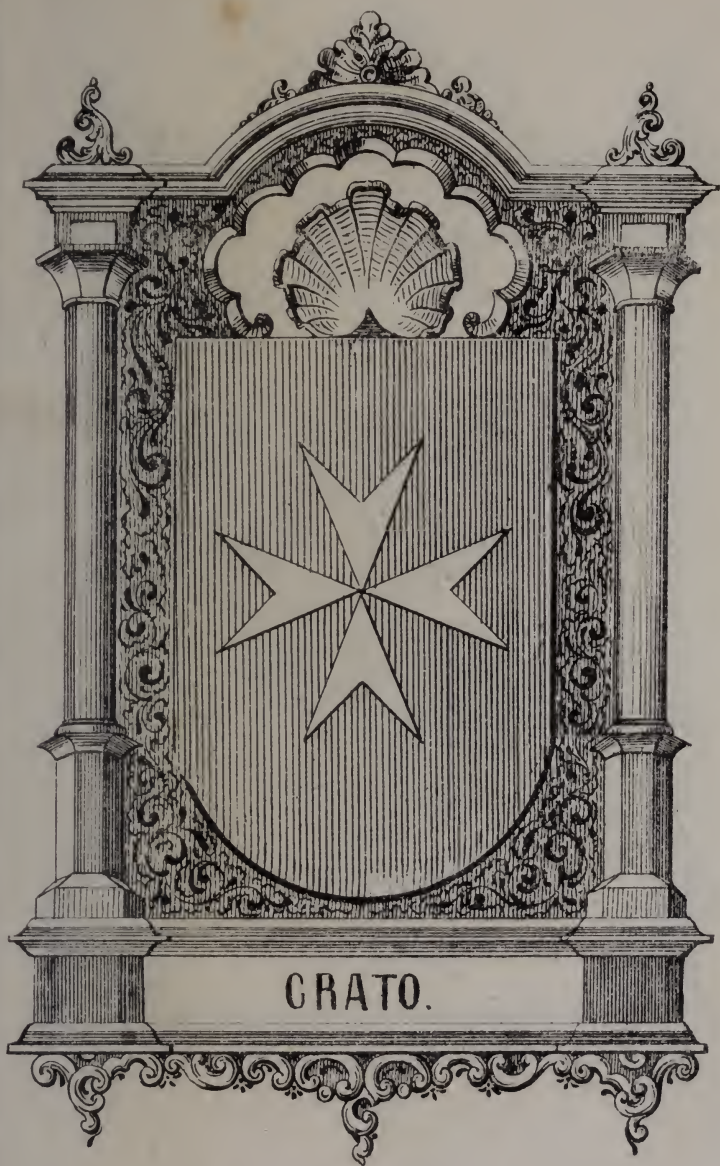


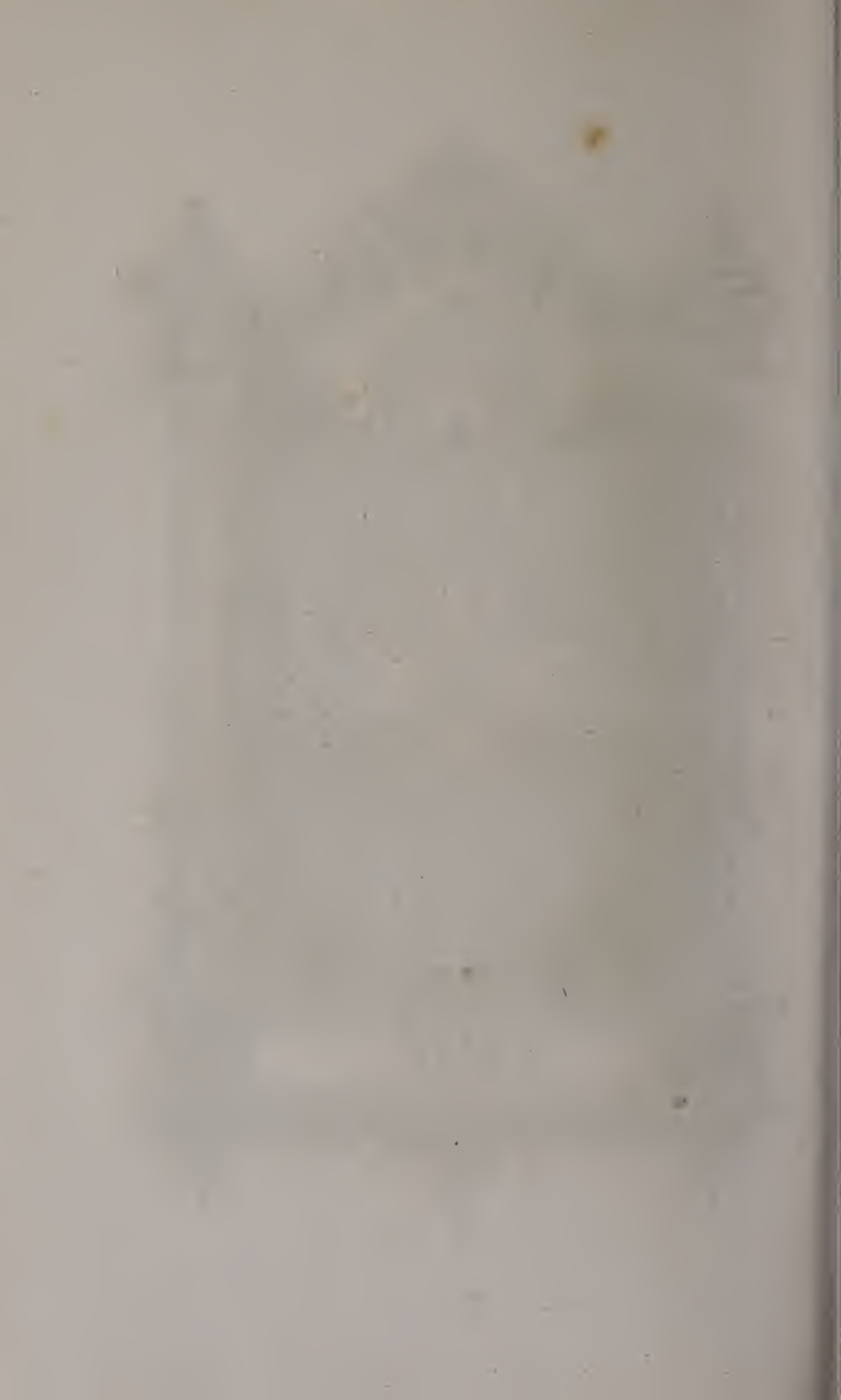


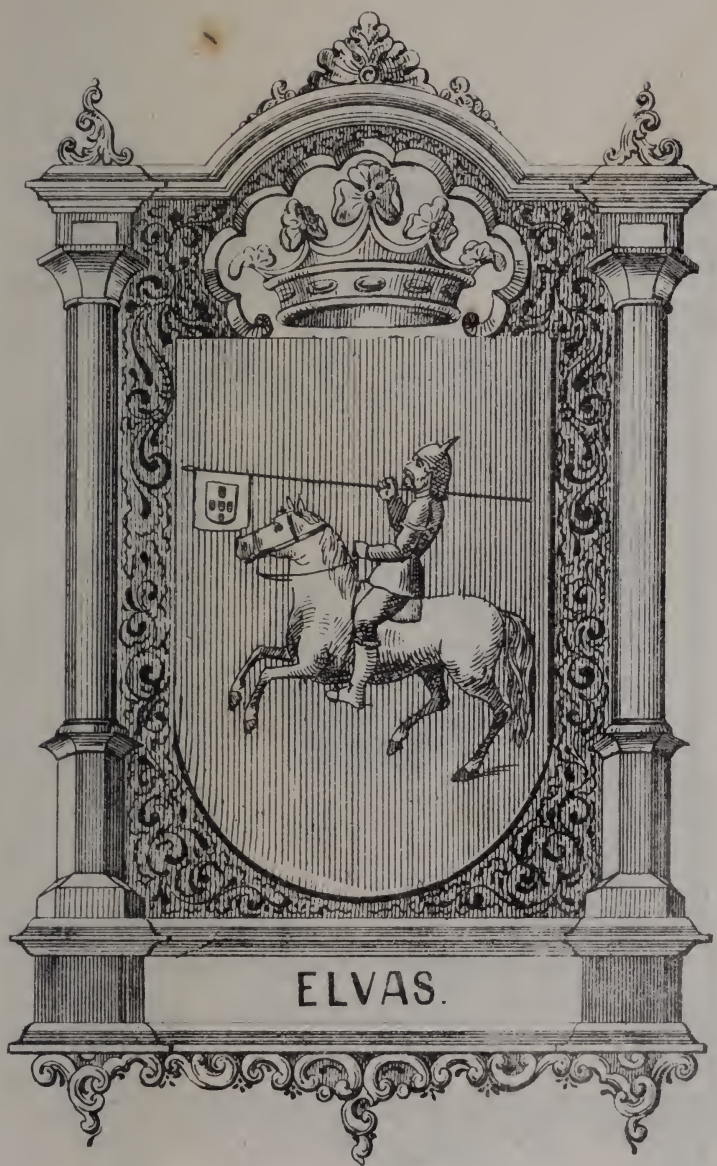


CORUCHE.

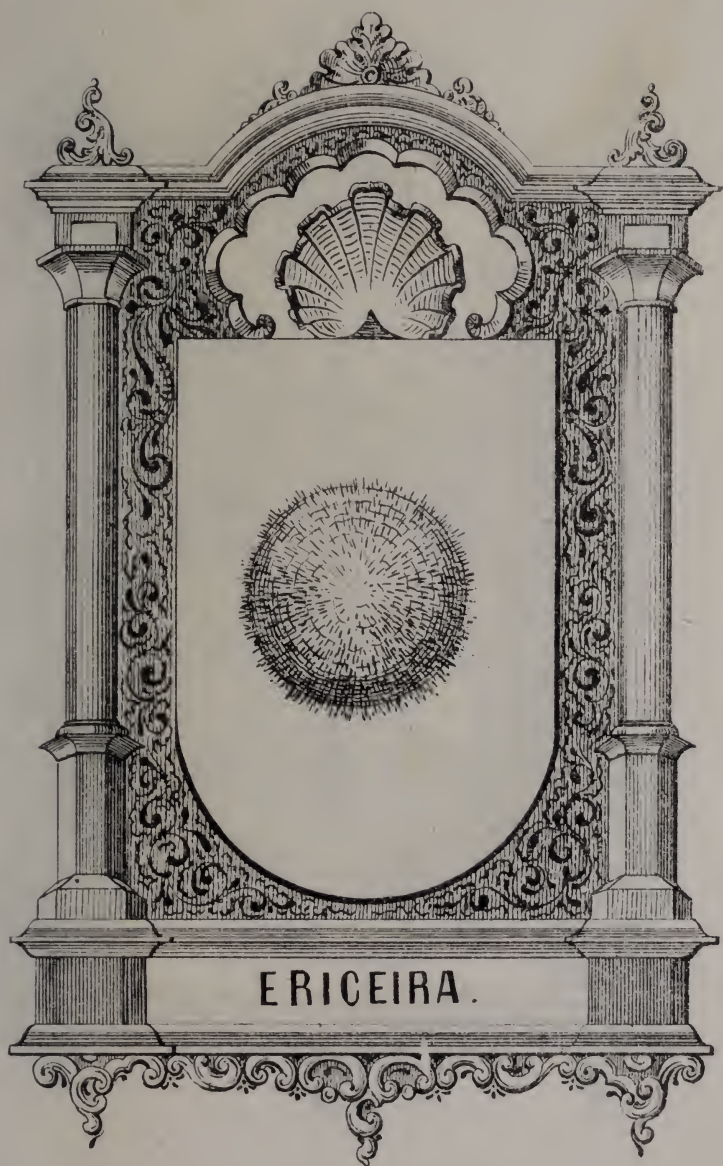




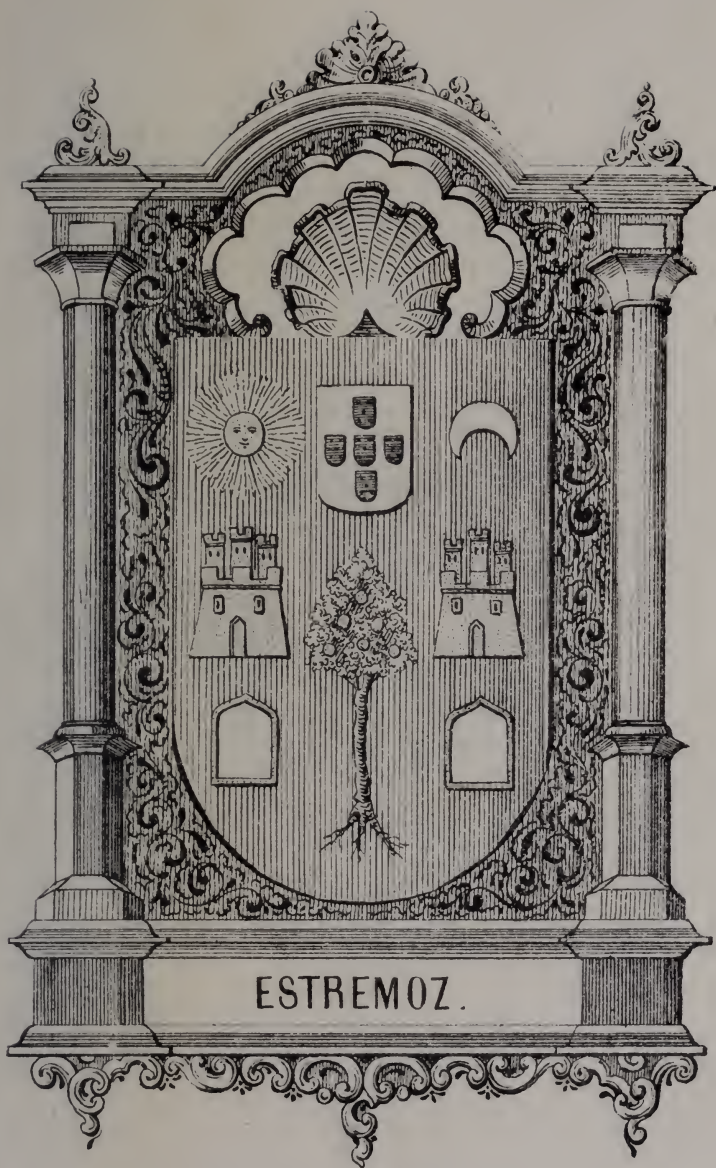














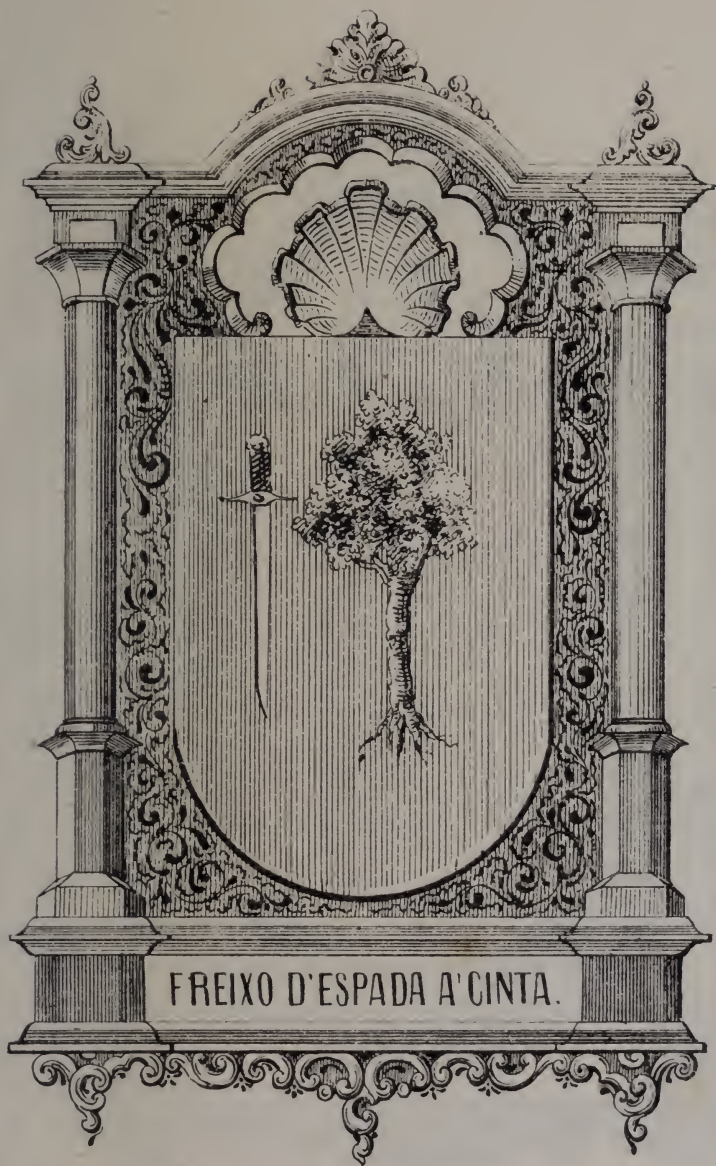






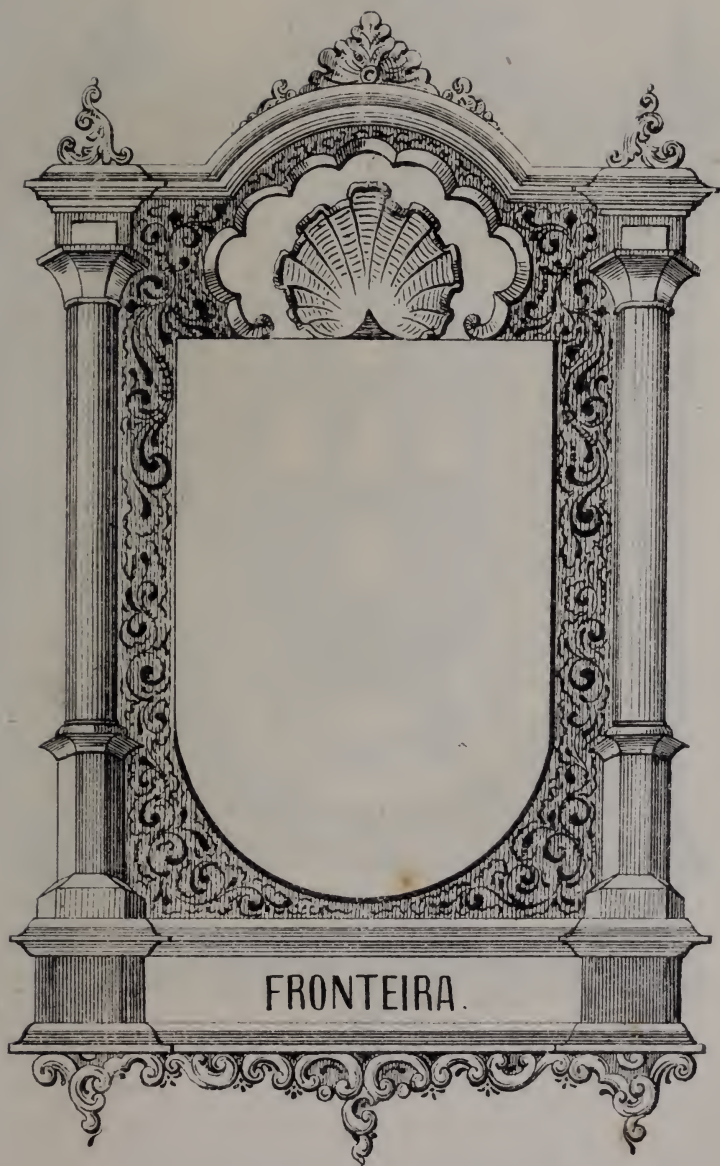






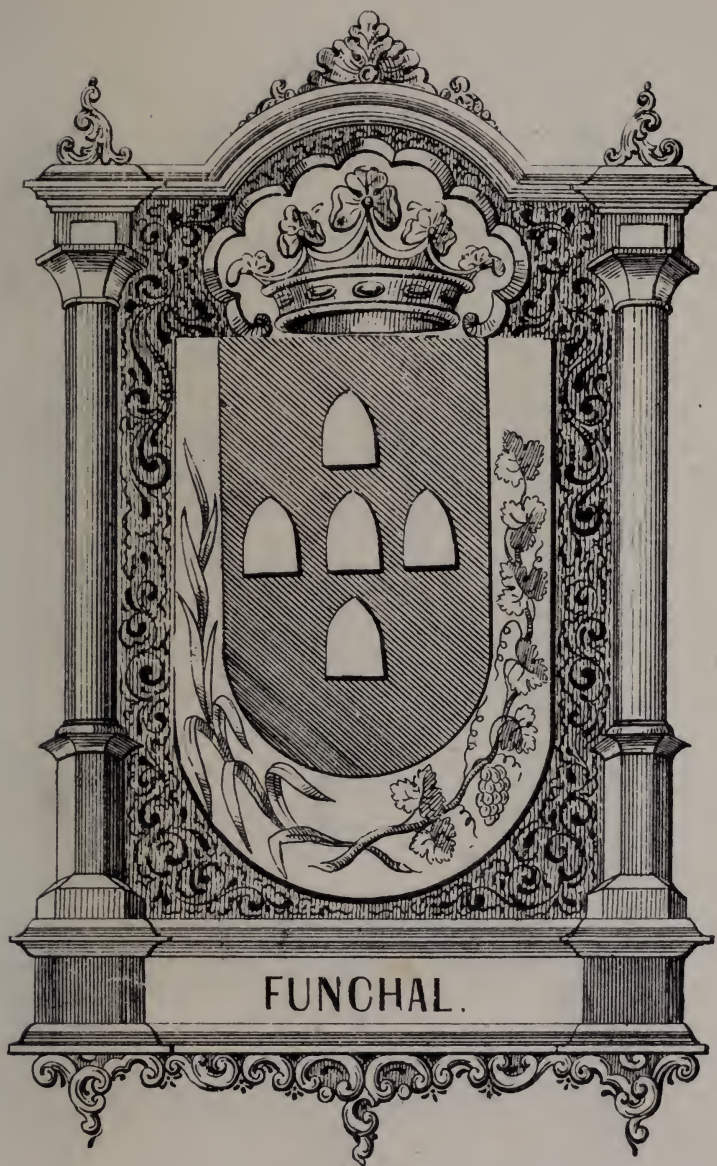
FREIXO D'ESPADA A'CINTA.



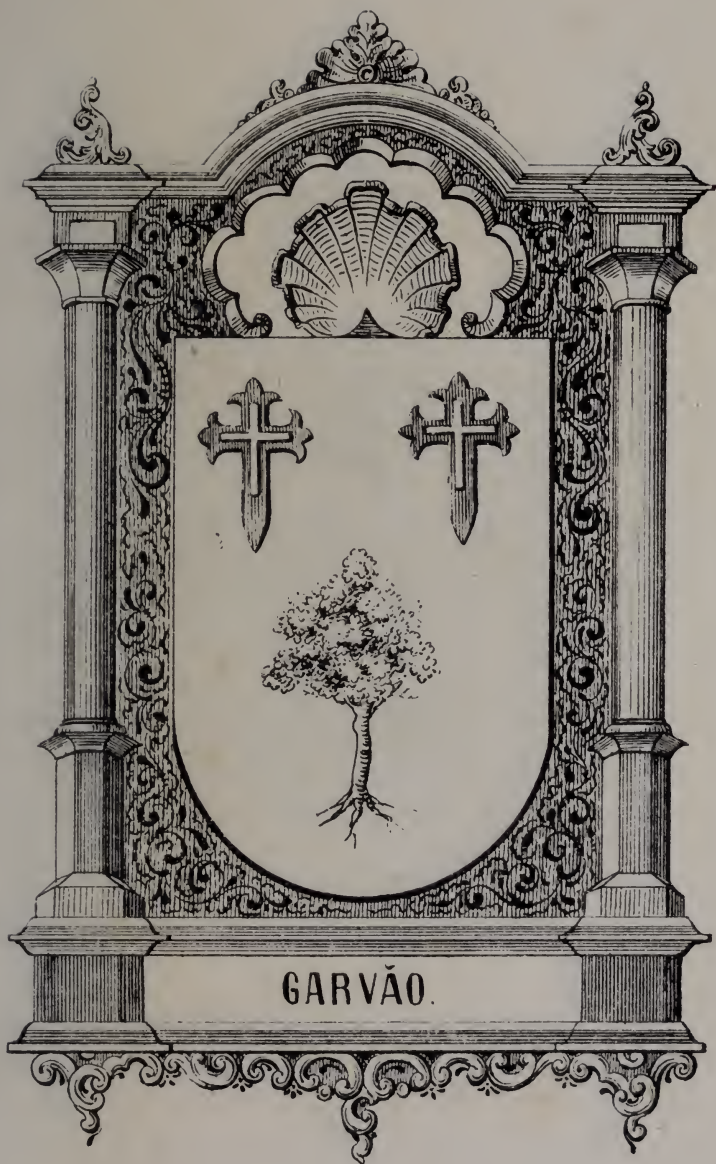


FRONTEIRA.







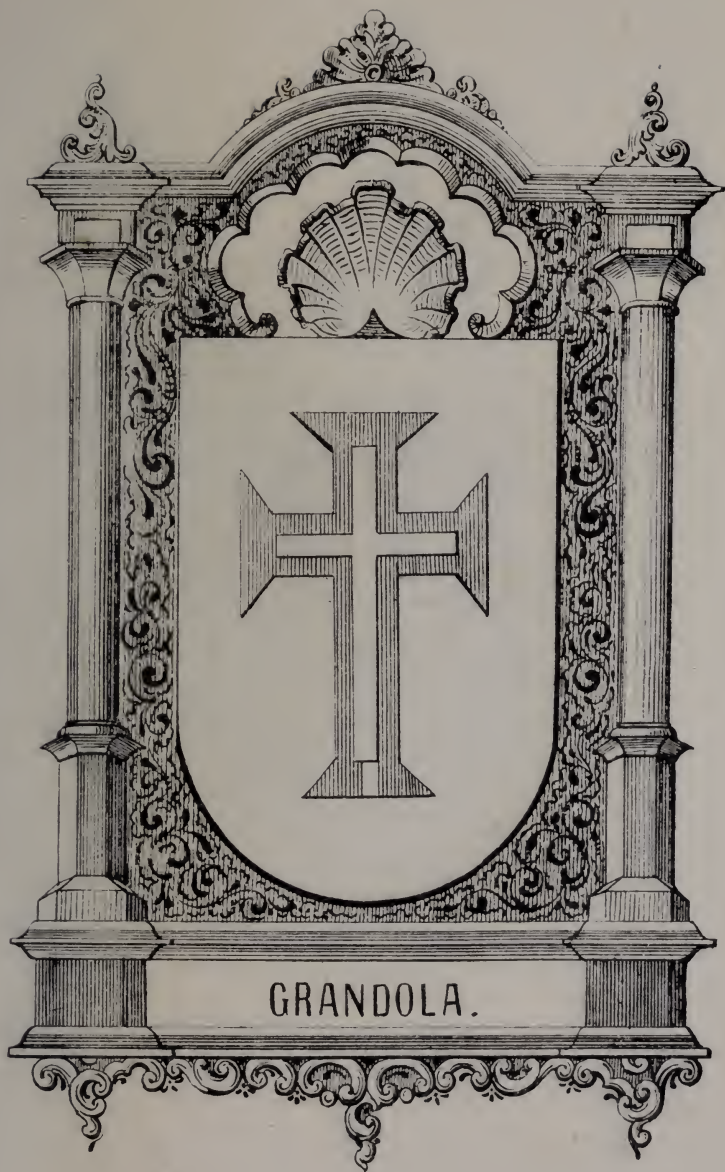


GARVÃO.

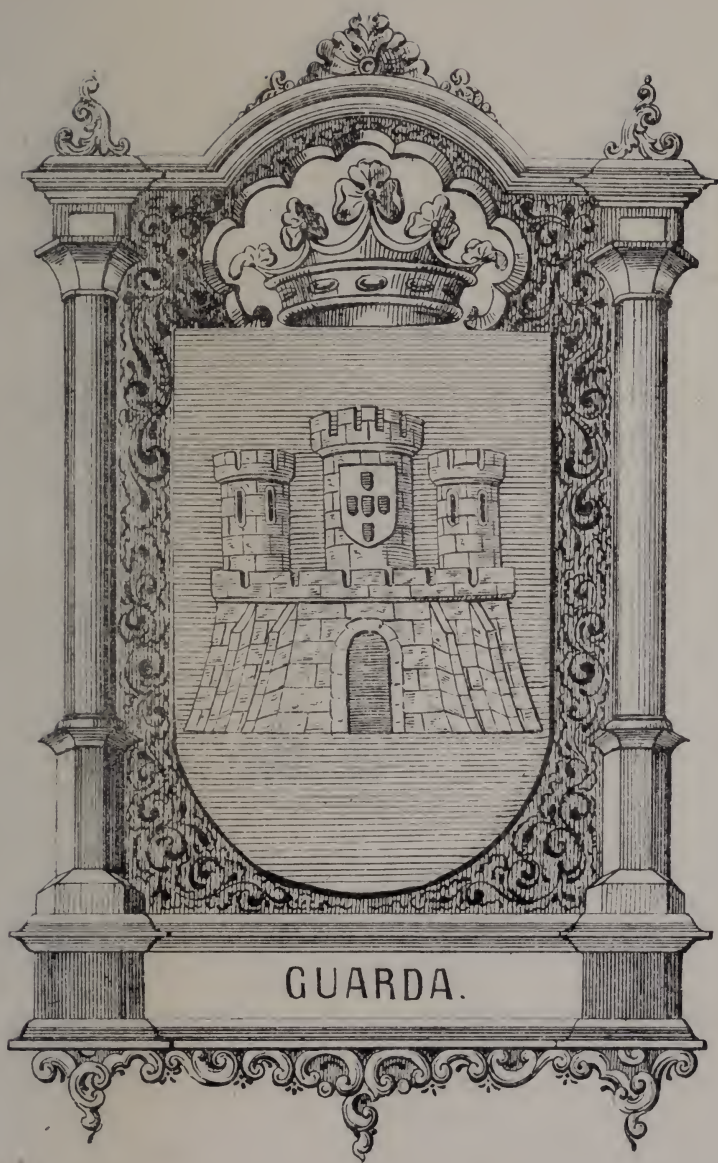








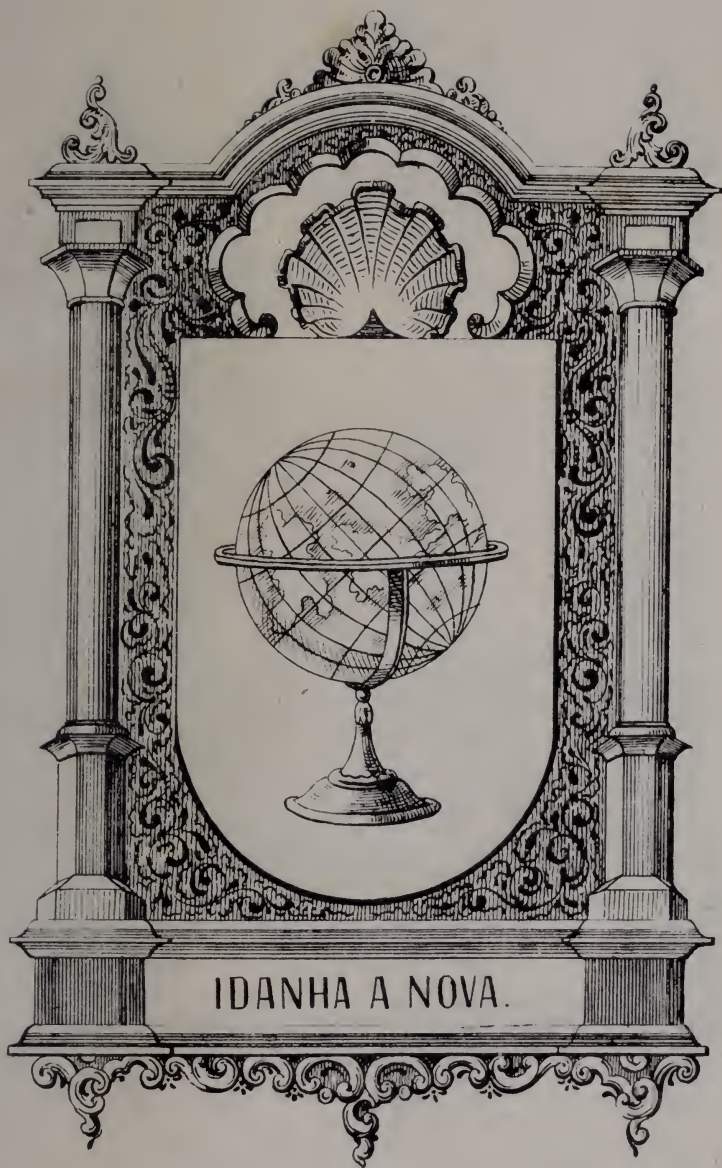






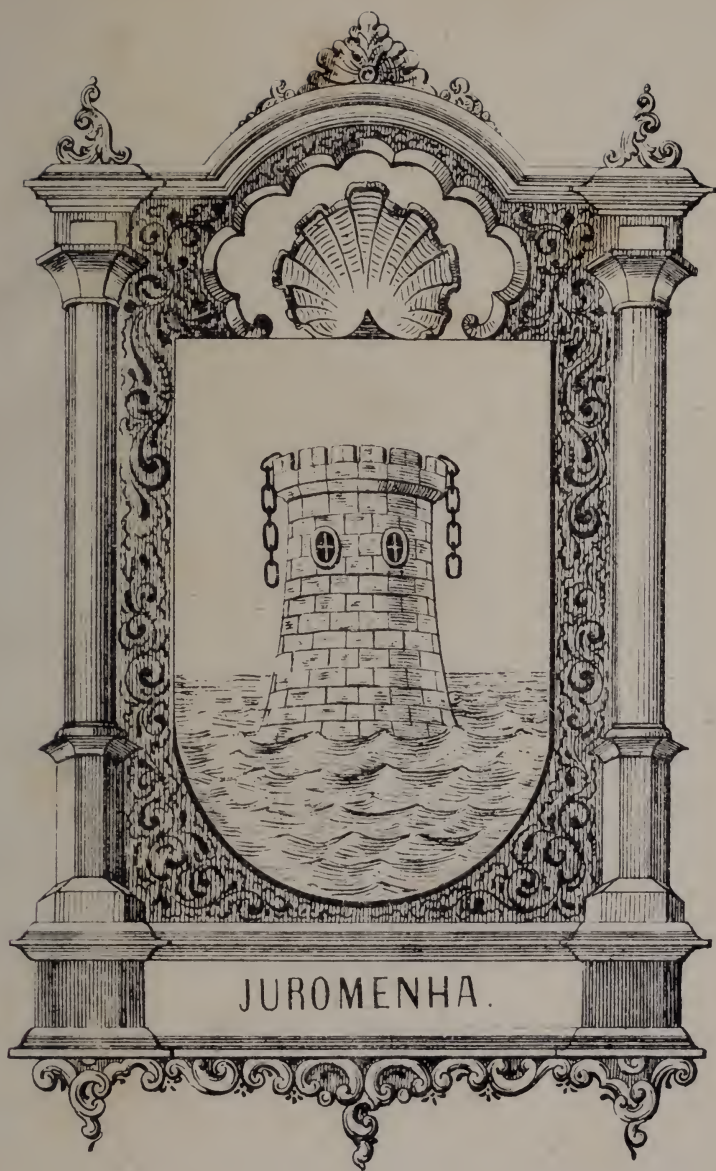






IDANHA A NOVA.





JUROMENHA.













GETTY CENTER LIBRARY



3 3125 00034 7035

